

**EDUARDO ARARIPE PACHECO DE SOUZA**

**FAZER ALIANÇAS**

**Uma escolha determinante entre o protagonismo e a invisibilidade dos grupos organizados de torcedores de futebol no Brasil**

**Tese apresentada para obtenção do título de doutor junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco.**

Orientador: Prof. Dr. Edwin Boudewijn Reesink

Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Carmen Silvia Rial

Recife

2016

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Maria Janeide Pereira da Silva, CRB-4 1262

S729f Souza, Eduardo Araripe Pacheco de.  
Fazer alianças : uma escolha determinante entre o protagonismo e a invisibilidade dos grupos organizados de torcedores de futebol no Brasil / Eduardo Araripe Pacheco de Souza. – 2016.  
303 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Edwin Boudewijn Reesink.  
Coorientadora: Profª. Draª. Carmen Sílvia Rial.  
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco,  
CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife, 2016.  
Inclui referências.

1. Antropologia. 2. Brasil – Torcedores desportivos. 3. Futebol - Torcedores. I. Reesink, Edwin Boudewijn (Orientador). II. Rial, Carmen Sílvia (Coorientadora). I. Título.

301 CDD (22.ed.)

UFPE (BCFCH2016-63)

**EDUARDO ARARIPE PACHECO DE SOUZA**

**FAZER ALIANÇAS: Uma escolha determinante entre o protagonismo e a invisibilidade dos grupos organizados de torcedores de futebol no Brasil**

**Banca Examinadora**

---

**Profº. Drº. Edwin Boudewinj Reesink (Orientador)**  
**Programa de Pós-Graduação em Antropologia - UFPE**

---

**Profº. Drº. Russel Perry Scott (Examinador titular interno)**  
**Programa de Pós-Graduação em Antropologia - UFPE**

---

**Profª. Drª. Mísia Lins Reesink (Examinadora titular interna)**  
**Programa de Pós-Graduação em Antropologia - UFPE**

---

**Profº. Drº. Edson Hely Silva (Examinador titular externo)**  
**Colégio de Aplicação/CE - UFPE**

---

**Profª. Drª. Dayse Amâncio dos Santos (Examinadora titular externa)**  
**Departamento de Antropologia - UFRPE**

## DEDICATÓRIA

A José Heráclito (*in memoriam*), Nadja, Eduardo e Sarah, Rafaela e Laura.

## AGRADECIMENTOS

Esta tese é compartilhada com todos os professores, funcionários e colegas do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE, como reconhecimento e agradecimento pelas ricas oportunidades de convívio. Tão importantes quanto os debates e experiências compartilhados entre docentes e doutorandos, foram os momentos informais de consultas, brincadeiras, pedidos de socorro a nossa Secretária do PPGA, Carla, sempre disposta a ajudar-nos com um sorriso no rosto. Assim como ocorrera na etapa anterior do Mestrado, estes momentos foram sempre regados pelo “café da Ademilda”, lembranças e sentimentos que guardarei eternamente.

Agradeço com especial atenção aos professores Parry Scott e Mísia Reesink, sempre presentes e fundamentais nesta construção, desde as qualificações e revisões iniciais até o momento da defesa. Neste aspecto, agradeço também aos professores que aceitaram com muito respeito e presteza o convite para a banca de defesa da tese de doutoramento, Edson Silva (UFPE), Deyse Amâncio (UFRPE), Peter Schröder (PPGA-UFPE), e Tatiana Soares (CETENE-UFPE).

Compartilho ainda os resultados desta pesquisa com a professora Tânia Kaufman, com quem trilhei minhas primeiras experiências de pesquisas acadêmicas, ainda na etapa da Especialização em História, como também a Professora Roberta Campos (PPGA-UFPE), que dedicou importante tempo e orientações a construção da Dissertação do Mestrado.

Minha gratidão à professora Carmen Rial (UFSC), coorientadora desta tese, pelas inestimáveis orientações e sugestões, sempre disposta, atenciosa e acessível, mesmo diante das dificuldades impostas pela intensidade de sua jornada acadêmica e compromissos relacionados ao desenvolvimento da Antropologia nacional, notadamente no período em que presidiu a Associação Brasileira de Antropologia.

Faço referência especial ao meu orientador, professor Edwin Reesink, presente nesta caminhada desde a Dissertação do Mestrado, por ter acreditado na viabilidade desta pesquisa, ofertando-me seu tempo e seus conhecimentos, ratificando a cada passo dado os princípios que considero fundamentais na atividade de orientação acadêmica:

respeito, paciência, simplicidade e compreensão dos limites do orientando. Ao professor Edwin meus sinceros agradecimentos e reconhecimento de competência docente.

A observação participante tem lugar de destaque na pesquisa, e não teria a mesma viabilidade sem a ajuda de pessoas que facilitaram, o quanto puderam, o acesso a informações e espaços fundamentais. Agradeço ao Corpo de Bombeiros e a Polícia Militar de Pernambuco, e ao 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar do Estado de São Paulo, que através de seus gestores principais viabilizaram consultas e pesquisas em documentos relativos às prevenções nos estádios de futebol; ao Juizado Especial do Torcedor, Federação Pernambucana de Futebol, Ministério Público, e Defensoria Pública de Pernambuco, em especial ao Promotor José Bispo e a Defensora Pública Marianna Granja, pelas oportunidades de consultas documentais e acompanhamento das audiências durante os jogos. Ao amigos Ismael Tcham e Luciano Borges, ambos do PPGA, Hugo Tadeu (Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE) e Cristiano Correa (Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Engenharia da UFPE), pelo apoio, interesse e lutas comuns na jornada acadêmica.

Com carinho e gratidão, aos meus familiares e parentes, a Rafaela e Laura, por estarem sempre próximos, desejando ainda que os frutos deste trabalho também contribuam como exemplo e incentivo.

Agradeço a todos os líderes de grupos organizados de torcedores, dirigentes de clubes de futebol e jornalistas esportivos que se dispuseram a colaborar com esta pesquisa. Este trabalho não faria sentido sem eles e suas contribuições.

## RESUMO

Estudos promovidos através do futebol têm se tornado expressivos e relevantes no conjunto das produções antropológicas recentes. Vários trabalhos utilizaram oportunamente os torcedores de futebol como laboratório importante para a compreensão de fenômenos e objetos caros ao fazer antropológico, como as emoções, sociabilidade e cultura juvenil, violência urbana, pertencimento; entre outras. Concomitantemente ao crescimento da violência dos grandes centros urbanos do país, provocado por vários fatores estruturantes - dentre os quais o tráfico de drogas, aumento do desemprego, urbanização desordenada de várias capitais, corrupção e escândalos na política nacional -, foram registrados vários incidentes nos estádios de futebol, muitos envolvendo integrantes de grupos organizados de torcedores, que no contexto da espetacularização do futebol renderam grande repercussão midiática. Na busca pela identificação dos culpados estabeleceu-se uma relação quase que obrigatória entre os estudos produzidos sobre o futebol brasileiro e a questão da violência. Esta etnografia propõe a interpretação do fenômeno das *alianças entre grupos organizados de torcedores* de cidades diferentes como resposta e estratégia de superação da condição de exclusão social dos grupos de torcedores, gestada no processo de elitização do futebol do Brasil, sobretudo, a partir da segunda metade da década de 1990. O objetivo consiste, portanto, em compreender a construção do vínculo social entre grupos de cidades diferentes, interpretada como a escolha determinante entre a recuperação do protagonismo ou a permanência na invisibilidade, no contexto do futebol de espetáculo.

**Palavras chave:** Futebol. Grupos organizados. Aliança. Protagonismo. Invisibilidade.

## **ABSTRACT**

Studies promoted through football have become significant and relevant in all the recent anthropological productions. Several studies used opportunely football fans as an important laboratory for understanding phenomena and expensive objects while doing anthropological, as emotions, sociability and youth culture, urban violence, belonging; among others. Concurrent with the growth of violence in large urban centers of the country, caused by various structural factors - among them drug trafficking, rising unemployment, unplanned urbanization in many capitals, corruption and scandals in national politics - were recorded several incidents in stadiums football, many involving members of organized groups of fans, which in the context of the football spectacle yielded great impact media. In the search for identification of the culprits established a relationship almost obligatory among the studies produced on the Brazilian football and the issue of violence. This ethnography proposes interpreting the phenomenon of alliances between organized groups from different cities of supporters in response and strategy to overcome social exclusion condition of fan groups, gestated in the gentrification process of Brazil's football, especially from the second half 1990s the aim is therefore to understand the construction of social bonding between different groups of cities, interpreted as the decisive choice between the recovery of the role or remain in stealth, in the spectacle of football context.

**Key word:** Football. Organized groups. Alliance. Role. Invisibility.

## QUADROS, GRÁFICOS E FIGURAS

<b>Quadros</b>	<b>Página</b>
Quadro 1 Atividades de pesquisa de campo.....	28
Quadro 2 Maiores rendas de jogos realizados em Pernambuco, com clubes locais....	90
Quadro 3 Gerações dos grupos organizados de torcedores no Brasil.....	103
Quadro 4 Eventos que impulsionaram o “futebol de espetáculo” no Brasil.....	129
Quadro 5 Quantitativo e distribuição de grupos organizados de torcedores nas duas primeiras gerações. Fonte: dados da CONATORG.....	142
Quadro 6 Termos de destaque utilizados pelos veículos de comunicação como causas de eventos violentos em estádios de futebol.....	157
Quadro 7 Destaque do jornal Zero Hora (RS).....	207
Quadro 8 Destaque do jornal Folha de Pernambuco (PE).....	208
Quadro 9 Destaque de Nota Oficial do Paraná Clube.....	209
Quadro 10 Alianças entre clubes nordestinos.....	214
Quadro 11 Entendendo as rivalidades entre aliados a partir do jogo Coritiba/PR x Sport Recife/PE.....	224
Quadro 12 Entendendo as rivalidades entre aliados a partir do jogo Santa Cruz/PE x Paraná Clube/PR.....	224
Quadro 13 Representação das rivalidades presentes nos dois destaques, entre grupos aliados de clubes e cidades diferentes.....	225
Quadro 14 Distribuição de grupos por Regiões e Estados do Brasil, nas quatro gerações.....	244
Quadro 15 Lista de Atos e procedimentos legais, e suas repercussões nas práticas dos grupos organizados de torcedores brasileiros.....	264
Quadro 16 Termos recorrentes para a interpretação nativa de Aliança.....	274
<b>Gráficos</b>	<b>Página</b>
Gráfico 1 Comparativo entre a quantidade de títulos conquistados pelos três principais clubes de Pernambuco, entre as décadas de 1930 e 1910.....	86
Gráfico 2 Quantidade de títulos estaduais do Náutico, por décadas.....	87
Gráfico 3 Quantidade de títulos estaduais do Santa Cruz, por décadas.....	88

Gráfico 4	Quantidade de títulos estaduais do Sport, a partir de 1930.....	88
Gráfico 5	Quantidade de municípios nas Regiões SUDESTE e SUL, com grupos de torcedores cadastrados na ANATORG.....	245
Gráfico 6	Quantidade de municípios nas Regiões CENTRO OESTE e NORTE, com grupos organizados cadastrados na ANATORG.....	245
Gráfico 7	Quantidade de municípios da Região NORDESTE, com grupos organizados cadastrados na ANATORG.....	246
<b>Figuras</b>		<b>Página</b>
Figura 1	Versões para a chegada e popularização do futebol no Brasil.....	49
Figura 2	Modelo de organização dos grupos da 2ª geração.....	126
Figura 3	Modelo de organização dos grupos da terceira geração.....	140
Figura 4	Fluxo de necessidades dos clubes de futebol.....	199
Figura 5	Fluxo de necessidades geradas pelo futebol de espetáculo no Brasil.....	202

## SUMÁRIO

	Página
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	14
<b>1 DE COADJUVANTES A PROTAGONISTAS: AS PRIMEIRAS ASSISTÊNCIAS E A IMPORTÂNCIA DOS TORCEDORES NA POPULARIZAÇÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL BRASILEIRO.....</b>	32
1.1 A CHEGADA DO FUTEBOL E OS PRIMEIROS TORCEDORES (1895-1939) .....	33
1.1.1 O país que o futebol conquistou.....	33
1.1.2 A prática dos esportes no projeto modernista.....	41
1.1.3 As narrativas hegemônicas sobre a origem do futebol brasileiro.....	43
1.2 AMADORISMO, POPULARIZAÇÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO.....	52
1.2.1 As primeiras ligas e a divisão social nos estádios.....	52
1.2.2 O protagonismo dos torcedores na profissionalização do futebol brasileiro.....	64
<b>2 O FUTEBOL EM PERNAMBUCO E SEUS TORCEDORES.....</b>	70
2.1 ORIGEM TÍMIDA, CRESCIMENTO RÁPIDO.....	72
2.1.1 O mito de origem e a popularização do futebol na cidade do Recife.....	72
2.1.2 Primeiras ligas, estádios, e a massificação do futebol.....	75
2.2 A PROFISSIONALIZAÇÃO E OS TORCEDORES EM PERNAMBUCO.....	78
2.2.1 A luta pela profissionalização e visibilidade.....	78
2.2.2 O futebol pernambucano no cenário nacional.....	81
2.2.3 A importância das torcidas para os clubes do estado.....	85
<b>3 AS GERAÇÕES DOS GRUPOS ORGANIZADOS DE TORCEDORES NO BRASIL: O CAMINHO ATÉ AS ALIANÇAS.....</b>	93
3.1 AS GERAÇÕES COMO RECURSO DE ANÁLISE.....	98
3.1.1 Por nova categoria analítica.....	98
3.1.2 Os critérios da divisão em gerações.....	101
3.2 PRÓXIMAS PELO TEMPO, DISTANTES PELAS REPERCUSSÕES.....	104

3.2.1	A primeira geração, e o surgimento das torcidas carnavalizadas e uniformizadas (1939-1969).....	104
3.2.1.1	A Carnavalização das arquibancadas.....	105
3.2.1.2	A chegada dos “gaviões” e da “organização” nas torcidas.....	107
3.2.2	Segunda geração, torcidas organizadas e independentes (1969-1990).....	110
3.2.2.1	Aspectos culturais e características gerais.....	113
3.2.2.2	Identificação e espaço simbólico.....	118
3.2.2.3	Organização social.....	122
3.2.3	Terceira geração: Futebol de espetáculo e torcidas espetacularizadas (1990-2000).....	126
3.2.3.1	Espetacularização e recursos de visibilidade.....	128
3.2.3.2	Aspectos culturais e características gerais.....	133
3.2.3.3	Organização social.....	137
3.3	BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE UM FENÔMENO QUE ALCANÇOU DIMENSÕES NACIONAIS.....	140
4	<b>ESTIGMATIZAÇÃO DOS GRUPOS E A ESPETACULARIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA NO CAMINHO DAS GRANDES ALIANÇAS NACIONAIS.....</b>	<b>145</b>
4.1	A VIOLÊNCIA NO CONTEXTO DO FUTEBOL DE ESPETÁCULO.....	147
4.2	ESTIGMATIZAÇÃO, UM RECURSO COMUM NA BUSCA POR CULPADOS.....	159
4.2.1	Bondes que carregam estigmas.....	159
4.2.2	As mensagens através de uma sociabilidade voltada para o conflito.....	164
4.3	IMPUNIDADE, OMISSÃO, E ACUSAÇÕES: COMBUSTÍVEIS PARA AS ALIANÇAS NACIONAIS.....	169
4.3.1	Insegurança no futebol brasileiro, um roteiro antigo.....	169
4.3.2	O Estatuto do Torcedor, entre omissões e impunidades.....	172
5	<b>AS ALIANÇAS NACIONAIS E A CONSTRUÇÃO DA QUARTA GERAÇÃO DOS GRUPOS ORGANIZADOS DE TORCEDORES.....</b>	<b>183</b>
5.1	ALIANÇAS E “AMIZADES”, A FORMAÇÃO DOS PRIMEIROS VÍNCULOS.....	188

5.1.1	As primeiras aproximações e a extensão das “ <i>amizades</i> ”.....	188
5.1.2	Os diversos interesses entre as alianças e o “futebol de espetáculo”.....	197
5.1.3	O caráter utilitarista da relação entre clubes e grupos organizados.....	204
5.2	<b>AS GRANDES ALIANÇAS NACIONAIS E A FORMAÇÃO DA QUARTA GERAÇÃO.....</b>	<b>211</b>
5.2.1	A expansão e reconfiguração dos grupos organizados a partir das alianças.....	211
5.2.2	O “ <i>estilo</i> ” dos aliados: mudanças na organização dos grupos e na forma de torcer nos estádios brasileiros.....	217
5.3	<i>AMIGOS, AMIGOS, ALIANÇAS À PARTE. A “RECONFIGURAÇÃO DAS RIVALIDADES” A PARTIR DAS ALIANÇAS.....</i>	221
6	<b>ALIANÇAS: ESTRATÉGIA DETERMINANTE DE RESISTÊNCIA E SUPERAÇÃO DA INVISIBILIDADE NO FUTEBOL BRASILEIRO.....</b>	<b>231</b>
6.1	A <i>INVISIBILIDADE</i> , E SUAS REPERCUSSÕES ENTRE CLUBES E GRUPOS ORGANIZADOS.....	234
6.1.1	Exclusão e <i>invisibilidade</i> social reproduzidas no futebol brasileiro.....	234
6.1.2	Crescimento dos grupos organizados da <i>quarta geração</i> : efeitos da <i>invisibilidade</i> midiática sobre os clubes, resposta dos torcedores.....	240
6.2	<b>OS GRUPOS ORGANIZADOS E SUAS ESTRATÉGIAS DE SUPERAÇÃO DA INVISIBILIDADE.....</b>	<b>249</b>
6.2.1	Novas modalidades torcedoras: As “barras” e os “ultras” brasileiros.....	249
6.2.2	Militância e negociações políticas.....	255
6.2.3	A CONATORG e a política nacional de fortalecimento dos grupos organizados.....	260
6.3	<b>DÁDIVA E RECIPROCIDADE: A AMÁLGAMA DAS ALIANÇAS COMO A ESCOLHA DETERMINANTE.....</b>	<b>267</b>
6.3.1	A formação do vínculo e a sociabilidade nas alianças entre grupos organizados de torcedores: <i>O valor das coisas, pelo valor da relação!</i> .....	267
6.3.2	Fazer alianças: escolha determinante na superação da invisibilidade e recuperação do protagonismo.....	273
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>282</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>291</b>

## ***INTRODUÇÃO***

O futebol mudou muito desde os tempos do Friedenreich. O que pouco mudou foi a relação do torcedor com o futebol. Continua sendo uma coisa meio irracional e misteriosa: amamos uma camiseta, um nome, um escudo. Amamos, no fim, uma abstração.

Luís Fernando Veríssimo

Estudos sobre torcedores de futebol no Brasil, principalmente os que se organizam e reúnem-se em grupos, geralmente denominados “*torcedores organizados*” e/ou “*torcedores uniformizados*”, começaram a despertar o interesse de pesquisadores sociais a partir da década de 1990, com destaque para temas relacionados a violência urbana, violência nos esportes, comportamento juvenil, grupos urbanos, sociabilidades, entre outros de interesse das ciências sociais. As torcidas redimensionam a relação torcida/futebol profissional e, especialmente, a relação espectador-espetáculo de futebol, no sentido de que, através da sua mobilização coletiva nos estádios e sua aparição permanente na mídia, como valor estético e informativo agregado, o espectador ganha ainda mais centralidade dentro do espetáculo futebolístico (Toledo, 2000: 133). O que caracterizou o surgimento desses grupos organizados no Brasil, segundo Pimenta (1997), não foi apenas a identificação com o clube do coração, considerando que várias práticas de identificação eram realizadas por grupos uniformizados de torcedores ainda na década de 1940, contudo, o que as determina e caracteriza, enquanto novidade é a forma “organizativa” de associação. Neste sentido, em busca dessa novidade e das possibilidades de interpretação e compreensão sobre a organização, comportamento, perfil social e características associativas desses grupos, vários estudos foram realizados sobre a temática citada e se constituíram referenciais a quem se propõe a examiná-la<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Além dos consagrados trabalhos sobre o futebol brasileiro produzidos por Simoni Guedes, Roberto DaMatta, e posteriormente Arlei Damo, destaco como referências nos estudos sobre grupos organizados de torcedores os trabalhos de PIMENTA, 1997; TOLEDO, 2000; REIS, 2006; MURAD 2007, 2012).

O **objetivo** desta **Tese**, portanto, foi uma interpretação e compreensão dos motivos que possibilitaram e conduziram os torcedores de futebol **reunidos e organizados em grupos**, - juridicamente reconhecidos como “*torcedores organizados*” (em termos propostos pela Lei 10.671, de 15 de maio de 2003), ou mesmo aqueles agrupados informalmente -, a estabelecerem **relações de sociabilidade** e de **cooperação** entre **grupos de cidades de Estados distintos**, reconhecidas em termos nativos como “*alianças entre torcidas*”.

O ponto de partida que despertou o interesse pelo tema, e conseqüentemente a construção dos argumentos que dão sustentação a Tese, encontra-se na realização de uma pesquisa concretizada em etapa anterior, com os três maiores grupos de torcedores de futebol da cidade de Recife-PE<sup>2</sup>, que evidenciou a necessidade - surgida e identificada entre eles -, de uma maior aproximação entre os grupos que se identificam com clubes de outras localidades do país, não apenas para obter crescimento numérico e visibilidade nacional, outrossim, também como recurso necessário a manutenção, coesão e permanência dos grupos, sobretudo como resposta as repercussões dos episódios de violências nos estádios nacionais e pela estereotipatização e imputação de culpas que lhes foram transferidas. Ao mesmo tempo, o estudo das alianças entre torcidas revela-se um fenômeno ainda novo e pouco explorado no campo das Ciências Sociais do Brasil, motivo pelo qual encontrará espaço e terreno apropriado nos subcampos da Sociologia e Antropologia dos Esportes.

Mais que qualquer jogo ou modalidade esportiva moderna, o futebol conquistou no decorrer das últimas três décadas a condição de importante campo de investigação, somando-se a outros que têm por finalidade a interpretação das relações estabelecidas entre os seres humanos, e destes com suas instituições, alcançando interesses significativos em diversas áreas do conhecimento, até então pouco atraídas por este objeto<sup>3</sup>. Através da compreensão do processo de estabelecimento e popularização deste

---

<sup>2</sup> Pesquisa concretizada com a construção da Dissertação de Mestrado “**Outro Olhar sobre a Multidão: Práticas de sociabilidades entre os torcedores organizados dos clubes de Recife**”, defendida por mim em fevereiro de 2012, junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE.

<sup>3</sup> Tornam-se cada vez mais presentes em seminários, Grupos de Trabalho e encontros acadêmicos, estudos ligados as Ciências Administrativas, Economia, Psicologia Social, Educação Física, Segurança Pública e Defesa Civil, além do crescimento do interesse nas Ciências Sociais, demonstrando a fertilidade que a temática do futebol, em especial o comportamento dos torcedores, tem legado ao conhecimento científico.

esporte, de suas especificidades e, principalmente, do vínculo emocional e grau de comprometimento criados entre seus seguidores, é possível compreender sua relevância aos estudos culturais e sociais, notadamente entre os países que o elegeram como o mais popular dentre os desportos, o que pode ser identificado tanto no Brasil, quanto na Argentina, Inglaterra, Itália, Espanha, entre outros países onde tenha se transformado em esporte de massas.<sup>4</sup>

O seguidor/admirador do futebol diferencia-se do conjunto dos fãs de outras modalidades esportivas por desenvolver uma identificação, com o clube, superior àquela formada com qualquer ídolo individual. A relação construída com a instituição - que simboliza alguma coisa, sem, na maioria dos casos, ser membro dela -, dá sentido a todas as outras relações de afetividade e adesão construídas em torno do esporte. Por esse motivo, o ídolo do futebol, mais que qualquer outro desportista, experimenta a efemeridade da devoção de seus seguidores, deixando de ser amado e venerado a partir de uma simples troca de camisas (ao transferir-se para uma equipe rival), independentemente de seus feitos passados. Esta condição ímpar, do seguidor/admirador do futebol rendeu-lhe uma categoria própria de análise, que o diferencia dos demais fãs dos esportes, o torcedor de futebol<sup>5</sup>.

A diferença primordial entre o fã (dos esportes) e o “*torcedor*” (do futebol), no Brasil, portanto, está na dimensão que estes vínculos constroem; o fã regozija-se e frustra-se com os sucessos e insucessos de seus clubes e/ou ídolos; o torcedor de futebol, diferentemente daquele, ao mesmo tempo em que comemora os sucessos de seu

---

<sup>4</sup> Por oportuno, esclareço que em todo o texto, os termos e representações “nativos” serão destacados em itálico e entre aspas, ao passo que os termos de outras fontes serão destacados utilizando-se apenas aspas. Quando fizer menção a um termo próprio, utilizarei o negrito e as aspas na primeira citação do termo, não repetindo o destaque nas outras vezes que o fizer.

<sup>5</sup> Dentre as definições encontradas para a categoria “torcedor”, Toledo (2002) a definia como sendo aquele que impõem ao futebol “a circularidade das “emoções”, importando-se sobretudo com a capitalização simbólica do desfecho dos rituais agonísticos”. Em sua narrativa sobre as origens do futebol, Anatol Rosenfeld (2007: p.94) considera que o verbo “torcer” significa “virar, dobrar, encaracolar, entortar”, etc. O substantivo “torcedor” designa, portanto, a condição daquele que, fazendo figa por um time, torce quase todos os membros, na apaixonada esperança de sua vitória. Com isso reproduz-se muito plasticamente a participação do espectador que “co-atua” motoramente, de forma intensa, como se pudesse contribuir, com sua conduta aflita, para o sucesso de sua equipe, o que ele, enquanto “torcida” – como massa de fanáticos que berram -, realmente faz.

clube, dispensa ao adversário tradicional uma atenção quase que análoga, chegando em muitas ocasiões a experimentar, diante do **insucesso do oponente**, uma satisfação muito próxima a que experimenta por ocasião da glória **do seu clube**. Ele não apenas torce, ele considera **pertencer** a um clube. Pensando assim, à medida que um clube de futebol é amado por milhões ele poderá ser igualmente odiado por outros tantos.

Nesta perspectiva, mais que a ideia sugerida do “*torcer*” por um clube de futebol, Arlei Damo defende a ideia de “pertencimento clubístico”, como a condição que expressa a adesão - uma vinculação extrema de torcedores de futebol aos seus clubes -, o vínculo próprio à esfera do futebol para especificar, *no espectro do torcer, um segmento de público militante emocionalmente engajado capaz de estender para além das limitações de tempo/espço, do jogo/estádio de futebol* (DAMO, 2012: p.61), configurando assim um sentido maior sobre a noção sugerida pela categoria *torcedor*,

Ainda que usados seguidamente como sinônimos, torcer e pertencer já não são exatamente o mesmo. O primeiro serve para caracterizar tanto as adesões duradouras quanto as eventuais, ao passo que o pertencimento denota uma modalidade de envolvimento propriamente intensa, ilusória, equivalente ao que os nativos caracterizam como “torcedor fanático”, “doente”, “cego”, etc. (Idem).

Motivado pelo prazer que o esporte proporciona e pelo sentimento de pertencimento clubístico, o torcedor cria uma identificação com as cores do time, com a mascote e seu escudo distintivo, considerados “sinais diacríticos”, sinais que marcam visivelmente o pertencimento a um grupo - neste caso ao clube de futebol -, um sentido análogo a uma identificação étnica, algo que se torna fundamental, e que se estende a todos os contextos da vida. Desta forma, acredito, torcedor e clube estão imbricados numa relação quase que existencial, como se amalgamados estivessem, transitando o emocional e o corpóreo, tornando-se compreendidos apenas pelos muitos outros que comungam da mesma relação, que ao mesmo tempo é única e plural. Comunicam-se através de um idioma próprio, com expressões construídas e singulares ao meio futebolístico; e assim: o torcedor não entra em campo, mas é o “*décimo segundo jogador*” do time; aquele que veste orgulhosamente a camiseta do clube como sua “*segunda pele*”; aprende a idolatrar o jogador que tem “*a cara da torcida*” e põe “*o*

*coração na ponta das chuteiras*”; esse é o torcedor, aquele que ama e reverencia a bandeira do clube como um “*manto sagrado*” (uniforme).



**Imagem - Veículo nas cores do Avai/SC, nas ruas de Florianópolis/SC, 2012 (Esq.); Torcedor vestido com a bandeira do clube, em Recife/PE. Fotos do autor.**

Diria então que, conhecer a trajetória percorrida pelo torcedor de futebol - desde a identificação das primeiras “assistências” nos estádios brasileiros, nas décadas iniciais do século XX, passando pela profissionalização do desporto jogado com os pés (a partir de 1933), chegando a configuração dos grandes grupos de torcedores da atualidade -, possibilita ao pesquisador, com a propriedade necessária, compreender o processo de formação das estratégias de identificação, a construção do sentimento de “fazer parte”, como também entender de que maneira efetuou-se a passagem da condição de **coadjuvante** a **protagonista** deste esporte. O entendimento desta transposição não será completo sem que a situemos na conjuntura política, econômica e social do Brasil, motivo pelo qual farei uso, sempre que necessário, a alguns dos principais processos históricos que proporcionaram eventos importantes na compreensão do objeto da Tese, sem a pretensão de reescrever uma História sobre o Brasil ou sobre o futebol brasileiro, o que será demonstrado nos capítulos 1 e 2.

Por oportuno, esclareço que desde o primeiro momento em que me aproximei das torcidas de futebol - na condição de objeto de interesse acadêmico -, mantive-me reticente sobre o uso recorrente dos termos “*torcidas organizadas*” e/ou “*torcidas uniformizadas*”, adotados e utilizados sistematicamente por autores e pesquisadores do assunto, aparentemente como meras variações no modo de pensar a categoria que

designa os torcedores que se agrupam informalmente ou associam-se juridicamente para torcer por um clube de futebol<sup>6</sup>. Entretanto, talvez por acreditar, naquela ocasião, que a validade e a aceitabilidade dos resultados finais passariam necessariamente pela adoção dos termos e da lógica estabelecida, optei por seguir caminho análogo ao da literatura de referência.

Entretanto, no desenvolvimento da atual proposta de pesquisa vislumbrei a possibilidade de ampliar e aprofundar a compreensão sobre o objeto que, a priori, estava naturalizado, contudo, pareceu-me subdimensionado enquanto proposta de categoria analítica. Desta forma, através da identificação de diferenças significativas na organização interna, nas motivações, representações e performances que os grupos revelam, optei por trabalhar o objeto a partir de uma nova categoria, aqui definida como “**grupos organizados de torcedores**”<sup>7</sup>. Essa escolha não pretende diminuir ou inviabilizar as análises procedidas, ou mesmo os recursos metodológicos utilizados anteriormente pelos pesquisadores que se dedicaram a analisar as torcidas de futebol, outrossim, contribuir para a compreensão do fenômeno, a partir das oportunidades e experiências oferecidas pelo campo de pesquisa, incluindo o amplo debate estabelecido entre o poder público e a sociedade civil organizada, nos últimos quatro anos, em várias partes do país, em torno da temática do futebol, com destaque para a violência nos estádios.

---

<sup>6</sup> Apesar das explicações sobre a origem do termo “*torcidas uniformizadas*”, que remetem ao uso de vestimentas iguais entre os participantes dos primeiros grupos de torcedores (TOLEDO, 2000; PIMENTA, 1997), durante a revisão bibliográfica especializada no tema - passando pela consulta de artigos e periódicos, mídias eletrônicas e impressos -, verifiquei que os pesquisadores brasileiros, ou mesmo profissionais do futebol (incluindo a imprensa esportiva e dirigentes de clubes) utilizam prioritariamente o termo “*torcidas organizadas*” para fazer referência aos torcedores reunidos em grupos. Mesmo quando são referenciados por “*torcidas uniformizadas*” parece-me muito mais uma mera variação na forma de conceituação, do que a indicação de um momento distinto do fenômeno, ou mesmo outra interpretação daquela categoria analítica.

<sup>7</sup> Quando defendo a viabilidade de retomar a compreensão da categoria “torcedor organizado” a partir da abordagem antropológica, o faço por considerar a interação que foi estabelecida no decorrer da pesquisa com integrantes de vários grupos, os quais se reconhecem e se identificam com “momentos” distintos do processo de formação do fenômeno no Brasil. Entre eles não há uma compreensão única sobre o significado das torcidas, uma narrativa universal. Através da perspectiva etno-histórica é possível relativizar o discurso em torno da categoria estabelecida pelo senso comum, “torcida organizada”, por entender que os grupos são resultados do contexto cultural e histórico no qual estão inseridos, bem como resultado das muitas modificações sociais que o país experimentou, desde o aparecimento dos primeiros grupos, na década de 1930, até as atuais configurações das alianças entre torcidas, no século XXI.

Deve-se considerar que, a partir da década de 1990 o futebol brasileiro foi inserido no rol dos espetáculos mediáticos mais importantes - do ponto de vista da audiência televisiva e atração de investidores privados -, impulsionando clubes e jogadores a adequarem-se cada vez mais rápido aos padrões exigidos pelos interesses do capital. Como consequência, todos os personagens envolvidos no “futebol de espetáculo”, também chamado “futebol espetacularizado” - termo tomado por empréstimo de Arlei Damo, o qual se caracteriza pela intensa divisão social do trabalho, dentro e fora de campo (2012: p.39) -, passaram a desempenhar e ocupar papéis específicos no “negócio do futebol”, dentre eles, os torcedores. Ao mesmo tempo, a organização do futebol brasileiro – incluindo-se a gestão da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Federações estaduais, dirigentes de clubes, e poder público -, não conseguiu atender as necessidades e demandas decorrentes dos altos investimentos do “mercado do futebol”, tampouco as exigências do público torcedor que passou a entender o futebol enquanto um produto a ser consumido (seja nos estádios ou através dos pacotes de transmissão por canais fechados de TV), deixando a condição anterior de coadjuvantes e assumindo cada vez mais um papel dirigente e de protagonismo.

Neste complexo contexto, e concomitantemente ao crescimento da violência dos grandes centros urbanos do país - provocada por vários fatores estruturantes, dentre os quais destaco o tráfico de drogas, aumento do desemprego, urbanização desordenada de várias capitais, corrupção e escândalos na política nacional, dentre outros -, foram registrados vários incidentes nos estádios de futebol do país, muitos deles envolvendo integrantes de grupos organizados de torcedores, e que, no contexto da espetacularização do futebol, renderam grande repercussão midiática (espetacularização) na busca pela identificação dos culpados, estabelecendo-se, desta forma, uma relação quase que obrigatória entre os estudos produzidos sobre o futebol brasileiro e a questão da violência. Assim, a década de 1990 foi singular na história do futebol brasileiro, uma vez que proporcionou a confrontação entre uma dinâmica mundial globalizada, que também atingiu esse esporte – caracterizada pela reorganização do futebol na Inglaterra, Itália e Espanha, com calendários unificados, combate à violência nos estádios, e grandes investimentos privados -; e uma estrutura organizacional precária na sociedade e no futebol do Brasil; marcada por estádios velhos e inseguros, corrupção de dirigentes, favorecimento de clubes do eixo

Sudeste/Sul, além do desrespeito a regulamentos e desorganização de competições, fatores que não devem deixar de ser interpretados como geradores de impunidade, omissão e aumento das condições propícias para a prática de atos violentos no esporte.

Mesmo considerando, como destaquei, que parte considerável dos estudos e discussões produzidos recentemente no Brasil, e que tomaram o futebol por objeto de análise tenham atribuído um papel de destaque a questão da violência - e nestes casos, com ênfase na ação dos grupos organizados de torcedores -, esclareço que não pretendo fazer um dossiê, ou mesmo um estudo analítico sobre a violência praticada pelos torcedores de futebol, mesmo considerando que não poderei eximir-se de pontuar e analisar, quando necessário for, as práticas de atos violentos promovidos por integrantes dos grupos destacados, entretanto, essa análise será procedida a partir de uma interpretação que percebe a violência entre torcedores como um reflexo da violência existente no futebol brasileiro e, sobretudo, sintomática da violência estrutural existente no tecido social do país. Para tanto, foram elencadas como referenciais teóricos específicos as abordagens de Alba Zaluar, Carles Feixa, Gilberto Velho e Mione Sales, além de um diálogo sempre presente com George Simmel, por entender que as interpretações que realizou em torno da estereotipização das camadas subalternas, das sociabilidades e culturas juvenis, e análise sobre os comportamentos desviantes, aproximam e reforçam os argumentos que utilizo no conjunto das argumentações de defesa desta Tese – capítulos 4 e 6.

É diante desta querela que se estabelecem as **Alianças entre os grupos organizados de torcedores**, como estratégia de defesa e resposta diante da espetacularização promovida pelos veículos de comunicação - em torno dos episódios violentos -, onde em busca de soluções ao "mal do futebol brasileiro" imputou sistematicamente aos grupos de torcedores a quase totalidade pela responsabilidade da violência registrada no futebol nacional – algo semelhante ao que ocorreu na Inglaterra, com os *hooligans*<sup>8</sup> -, sendo este discurso bastante conveniente e apropriado aos interesses dos organizadores do futebol e do poder público brasileiro. Como

---

<sup>8</sup> O termo *hooligan* é uma exportação inglesa, tal como o futebol propriamente dito. Surgiu na Inglaterra, entre 1870 e 1880, período em que a versão profissional do futebol se afirmou. O dicionário de inglês da Universidade de Oxford diz que o vocábulo é proveniente do nome de uma família irlandesa, chamada Houlihan, que viveu em Londres na Era Vitoriana e tornou-se célebre por ser violenta e baderneira (Murad, 2010: p.56).

consequência, interpretados como *outsiders*, e estigmatizados pelo discurso construído pelas classes hegemônicas do futebol nacional, os grupos organizados de torcedores necessitaram de novas relações que lhes rendessem recursos, visibilidade e crescimento, possibilitando, desta forma, aproximações entre grupos de cidades e estados diferentes do país.

Até o início da década de 1990 os grupos de Estados diferentes mantinham poucos contatos entre si, e as informações eram compartilhadas através das publicações da mídia e das transmissões de jogos pela televisão. Os poucos e breves contatos aconteciam quando os torcedores viajavam para acompanhar seus clubes nos jogos de competições nacionais, como Copa do Brasil e campeonato brasileiro. Nesta época, sugiro, não podemos falar em **alianças**, mas numa relação próxima ao que, em termos nativos, chamam de “*amizade*”. Na medida em que as competições nacionais passaram a ser disputadas em divisões distintas, com duração previamente estabelecida, os contatos entre os grupos de Estados diferentes - notadamente dos clubes que regularmente participam das principais competições do calendário nacional -, passaram a ser mais corriqueiros e intensos, aumentando a necessidade de assistência durante as viagens e permanências em outras cidades. Ao receber os componentes de um grupo de torcedores de outro Estado - no aeroporto ou na rodoviária, dando-lhes hospedagem e orientando-lhes na locomoção pela cidade, mesmo que sejam do clube adversário durante a partida de futebol -, a torcida nativa possibilita aos “estrangeiros” uma relação de confiança e companheirismo, retribuída quando os papéis forem invertidos, configurando assim as características básicas das primeiras “*alianças*”.

Estruturadas inicialmente para proporcionar apoio logístico e segurança, durante as viagens de torcedores pelo Brasil, essas aproximações foram intensificadas no início dos anos 2000, modificando profundamente as características de organização destes grupos sociais, suas formas de representações, e a forma de torcer nos estádios. As influências são percebidas também entre os “**torcedores comuns**”<sup>9</sup>, que assimilaram os gestos de cumprimento, gritos de guerra e *performances* das chamadas Organizadas. Através das Alianças entre torcidas as lógicas da rivalidade entre clubes foram abaladas

---

<sup>9</sup> Interpreto por “**torcedores comuns**” a categoria que representa o simpatizante do futebol sem estar vinculado a qualquer grupo específico de torcedores, mas que desenvolve plenamente o sentimento de “pertencimento clubístico” - mesmo quando não é frequentador regular dos estádios de futebol.

- modificadas em alguns casos -, ao menos no interior dos grupos, rompendo-se com padrões de identificação cultivados durante várias gerações entre os chamados torcedores comuns. Assim, cores de uniformes, símbolos institucionais, e mascotes dos clubes deixaram de representar, entre os grupos, critérios definidores do “nós” e “eles”, possibilitando que entre os grupos organizados uma nova lógica fosse criada e rivalidades regionais e nacionais refeitas, possibilitando ainda aproximações socioculturais entre integrantes de grupos de estados diferentes<sup>10</sup>.

Em relação às práticas performáticas nos estádios, através das “alianças” criou-se a uniformidade, um “estilo”, ou *modus operandi* característico dos grupos, mesmo que situados em estados diferentes do país<sup>11</sup>. São estratégias utilizadas no fortalecimento das relações, autodefesa, resistência, e tentativa de fortalecimento da imagem dos grupos, proporcionando ainda uma reestruturação administrativa e redefinição da organização social interna, aumentando as arrecadações e a independência econômica em relação aos clubes, além de visibilidade nacional. Sobre as formas de resistência à possíveis atitudes de intolerância por parte da opinião pública é provável que os integrantes dos Grupos Organizados tenham reforçado algumas singularidades próprias, alterando não apenas o *modus operandi* das formas de torcer nos estádios, bem como criando elementos simbólicos capazes de garantir solidariedade, fidelidade e coesão, como formas de resistência e continuidade dos grupos, hipótese que será desenvolvida no *capítulo 6*. Nesta mesma seção, proponho uma análise das práticas de sociabilidade e de solidariedade produzidas no interior das Alianças entre os grupos

---

<sup>10</sup> Antes das configurações das primeiras Alianças entre torcidas, por exemplo, dificilmente um torcedor do Sport Recife (PE) seria visto com uma camisa que se assemelhasse ao uniforme do Santa Cruz (PE), em virtude da rivalidade local. Entretanto, através dessas aproximações, um integrante da Torcida Jovem do Sport poderá utilizar com regularidade, inclusive em dias de jogos, uma camisa da torcida Independente do São Paulo (SP) – aliada da torcida pernambucana -, que tem as cores e o modelo idênticos ao uniforme do Santa Cruz, sem que seja interpretado como “traidor” ou adversário. Mesmo que sob a desconfiança e estranhamento de um torcedor mais conservador, possivelmente esse torcedor vai chegar com segurança a sua associação, uma vez que gradativamente as alianças passaram a ser reconhecidas mesmo entre os “torcedores comuns”.

<sup>11</sup> Os grupos organizados dos clubes do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul sempre tiveram mais contatos com torcedores de outros países da América do Sul, pelo fato de participarem regularmente da Taça Libertadores das Américas. Estas participações fizeram com que recebessem grande influência na forma de torcer, por parte daqueles, principalmente dos torcedores organizados argentinos, chamados de “*Barras Bravas*”. Uso de bandeirões, coreografias inspiradas nas torcidas sul-americanas com o costume de permanecerem em pé durante todo jogo, utilização de redes sociais para formação de comunidades de relacionamento, vestimentas com predomínio de bonés e agasalhos; são algumas das práticas que compõem o chamado *estilo do torcedor organizado*.

de torcedores, fundamentada na categoria antropológica da *dádiva*, ou seja, através de uma perspectiva das teorias da *reciprocidade* e do seu papel na produção e reprodução dos laços sociais estabelecidos entre aqueles grupos. Para tanto, meus argumentos serão desenvolvidos através de um diálogo proposto com as interpretações de Mauss, Lévi-Strauss, Godelier, Caillé, e Godbout.

Pretendo ainda destacar que, desde o surgimento dos primeiros grupos organizados de torcedores - entre as décadas de 1930 e 1940 -, foram estabelecidas relações ambíguas entre os grupos de torcedores e clubes de futebol, alternando-se momentos de negociações com posições distintas ocupadas no campo futebolístico nacional. Percebem-se, deste modo, contextos onde os grupos organizados ocupam papéis secundários e assistentes, no conjunto maior dos torcedores de futebol, alternados por fases de protagonismo - em que parcerias tornaram-se necessárias aos grupos e convenientes aos clubes. Atualmente, essas aproximações passaram a ser consideradas indesejáveis, diante dos argumentos anteriormente apresentados, e por isto evitadas (explicitamente), por vários clubes, em decorrência dos interesses do capital<sup>12</sup>.

Destarte, motivado pela inconsistência e ambiguidade nas relações entre clubes e grupos organizados de torcedores, e diante de um contexto desfavorável a imagem daqueles grupos construído preponderantemente por um discurso acusativo e estereotipado gestado no interior dos meios de comunicação de massa, e assimilado pela opinião do senso comum, gestores do futebol nacional, e poder público, defendo, como **argumento central da Tese, que tornou-se imprescindível o estabelecimento de novas relações de alianças, entre os grupos organizados de torcedores do futebol brasileiro, como condição determinante para a obtenção e manutenção do**

---

<sup>12</sup> Muitos grupos organizados de torcedores experimentaram um crescimento numérico tão expressivo, no que se refere ao quantitativo de membros associados, que seu potencial de vendas de produtos e de associação passou a representar riscos e concorrência aos interesses capitalistas dos clubes. Somado a isto, o discurso hegemônico reproduzido em torno da violência no futebol brasileiro, cuja culpa maior recai sobre os grupos organizados, também transfere para estes torcedores a maior responsabilidade pelo esvaziamento dos estádios, o que é interpretado pelos clubes como causa da diminuição das arrecadações com a venda de ingressos, traduzindo-se em prejuízos financeiros. Ao evitar uma aproximação, mesmo que explícita, com os grupos de torcedores, os clubes diminuem ou inviabilizam ajudas financeiras e logísticas aos grupos, impactando diretamente na organização interna e na representatividade política antes existentes, exigindo novos padrões de relacionamentos e captação de recursos por parte dos grupos organizados.

**protagonismo ou para uma posição de invisibilidade, no contexto do futebol de espetáculo**, sendo este o cerne do trabalho.

Ao definir que o objeto da Tese seria a configuração das relações de Alianças entre grupos organizados de torcedores de cidades diferentes, necessitei reaproximar-me dos três grupos que alicerçaram minha experiência de campo, alhures - *Torcida Jovem do Sport* (Sport Recife), *Inferno Coral* (Santa Cruz), e *Fanáutico* (Náutico) -, e somente após essa reaproximação, que foi retomada no primeiro semestre de 2013, foi possível estabelecer um planejamento de encontros com representantes de grupos de outras cidades, identificados a partir da lógica das alianças, sempre mediados pelos torcedores das três torcidas de Recife. Após uma série de questões reformuladas, adequadas em torno do objeto de pesquisa, entendi que os jogos realizados durante competições regionais (Copa do Nordeste), e nacionais (Copa do Brasil e Campeonato Brasileiro), apresentavam-se como a configuração ideal para a realização dos encontros, já que, nessas ocasiões, grupos aliados normalmente deslocam-se para acompanhar seus clubes, momento em que se materializam as reciprocidades.

Neste propósito, foi importante a identificação dos grupos que mantêm relações de alianças com as torcidas locais, como também, os jogos que seriam escolhidos para a efetivação da observação participante (a disposição desses grupos de torcedores e suas respectivas alianças será apresentada no capítulo 4). Na prática, minha presença nos estádios de futebol passou a depender da dinâmica das alianças entre os clubes que jogariam em cada data, ou seja, optei por estar sempre no setor dos visitantes (torcidas de clubes de outras cidades), no interior dos estádios, por acreditar que conseguiria uma quantidade maior de contatos e interlocuções com os integrantes dos grupos. Essa estratégia nem sempre foi a melhor, motivo pelo qual busquei, através das torcidas locais uma aproximação com “*os aliados*” nos momentos que antecederiam aos jogos, ou seja, durante as recepções e almoços proporcionados pelos nativos, ou mesmo nos arredores dos estádios antes do início das partidas<sup>13</sup>. Em alguns desses encontros recebi

---

<sup>13</sup> Os grupos de outras cidades, considerados *aliados*, são recepcionados pelos grupos nativos na rodoviária ou em pontos da cidade pré-definidos (quando os deslocamentos são feitos em carros particulares ou alugados), normalmente na noite anterior ou mesmo na própria data da partida. Em alguns casos, os aliados almoçam juntos e seguem para o local da partida escoltados pela Polícia Militar, permanecendo juntos antes da entrada nos estádios. Esses momentos passaram a ser mais valiosos para as

convites para conhecer as sedes de alguns dos grupos que manteve contatos, em suas respectivas cidades, alguns deles concretizados em momentos distintos da pesquisa.

O contexto em que a pesquisa de campo foi retomada – segundo semestre de 2013 -, inicialmente com os três grupos recifenses, não parecia favorável, uma vez que existia naquela ocasião uma repercussão extremamente desfavorável a imagem dos grupos provocada por episódios recentes de violência envolvendo integrantes de grupos organizados (de Pernambuco e de outros estados), gerando um clima de “caça às bruxas” por parte do poder público, veículos de comunicação e do senso comum<sup>14</sup>. Naquela ocasião, qualquer tentativa de aproximação com os grupos era, por eles, interpretada como oportunismo e ameaça.

Naquele momento estive diante do que Bachelard (2010) interpreta como uma *pré-construção social do objeto de estudo*, ou seja, precisava entender que o pesquisador deve, então, estar consciente de que o recorte de seu objeto é um fato institucional, e não um fato bruto, nem o resultado da aplicação de um critério objetivo. De fato este cuidado é pertinente aos objetos de estudo das Ciências Sociais em virtude da natureza empírica da investigação, e no caso específico da análise dos grupos organizados de torcedores é fato que existe uma tendência pré-concebida a apreendê-la como sinônimo de violência, e neste caso, um obstáculo ao exercício epistemológico. Por mais estranho que parecesse aos olhos daqueles interlocutores, foi necessário convencê-los sobre a possibilidade da “construção de um novo objeto” de investigação, formulado a partir da experiência anteriormente vivenciada, da qual fizeram parte, tendo

---

interlocuções, já que após a entrada no estádio os grupos permanecem em setores distintos e os contatos ficam restritos ao intervalo do jogo.

<sup>14</sup> Três episódios de violência no mês de **fevereiro de 2013**, retomaram os debates no Brasil em torno da responsabilidade dos grupos organizados pela violência no futebol. A Torcida Inferno Coral (Santa Cruz - PE) foi proibida de entrar no estado de Alagoas, por causa de confusão em um jogo contra o CRB-AL no dia 06fev13, pela Copa do Nordeste. No dia 16, do mesmo mês, um torcedor do Náutico-PE levou um tiro na cabeça antes do jogo Náutico-PE x Central-PE, pelo campeonato pernambucano, em frente ao estádio dos Aflitos. No dia 21, um torcedor boliviano, em jogo contra o Corinthians-SP, pela Copa Libertadores das Américas, foi atingido por um sinalizador e morreu. Em Pernambuco, o poder judiciário proibiu os três maiores grupos organizados de frequentarem os estádios locais com qualquer vestimenta ou objeto que fizessem alusão ao nome das associações.

agora a importância das relações de solidariedade e reciprocidade firmadas entre eles, e seus *aliados*, como objeto maior de interesse<sup>15</sup>.

Por oportuno, acredito que tenha-me sido favorável, na obtenção da confiança por parte dos interlocutores, os resultados da pesquisa realizada por ocasião do Mestrado, que lhes foram apresentados, os quais deram visibilidade a aspectos omitidos ou desconhecidos pelo *sensu comum*, até então, despertando opiniões e debates em veículos de informações e órgãos ligados ao controle da violência nos estádios. Isso não significou questionar a validade do *sensu comum*, antes, refleti-la<sup>16</sup>.

Desta forma, o trabalho de campo foi desenvolvido entre o segundo semestre de 2013 e o mês de outubro de 2015, através de encontros com representantes de grupos de torcedores de Recife – nos estádios e em locais acordados -, como também em oportunidades de visitas a sedes de torcidas e jogos realizados em Recife e outros estados do país. A participação em audiências públicas e encontros promovidos por veículos de comunicação especializados no futebol também consistiram em momentos importantes e devidamente incorporados na fase da escrita da Tese, conforme destacarei no decorrer do texto. Importante esclarecer que, por ocasião de eventos acadêmicos (Congressos, Simpósios, cursos), ou mesmo ligadas ao exercício profissional<sup>17</sup>, algumas atividades de pesquisa foram realizadas em paralelo, oportunizadas em deslocamentos para outros estados do país, motivo pelo qual algumas delas foram

---

<sup>15</sup> Vale frisar que, a expressão “construção de objeto”, tomei por empréstimo de Pires (2010: 59) que ao tecer alguns esclarecimentos conceituais sobre a noção, argumenta que o significado assumido pelo objeto pode ser consequência de um “trabalho de espírito”, ou criado por meio de instituições e de práticas sociais, anteriormente formuladas a opção do pesquisador pelo assunto.

<sup>16</sup> A partir da publicação da Dissertação, alguns convites me foram feitos para debates e publicações em revistas especializadas em futebol. Em todas essas oportunidades os debates tiveram como motivação maior as informações sobre os “bastidores” das torcidas e a compreensão de que constituem muito mais que um grupo “desorganizado” e propenso apenas a práticas de atos violentos. Percebeu-se claramente, naquelas ocasiões, um quase desconhecimento da formação social destes grupos e suas motivações grupais, inclusive por parte dos profissionais especializados em futebol.

<sup>17</sup> Ao fazer parte do quadro de oficiais do Corpo de Bombeiros Militar de Pernambuco, permaneci a disposição da Secretaria Extraordinária para Segurança para Grandes Eventos, ligada ao Ministério da Justiça, entre o período de outubro de 2012 a julho de 2014, compondo o grupo técnico responsável pela segurança das Arenas que seriam utilizadas na Copa das Confederações de 2013 e Copa do Mundo FIFA de 2014. Em algumas ocasiões de viagens técnicas profissionais, ou durante a participação de eventos acadêmicos e científicos, muitos horários de intervalos foram otimizados e dei prosseguimento a pesquisa através de visitas a estádios, jogos e encontro com representantes de grupos organizados das cidades visitadas, mediados por contatos fornecidos pelos interlocutores das torcidas de Recife.

incorporadas na relação que apresento abaixo, e cujos registros deram corpo ao diário de campo:

### Quadro 1 – Atividades de pesquisa de campo

<b>DATA</b>	<b>ATIVIDADE</b>	<b>LOCAL</b>
08set15	VISITA A SEDE DA TORCIDA COMANDO ALVI RUBRO DO CRB (AL)	MACEIÓ (AL)
08set15	VISITA A SEDE DA TORCIDA MANCHA AZUL DO CSA (AL)	MACEIÓ (AL)
30ago15	SPORT X FLAMENGO (RJ)	ARENA PE - SÃO LOURENÇO (PE)
28jul15	SANTA CRUZ (PE) X BAHIA (BA)	ARRUDA – RECIFE (PE)
15jul15	NÁUTICO (PE) X FLAMENGO (RJ)	ARENA PE - SÃO LOURENÇO (PE)
01jul15	ENTREVISTA COM O COMANDANTE DO POLICIAMENTO DE CHOQUE	BATALHÃO DE CHOQUE - RECIFE (PE)
23jun15	ENTREVISTA COM O PROMOTOR DO TORCEDOR	SEDE DO MINISTÉRIO PÚBLICO DE PERNAMBUCO
20jun15	SPORT X VASCO (RJ)	ARENA PE - SÃO LOURENÇO (PE)
16jun15	NÁUTICO (PE) X PAYSANDU (PA)	ARENA PE - SÃO LOURENÇO (PE)
14mai15	AUDIÊNCIA PÚBLICA SOBRE VIOLÊNCIA NOS ESTÁDIOS	CÂMARA DOS VEREADORES RECIFE (PE)
10mai15	SPORT X FIGUEIRENSE	ILHA DO RETIRO - RECIFE (PE)
16mar15	ENTREVISTA COM DIRETORES DA TORCIDA JOVEM DO SPORT	SEDE DA TORCIDA – CENTRO DO RECIFE (PE)
28fev15	ENTREVISTA COM INTEGRANTE DA TORCIDA INFERNO CORAL	SEDE DA TORCIDA, CENTRO DO RECIFE (PE)
07dez14	SPORT X SÃO PAULO	ARENA PE - SÃO LOURENÇO (PE)
23nov14	SPORT X FLUMINENSE (RJ)	ARENA PE - SÃO LOURENÇO (PE)
18out14	SANTA CRUZ (PE) X VASCO (RJ)	ARENA PE - SÃO LOURENÇO (PE)
20ago14	SPORT X PALMEIRAS (SP)	ARENA PE - SÃO LOURENÇO (PE)
16jul14	SPORT X BOTAFOGO (RJ)	ILHA DO RETIRO - RECIFE (PE)
06abr14	SANTA CRUZ (PE) X SPORT (PE)	ARRUDA - RECIFE (PE)
02abr14	SPORT (PE) X CEARÁ (CE)	ILHA DO RETIRO - RECIFE (PE)
01dez13	SANTA CRUZ (PE) X SAMPAIO CORREA (MA)	ARRUDA - RECIFE (PE)

20ago13	VISITA AO ESTÁDIO ORLANDO SCARPELI	FLORIANÓPOLIS (SC)
15mai13	NÁUTICO (PE) X SPORTING (PORTUGAL)	ARENA PE - SÃO LOURENÇO (PE)
21abr13	IPYRANGA (PE) X SPORT (PE)	LACERDÃO - CARUARU (PE)
01mar13	VISITA AO ESTÁDIO NACIONAL DE BRASÍLIA	BRASÍLIA (DF) -
31jan13	FLAMENGO (RJ) X VASCO (RJ)	ENGENHÃO - RIO DE JANEIRO (RJ)
04jul12	CORINTHIANS (SP) X BOCA JR (ARGENTINA) – FINAL DA TAÇA LIBERTADORES DAS AMÉRICAS	PACAEMBU - SÃO PAULO (SP)

Ao lado da observação participante, o trabalho da escrita alicerçou-se na leitura de obras das Ciências Sociais, áreas afins, e outras especializadas nos esportes, com destaque para o futebol, aqui considerados recursos importantes para o desenvolvimento dos argumentos antropológicos necessários para fundamentar teoricamente minha Tese. Ao mesmo tempo, procedi a uma ampla consulta aos arquivos dos principais veículos de comunicação escritos do Estado – através do acervo do Arquivo Público de Pernambuco -, que renderam valiosas informações utilizadas nos capítulos iniciais do desenvolvimento, bem como utilizei-me dos arquivos da Federação Pernambucana de Futebol, do Juizado do Torcedor de Pernambuco, endereços eletrônicos relacionados aos grupos organizados - com destaque para a Confederação Nacional das Torcidas Organizadas (CONATORG) -, além de informações disponibilizadas pelos setores de dados estatísticos da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros Militar de Pernambuco, que após a coleta e análise foram transferidos para o corpo do trabalho em forma de tabelas e quadros, os quais encontram-se dispostos ao longo dos capítulos.

A escrita e organização dos capítulos foram pensadas de forma que os argumentos, desenvolvidos em diacronia e sincronia, preservem a autonomia dos assuntos abordados, entretanto, coadunando-os em torno do problema central da Tese. Os **dois primeiros capítulos**, utilizando-me de informações introdutórias, objetivam o encontro do leitor com a chegada do futebol no Brasil (o **segundo** dá ênfase a Pernambuco), e desta forma, a compreensão do processo que garantiu ao torcedor a

transposição da condição de coadjuvante até o protagonismo, resultando na popularização e profissionalização deste esporte.

No **terceiro capítulo**, analiso o surgimento das primeiras formas coletivas de torcedores e a expansão nacional do fenômeno, através da proposição de uma nova categoria analítica, aqui tratada por **grupos organizados de torcedores**, que consiste numa reinterpretação das já consideradas categorias de “*torcedor uniformizado*” e “*torcedor organizado*”. Destarte, ao considerar que essas duas últimas categorias correspondem a representações sociais de momentos e papéis específicos assumidos pelos torcedores de futebol no Brasil, desde sua profissionalização até os dias atuais, proponho a análise e interpretação das características associativas, organização interna, e das práticas de sociabilidades entre os grupos através de quatro gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil, como recurso metodológico. Para tanto, os resultados da pesquisa etnográfica serão adotados como base referencial do capítulo.

O **quarto capítulo** problematiza, no contexto do *futebol de espetáculo*, os papéis, delegados e assumidos, pelos grupos organizados de torcedores, frente a ambiguidade das relações com dirigentes dos clubes brasileiros, as retaliações e estereótipos endereçados aos grupos em torno da questão da violência no futebol – com destaque para a espetacularização mediática -, e a formação das primeiras aproximações com torcidas de cidades diferentes, como estratégia de superação da falta de apoio dos clubes, da repressão do poder público e da oposição do senso comum ao movimento. O **quinto capítulo** descreve a formação das primeiras relações de alianças entre grupos organizados de torcedores no Brasil. As características dessas alianças e a lógica interna adotada pelos grupos frente as relações também será objeto deste espaço, onde será discutida a noção clássica de aliança na Antropologia, e de que forma as teorias da reciprocidade podem ajudar na interpretação e compreensão das relações de solidariedade e sociabilidade desenvolvidas entre os grupos aliados de torcedores.

O **sexto capítulo**, o último do trabalho, é fundamentalmente o espaço de discussão do problema da Tese, ou seja, de apresentação dos argumentos que utilizo para defender que as relações de alianças entre grupos organizados de torcedores no Brasil, mais que uma estratégia de crescimento ou visibilidade, consistem em formas de negociação e resistência dos grupos, interpretados como uma escolha determinante entre o **protagonismo** ou a **invisibilidade** no contexto do “futebol de espetáculo”, que atende

aos interesses do capital e prioriza o torcedor consumidor – de ingressos antecipados e produtos oficiais reconhecidos pelos clubes e seus parceiros -, e que delega aos antigos “torcedores uniformizados” e “torcedores organizados” a condição de “elementos prejudiciais e nocivos aos negócios do futebol”.

Mediada pelas entrevistas dos interlocutores – obtidos na pesquisa de campo -, e por informações obtidas em leituras de documentos públicos e discussões promovidas por instituições responsáveis pela gestão pública, a escrita do capítulo propõe-se também a revelar de que forma os grupos aliados superaram a falta de apoio financeiro e logístico dos clubes, burlam as restrições impostas por organizadores do futebol e representantes do poder público, e como conseguiram estabelecer uma política nacional de fortalecimento dos grupos, agregando novos parceiros – provenientes de outros movimentos sociais -, apoio político e novas negociações com os clubes de futebol.

O mais importante é sublinhar que não pretendo desconsiderar a parcela significativa de eventos relacionados a violência no futebol brasileiro que tem como promotores principais integrantes de grupos organizados. Isto é fato, entretanto, os motivos que os conduzem a tais manifestações agressivas devem ser avaliados a partir de interpretações que levam em consideração o contexto social do país, as omissões, a conivência e impunidade existente em torno da questão da violência, incluindo a violência nos esportes. Os estádios de futebol, assim como os bailes funk das grandes cidades, os carnavais populares de Olinda ou Salvador, as praias do Rio de Janeiro (e seus arrastões) são locais escolhidos para manifestações de revolta e de contestação, a partir de sociabilidades que adotaram a violência como um de seus repertórios, não o único.

Ao optar pela retomada de um objeto sobre o qual me detive alhures, desta feita ampliando para as possibilidades reveladas pelo campo da pesquisa e pela liberdade metodológica que a noção de “objeto construído” me possibilitam, pretendo estimular novos olhares e interpretações sobre o fenômeno dos grupos organizados de torcedores no Brasil, acreditando, assim como fez Alba Zaluar (2000) - ao revelar os pobres urbanos como vítimas de um olhar etnocêntrico, estigmatizado e homogeneizante, que lhes considera avesso da civilização, violentos, imorais e antissociais -, que é possível tornar de novo visível o que foi descoberto, mesmo para aqueles que se posicionaram sobre a temática.

## ***CAPÍTULO PRIMEIRO***

### **DE COADJUVANES A PROTAGONISTAS: AS PRIMEIRAS ASSISTÊNCIAS E A IMPORTÂNCIA DOS TORCEDORES NA POPULARIZAÇÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL BRASILEIRO**

A prática do “*futebol moderno*”<sup>18</sup> no Brasil e, conseqüentemente, o surgimento dos primeiros seguidores [torcedores] deste esporte acompanhou os passos dos principais eventos e processos históricos que deram forma ao país em sua fase republicana. Entretanto, conforme esclarecido na introdução desta Tese, não pretendo desenvolver uma narrativa da historiografia brasileira, ou mesmo do futebol no país, contudo, considero fundamental pontuar alguns dos fatos que mais repercutiram em transformações sociais e culturais, concomitantemente a chegada e popularização do futebol em território brasileiro.

---

<sup>18</sup> O *futebol moderno* corresponde a prática do jogo de bola com os pés, organizado em regras pelos ingleses, chamado de *football association*, na segunda metade do século XIX, distinguindo-se de outras práticas com bola, identificadas em várias partes do mundo, inclusive entre povos tradicionais brasileiros, antes mesmo da organização do futebol moderno. De acordo com Fábio Franzini (2009), na Inglaterra, na segunda metade do século XIX, havia dois jogos que utilizavam o mesmo objeto como peça central – a bola -; o primeiro deles indicava que a bola deveria ser conduzida até a meta adversária com as mãos, o que correspondia ao jogo do *rugby*, o qual teve seu conjunto de regras instituído em 1846 e, posteriormente consagrado com a criação da *Rugby Football Union*, em 1871; o segundo jogo, praticado com a bola conduzida pelos pés, correspondia ao *football*, que teve sua consagração através da criação, em 1863, da *Football Association (FA)*. Assim, entendido como esporte distinto do *rugby*, o *association* teve suas regras constantemente aprimoradas, no sentido de limitar o número de membros em cada equipe, estabelecer as dimensões do campo e de suas metas, definir o tempo de jogo e, sobretudo, diferenciar o permitido do proibido, surgindo em 1872 a figura do árbitro, personagem neutro cuja função é justamente lembrar aos jogadores a diferença entre uma coisa e outra (p.108).

Uma breve análise deste período possibilitou identificar que, após proclamada a **República**, em 1889, o Brasil “cheirava a café”, tendo na produção e exportação desse produto a formação de suas bases econômica e social. A **Primeira Guerra Mundial**, entre 1914-1918, trouxe consequências significativas para a economia e a política nacional, com destaque para o aumento das disparidades entre as grandes cidades e o campo, além da consolidação de São Paulo como maior centro urbano do país. A instalação da ditadura do “**Estado Novo**” (1937-1945), imposta por Getúlio Vargas; as consequências culturais e as repercussões ideológicas geradas após a **Segunda Guerra Mundial** (1939-1945); as instabilidades política e social decorrentes do **Golpe Militar de 1964**; o período ditatorial e a caminhada rumo a reabertura política brasileira (1964-1985); a **redemocratização brasileira** e **globalização mundial** com a Revolução das Tecnologias da Informação (1989, em diante); são partes de um processo cuja compreensão facilitará o trabalho interpretação das transformações sociais e culturais que repercutiram diretamente no campo futebolístico brasileiro.

As linhas subsequentes, portanto, devem ser consideradas uma contextualização do cenário onde foi gestada a prática do esporte que seria, gradativamente, apropriada e utilizada pelas classes dirigentes como símbolo de identidade nacional. Pretendo com isto destacar a importância assumida pelo futebol na sociedade e cultura do Brasil, transformado em fenômeno de massas e inserido no espectro do “futebol de espetáculo”, e, através desta trajetória facilitar a compreensão e interpretação do fenômeno dos **grupos organizados de torcedores** e, a partir destes, das **relações de alianças** estabelecidas entre esses grupos, o que se constituiu no objeto de investigação deste estudo.

## **1.1 A CHEGADA DO FUTEBOL E OS PRIMEIROS TORCEDORES (1895-1939).**

### **1.1.1 O país que o futebol conquistou**

Socialmente, o Brasil republicano nasceu com a manutenção do predomínio das oligarquias agrárias regionais, sob a influência do *coronelismo*, e a subordinação das classes subalternas, incluídos aí os brancos pobres, os negros, e os camponeses. O direito ao voto não era concedido aos analfabetos e as eleições eram marcadas por

fraudes, “votos de cabresto”, e pela violência em nome do poder<sup>19</sup>. O *latifúndio* e a *monocultura* continuavam a definir as relações de produção, e a incipiente atividade industrial também estava articulada e associada a produção cafeeira. A hegemonia política concentrava-se nas mãos dos grandes produtores de café do estado de São Paulo e de leite de Minas Gerais, caracterizando o que seria chamado de “política do café com leite”<sup>20</sup>,

Desse modo, se estabilizava a República brasileira no início do século XX, na base de muita troca, empréstimo, favoritismos, negociações e repressão. Visto deste ângulo, e como diziam os jornais satíricos de época, o país não passava de uma grande fazenda (SCHWARCZ & STARLING, 2015: p.322).

Percebendo a dependência da economia nacional em relação a produção do café, os primeiros *governos republicanos*<sup>21</sup> empenharam-se em garantir a concentração dos

---

<sup>19</sup> De acordo como Victor Nunes Leal (1949), o **coronelismo** é sobretudo “um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente dos senhores de terra. Não é possível compreender o fenômeno sem referência à nossa estrutura agrária, que fornece a base de sustentação das manifestações de poder privado ainda visíveis no interior do Brasil”. Os trabalhadores, que não possuem terra nem os meios de produção, acabam por submeterem-se aos “mandos” dos “coronéis”. Assim, criou-se o “**voto de cabresto**”, mecanismo pelo qual, em troca de uma porção de terra para trabalhar e sustentar a família, ou mesmo de serviços prestados durante o período eleitoral, como a compra de remédios e consultas médicas, o trabalhador trocava seu voto ao candidato do seu “coronel”. Para compreensão do fenômeno sugiro a leitura de LEAL, V. N. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. São Paulo: Editora Alfa-Ômega LTDA, 1949; e FERRAZ DE SÁ, M. A. *Dos velhos aos novos coronéis*. Recife: Editora Pines, 1974.

<sup>20</sup> O termo *latifúndio*, ou grande lavoura, corresponde as grandes propriedades de terra que atenderam a produção em grande escala dos produtos agrícolas que subsidiaram a economia brasileira, sobretudo nos três primeiros séculos após a colonização (HOLANDA, 2003: p.224). Inicialmente vinculada a produção da cana de açúcar, *monocultura*, a partir de 1840 o café representava o principal produto da economia brasileira, principalmente após o fim do comércio e da abolição da escravatura, que possibilitará mão de obra farta e barata. A chegada de imigrantes e a aplicação de novos métodos e tecnologias de produção fizeram com que o produto representasse 70% das exportações brasileiras na década de 1910. A “**política do café com leite**”, ou “**política dos governadores**”, correspondeu a um pacto firmado entre as oligarquias regionais que, diante da importância do café na economia nacional, manteve alternadamente na presidência nacional um representante das oligarquias paulista e mineira. Hermes da Fonseca, eleito em 1910 e representante da oligarquia do RS foi o sexto presidente civil do Brasil, e o primeiro a quebrar essa hegemonia.

<sup>21</sup> **Deodoro da Fonseca** (1889-1891), governou após a Proclamação da República, com a ajuda do Exército, e manteve o modelo baseado na monocultura voltada ao mercado externo; **Floriano Peixoto** (1891-1894), enfrentou a insatisfação e a revolta conduzida pela oligarquia do Rio Grande do Sul (Revolução Federalista) e de algumas revoltas urbanas, como a dos marinheiros do Rio de Janeiro (Revolta da Armada), mas gozava do apoio da oligarquia paulista que criou o Partido Republicano Federal, em 1893; **Prudente de Morais** (1894-1898), Primeiro presidente civil da República, manteve o modelo agroexportador; **Campos Sales** (1898-1902), a partir dele se estabeleceu a chamada política “café

investimentos na produção e comércio do produto, fazendo com que até 1913 as exportações crescessem consideravelmente e as demais regiões se submetessem à liderança do eixo Rio-São Paulo,

O desequilíbrio setorial, representado pela longa duração (cerca de um século) da preponderância do café, gerou as condições para a industrialização, para a concentração demográfica e para a urbanização do sudeste, em particular, São Paulo (MONTEIRO, 1990: p.315).

Mesmo sem afirmar que, necessariamente os processos de industrialização e urbanização correm em paralelo e dependentes, podemos perceber que no caso brasileiro a influência e importância do elemento estrangeiro, do imigrante, fez-se sentir nos dois sentidos. No recorte temporal que estamos analisando (três primeiras décadas da República), e que correspondeu à chegada do futebol moderno ao país, Ruben Oliven (1982: p.61) destacou que a formação de uma produção urbano-industrial no Brasil esteve ligada, gradativamente, ao enfraquecimento da economia colonial e ao surgimento de uma economia de mercado que possibilitou o surgimento de centros regionais, a saber: em **São Paulo**, como fruto da produção e exportação do café; no **Nordeste**, tendo a produção e o comércio do açúcar como base; e no **Sul** do país, a partir da pecuária para abastecimento nacional. Esses mercados, relativamente grandes, teriam originado o primeiro surto industrial no Brasil ainda na última década do século XIX, o que também intensificou o crescimento urbano nas primeiras décadas do XX. Neste sentido, as capitais regionais representaram etapas importantes dos “corredores de exportação” foram as que mais atraíram a população pela perspectiva do emprego (MONTEIRO, 1990: p. 312).

A cidade do **Rio de Janeiro**, que até a década de 1920 era a mais urbanizada do Brasil, teve na centralização do Império o fator principal de desenvolvimento citadino, contrariando a lógica da dependência industrial. A vida da Corte no país exigiu

---

com leite” ou “Política dos governadores”, que alternava na presidência da república representantes das oligarquias cafeeira paulista e produtora de leite mineira; **Rodrigues Alves** (1902-1906), modernizou a capital federal e instituiu políticas antipopulares, gerando movimentos como a “Revolta da Vacina”; **Afonso Pena** (1906-1909), governou priorizando o “negócio do café”; após a morte de **Nilo Peçanha** (1909-1910), que governou por apenas um ano, **Hermes da Fonseca** (1910-1914), vencedor pelo Partido Republicano Rio-Grandense, quebrou a hegemonia “café com leite” e enfrentou as oligarquias estaduais partidárias do modelo anterior.

adequações no tocante ao estilo de vida das pessoas, ao ordenamento do espaço urbano e as práticas de atividades culturais. A cidade tornou-se “cosmopolita” e as pessoas mais abastadas tentavam reproduzir os comportamentos que supunham ser da Europa (OLIVEN, 1982: p.58). Somente a partir dos anos 1920, a cidade de São Paulo assumiu a condição de principal centro urbano e econômico do país, em decorrência da produção cafeeira do Vale do Paraíba, da formação de uma oligarquia paulistana mais articulada com os investidores estrangeiros, e da farta mão de obra imigrante<sup>22</sup>,

A “Grande Cidade”, o Grande São Paulo dos nossos dias, contudo, somente se firma quando a crise de 1930 abre os olhos de capitalistas e administradores, uns voltando-se para a diversificação da produção e, principalmente, para o desenvolvimento do parque industrial, outros criando condições para que a cidade se transformasse no que é hoje em dia. (...) E o imigrante, principalmente o imigrante, nos primeiros tempos, torna-se o que era outrora o escravo: pau para toda obra (DIEGUES JÚNIOR, 1964: p.131).

Neste sentido, a historiografia e a Antropologia nacional são fartas em estudos que trataram de questões ligadas aos movimentos migratórios para o Brasil, desde o século XVI. Circunstâncias relacionadas a crises econômicas, políticas, religiosas, entre outras causas, estimularam entre a segunda metade do século XIX e início do XX um amplo projeto migratório de estrangeiros para o Brasil – com destaque para portugueses, ingleses, franceses, alemães, italianos e, entre estes, também grupos de europeus de origem judaica, além de japoneses e estrangeiros de outras nacionalidades. Buscaram as “Américas” tendo o Brasil se configurado como destino de vários destes grupos.

Alguns, dentre as pesquisas produzidas, destacaram a formação da cultura urbana a partir da criação de inovações nas práticas comerciais e industriais relacionadas ao desenvolvimento cultural e social nacional, com a incorporação de grupos estrangeiros à vida urbana das cidades. Apesar do maior contingente ter sido direcionado aos estados do Sul e Sudeste do país, outras regiões atraíram um

---

<sup>22</sup> São Paulo torna-se quase uma província estrangeira. Em 1893, dos 130.775 habitantes, pouco mais de 59 mil habitantes eram brasileiros e quase 72 mil eram estrangeiros, italianos em maioria. Até 1940 o estado de São Paulo recebeu algo em torno de 940 mil italianos (FELDMAN, 2011: p.27-28).

significativo número destes imigrantes<sup>23</sup> os quais apresentaram grande capacidade de integração social, predominantemente nas atividades formais e informais da economia. De acordo com Perruci (1978: pp. 74-75), no período compreendido entre 1900 e 1932, do total das empresas estrangeiras que se estabeleceram no Brasil, 44% eram de origem inglesa; 23% norte-americanas; 15% francesas; e 18% alemãs.

Nas três primeiras décadas do século XX algumas cidades experimentaram um processo de urbanização acelerado, se considerarmos as condições em que se verificou e, mesmo que de forma pulverizada entre as regiões, foi fortemente favorecido e alicerçado sob o capital estrangeiro. Os melhoramentos materiais que exigiam investimentos de menor vulto (iluminação, esgoto, água e calçamento) ficavam sob o encargo dos governos provinciais que os cediam, mediante contratos, a companhias privadas, geralmente estrangeiras, conforme destacou Raimundo Arrais (2004: p. 201).

Adotando a cidade de Recife-PE, como exemplo deste processo, a partir do final do século XIX e primeiros anos do século XX, percebe-se que se acentuou a concentração dos investimentos estrangeiros nas grandes obras públicas e no estabelecimento de ampla rede bancária da cidade,

Os ingleses se ocuparam das estradas de ferro, seguros, empréstimos públicos e bancos; os americanos investiram em produção agrícola e industrial e exportação de café; os franceses, em indústria açucareira, construção de portos, equipamentos de cidades, transações financeiras (bancos, sociedades financeiras e companhias de seguro) e nas estradas de ferro; os alemães, em comércio externo e setor bancário e os holandeses, principalmente, em transportes marítimos e equipamentos de portos (LUBANBO, 1991: pp. 40-41).

O projeto de um Brasil republicano e progressista incluía a adequação aos padrões europeus e extirpação de todos os vestígios da malograda herança colonial e imperial, incluindo-se as ideias *higienistas* da época que afirmavam que as cidades

---

<sup>23</sup> Renato Ortiz (2006) destacou que é interessante observar que a política imigratória, além de seu significado econômico, possui uma dimensão ideológica que é o branqueamento da população brasileira (p.31).

estavam doentes e precisavam ser curadas<sup>24</sup>. Incluído neste projeto reformador da elite estava a ação de expulsar das áreas centrais da cidade os mendigos, os esmoleres, as prostitutas e quaisquer outros grupos estigmatizados (ALCÂNTARA, 2014: p.43). Posteriormente, esse fenômeno passou a ser analisado por urbanistas e cientistas sociais a partir da noção de *Gentrification*<sup>25</sup>.

Ao discorrer sobre o processo fragmentação urbana e usos do espaço público nas grandes cidades brasileiras, a partir do exemplo da cidade de Recife-PE, Rogério Proença Leite (2001)<sup>26</sup> defendeu que no Brasil o eco das reformas urbanas chegou a partir da República, e até o início do XX marcando as principais cidades do país. É o que marcaria a “*entrada triunfal do Brasil na modernidade*” (p. 106). Nesse processo, o autor discorreu sobre o desenvolvimento urbano da cidade do Recife, desde o modelo de colonização portuguesa, passando pela administração do período holandês (1630-1654), até o citado ideal modernista, o qual marcou profundamente a arquitetura do Bairro do Recife no século XIX, atualmente conhecido como “Recife Antigo”. Como justificativa para os processos de revitalização, destaca que essas áreas “*constituem-se em espaços que perderam sua vitalidade como centro urbano voltado às práticas sociais de encontro, habitação e convívio da população*” (p.92). Assim, parte dos impactos conflitantes que as políticas de *gentrification* têm para a redefinição dos usos públicos da cidade se deve ao ato que negligencia estes moradores “invisíveis”, os quais também imprimem ao patrimônio usos e sentidos.

---

<sup>24</sup> O discurso higienista vigente na época - inserido num projeto maior de transformar a cidade do Rio de Janeiro e outras cidades do país, em reproduções do modelo urbano das principais cidades europeias do XIX -, incluía a erradicação de doenças e epidemias que assolavam as populações. Dentre as reformas promovidas no Rio de Janeiro, na administração de Francisco Pereira Passos, estava o projeto de lei que tornava obrigatória a imunização da população contra a varíola, o que acarretou na “Revolta da Vacina”, que se somou a uma série de insatisfações e manifestações sociais contra os excessos de autoritarismo e violência do poder central.

<sup>25</sup> Termo que faz referência a empreendimentos econômicos que elegem certos espaços da cidade como centralidades e os transformam em áreas de investimentos públicos e privados. Esse processo começou a ser usada em 1960, nos EUA, para designar um modelo de intervenção urbana que se expandia em larga escala em muitas cidades americanas, cuja principal característica era a reabilitação residencial de certos bairros centrais das cidades.

<sup>26</sup> LEITE, R. P. S. *Espaço público e política dos lugares: usos do patrimônio cultural na reinvenção contemporânea do Recife Antigo*. Tese (doutorado em Antropologia). IFCH, Universidade Estadual de Campinas, 2001.

O desenvolvimento da atividade industrial e da urbanização, a partir da década de 1920, também proporcionou o surgimento de setores médios, formados por funcionários públicos, profissionais liberais, padres e militares mais politizados, além do crescimento do operariado, que incluía pobres e imigrantes. Entre as décadas de 1910 e 1930 greves e manifestações sociais foram promovidas pelo **movimento operário**<sup>27</sup> de diversos estados, principalmente de São Paulo, onde surgiram organizações sindicais e muitas expressões de oposição ao “pacto oligárquico”, repercutindo em movimentos importantes como o *Tenentismo*, a *Reação Republicana*, e a *Revolução de Trinta*<sup>28</sup>.

Além de São Paulo e Rio de Janeiro, destacadas anteriormente, algumas cidades merecem registro dentro do processo de urbanização experimentado nas primeiras décadas da República. **Belo Horizonte** foi construída para ser a nova capital de Minas Gerais, em 1897, em substituição a Ouro Preto como resultado de uma disputa firmada entre a oligarquia tradicional mineira (defensora da antiga capital); e representantes dos novos projetos republicanos, que pretendiam uma cidade planejada nos padrões que reproduzisse a modernidade e o progresso das nações europeias (SILVA, 2012: p.69). Na condição de primeira cidade planejada do Brasil possuía uma população de cerca de 20 mil pessoas, por volta de 1910, pequena se comparada a outras cidades do período,

---

<sup>27</sup> Com o proletariado, em 1922 foi criado o Partido Comunista Brasileiro, que estabeleceu como sua função o papel de organizador das massas trabalhadoras. Em seguida, 1929, fundava-se a Confederação Geral do Trabalho no Brasil, que em 1º de maio de 1929 conseguiu reunir 60 mil pessoas para comemorar o dia do trabalhador e manifestar o descontentamento ao governo Washington Luís. De acordo com Schwarcz & Starling (2015), a classe operária tornou-se um novo protagonista na vida pública do Brasil, organizando-se em sindicatos, federações sindicais e diferentes tipos de organizações, culminando com a criação da Confederação Operária Brasileira, em 1906. Entre 1900 e 1920 ocorreram cerca de 400 (quatrocentas) greves organizadas em torno das mobilizações por melhores condições de trabalho e de vida, ou mesmo de natureza política (p.336).

<sup>28</sup> O *Tenentismo* foi um movimento criado por um grupo de oficiais do Exército que defendia uma maior centralização do governo federal, contrapondo-se a hegemonia da oligarquia paulista, uniformização do Legislativo e maior participação popular. Interpretado como o catalisador das esperanças de alteração da ordem vigente no Brasil durante as três primeiras décadas da República. Entre suas manifestações destacam-se o levante do Forte de Copacabana e a Coluna Prestes; A *Reação republicana* consistiu na união das oligarquias do RS, BA, PE e RJ, contra a candidatura do eixo Minas/São Paulo para as eleições de 1922; A *Revolução de 30* trouxe Getúlio Vargas ao poder e rompeu a política das oligarquias regionais inaugurando uma nova fase na história brasileira, marcada pela centralização e nacionalização dos instrumentos de controle, reproduzindo no Brasil um estilo populista de governo experimentado por outras nações latino americanas .

mas que nasceu com o potencial que a transformou numa das principais regiões metropolitanas do país.

Na **região Sul**, os estados do **Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina**, devido as características da colonização e a formação de pequenas propriedades rurais, tiveram na mão de obra imigrante a base para o desenvolvimento de mercados internos de artesãos (ferreiros, alfaiates, materiais para a medicina, etc.), e indústrias ligadas a produção têxtil, instrumentos musicais e de beneficiamento de ervas. **Porto Alegre**, além de grande centro regional, destacava-se também pelas lideranças políticas oligárquicas que seriam, ao passar do tempo, representantes da oposição a “política dos governadores”.

O **Nordeste**, marcado historicamente pela monocultura da cana-de-açúcar e pelo latifúndio, viveu na primeira metade do XX uma grande crise na produção do açúcar. A política governamental dos estados da região procurou aumentar o investimento técnico nas usinas e forçar os camponeses a uma escolha, optar entre trabalhar nas usinas de produção do açúcar ou na plantação da cana<sup>29</sup>. Sem a mão de obra imigrante, que se concentrou basicamente no Sudeste e Sul do país, e o fim do trabalho escravo, os camponeses foram os maiores prejudicados neste novo cenário da região.

Assim como ocorrido no Rio de Janeiro, **Salvador e Recife** constituíram os principais cenários de transformações urbanas no Nordeste, no intuito de alcançar o ordenamento do espaço urbano, inspirado nos ideais do progresso e modernidade europeus. **Salvador**, que até a última década do século XIX era o segundo centro urbano do Brasil, permaneceu como uma das principais cidades da região e no início da República tinha uma economia pautada na produção de fumo e algodão, possibilitada pela fartura de mão de obra do período pós Abolição. A cidade de **Recife** permaneceria como o centro mais importante do poder político do Nordeste, por abrigar parte da intelectualidade e da oligarquia açucareira, além de destacar-se na produção de tecidos e de um comércio diversificado que possibilitaram grande crescimento urbano e núcleo de referência para os estados vizinhos, principalmente **Paraíba e Alagoas**, totalmente dependentes das safras da cana de açúcar. Excetuando-se **Manaus e Belém**, que

---

<sup>29</sup> Dos cerca de 3 (três) milhões de imigrantes que entraram no Brasil entre a última década do século XIX e a década de 1920, 81% concentraram-se no Sudeste, e 14,5% na região Sul do Brasil. Dados disponíveis no Repertório Estatístico do IBGE, 1987.

experimentaram um surto de crescimento e desenvolvimento urbano até 1910, decorrente da produção da borracha, a região **Norte** permanecerá praticamente isolada e com uma economia estagnada até a década de 1970, enquanto a região **Centro Oeste**, até a década de 1940, concentrava apenas 3% da população brasileira.

### 1.1.2 A prática dos esportes no projeto modernista

Além dos aspectos destacados anteriormente, os anos iniciais do século XX registraram mudanças significativas no comportamento e no hábito das populações das cidades brasileiras. O lazer de paulistanos e cariocas de “boa família”, por exemplo, foi enriquecido com peças de teatros, provas de turfe, jogos de críquete, bailes dançantes, e uma frequência constante nos principais clubes sociais. Os esportes chegaram ao Brasil como mais uma novidade inserida na orientação de “incorporação” das boas práticas que compunham o modelo de vida europeu. A vida cultural e social intensificava-se e ganhava ares de “civildade”<sup>30</sup>. O adestramento e a aparência do corpo, neste sentido, refletiam as qualidades morais e a saúde mental, sendo estimulada a prática de exercícios físicos como uma demonstração da presença das boas maneiras e da limpeza do ser civilizado. Diversos pesquisadores da história dos esportes destacaram que ao longo do século XIX, na Europa e nos Estados Unidos, a prática dos desportos teve estreita relação com as expectativas criadas em torno da vida moderna,

(...) a estruturação do campo esportivo tem forte relação com a nova dinâmica dos tempos sociais (uma decorrência do modo de produção fabril), com o crescimento das cidades e o desenvolvimento de uma cultura urbana, com o incremento das preocupações com o corpo, com a saúde e com a higiene; enfim, com as dimensões que marcam a modernidade. (MELO, 2009: p.35).<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> Como mencionou Mary Del Priore (2009), em 1845 foi publicado um certo “manual” ou *código do bom-tom*, também conhecido como *Regras da civilidade e de bem viver no século XIX*, em Portugal, que teria sido muito bem vendido no Brasil, uma vez que ensinava como ascender à civilidade, comportando-se como a elite e como “homem cavalheiro”.

<sup>31</sup> Para uma compreensão mais detalhada e aprofundada sobre a formação e história dos esportes no Brasil, sugiro, DEL PRIORI, M.; MELO, V. A. *História do esporte no Brasil, do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

A pesquisa de Victor Melo (2009) revelou que desde as primeiras décadas do século XIX algumas atividades, mesmo não consideradas esportivas, eram realizadas com rotina nas principais cidades do Império e atraíam a atenção de multidões. No Rio de Janeiro e São Paulo, por exemplo, existem registros da prática de touradas até 1922, incorporadas aos calendários festivos das cidades e dispendo de espaços reservados e reconhecidos pelas administrações municipais, conforme pontuou o autor,

Na segunda metade da década de 1880 já existiam três praças de touros: a do Flamengo seguia aberta, uma na atual rua Voluntários da Pátria (em Botafogo) e outra em Niterói. (...) O mesmo pode se observar em São Paulo, (...), nos anos iniciais do século XX, existiam naquela cidade duas arenas, uma na Praça da República (antigo Largo dos Curros) e outra em um espaço na atual Avenida Brigadeiro Luís Antônio (2009, p.43).

A influência cultural da grande comunidade de estrangeiros nestas cidades, também possibilitou o gosto pela prática do **turfe** – corrida de cavalos –, e do críquete nos clubes sociais<sup>32</sup>. O **remo** foi outra prática que logo caiu no gosto dos cidadãos. Pesquisas sugerem que o primeiro clube de regatas foi fundado em 1888, por alemães, no Rio Grande do Sul (ROSENFELD, 2007: p.76), e que a prática deste esporte era realizada no Rio de Janeiro desde a segunda metade do século XIX, alcançado uma projeção que motivou a criação da Federação Brasileira de Sociedades de Remo, ainda em 1902, momento em que já era praticado em outros estados do país, como **Pará, Espírito Santo, Pernambuco e Bahia**, além de **São Paulo** (MELO, 2009: p.60)<sup>33</sup>.

Importante para a compreensão da introdução da prática dos esportes no Brasil, a pesquisa de Carmem Lucia Soares (2009) revelou que a ginástica foi inserida no país a partir da propagação da ideia de “educação dos corpos”, como expressão da cultura e da

---

<sup>32</sup> Conforme destacou Victor Melo, no final da década de 1880 e início do século XX, o Rio de Janeiro possuía cinco clubes de Jockey, sendo o mais antigo deles o Jockey Club, ainda em atividade. Outras cidades, segundo o autor, também criaram seus hipódromos, como: Campos (RJ), Juiz de Fora (MG), Petrópolis (RJ), Manaus (AM), Sobral (CE), Salvador (BA), Recife (PE), Curitiba (PR), e Porto Alegre (RS), este último inaugurado em 1872, antes mesmo do de São Paulo, que foi inaugurado em 1875.

<sup>33</sup> Gostaria de destacar que alguns dos principais clubes da atualidade no futebol brasileiro, de vários estados diferentes, tiveram suas criações associadas a prática do remo, a exemplo do Náutico (PE), Clube do Remo (PA), Vitória (BA), Flamengo, Vasco da Gama e Botafogo (estes últimos no Rio de Janeiro), dentre outros.

vida urbana. Protagonista na cidade, a ginástica foi personagem central deste novo cenário educativo desta nova ordem normativa e mesmo disciplinar em que o corpo era a superfície de inscrição mais imediata de novos códigos e comportamentos (p.144). Destacando ainda aquela autora que a influência da imigração alemã foi decisiva neste aspecto, e que na região Sul a presença da ginástica ocorreu de forma concreta em todos os estados, culminando na criação, em 1895, da *Federação Alemã de Ginástica do Rio Grande do Sul*<sup>34</sup>.

A partir das condições históricas apresentadas gestaram-se fatores que viabilizaram a formatação de um novo *ethos*, cidadão e modernista, a partir do fluxo de imigrantes, do crescimento da indústria e do processo de urbanização das principais cidades do país (conseqüentemente com aumento populacional), os quais garantiram um ambiente propício ao estabelecimento do campo esportivo no Brasil, acompanhando uma dinâmica semelhante a que ocorrera nos principais países europeus, o que, para Rosenfeld (2007), “criaram as condições psicossociais prévias do esporte” (p.76). E foi neste cenário que o futebol foi introduzido e se estabeleceu no território brasileiro.

### 1.1.3 As narrativas hegemônicas sobre a origem do futebol brasileiro

O futebol foi introduzido no Brasil em um período marcado pelo aprofundamento das desigualdades regionais e pela concentração do poder político e econômico na Região Sudeste, com alguns outros núcleos de cidades importantes pulverizados por outras partes do país, entretanto, com as condições necessárias a prática do esporte então estabelecidas. Além do incentivo à cultura dos esportes e a propagação do ideal da saúde associada a civilização, símbolos da modernidade europeia, a dependência brasileira em relação ao capital simbólico e econômico daquele continente, notadamente inglês, preparou o terreno para a chegada do futebol no país, em fins do século XIX. Desta forma, como prática social popularizada, o campo esportivo necessitava alcançar as prescrições escolares e difundir-se como requisito necessário à formação do “bom cidadão”, necessitando ser “orientado e pedagogizado,

---

<sup>34</sup> Como exemplos, destaco que no **Sudeste** os alemães deram origem a um dos principais clubes de São Paulo do início do século XX, o *Sport Club Germania*, fundado em 1899 e, no **Nordeste**, criaram em Recife o *Deutscher Klub Pernambuco*, fundado em 1920, ativo ainda hoje.

*transformado em método*”, nos termos utilizados por Meily Assbú Linhares (2009: p. 342).

Analisada nesta perspectiva, é sabido que desde a transição do Império para a República a introdução da prática desportiva no país fez parte das discussões sobre a realidade e a qualidade do ensino brasileiro. Isso possibilitou o surgimento de várias propostas de reformas no ensino nacional, sobretudo aquelas nascidas de personalidades que se destacavam como “homens de cultura e de saber”, dentre os quais o Deputado Rui Barbosa. Partícipe da elite identificada com os ideais republicanos europeus - que defendia a introdução da “prática de exercícios ao ar livre” nas escolas primárias, proporcionando harmonia entre os músculos e o desenvolvimento da moral<sup>35</sup> -, Rui Barbosa considerava que o corpo e seu potencial refletiam qualidades morais como a honestidade e o equilíbrio. Boas maneiras e capacidade para exercitar-se eram sinônimas de boa disposição mental e de plena cidadania.

Existem vários registros na literatura demonstrando que as principais instituições de ensino da época, restritas aos filhos da elite brasileira, inspiradas pelo ideal do “corpo sadio, mente sadia”, buscaram na Europa modelos de práticas desportivas que se adequassem ao perfil dos estudantes e da proposta do governo, sendo o futebol uma das alternativas encontradas pelos educadores brasileiros. Assim, a chegada do futebol foi atribuída, por alguns pesquisadores, a introdução da prática deste esporte nas escolas brasileiras,

No estado de São Paulo, uma das escolas que mais se destacou na introdução de novas práticas esportivas foi o colégio jesuíta São Luiz, localizado na cidade de Itu, distante cerca de 70 Km da capital e fundado em 1861. (...) De 1879 a 1881 – e portanto antecipando-se ao parecer oficial e ao movimento geral das instituições de ensino -, os jesuítas de Itu visitaram grandes colégios na Europa. Na França, estiveram no Colégio de Vannes, onde já era praticado o futebol, e lá fizeram contato com o padre Du Lac, grande defensor da introdução do futebol inglês nas escolas. A seu ver, o futebol reunia virilidade e

---

<sup>35</sup> O objetivo das reformas introduzidas no final do Império foi substituir a escola que servia aos interesses da fé pela escola útil aos fins do Estado. A Constituição de 1891 foi omissa em relação a gratuidade e garantia da educação, deixando nas mãos dos Estados a obrigação com o ensino primário. Na Primeira República se colocou em xeque o modelo educacional herdado do Império, que privilegiava a educação da elite em detrimento a educação popular, assim, somente a partir da década de 1930 foram introduzidos alguns princípios que garantiam a gratuidade e obrigatoriedade do ensino de 1º grau, direito a educação, liberdade de ensino, e ensino religioso de caráter interconfessional.

moral na medida certa, formando jovens saudáveis e bons cidadãos (Santos Neto, 2002: pp15-18).

O futuro reitor do Colégio Jesuíta de Itu, **José Mantero**, que visitara as escolas europeias e trouxera duas bolas da Europa – chamadas bolas inglesas -, teria introduzido a prática do futebol e outras atividades desportivas no colégio, entre os anos de **1880 e 1890**. A modalidade praticada com as bolas chamava-se, inicialmente, “bate bolão na parede” e, posteriormente, passou a ser realizada por dois grupos, ou equipes, de alunos com o objetivo de levar a bola até a parede do time oposto, fazendo-a entrar no espaço pintado e delimitado. Percebendo o sucesso da atividade, em 1894 a prática do futebol no colégio contava com duas traves e adoção das regras do *futebol moderno*, ou *association football* – organizado pelos ingleses sob um conjunto de regras e a formação de dois times com 11 (onze) componentes, cada<sup>36</sup>.

Na mesma direção, Rosenfeld sinaliza que foram os colégios que muito cedo se tornaram as forjas de futebolistas: em escolas como os colégios militares, o Ginásio Nacional, o Alfredo Gomes, o Abílio, o Anglo-Brasileiro, onde “*o futebol era quase uma matéria obrigatória*” (2007:p.78). Reforçando ainda, Santos Neto, ao associar a chegada do futebol com o contexto histórico social do país, durante a transição do Império para a República, que se tratou de uma escolha inserida no projeto de reforma do sistema de ensino, sob influência, condução e estímulo dos educadores religiosos, expandindo-se em seguida a diversas partes do país, através de ex-alunos das escolas tradicionais e elitizadas. Assim, na condição de ferramenta de apoio pedagógico, sem caráter competitivo, o futebol teria sido introduzido no Brasil,

Obviamente, enquanto foi uma atividade recreativa restrita a colégios, o futebol não mereceu qualquer atenção da imprensa. Além disso, deve-se ter em conta a força cultural desses grupos socialmente dominantes, contumazes inventores de tradições, bem como o fato de os primeiros arquivos sistematizados serem provenientes dos clubes e das ligas que os reuniam. (SANTOS NETO, 2002: p.32).

---

<sup>36</sup> De acordo com Santos Neto (2002), as duas bolas inglesas ou *ballon anglais* que foram trazidas pelo Padre José Mantero, eram formadas por câmaras de ar e envolvidas por couro, porém, à medida que as câmaras importadas foram se desgastando foram substituídas por bexigas de boi, pelos Jesuítas (p.19). Na Inglaterra também coube aos ex-alunos dos internatos, colégios e faculdades (os *oldboys*) a divulgação do futebol e elaboração dos primeiros regulamentos.

Destarte, a hipótese da introdução da prática do futebol no Brasil pelos padres Jesuítas, ainda na década de 80 do Século XIX - como atividade vinculada aos interesses pedagógicos -, colide com aquela aceita e defendida por grande parte dos pesquisadores do futebol brasileiro que atribuem a “paternidade” ao brasileiro **Charles Miller**, que teria promovido a primeira partida de futebol no país em **14 de abril de 1894**, na cidade de São Paulo<sup>37</sup>. Esses pesquisadores, acompanhados pelos representantes dos principais clubes do eixo Rio de Janeiro/São Paulo, contribuíram para legitimar a primazia de Charles Miller como a narrativa hegemônica sobre a origem da prática do futebol no país, sendo reproduzida em vários estudos que trataram da introdução deste esporte, e por isto, a mais aceita e reproduzida no senso comum, ainda hoje.

Mesmo entre alguns autores que reconhecem o vínculo do futebol ao projeto de reforma educacional do país, como prática desportiva - transplantado da Europa ainda na década de 1880 -, o discurso legitimador da primazia de Charles Miller é reproduzido e reforçado como mito originário, conforme identificamos em Rosenfeld, destacado anteriormente neste trabalho,

O futebol foi transplantado para o Brasil por Charles W. Miller, um brasileiro de origem inglesa. Aos dez anos de idade, Miller voltou a São Paulo, em 1894, trouxe em sua mala uma bola de futebol. Para difundir o futebol entre os ingleses, que viviam em São Paulo e jogavam cricket, Miller entregou-se a uma fervorosa atividade de missionário. O primeiro círculo que cultivou o jogo numa forma organizada foi formado por sócios de um clube inglês – o São Paulo Athletic Club, que havia sido fundado para a prática do cricket e ao qual Miller se associou. (1973: pp. 62-63).<sup>38</sup>

Esta premissa estabeleceu ainda que vários estudantes, filhos da elite nacional, numa lógica idêntica àquela atribuída ao pioneirismo de Charles Miller, após terem contato com o esporte na Europa foram responsáveis pela divulgação e propagação do futebol por várias partes do Brasil, principalmente através dos clubes das elites ou mesmo com a formação de novos clubes exclusivos para a prática do esporte,

---

<sup>37</sup> Fazem parte desse grupo Rosenfeld (1973); Gordon Jr. (1996), Murad (1996), Becker (2012), Reis (2006), entre outros importantes pesquisadores do futebol brasileiro.

<sup>38</sup> **O futebol no Brasil**. In: *Revista Argumento*, nº 4, Editora Paz e Terra, 1973, Rio de Janeiro, p.22.

A organização dos clubes de futebol, neste momento, ou a simples inserção deste esporte em clubes preexistentes, expressa as divisões da estrutura social e a transformação de limites sociais em fronteiras simbólicas, que utilizam o futebol como veículo. Agrupando seus adeptos por similitude, os clubes criados para a prática do futebol tenderiam, à primeira vista, a fortalecer e cristalizar tais divisões (GUEDES, 1977:p.106).

Dentre os possíveis pioneiros e seus locais de introdução, especulam-se, Oscar Cox (1897, no **Rio de Janeiro**); Thomaz Scott (1900, em **Campinas-SP**); Zuza Ferreira (1901, em **Salvador**); Guilherme de Aquino Fonseca (1903, em **Recife**); Victor Serpa (1904, em **Belo Horizonte**); Joaquim Moreira Alves dos Santos – apelidado de “Nhozinho” – (**São Luis-MA**, em 1907); o que teria proporcionado ao futebol, no início da segunda metade da década de 1920 uma popularidade que superou a hegemonia do remo, em todo o país.

Contudo, se por um lado, Santos Neto (2002) defendeu que por intermédio de ex-alunos das escolas religiosas paulistanas o futebol foi difundido para a capital de São Paulo e, posteriormente para Uberaba/MG e Salvador/BA, também sinalizou aquele autor que em 1895 se praticava o futebol no Colégio de Petrópolis, dirigido por Padres Vicentinos, bem como no Ginásio Nacional (Colégio D. Pedro II), ambos no Rio de Janeiro<sup>39</sup>. Além disso, o mesmo autor destacou que existem registros da prática do futebol por parte de funcionários escoceses e brasileiros na linha Jundiaí-São Paulo, todos funcionários da *São Paulo Railway*, como também entre os ferroviários da *Companhia Paulista*, já em 1892 (Santos Neto, 2002: p.36), ou seja, antes de Charles Miller.

Sabe-se também, conforme revelam os estudos sobre a Educação no Brasil, que os mesmos Jesuítas que introduziram a prática do futebol no Colégio de São Luís, em Itu/SP, desde **1759** mantinham cerca de dezoito colégios e seminários localizados em

---

<sup>39</sup> Essa informação também foi citada por Laércio Becker (2012: p.6), quando apresentou o regulamento do Ginásio Nacional, de 1892: “São permitidos como jogos escolares: a barra, a amarela, o futebol, a peteca, o jogo da bola, o cricket, o lawn-tennis, croquet, corridas, saltos e outros, que a juízo do diretor, concorram para desenvolver a força e destreza dos alunos, sem pôr em risco a sua saúde” (apud Penna Marinho). Outros pesquisadores também fizeram referências sobre a presença do futebol, no final do século XIX, como prática escolar em todo o país, dentre os quais Caldas (1990), Guedes (1998), Rosenfeld (2007), Franzini (2009), Linhares (2009).

idades importantes da época; como Salvador/BA, Rio de Janeiro/RJ, Olinda/PE, Vitória/ES, Florianópolis/SC (então, Desterro), Fortaleza/CE, Porto Seguro/BA, João Pessoa/PB, entre outros (PILETTI, 1997: p.33). O que não inviabiliza acreditar que o modelo educacional adotado na escola do interior de São Paulo, inclusive com a introdução do futebol, fosse igualmente aplicado em outras unidades escolares administradas pelos religiosos. Também destaquei que em várias partes do país ocorreram investimentos estrangeiros em obras públicas com abundante mão de obra imigrante, dentre os quais se destacavam as empresas responsáveis pela construção de portos e estradas de ferro, com grande participação de ingleses – praticantes assíduos do futebol.

Na mesma direção, Laércio Becker (2012: pp. 7-8) apresentou algumas citações sobre registros que sugerem a prática do futebol no país antes de 1894, e que contestam a data defendida pela narrativa hegemônica: pesquisadores do **Pará** reivindicam que o futebol teria sido praticado inicialmente por sócios do *Club de Esgrima*, em 1892, sob a liderança de João Luis de La Roque, e que posteriormente partidas eram disputadas em Belém, na Praça Batista Campos. Os paraenses defendem ainda a possibilidade de funcionários ingleses de três companhias - *Amazon Steam Navigation Company Ltd.*; *Parah Gaz Company*; e *Western Telegraph* -, praticarem o futebol ainda em 1890; Em **Juiz de Fora (MG)**, de acordo com o *Atlas do Esporte no Brasil*, foram disputadas partidas de futebol em 1892, organizadas pelo Instituto Granbery, ligado à Igreja Metodista; Em **Santana do Livramento (RS)**, partidas foram disputadas entre 1889 e 1890, cujos jogadores teriam depois fundado o Esporte Clube 14 de julho, em 1902. Ao passo que Roberto Ramos defendeu enfaticamente que, apesar versão atribuída a Charles Miller,

Não existe dúvida sobre a realização da primeira partida oficial no Brasil. Ela aconteceu no dia 19 de julho de 1900 no Rio Grande do Sul. O Esporte Clube Rio Grande, o mais antigo time do país, enfrentou a tripulação do navio Inglês Nimphe, ancorado no Porto de Rio Grande. O resultado foi 2 a 2 (1984: p.27).

Ao relatar a introdução do futebol na cidade de Campinas-SP, Santos Neto (2009: p.70) destacou que coube a João Scott, filho do fundador da *Associação Atlética*

*Ponte Preta*<sup>40</sup>, criada em 1900, levar a prática do futebol ao Ginásio Estadual de Campinas, ou seja, perfazendo um caminho contrário ao que se costuma registrar nas literaturas especializadas. Estes argumentos sugerem que, popularizado entre os operários e funcionários das ferrovias, foi levado posteriormente ao interior das escolas de Campinas, conforme demonstro na **Figura 1**, adiante.

Desta forma, diante de várias versões e narrativas sobre a primazia da chegada do futebol ao Brasil, penso haver dados suficientes para, além de questionar a narrativa hegemônica atribuída a Charles Miller, sugerir pontos importantes que sinalizam novas possibilidades para os estudos da “**arqueologia do futebol no Brasil**” - mesmo não sendo este o momento e espaço mais adequados. Entretanto, diante das possibilidades aqui apresentadas, as versões mais discutidas por pesquisadores podem ser visualizadas através da **Figura 1** – abaixo -, seguido pelas deduções correspondentes:

**Figura 1 – Versões para a chegada e popularização do futebol no Brasil**



<sup>40</sup> A Ponte Preta, tradicional clube do futebol brasileiro, foi fundada pelo escocês Thomaz Scott, contramestre das oficinas da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, que, juntamente com seu filho, João Scott, após terem sido transferidos de Campinas fundaram, na cidade de Jundiaí, o Jundiahy Football Club, em 1902, composto basicamente por ferroviários. (SANTOS NETO, 2009: p.71).

a) **Narrativa hegemônica** que outorga a primazia a Charles Miller – seguido por outros “pioneiros” em partes distintas do país -, aceita-se que a introdução deste esporte foi consequência de iniciativas individuais, uma tentativa de reproduzir no interior de cada sociedade uma prática com a qual tiveram contato na Europa durante seus estudos. Consideradas estas narrativas hegemônicas, o futebol teria seguido o seguinte fluxo introdutório no Brasil: [1] **pioneiros** (filhos das elites locais), [2] **clubes sociais** e/ou **clubes de futebol**, frequentados e/ou criados pelos pioneiros, [3] **popularização**, em seguida, chegando aos bairros periféricos das cidades;

b) Importação do futebol como parte das iniciativas que compuseram o projeto de **reforma educacional brasileira**, ou seja, o esporte enquanto ferramenta de apoio pedagógico, assim introduzido entre 1880 e 1890, através de educadores religiosos, aceita-se que a introdução deste esporte foi obra de iniciativa coletiva e institucional, gestada a partir de contatos anteriores com o esporte, que já era praticado na Europa. Esta versão está representada pelo fluxo: [1] **Escolas** (iniciativas dos padres jesuítas), [2] **clubes de futebol** (através de ex-alunos), [3] **popularização**;

c) Sugestão de **outras possibilidades** de introdução do futebol no Brasil poderá ser construída a partir dos registros da prática do esporte em várias partes do país, ainda durante a década de 1880, associada ao lazer dos funcionários estrangeiros que se concentravam nas empresas de telefonia, companhias ferroviárias e elétricas. Fontes primárias (relacionadas aos governos locais e as próprias empresas) constituem-se fundamentais para isso. A pesquisa evidenciará que a introdução do futebol no Brasil seguiu uma lógica distinta daquela que está presente nas duas anteriores, ou seja: [1] praticado por **operários e técnicos de empresas estrangeiras**, [2] **popularização** entre as comunidades que abrigaram as respectivas obras, [3] **escolas**, onde teria recebido o “disciplinamento” necessário ao projeto de reforma educacional, mencionado, chegando posteriormente, ou mesmo concomitantemente, aos clubes.

Com base nestas versões e narrativas da chegada do futebol no Brasil, algumas partidas são referenciadas na literatura especializada sobre a história do futebol

brasileiro, e são usadas para exemplificar o sucesso e a adesão de simpatizantes em torno do novo esporte. Conforme afirmado, os seguidores da versão hegemônica – alusiva a chegada do futebol ao Brasil – defendem que em **14 de abril de 1894**, Charles Miller promoveu a primeira partida do *football association* na cidade de São Paulo, entre equipes formadas por funcionários da Companhia de Gás (*Gas Works Team*) e funcionários da *São Paulo Railway Team*. Por essa época, segundo Franzini, existiam 05 (cinco) clubes dedicados a prática do futebol na cidade: O São Paulo Athletic (criado em 1888); Associação Athletica Mackenzie College; Sport Club Germania; Sport Club Internacional; e o Club Athletico Paulistano; os quatro últimos criados na segunda metade da década de 1890, exclusivamente para a prática do futebol (2009: p. 116). Em **5 de março de 1899**, um clube criado pelo alemão Hans Nobiling - o Quadro Hans Nobiling, fundado em 1897 -, teria enfrentado o time da Associação Atlética Mackenzie College, criada em 1889, pelo americano Augusto Shaw (CALDAS, 1990: p.136). Esta partida, complementou Rosenfeld, “foi realizada perante um **público surpreendentemente numeroso de sessenta “torcedores”** (fãs de futebol)” [2007: p.77].

No dia **19 de outubro de 1901**, segundo Laércio Becker, ocorreu o primeiro confronto da história entre paulistas (representados pelo *São Paulo Scratch Team*) e cariocas (*Rio Team*), com a disputa sendo realizada no campo do São Paulo Athletic Club (2012: p.23). Esta partida teria possibilitado um encontro histórico: Charles Miller, jogando pelo time dos paulistas e Oscar Cox – suposto introdutor do futebol no Rio de Janeiro -, jogando pelos cariocas. Especula-se que nesta partida **aproximadamente 500 pessoas** compareceram ao local para assistir ao jogo, um recorde para a época, principalmente pelo horário de início, 4 horas e 55 minutos da manhã<sup>41</sup>.

Esses exemplos também ajudam a perceber que nas principais cidades brasileiras, à medida que o futebol se popularizava, além da participação de integrantes das camadas populares na assistência, organizaram vários times de bairros como possibilidade e alternativa de um espaço para a prática e a sociabilidade deste esporte

---

<sup>41</sup> As informações relativas ao encontro de Charles Miller e Oscar Cox, como também o horário de início da partida, estão disponíveis em <<http://www.campeoesdofutebol.com.br>>, acessado em 10/04/15. Segundo Santos Neto (2002: p.40), foi o alemão Hans Nobiling que fundou em 7 de setembro de 1899 o **Sport Club Germania**, possivelmente sucedeu o time que levava o nome do criador. O Germania foi criado para representar a colônia alemã na cidade de São Paulo.

que, na modalidade de competição, achava-se restrito aos clubes elitizados. Esta prática passou a ser reconhecida como “futebol de várzea”, correspondendo ao que Arlei Damo (2007) convencionou chamar de “*matriz comunitária*”, onde o Futebol, ou melhor, as práticas futebolísticas, são praticadas a partir de uma estrutura socialmente reconhecida, denominada *unidade futebolística*, onde articulam-se diferentes maneiras de práticas, estas agrupadas no que chamou aquele autor de *matrizes*<sup>42</sup>. Desta forma, o “futebol de várzea”, maior expressão da *matriz comunitária*, tem a presença de quase todos os componentes do espetáculo, variando apenas na escala como aparecem.

## 1.2 AMADORISMO, POPULARIZAÇÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO

### 1.1.1 As primeiras ligas e a divisão social nos estádios

Praticado em algumas cidades do Brasil, principalmente na primeira década do século XX como uma atividade “prioritariamente” vinculada aos homens da elite e aos estrangeiros residentes no país, o futebol não demorou a cair no gosto da juventude, de todas as camadas sociais, logrando sucesso rápido e superando o prestígio dos esportes mais difundidos e praticados até então<sup>43</sup>,

As filhas de boas famílias, que de início haviam dirigido sua homenagem aos remadores musculosos, voltaram decididamente sua predileção para os lestos e igualmente intrépidos jogadores de futebol, cujos clubes começaram a desenvolver uma animada vida social. Nos

---

<sup>42</sup> As matrizes sugeridas por Damo (2006:pp. 36-44), além da *comunitária*, foram assim definidas: a) a *espetacularizada* – que corresponde ao futebol profissional, destacando-se a organização monopolista, globalizada e centralizada, na figura da Federação Internacional de Futebol Association (FIFA) e suas afiliadas, controlando ainda as regras, as negociações de jogadores, e a organização das competições oficiais. O Futebol de espetáculo, destaca-se pela divisão social do trabalho, dentro e fora de campo, com a definição de papéis. A exibição se dá na forma de um confronto espetacularizado, e que tem na separação entre vencedores e perdedores o ponto fundamental para a produção e circulação da emoção dos torcedores; antes, durante e depois do espaço-tempo do jogo propriamente dito -; b) a *bricolada* – onde admite-se as mais diversas variações a partir da unidade futebolística, não havendo agência de controle, admitindo-se improvisos e variações. É o futebol das peladas, jogado sem definição de quantidade de jogadores, e o jogo perdura de acordo com a disposição dos atletas e condições climáticas, e cujas regras são arbitradas pelos praticantes -; c) *escolar* - que corresponde ao futebol praticado nas escolas, na condição de componente do conteúdo curricular das disciplinas de Educação Física. Também é praticado nos clubes esportivos através das “escolinhas de futebol”.

<sup>43</sup> Ao contrário do que ocorreu na Inglaterra, onde o rugby foi mais praticado entre as camadas superiores e o *association* entre as camadas populares, em especial no meio operário, no Brasil o futebol foi difundido a partir das elites e, posteriormente, ganhou os braços das camadas populares.

jogos de cidade para cidade os representantes de clubes distintos como o Fluminense (Rio) ou do Paulistano viajavam com o *smoking* na mala e se alojavam nos melhores hotéis (ROSENFELD: 2007: p.80).

Quando destaquei o termo “prioritariamente” o fiz por entender que no Brasil a prática do futebol não foi exclusividade das elites, mesmo considerando que ocorreram contínuos e constantes esforços para isso, além de nítidas evidências de uma latente e explícita discriminação contra as camadas pobres e, particularmente, no caso da população negra, o preconceito racial<sup>44</sup>. Também é verdade que a lógica do quanto melhor a condição social e econômica, maior a probabilidade de o jogador ser amador, governava a prática dos esportes (SOARES, 2001: p.39) e, neste sentido, o amadorismo era visto como indicativo de *distinção social*. É neste aspecto que Helal (2001) ratificou o amadorismo – explícita ou implicitamente – era a defesa de um futebol não-negro, fechado às classes populares, circunscrito às elites urbanas, e assim, o fato de que, eventualmente, alguns jogadores negros penetrassem nesse “espaço defendido” não invalida o quadro geral de fechamento (p.65).

Em todas as relações sociais a popularidade alcançada pelo futebol, agregada ao seu caráter modernista e elitista fez com que se tornasse local de explícitas demonstrações de preconceito racial,

A popularidade que o futebol conseguiu no curto espaço de tempo, agregado ao seu caráter de esporte moderno, fez com que ele se tornasse um cenário de explícitas demonstrações de racismo. Era fácil perceber, no contexto da cidade que emergia, o esforço em fixar rótulo de inferioridade nas camadas populares. No caso dos negros, direta ou indiretamente, essas marcas foram constantes e alcançavam esse grupo de diversas formas (SANTOS, 2009: p.200).

---

<sup>44</sup> As representações culturais a respeito das relações entre as raças manifestavam-se dentro do universo futebolístico, assim como na sociedade brasileira em geral (HELAL, 2001:p.56). É desta forma que o futebol torna-se um espaço privilegiado para investigar tais temas e contextos sociais, uma vez que foi utilizado na construção da nossa identidade nacional.

Registra-se que uma das maiores demonstrações de tensão racial no futebol brasileiro foi atribuída ao Presidente da República Epitácio Pessoa. Até a década de 1920 a maior conquista do futebol brasileiro foi o campeonato sulamericano de 1919, disputado no Uruguai. Segundo Caldas (1990), antes da convocação da seleção brasileira que representaria o país na competição continental de 1921, a ser disputada na Argentina, o Presidente da República praticamente escalaria a seleção, proibindo a Confederação Brasileira de Desportos de incluir negros na delegação que iria disputar o campeonato. A proibição não foi feita em público, ocorrendo através de um encontro entre o Presidente e Oscar Costa (CBD). As justificativas, apesar de dissimuladas, não convenceram, uma vez que seria muito difícil encontrar argumentos para formar um time só de brancos, quando despontavam negros talentosos para o futebol (p.104). Dentre os argumentos apresentados pelo presidente - e que não poderiam ser contestados pela imprensa ou por qualquer cidadão, já que o país se encontrava em Estado de Sítio -, os principais seriam:

O primeiro argumento era a imagem do “escravo negro” ainda estava muito presente na sociedade; a derrota da nossa seleção com negros jogando poderia criar um problema de animosidade ainda maior por parte dos brancos, que responsabilizariam os negros pelo insucesso do nosso time, e o preconceito seria ainda maior; poderia comprometer a identidade do negro com a cultura nacional brasileira e até criar um problema diplomático entre o Brasil e a Argentina, já que em Montevideu, mesmo sem negros, e com apenas o mulato Friedenreich e outros, a torcida e os jogadores uruguaios e argentinos apelidaram e chamavam os jogadores brasileiros de “macaquitos”, então, para preservar a imagem do negro brasileiro e, por extensão do próprio povo brasileiro, o Presidente determinou a não convocação de negros (idem: p.104).

Apesar da ideologia amadora e da hegemonia das classes dirigentes no universo do futebol nacional, alguns clubes foram criados na cidade do Rio de Janeiro e no interior de São Paulo, ainda na transição para o século XX. Dentre estes clubes merecem destaque o **Sport Club Savóia**, fundado em 1900, em Sorocaba-SP; e a **Associação Atlética Ponte Preta**, criada em Campinas-SP, em 11 de agosto de 1900, cujas equipes contavam com “homens de cor” e funcionários pobres (estrangeiros e brasileiros) em suas composições. No Rio de Janeiro, dois clubes são citados na literatura como exemplos que ajudaram a criar um “relaxamento das tensões raciais”

(HELAL & GORDON, 2001: p.64) no futebol brasileiro. Criado em 1904 por ingleses da Companhia Progresso Industrial do Brasil, uma fábrica de tecidos localizada no bairro que deu nome ao time, o *The Bangu Athletic Club* desde seus primeiros dias foi marcado pela presença de operários da fábrica, somados aos ingleses que participavam dos cargos mais importantes da Companhia de tecidos<sup>45</sup>,

Em pouco tempo, o time de futebol já era mais conhecido do que a fábrica. Assim, possuir um time vitorioso passou a ser vital para a Companhia Progresso Industrial. Até o critério de admissão na fábrica sofreria algumas pequenas mudanças. Agora, a preferência era não apenas pelo bom profissional, mas também pelo trabalhador que jogasse bem futebol, incluindo negros (CALDAS, 1990:p.31).

O segundo exemplo carioca vem do *Vasco da Gama*, um time de subúrbio da cidade formado basicamente por cidadãos da classe média, sobretudo portugueses, e proletários da Zona Norte do Rio. O título do campeonato da Liga Carioca, conquistado em 1923 pelo Vasco, é considerado um marco simbólico para o processo de profissionalização do futebol brasileiro, conforme analiso adiante.

Dentre as possibilidades que justificam a popularidade alcançada pelo futebol, destaca-se o fato de ser um esporte coletivo, sem exigências de atributos físicos que diferenciam os jogadores, podendo ainda ser jogado em qualquer local e horário, bastando a reunião de dois grupos, uma bola e a disposição. Para o historiador Nicolau Sevcenko (1994) o futebol, diferentemente de outros esportes, admite ainda o acaso e o imponderável e, principalmente, por ser bastante acessível, compreensível e emocionante, “*o futebol se presta maravilhosamente para consolidar vínculos de identidade plenos de carga afetiva*” (apud Frazini, 2009: p.109). O sucesso do futebol foi sentido nas escolas, como prática pedagógica; nos clubes sociais da elite, como

---

<sup>45</sup> Um dos possíveis motivos apresentados para a quebra deste paradigma em Bangu, seria a distância do bairro em relação ao centro da cidade, o que dificultava a chegada de outros ingleses e estrangeiros para jogarem no campo da fábrica, assim, os operários foram introduzidos para possibilitar a formação de duas equipes e a realização dos treinamentos. Segundo Caldas (1990), essa “contingência” pode ter sido fundamental para a democratização no clube. O jogador-operário passou a ter privilégios em relação aos não-jogadores, como sair mais cedo para treinar, carga horária menor, além de promoções mais rápidas. O jogador era um veículo de divulgação da empresa, uma vez que o time viajava constantemente para jogar, complementou (p.29). Para Simoni Guedes (1977), forçados pelas condições específicas em que viviam, os mestres ingleses do Bangu ensinaram aos brasileiros pobres a jogar futebol (p.108).

atividade de lazer; e entre trabalhadores das fábricas e prestadores de serviços; crescendo em número de praticantes e de simpatizantes, que desde cedo reuniram-se em torno dos campos de jogo para apreciar a novidade,

O futebol se vulgarizava, se alastrava como uma praga. Qualquer moleque, qualquer preto podia jogar futebol. No meio das ruas, nos terrenos baldios, onde se atirava lixo, nos capinzais. Bastava arranjar uma bola de meia, de borracha, de couro. E fabricar um gol, com duas maletas de colégio, dois paletós bem dobrados, dois paralelepípedos, dois pedaços de pau. (RODRIGUES FILHO, 2003: p.50).

O crescimento do interesse pelo futebol e, conseqüentemente, de seguidores dos clubes reconhecidos pelas classes dirigentes, bem como a aproximação das camadas populares com a sua prática através do crescimento do número de “times de várzea”, gerou reações por parte dos representantes dos principais clubes de São Paulo e do Rio de Janeiro, os quais consideravam-se os legítimos organizadores e detentores do direito de praticar o esporte no país, e insistiam na manutenção do amadorismo como uma condição que lhes garantia, ao menos temporariamente, a hegemonia e a distância dos “elementos indesejados”. Descontentes com a “vulgarização” do esporte criaram ligas e organizaram competições que limitavam a participação de equipes de origem popular e, principalmente, de jogadores negros (FRANZINI, 2009: p.122).

Segundo registros, em 1901 foi criada a **primeira liga de clubes do país**, a *Liga Paulista de Football*, fundada em 13 de dezembro, que no ano seguinte organizaria o primeiro campeonato paulista de futebol, cuja partida final, entre as equipes do *São Paulo Athletic Club* e do *Paulistano*, no estádio do velódromo, teria registrado um público aproximado a **quatro mil pessoas**<sup>46</sup>. Em seguida foram criadas, em 1905, a *Liga Metroolitana de Foot Ball*, representando os clubes da elite do **Rio de Janeiro**, e a *Liga Bahiana de Sports Terrestres*. Segundo Arlei Damo (2002), o primeiro time criado no **Sul do Brasil** foi o Sport Club Rio Grande, da cidade de Rio Grande, em 1900 e, a partir dele, o futebol foi disseminado por toda a região chegando a Porto

---

<sup>46</sup> A entrada na Liga Paulista do Ipiranga Futebol Clube - SP (1912), e do Sport Club Corinthians - SP (1913 ambos considerados clubes de várzea, provocou a criação em 1913 da Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA), por não aceitarem os clubes da elite a presença dos clubes vindos da várzea (Santos Neto, 2002: p.67).

Alegre em 1903, quando foi criado o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e, posteriormente, em **1910** a criação da *Liga Porto-Alegrense* (p.83), o que também pode ser entendido como um processo análogo de reação das elites locais. Neste sentido, Lamartine da Costa (2006) destacou que em março de 1909 foi anunciado um torneio de futebol a ser disputado por sócios do *Fabril Athletic Club* e o *Maranhense Foot-Ball Club*, que deu origem ao primeiro campeonato reconhecido no **Maranhão**. Até o final das duas primeiras décadas do século XX existiam ligas e campeonatos organizados na Bahia (1905), em Pernambuco (1915), Pelotas-RS (1917), Sergipe (1918), Natal-RN (1919), Acre (1921), e Santa Catarina (1924)<sup>47</sup>.



**Imagem - São Paulo Athletic Club e Paulistano: primeiro campeão e vicecampeão, respectivamente, de São Paulo (1902). Disponível em <<http://www.campeoesdofutebol.com.br>> Acesso em 14/04/15.**

---

<sup>47</sup> Através de pesquisas realizadas nas páginas eletrônicas das federações estaduais de futebol do Brasil foi possível identificar os anos iniciais das competições e os clubes participantes. Na **Bahia**, por exemplo, foi criada uma das primeiras ligas de futebol do país, denominada inicialmente *Liga bahiana de sports terrestres*, que contava em 1905 com quatro equipes, sendo o mais antigo deles o *Club de Cricket Victoria*, em atividade ainda hoje com o nome de Esporte Clube Vitória, um dos mais importantes clubes do futebol brasileiro. A criação da primeira liga de futebol em Pernambuco será melhor detalhada no capítulo 2.



Imagem - Clubes brasileiros nas duas primeiras décadas do século XX: (1) Campeonato baiano de 1906; (2) América-MG, 1912; (3) Internacional-RS, 1911; (4) Rio Claro-SP, 1916. Disponíveis em <<http://www.campeoesdofutebol.com.br>>, Acesso em 10.ago.2015.

De forma geral, a expansão e a presença do futebol por quase todas as regiões do Brasil, apropriado tanto pelas elites quanto pelo povo, conferia ao esporte “um significado efetivamente nacional”, nas palavras de Franzini (2009: p.125), possibilitando a criação, em 1915 no Rio de Janeiro, da CBD – Confederação Brasileira de Desportos -, que além de congrega os interesses de várias ligas e federações esportivas estaduais passou a representar o país junto a FIFA. Com o crescimento do interesse pelas partidas, sobretudo aquelas realizadas pelos principais clubes da época, surgiu a necessidade de organizar a participação dos simpatizantes do futebol, ou melhor, dos que compareciam aos *matches* na condição de *assistentes*, os quais passariam a ser conhecidos por “torcedores”,

No início do século as luvas eram acessório indispensável no vestuário feminino. Num determinado jogo um jornalista teria relatado que uma “linda e elegante jovem da sociedade, diante da virilidade que se verificava no campo de jogo, passou a torcer nervosamente as luvas”. Em outra edição, o jornalista perguntou: “será que encontraremos novamente a bela torcedora de luvas?”. O termo pegou. Quem se

dirigia ao estádio – e não para jogar – era para “torcer luvas”. Se essa é a verdadeira origem da palavra “torcedor”, pouco importa: é de longe a melhor delas (RIBEIRO, 2000; *apud* BECKER, 2012: p. 42).

Esses “torcedores” eram os legítimos representantes da *assistência*<sup>48</sup>, termo muito utilizado pela imprensa esportiva até a década de 1940 para designar o público presente nas arquibancadas dos estádios, em dias de jogos. A assistência acomodava tanto os sócios dos clubes e seus convidados, quanto aqueles que passariam a comprar ingressos para assistir aos *matches*, como eram chamados os jogos da época. A presença nos estádios desses “coadjuvantes do jogo de futebol” realçava bem a condição atribuída a assistência, pois dela esperava-se apenas o incentivo e o suporte moral aos atletas, refletida numa postura civilizada que reproduzisse os “bons modos” e a elegância de uma sociedade moderna e ordeira<sup>49</sup>. A **assistência**, assim definida, era dividida em dois espaços – o físico e simbólico -, que reproduziam no interior do estádio de futebol a realidade social existente no país: as **arquibancadas**, frequentadas pelos sócios dos clubes, autoridades, familiares dos jogadores e demais pessoas de “boa família”; do outro lado a **geral**<sup>50</sup>, ocupada pelos integrantes das camadas populares, pessoas que não eram bem vindas no “pedaço”<sup>51</sup> da elite. Os termos também sublinham

---

<sup>48</sup> Atualmente, o Estatuto de Defesa do Torcedor, em seu Artigo 22, faz uso do termo ao indicar a condição do torcedor que ocupará um setor específico do estádio, com características distintas dos demais setores, notadamente sem cadeiras e destinados a “assistência em pé” (Art. 22, I, § 2º, da Lei 12.299). Toledo (2000) apresenta uma definição semelhante a utilizada em nosso estudo.

<sup>49</sup> Os analistas dos primórdios do futebol no Brasil relatam que a primeira publicação específica sobre futebol no Brasil, data de 1904, denominada *Guia de foot ball*, autoria de um jornalista chamado Mário Sérgio Cardim. Neste guia exigia-se respeito e conduta exemplar de quem praticasse o futebol, da arbitragem e da torcida. Não se admitia uma torcida violenta, ruidosa e pouco disciplinada. Tais condutas não estariam dentro dos padrões ideais de comportamento (Santos Neto, 2002: p.90).

<sup>50</sup> Oriundos das camadas mais populares da sociedade brasileira, os ocupantes da *geral* eram também constantemente acusados pelas práticas violentas no interior dos estádios e alvos das iniciativas desenvolvidas pela imprensa da época que, em forma de campanhas em jornais e publicação de manuais técnicos, tentavam criar e estimular o “bom comportamento” em espaços destinados às práticas esportivas. Pode-se dizer que havia uma nítida intenção em desviar o olhar e não noticiar a violência presente entre os sócios e jogadores dos clubes da elite, entre as décadas de 20 e 40, mas concentrar toda responsabilidade entre aqueles que vivenciavam o futebol do ponto de vista da assistência.

<sup>51</sup> O termo foi tomado por empréstimo de Magnani (1996: p.32), ao empregá-lo no sentido de “espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público” (no caso, o estádio). Assim, representando uma apropriação simbólica, por parte das elites, de um espaço que, *a priori*, deveria ser compartilhado por todos quantos tivessem acesso ao local, mas que, devido às relações estabelecidas na conjuntura social da época, privilegiavam as classes dirigentes – o estádio de futebol visto como um local de distinção social.

a hierarquia: geral, para “todos”; especial, para os que “podem”; honra, para os que “merecem” (SOARES, 1979)<sup>52</sup>.

A medida que o futebol ganhava destaque nos meios de comunicação da época, os frequentadores da geral seriam acusados e responsabilizados por quaisquer atitudes antissociais e inconvenientes registradas nos estádios brasileiros. Isso continuou a ocorrer mesmo quando o futebol dava passos largos em direção ao profissionalismo, e representantes das camadas populares eram partes integrantes das assistências dos estádios brasileiros. Os primeiros tumultos do campeonato de 1924, por exemplo, ocorreram nos jogos do Vasco da Gama, contra o Flamengo e o Fluminense. Nos jogos seguintes do time vascaíno havia o policiamento preventivo, solicitado pela Associação Metropolitana de Esportes Amadores (AMEA), que sucedeu a antiga Liga Metrooolitana de *Foot Ball*. Nos demais jogos, como registrou Anatol Rosenfeld, “as torcidas elegantes limitavam-se a aplaudir os gols e as jogadas mais bonitas”. Assim, os jornais da época eram unânimes em afirmar que o time do Vasco da Gama era indesejável às elites (2007: p.82),

A geral de um lado, a arquibancada do outro, no centro do campo, os jogadores correndo. Correndo mais para quem estava na arquibancada do que para quem estava na geral. (...) A geral não era o sereno, era a cozinha, a copa, o quintal. Mas para dentro, quase para fora. O sereno era o morro, que se cobria de curiosos sem dez tostões para comprar uma geral, e que só viam pedaços de jogo. Metade do campo, um gol lá embaixo, no fundo, os jogadores pequeninos. (RODRIGUES FILHO, 2003: p.42)<sup>53</sup>.

Concordou, Santos Neto (2002), que os jornais reforçavam e reproduziam o discurso de resistência aos times populares e a participação desses em competições

---

<sup>52</sup> Luis Eduardo Soares (1979) discorreu brilhantemente em seu artigo intitulado “Futebol e Teatro, notas para uma análise de estratégias simbólicas”, publicado no *Boletim do Museu Nacional*, nº 033, em julho de 1979, sobre os processos de preparação, ou “concentração”, por jogadores de futebol, antes dos jogos; e por atores de teatro, antes das peças. Nesse artigo apresentou uma importante descrição e análise da divisão e domínio espacial, e sua destinação, tanto dos estádios de futebol quanto dos teatros.

<sup>53</sup> Dentre as fontes de consultas que ilustram e, em certa medida, revelam as características encontradas nos estádios brasileiros das três primeiras décadas do século XX, *O negro no futebol brasileiro*, escrito pelo jornalista Mario Filho, denunciou e possibilitou, com as reservas e ponderações necessárias, um olhar sobre a questão racial e social nos anos iniciais da República, tendo o futebol como laboratório e campo de investigação. Independentemente das pretensões epistemológicas constitui-se em uma leitura obrigatória a todos que estudam o futebol no país.

organizadas pelas ligas. Segundo o autor, classificavam o esporte bretão em “grande futebol”, correspondente ao praticado pelas elites, e o “pequeno futebol”, dos times de várzea (2002: p.53). Enquanto uns eram representantes do futebol *association*, os demais não estavam a altura do reconhecimento oficial e eram incapazes de seguir as regras de conduta do futebol dos *gentlemen*. Uma ética amadora predominava como espécie de “autodefesa” por parte das elites e, ao mesmo tempo, tentativa de frear o avanço dos seguimentos populares no cenário futebolístico. A sociedade continuava marcada pelo ranço escravocrata e a entrada em campo de pobres, negros e trabalhadores braçais significava a vulgarização, em seu sentido pejorativo, dos nobres ideais que o esporte trazia em si, e que deveriam ser preservados (FRANZINI, 2009: p.122).

Além da criação de ligas e de competições direcionadas a clubes criados pela elite, a cobrança de ingressos também passou a ser vista como uma possibilidade de limitar, ou diminuir, o acesso das classes subalternas aos estádios, além da possibilidade de maiores investimentos na estrutura física dos clubes. Existem vários registros que comprovam a prática da venda de entradas para o futebol, ainda nas primeiras décadas de sua efetivação como esporte hegemônico no país, bem como a tentativa de, através de preços diferentes, direcionar as camadas populares para os setores menos privilegiados (no caso a geral),

Uma prova de que o futebol estava se tornando popular. Cobrava-se a entrada, todo o mundo podia ir ver o *match*, assistir o meeting, para usar a linguagem dos jornais. Questão de dez tostões para a geral, de dois mil réis para a arquibancada. Mais gente, a princípio, na arquibancada. A geral quase vazia, um torcedor aqui, outro ali, unidos pela distância que os separava da arquibancada, toda florida (RODRIGUES FILHO, 2003: p.44).

Durante o campeonato paulista de 1902, segundo Rubens Ribeiro (2000), haveria “Arquibancada reservada aos sócios do Mackenzie e do Paulistano, cuja entrada será franqueada. As exmas. Senhoras que os acompanharem pagarão apenas um mil réis e terão acesso à arquibancada reservada”, conforme noticiava o jornal *A província de São Paulo*. Durante o campeonato organizado pela Liga Bahiana de Esportes Terrestres, em 1906, segundo estudos de Laércio Becker, ocorreu cobrança de ingressos no campo do Rio Vermelho como forma de impedir que populares repetissem as vaias aos

jogadores, o que teria ocorrido em outra ocasião. O mesmo autor, citando Paulo Coelho Netto (2002), fez referência a venda de ingressos para o *match* entre o Fluminense e o Atlético Paulistano, que marcou a inauguração do estádio das Laranjeiras, em 1904. Neste jogo, segundo o pesquisador, além dos sócios do Fluminense e dos convidados que entraram de graça, foram vendidos 806 ingressos para outros sócios, e 190 na bilheteria (2012: p.41).

Os frequentadores dos estádios brasileiros não demoraram a desenvolver o sentimento de pertencimento ao clube do coração, valorizando tudo aquilo que os identificava com o time, seja uma camisa, uma bandeira, ou um chapéu. De acordo com o papel que representavam no contexto do futebol brasileiro, o “sentir-se” e “apresentar-se” torcedor de um clube de futebol poderia assumir sentidos diferentes, nesta que era uma disputa simbólica, muitas vezes explícita, por espaço na sociedade. Assim, entre os torcedores elitizados (sócios e “de boa família”), a identificação com o clube era o primeiro passo para “ser percebido” e reconhecido por todos, enquanto tal, uma posição que reproduzia a cultura elitista da época. Assim, “ser” Fluminense ou Botafogo representava muito mais do que simplesmente “torcer” por um deles,

Mas o que diferenciava o homem da arquibancada do homem da geral não era o cartão. O porteiro olhava, via logo. Principalmente quando o homem da arquibancada tinha uma fitinha; com as cores do clube, em volta do chapéu de palha. Só os sócios, os torcedores graduados, gente de dentro, é que podiam enrolar a fitinha preta e branca, vermelha, branca e verde, no chapéu de palha. A fitinha vinha da Europa, era preciso mandar uma encomenda (RODRIGUES FILHO, 2003:p.42).

Por outro lado, aquela condição secundária e coadjuvante, desejada e estimulada pela elite não tardaria a transformar-se em demonstração de insatisfação e oportunidade de mudança por parte dos “**torcedores da geral**”. Mesmo no interior do campo esportivo a participação das camadas populares não era passiva, conforme demonstrou Victor Melo, enfatizando que os torcedores e apostadores influenciavam no resultado, promovendo mudanças nas características da participação social dos clubes, que tiveram que se adequar a alguns de seus gostos (2009: p.68). Nesta perspectiva, a violência, como recurso, passou a ser praticada nos estádios como uma espécie de “insubordinação” e recusa de um *status quo* determinado pelas classes dirigentes do futebol do país.

Assim como ocorria no âmbito da vida política da cidade - conforme demonstrado quando utilizei o exemplo da Revolta da Vacina -, reagiam destruindo as instalações esportivas e, até mesmo, agredindo jogadores e diretores dos clubes da elite.

Na condição de esporte acessível a todos, as camadas populares passaram a ser o grande contraponto entre a manutenção do **amadorismo** - que passara a ser insustentável, uma vez que vários clubes perdiam seus principais jogadores para outros centros do futebol, como Argentina, Uruguai e Europa<sup>54</sup>, devido à falta remuneração no futebol praticado no Brasil -; e a **profissionalização** - que existia de forma velada através da contratação de vários jogadores da várzea (negros, pardos e brancos operários) por muitos clubes de São Paulo e do Rio de Janeiro, com uso de subterfúgios para remunerar e driblar a fiscalização das Ligas de futebol. A popularização aproximou o futebol brasileiro da profissionalização, seguindo os passos que este esporte percorreu entre nossos vizinhos argentinos e uruguaios, bem como entre os europeus. Podemos dizer, seguindo o pensamento de Ricardo Pinto dos Santos (2009), que a difusão do futebol no Brasil foi marcada por uma relação tensa e ambígua entre a elite e as camadas populares. O autor destacou que “a relação entre estes dois grupos foi desigual”. Um dos grupos era formado pelos estabelecidos; aqueles que detinham o poder econômico e, principalmente, pretendiam determinar quais seriam as práticas e valores aceitáveis para a época; e o outro grupo, formado pelos *outsiders*, ou seja, as camadas populares, que protagonizariam os próximos passos do futebol no Brasil,

Apesar da estigmatização e do preconceito, os avanços foram ocorrendo e as camadas populares foram ganhando os campos de futebol. Tornou-se impossível, num esporte com as características do futebol, conter a aproximação das camadas populares. Em outros esportes as estruturas e os traços predominantes da própria modalidade foram eficientes obstáculos, como no remo, no turfe, etc. (idem: p.210).

---

<sup>54</sup> O futebol na Argentina teve início em 1867, e desde 1912 a Associação de Futebol da Argentina estava filiada a FIFA (SANTOS NETO, 2009: p.97).

### 1.2.2 O protagonismo dos torcedores na profissionalização do futebol brasileiro

A linha divisória entre o amadorismo e profissionalismo no futebol brasileiro sempre foi muito tênue. Apesar de ter nascido amador, reconhece-se que a fase amadora teve uma trajetória relativamente curta. Ainda em 1915, quando dava seus primeiros passos, o futebol no Brasil apresentou, talvez, o primeiro sintoma de que o amadorismo não iria muito longe. Jogadores de São Paulo e do Rio de Janeiro recebiam, nessa época, algum dinheiro para entrar em campo como forma de incentivo às vitórias, normalmente oferecido pelos sócios e, posteriormente, pago com o dinheiro adquirido das rendas das partidas (CALDAS, 1990: p.38). E foi a partir destes incentivos, todos informais, que se adotou o termo “amadorismo marrom” para designar a fase que antecedeu a profissionalização do futebol brasileiro, ocorrida a partir de 1933. Dentre todas essas práticas de incentivo<sup>55</sup>, a mais corriqueira e pitoresca foi cunhada pela expressão “pagamento do bicho”, ainda utilizada em todos os times brasileiros, entretanto, transformada em remuneração adicional ao salário dos jogadores,

Por isso mesmo, além da casa, comida, roupa lavada e engomada, o português dava dinheiro aos jogadores de Moraes e Silva. Chamava-se esse dinheiro de “bicho” porque, às vezes, era um cachorro, cinco mil réis; outras um coelho, dez mil réis; outras um peru, vinte mil réis; um galo, cinquenta; uma vaca, cem. Não parava aí. Havia vacas de uma, de duas pernas, de acordo com o jogo (RODRIGUES FILHO, 2003: p.123).

A medida que as cidades se expandiam, de acordo com o projeto de urbanização, cresciam também as **torcidas dos clubes** e, proporcionalmente cresciam as cobranças. São as cobranças por resultados que forçaram os clubes a inserir elementos populares, e, não foram os clubes que estimulam a participação popular nas arquibancadas, por motivos citados. Convém destacar a importância que alguns clubes tiveram no processo definitivo de inserção das camadas populares no futebol brasileiro e, conseqüentemente,

---

<sup>55</sup> Denominou-se de “falso amadorismo” ou “amadorismo marrom”, a contratação de jogadores de maneira informal, sem vínculo empregatício com o clube. Segundo Maurício Drumond (2009), foi uma das maiores armas utilizadas pelos clubes para manter seus jogadores e aliciar craques de outras equipes (p.218). O Vasco da Gama, por exemplo, instituiu o pagamento do “bicho” aos seus jogadores, o que foi decisivo para a conquista do campeonato carioca de 1923. Em sua equipe existiam jogadores oriundos das camadas populares, que já recebiam o “bicho” para proporcionar maior motivação aos seus atletas.

em sua transformação como esporte de massas; o que também possibilitou sua apropriação e utilização, pelas elites e classe política do país, como elemento símbolo da construção da identidade nacional, principalmente após 1930.

O Vasco da Gama, recém promovido para a primeira divisão do futebol do Rio de Janeiro, conquistou o campeonato da Liga Carioca em 1923, utilizando mais de um jogador negro no time principal, além de vários outros que faziam parte das camadas populares da sociedade, contrariando o padrão de seus principais adversários locais - Flamengo, Botafogo, América e Fluminense -, que eram formados por universitários filhos da fidalguia carioca. Este fato, até então inédito, possibilitou ao clube aumentar sua torcida e a popularidade do futebol na cidade; “quanto mais o Vasco vencia, mais os campos se enchiam” (RODRIGUES FILHO, 2003: p.121)<sup>56</sup>. Apesar de não ser identificado nenhum apoio formal e maciço, a imprensa escrita, ainda que modestamente, repercutiu o título carioca de 1923 como a “Revolução Vascaína”, entretanto, segundo Caldas, apenas alguns jornalistas mais progressistas como Max Valentim, do jornal “O Imparcial” do Rio de Janeiro, e Paulo Várzea, dos jornais “Olympia” e “O Estado de São Paulo”, apoiaram publicamente a utilização de jogadores negros pelo time carioca. Eram esses mesmos jornalistas que denunciavam o “profissionalismo marrom” (1990: p.53).

A partir de então, a literatura sobre a história do futebol brasileiro sinaliza que as condições necessárias que faltavam a profissionalização do futebol no país estavam completas, não apenas pelo simbolismo da conquista vascaína, mas principalmente pela pressão que passaria a ser exercida pelos torcedores dos outros clubes<sup>57</sup>. Após o título

---

<sup>56</sup> De acordo com Caldas (1990), após o título conquistado pelo Vasco da Gama, em 1923, todos os grandes clubes do Rio de Janeiro abandonaram a Liga Metropolitana de Desportos Terrestres, como protesto pela utilização de jogadores que não possuíam o perfil desejado pela liga. Esses clubes fundaram a AMEA – Associação Metropolitana de Esportes Atléticos, e apenas em 1925, devido a importância da presença nos estádios de sua torcida, o Vasco foi convidado pela AMEA para associar-se e voltar a disputar o campeonato por ela organizado (p.45). Ainda este autor registrou que os primeiros negros a jogarem na primeira divisão do futebol carioca foram os vascaínos, Nelson Conceição (chofer), Ceci (pintor de paredes) e Nicolino (estivador) [idem: p.78].

<sup>57</sup> Embora fosse o mais aristocrático clube do Brasil, a Diretoria do Fluminense, a partir de certo momento, se viu compelida por sua própria torcida, cansada de derrotas, a liderar o movimento a favor do profissionalismo, que a partir de 1923, quando o Vasco da Gama ascendeu à primeira divisão do futebol carioca, o Fluminense não conseguia mais ganhar campeonatos. Só voltou a ser campeão em 1936, depois de contratar vários jogadores (CALDAS, 1990: p.77).

conquistado pelo Vasco da Gama outros clubes do Rio de Janeiro saíram à procura de talentos no futebol de várzea e em outras localidades do país, independentemente da cor da pele ou da classe social. O prestígio decorrente do título fez com que o Vasco da Gama se transformasse no clube preferido dos cariocas ao longo das décadas de 1920 e 1930, e “não só os portugueses mobilizaram-se em torno dele com incrível paixão, mas também os homens de cor” (Rosenfeld: 2007: p.98). O Bangu e o São Cristóvão foram os primeiros a seguirem, nos anos seguintes, os mesmos passos; enquanto em São Paulo, o Sport Club Corinthians Paulista e a Ponte Preta de Campinas também haviam rompido a barreira do preconceito racial e admitiam negros em seus times (CALDAS, 1990: p.67). Vários outros clubes no Brasil passaram a utilizar o pagamento do “bicho” e a oferecer vantagens para que jogadores trocassem de camisas.

A popularidade do futebol e a formação de grandes torcidas em torno dos principais clubes do país, criou a necessidade da construção de estádios maiores. Em 21 de abril de 1927 foi inaugurado o Estádio de São Januário, do Vasco da Gama, clube detentor da maior torcida do Rio de Janeiro, até então, com capacidade para 50.000 pessoas (o maior do país)<sup>58</sup>. Os estádios se tornariam uma espécie de “praça”, ou “palanque”, para os políticos, que através de eventos e cerimônias públicas passaram a discursar em busca de popularidade.

---

<sup>58</sup> O Estádio de São Januário seria superado em capacidade, apenas em 1932, pelo estádio do Alto da Glória (Belfort Duarte), em Curitiba; e pelo estádio municipal do Pacaembu, em 1940, construído em São Paulo (CALDAS, 1990: p.88). Na ocasião, da inauguração de São Januário, estavam presentes o Presidente da República Washington Luís, ministros de Estado e o Presidente da Confederação Brasileira de Desportos, Oscar da Costa.



**Imagem - Imagem do estádio de São Januário no Rio de Janeiro, década de 1930. Fonte: <<http://www.campeoesdofutebol.com.br>> Acesso em 20.ago.2015.**

Além do crescimento do “profissionalismo marrom”, na segunda metade da década de 1920, o futebol brasileiro despertava a atenção de clubes da Europa e do mercado sulamericano, principalmente da Argentina e do Uruguai. O interesse estrangeiro pelos jogadores brasileiros somado a falta de profissionalização no Brasil possibilitava que vários craques nacionais deixassem o país em busca e melhores condições de vida, em países que teriam aderido ao profissionalismo<sup>59</sup>. Aos discursos favoráveis a profissionalização, somavam-se as cobranças do público pagante das partidas de futebol, que exigiam um futebol de melhor qualidade e o fim do êxodo dos principais jogadores do país. Além disso, em 1929, o mundo vivenciou uma grande crise econômica, e o Brasil não esteve imune a isto, experimentou a queda nas exportações do café, abalando a principal fonte da economia brasileira. Assim, o futebol transformara-se em negócio, onde o amadorismo não conseguiria suprir suas necessidades.

---

<sup>59</sup> Segundo informações de Becker (2012) e Caldas (1990), em 1925, o Clube Atlético Paulistano fez a primeira visita de um time brasileiro a Europa, obtendo grande sucesso em jogos realizados contra equipes da Suíça, Portugal, e contra a seleção da França (venceu por 7 x 2). A partir deste momento, os times brasileiros passariam a dividir o mercado europeu com os argentinos, até então, principal mercado de jogadores da América do Sul. Os irmãos Fantoni, do Clube Atlético Mineiro, teriam sido os primeiros jogadores a deixar o Brasil para se profissionalizarem no exterior (CALDAS, 1990: p.61).

Por outro lado, um número crescente de dirigentes de clubes via com bons olhos a profissionalização, uma vez que poderia proporcionar independência econômica aos departamentos que cuidavam do futebol, em relação ao restante da administração dos clubes. Desta forma, Caldas (1990) destacou que foi Antônio Gomes Avelar, Presidente do América Futebol Clube (RJ), o primeiro dirigente que publicamente manifestou-se a favor da profissionalização do futebol, em 1932. Gesto que, contrariando todas as expectativas, foi seguido pelo Presidente do Fluminense (RJ), Oscar Costa (p.68). No Rio Grande do Sul, um grupo de diretores do Renner Esporte Club, entrou em contato com dirigentes cariocas e paulistas, durante partidas amistosas, e após simpatizar com a ideia desejava levá-la para Porto Alegre (Caldas, 1990: p. 164). Estariam certos que após a profissionalização, em 1933, o futebol se constituiu como excelente fonte de renda para os clubes, principalmente quando ocorria a venda de um jogador para outro clube, sobretudo os formados no próprio clube, chamados atualmente de “pratas da casa”.

A trajetória do futebol no país não foi um acontecimento isolado da conjuntura maior (econômica, social e política), ao contrário, parte dela e, neste sentido, a profissionalização deste esporte esteve diretamente vinculada aos acontecimentos políticos decorrentes da chegada de Getúlio Vargas ao poder, em 1930 e, exatamente neste contexto, o futebol alcançou a profissionalização em 1933. Na verdade seria formalizado, uma vez que o “amadorismo marrom” existia desde 1923, quando o Vasco instituiu o pagamento do “bicho” aos seus jogadores, como forma de incentivo.

Dentro do “Programa de Reconstrução Nacional”, instituído por Vargas logo após assumir a Presidência em 1930, o 15º item, de um total de dezessete, criava o Ministério do Trabalho, e traria repercussões importantes para o futebol brasileiro. Vargas lançaria as bases para uma posterior regulamentação do futebol, em 1933. A Legislação Social Trabalhista do governo Vargas iria, entre 1930 e 1936, regulamentar um número razoável de profissões até então nunca cogitadas nesse sentido, e o futebol estava nesta lista (CALDAS, 1990: p.175). Entretanto, os maiores beneficiados com a profissionalização, inicialmente, foram os dirigentes e os clubes, uma vez que a

legislação reconhecia o direito apenas para o jogador receber seu salário<sup>60</sup>, e “qualquer acidente durante o jogo, o clube não tinha nenhuma responsabilidade” (ROSENFELD, 2007: p.135).

Se por algum tempo as classes dirigentes conseguiram manter as classes subalternas numa condição coadjuvante, longe dos gramados e dos clubes, num segundo momento tornaram-se indispensáveis, dentro e fora do campo. As assistências, que inicialmente representavam as classes distintas da sociedade brasileira e os clubes surgidos da elite, com a popularização do esporte deixaram o papel coadjuvante e assumiram a condição de protagonistas, crescendo em tamanho e importância, sendo fundamentais no processo de profissionalização e de democratização do futebol brasileiro. Desta forma, se no início da República o futebol fez parte do movimento modernizador da nação, é possível afirmar que a partir da década de 1930, inseridos no projeto nacionalista do governo de Getúlio Vargas, os torcedores assumirão outros papéis na vida dos clubes e da sociedade e participarão ativamente dos espaços criados e ocupados pelo futebol no país.

---

<sup>60</sup> Isto é evidente quando percebemos que a Consolidação das Leis Trabalhistas somente surgiu em 1943, e que o primeiro sindicato de jogadores foi criado apenas em 1946, no Rio de Janeiro.

## CAPÍTULO SEGUNDO

### *O FUTEBOL EM PERNAMBUCO E SEUS TORCEDORES*

Pernambuco, no linguajar do futebol, destaca-se como uma das principais “*praças*” futebolísticas do país. Possui 04 (quatro) clubes posicionados entre os 50 (cinquenta) primeiros do ranking nacional da CBF, torcidas reconhecidas nacionalmente pela ótima média de público e 03 (três) estádios com capacidades superiores a 30 mil pessoas<sup>61</sup>. Uma prática centenária que, acompanhando as versões hegemônicas sobre as origens do futebol no Brasil, foi introduzido em terras pernambucanas por intermédio de um estudante brasileiro que, ao regressar da Inglaterra, onde concluíra seus estudos, trouxera um conjunto de materiais para a prática do *football association* ao Recife, em **1903**. Desta forma foram registradas as práticas iniciais do futebol em Pernambuco conferindo a Guilherme de Aquino Fonseca o pioneirismo local.

Especula-se que apenas em junho de 1915 foi realizada uma competição organizada por uma entidade criada exclusivamente para disputas do futebol no Estado. A *Liga Sportiva Pernambucana* (LSP), atual Federação Pernambucana de Futebol (FPF), deu vida ao esporte que passaria a disputar a preferência dos desportistas locais com a prática do turfe, que semelhantemente ao que ocorria em outras cidades

---

<sup>61</sup> No último Ranking de clubes divulgado pela CBF, em **08 de dezembro de 2015**, entre 223 clubes que compõem a relação daquela Confederação, estão entre os 50 primeiros: Sport Recife (19°), Náutico (25°), Santa Cruz (35°), e o Salgueiro (47°). Os demais clubes pernambucanos que aparecem no ranking, e suas respectivas posições, são: Central (84°), Porto (138°), Serra Talhada e Ypiranga (142° - empatados), e Petrolina (186°). Informações disponíveis em <<http://www.cbf.com.br>>, acessadas em 22JAN16. Durante o campeonato brasileiro da Série D, a quarta divisão nacional, em 2012, o Santa Cruz registrou média de público superior a 30.000 torcedores por partida, liderando o ranking nacional de médias de público do país, entre todos os clubes de futebol das quatro divisões.

importantes do país no início do século XX, gozava de grande prestígio e popularidade. Em um percurso de pouco mais de 50 anos, após sua introdução no Estado, o futebol tornou-se esporte de massas, e desporto preferido entre os pernambucanos, consolidando Recife como uma das cidades sedes da Copa do Mundo da FIFA em 1950, fato que seria repetido em 2014.

Desde então, diferentemente da maioria dos estados brasileiros, onde existe uma polaridade entre dois clubes locais que se reparam em conquistas e disputam a preferência dos seguidores do futebol<sup>62</sup>, os pernambucanos alimentam e preservam a rivalidade futebolística em três paixões (Náutico, Santa Cruz e Sport Recife), clubes que se mantiveram grandes no contexto do cenário nacional, mesmo diante das disparidades de investimentos e de exploração mediática, quando comparados com clubes do eixo Sudeste/Sul do país, sobretudo em função do sentido de “pertencimento clubístico” existente entre os torcedores locais.

Este capítulo tem uma proposta análoga ao anterior, de maneira que ao pontuar eventos importantes do futebol em Pernambuco não pretendi construir uma história do futebol em Pernambuco, antes, ajudar a compreender o processo de formação dos torcedores locais, suas características e representações. A abordagem, portanto, foi dividida em duas etapas: a **primeira**, dedicada ao entendimento da introdução e popularização do futebol no estado; e na **segunda**, destacando a importância dos clubes pernambucanos e a representatividade torcedora no cenário nacional.

---

<sup>62</sup> Exceto nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, onde existem mais de três clubes considerados equivalentes (em termos de número de torcedores, patrimônio e conquistas locais), Pernambuco destaca-se por possuir três clubes com projeção regional e nacional semelhantes, além de grandes torcidas. Assemelha-se a Pernambuco, neste sentido, o futebol disputado no Paraná e em Santa Catarina, com mais de três clubes locais equivalentes. Como exemplos de polaridades locais: Atlético e Cruzeiro (Minas Gerais); Grêmio e Internacional (Rio Grande do Sul); Bahia e Vitória (Bahia); Ceará e Fortaleza (Ceará), entre outros.

## 2.1 ORIGEM TÍMIDA, CRESCIMENTO RÁPIDO

### 2.1.1 O mito de origem e a popularização do futebol na cidade do Recife

Como destacado na introdução do capítulo, coube a um “pioneiro”, recém chegado da Inglaterra, a proeza da prática regular do futebol em Pernambuco, mais precisamente na cidade de Recife. **Guilherme de Aquino Fonseca**, com 18 anos de idade, voltou da Inglaterra em 1903, para o Recife, com a novidade do futebol na bagagem. Familiarizou-se com o *football association* no *Hooton Lown School*, onde estudou por cinco anos. Segundo Givanildo Alves (1978), além de materiais para o futebol, trouxe outros apetrechos para jogos de Cricket, Rugby e Tênis, pois sua ideia era fundar um clube na cidade para a prática de esportes, além do futebol - ao que parece, o seu favorito -, entretanto, não conseguiu êxito rápido,

(...) apenas dois clubes esportivos existiam: Internacional e Náutico. O primeiro, que se originara de um clube de regatas, estava praticamente sem vida esportiva, abrindo suas portas unicamente para bailes e jogo de cartas, muito em voga naquele tempo, enquanto o clube alvirrubro, fundado em 7 de abril de 1901, raramente promovia competições, porque não tinha concorrentes em esportes náuticos, sua única atividade (ALVES, 1978: pp. 15-16)<sup>63</sup>.

Sem conseguir adesão dos dirigentes dos clubes existentes na cidade, o futebol ficou resumido a disputas em finais de semana, com a participação de funcionários das empresas inglesas *Great Western* e *Western Telegraph*, que possivelmente praticavam o futebol de maneira restrita, em horários de folga<sup>64</sup>. A prática passou a atrair a atenção de curiosos das redondezas que se acostumaram a acompanhar as disputas nos finais de semana. Após conseguir reunir regularmente 22 (vinte e dois) jogadores na campina do Derby – sendo a primeira delas em 1904 -, Guilherme de Aquino teria fundado, a 13 de

---

<sup>63</sup> Na mesma obra, o autor destacou que o Náutico foi criado em 1901, como um clube de regatas. Suas origens remontam do antigo clube Recreio Fluvial, sociedade que nascera dos passeios de barco nos fins de semana no Recife (p.23).

<sup>64</sup> Sobre este aspecto, Givanildo Alves narrou que os funcionários ingleses eram acostumados a praticar o futebol nos quintais de suas residências, com número reduzido de jogadores, e que, ao aceitarem o convite de Guilherme de Aquino, passaram a jogar no campo improvisado da campina do Derby (1978: p.16). Assim, coube a Guilherme o “pioneirismo” pela prática regular do futebol na cidade e, posteriormente, a fundação do primeiro clube exclusivamente dedicado ao futebol.

maio de 1905, o Sport Club do Recife (sem o “do”), primeiro clube dedicado ao futebol no Estado.

No dia **22 de junho de 1905** foi realizado o primeiro jogo de futebol registrado em Pernambuco, entre as equipes do *Sport Club Recife* e do *English Eleven*, formado por funcionários das companhias inglesas sediadas no Recife, o qual terminou empatado em 2 a 2. O registro deste jogo coube ao *Jornal do Recife*, na edição de 22 de junho de 1905, indicando que o futebol despertava grande atenção na cidade de Recife, pouco depois da criação do primeiro clube dedicado ao esporte:

A prometedora associação Sport Club Recife realizou, ontem, no Derby, um *match* a epigrafar estas linhas. Eram cinco horas da tarde quando começou a diversão, notando-se no local **grande número de famílias** (grifamos). Damos nossos parabéns ao futuroso clube, desejando que no próximo jogo encontre melhores condições e não como ontem, cheio de lama, o que prejudicou a bela diversão. Durante a festa tocou uma banda de música da Polícia<sup>65</sup>.

Apesar das repercussões e das práticas regulares, o futebol demorou a atrair novos clubes da cidade, permanecendo até 1909 restrito a três times: o Sport, Great Western, e Western Telegraph. Apenas em 1909, na presidência do Sr. Ernesto Pereira Carneiro, o **Clube Náutico Capibaribe** resolveu introduzir o futebol, como forma de evitar que seus atletas de Remo fossem vistos na campina do Derby jogando futebol com os atletas do Sport (ALVES, 1978: p.24). A primeira partida do Náutico realizou-se no dia 24 de julho do mesmo ano, contra o Sport, tendo os alvirrubros vencido os rubro-negros (3 a 1). Após 1914, o futebol ganhou popularidade e os jornais mais lidos da época noticiavam com entusiasmo as partidas e feitos dos jogadores. Surgiram vários times nos subúrbios de Recife e outros municípios do estado: o Tramways<sup>66</sup>; Paulistano; Internacional; Centro Esportivo do Peres; Coligação Recifense; Agros

---

<sup>65</sup> GASPAR, L. *Futebol em Pernambuco*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 6.ago.2015.

<sup>66</sup> Time sustentado pela então companhia elétrica e de transportes do Recife, a inglesa *Pernambuco Tramways and Power Company Limited*, que foi concessionária dos serviços elétricos e de bondes do Estado durante 50 anos (até 1962). Até hoje é o único time bicampeão invicto da história do Campeonato Pernambucano, feito conquistado no biênio 1936/37, tendo disputado seu último campeonato em 1941 (GASPAR, 2015).

Esporte Clube (constituído por estudantes da Escola de Agronomia), e logo substituído pelo Torre Esporte Clube; Caxangá; Esporte Clube Flamengo; Casa Forte; Olinda; João de Barros (origem do América); Velox; Americano; Pernambuco. Diante do crescimento do número de times, ainda em 1914 chegou-se a falar na criação de uma Liga Recifense.

Além destes clubes, o **Santa Cruz Futebol Clube** foi criado a 03 de fevereiro de 1914, fruto de um grupo de colegas moradores do bairro da Boa Vista, que se reuniam na calçada da Igreja de Santa Cruz. O clube que nasceu alvinegro (preto e branco) tornou-se tricolor, ao incorporar o vermelho ao seu uniforme, em 1915, como forma de diferenciação ao uniforme do Flamengo de Recife, que possuía aquelas duas cores (ALVES, 1978: p. 38). O primeiro título pernambucano conquistado pelo Santa Cruz ocorreu em 1931.



**Imagem - Primeira equipe do Sport Recife, 1905 (Superior, esq.); Pioneiros do Clube Náutico Capibaribe, 1909 (Superior, dir.); Santa Cruz, década de 1920 (Inferior, esq.); Escudo do Santa Cruz (Inferior, dir.). Fonte: <<http://www.campeoesdofutebol.com.br>>. Acesso em 23JAN16.**

### 2.1.2 Primeiras ligas, estádios, e a massificação do futebol

Em 1915 o futebol gozava de grande aceitação e popularidade, clubes tradicionais tinham aderido à prática, e novos times eram criados constantemente. Seguindo os passos de outros estados do país – a exemplo dos vizinhos baianos –, em 16 de junho de 1915 foi criada a **Liga Sportiva Pernambucana (LSP)**, atual **Federação Pernambucana de Futebol (FPF)**<sup>67</sup>, que promoveu o primeiro campeonato pernambucano em agosto do mesmo ano, com a participação de 06 (seis) equipes: Santa Cruz, Flamengo, Torre, América, Centro Esportivo do Peres e Coligação Esportiva Recifense, tendo sido o **Flamengo Esporte Clube o primeiro campeão pernambucano**<sup>68</sup>. Nesta primeira edição, a Liga estabeleceu cobrança de ingressos e determinou a transferência dos jogos da campina do Derby para o campo do British Club, que era todo murado,

Revoltados, os torcedores encaminharam cartas aos jornais, protestando contra a medida. Argumentavam que, além do ingresso, teriam de pagar, também, a passagem do bonde para ir e voltar, uma vez que o campo do British ficava muito afastado do centro da cidade. (ALVES, 1978: p. 49).

Apesar de praticantes do desporto, Náutico e o Sport Recife ingressaram na disputa apenas no campeonato de 1916, que foi vencido pelo clube time rubronegro, ao passo que o Náutico conquistaria seu primeiro título em 1934. Ao todo, em 100 (cem) edições do campeonato pernambucano (1915-2015), sete clubes diferentes conquistaram a competição: **Sport Recife** (40 vezes); **Santa Cruz** (27 vezes); **Náutico** (21 vezes); **América** (06 vezes); **Torre** (03 vezes); **Tramways** (02 vezes); **Flamengo** (01 vez).

---

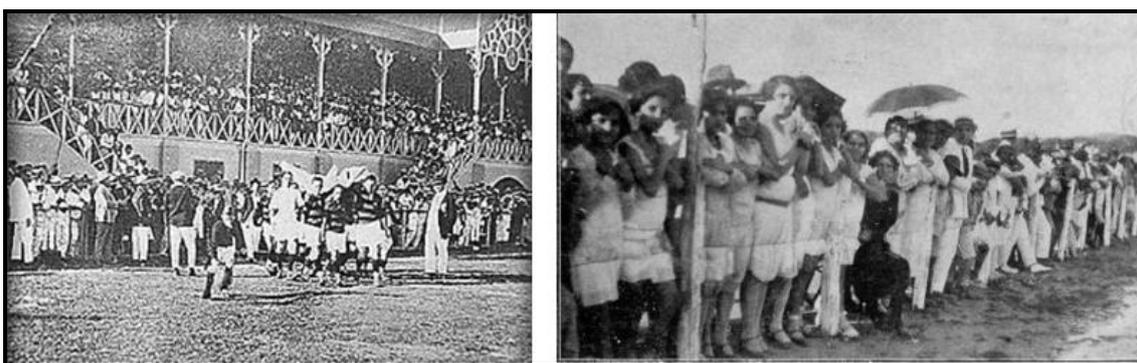
<sup>67</sup> De acordo com Coelho Netto (2002), na Bahia foi criada a *Liga Bahiana de Esportes Terrestres*, ainda em 1905.

<sup>68</sup> O Esporte Clube Flamengo foi fundado em 20 de abril de 1914. Seu uniforme consistia em calção branco e camisa preta (com uma cruz branca no lado esquerdo), e seu nome é uma homenagem ao homônimo carioca (ALVES, 1978: p. 49).



**Imagem- Equipe do Flamengo-PE, primeiro campeão pernambucano (1915). Fonte: <<http://www.campeoesdofutebol.com.br>>. Acesso em 21JAN16.**

Os jogos das competições promovidas pela **Liga Sportiva Pernambucana** eram realizados na campina do Derby, onde atualmente encontra-se o Quartel General da Polícia Militar de Pernambuco, e a partir de 1916 passaram a ser disputados no *British Club*, onde atualmente funciona o Museu do Estado, na Avenida Rui Barbosa, e esporadicamente no campo do América (na Jaqueira). Em 1917, em comemoração ao centenário da Revolução Pernambucana de 1817, a Liga inaugurou o seu campo oficial, localizado no bairro dos Aflitos, que depois seria adquirido pelo Clube Náutico Capibaribe e rebatizado de Estádio Eládio de Barros Carvalho.



**Imagem - Campo a Av. Malaquias (1º estádio do Sport Recife), década de 1920 [Esq.]; Assistência em jogo na cidade de Caruaru, década de 1930 [dir.]. Fonte: <<http://www.campeoesdofutebol.com.br>>. Acesso em 21JAN16.**

O crescimento do interesse pelo futebol em Pernambuco fez com que o Sport Recife, em 1919, inaugurasse seu próprio estádio, que ficava localizado na Avenida

Malaquias, e considerado o melhor da época. A inauguração das arquibancadas<sup>69</sup> foi um grande acontecimento na cidade, marcado pela visita do Botafogo do Rio de Janeiro, ocorrido no dia 30 de janeiro daquele ano, onde foi realizado o jogo entre o Santa Cruz e o Botafogo, vencido pelos tricolores (3 a 2). Embora os dirigentes do Sport defendessem que as arquibancadas foram construídas no Recife, existe uma publicação do *Jornal Pequeno* (21.06.18) afirmando ter sido adquirida ao Fluminense do Rio de Janeiro, por 8 mil e 500 contos de réis, à vista (ALVES, 1978: p.81). Além da fonte citada, durante a pesquisa encontrei outra referência sugerindo a compra das arquibancadas de madeira ao Fluminense carioca,

O Fluminense reivindica para si o primeiro estádio construído originalmente para o futebol. Trata-se do que possui até hoje, na rua Álvaro Chaves, nas laranjeiras, inaugurado em 14.08.1904, com uma pequena arquibancada de madeira e uma corda para isolar o campo. **As velhas arquibancadas foram desmontadas e vendidas ao Sport Club do Recife** (grifamos), que as instalou em sua praça de esportes. Em seu lugar, o Fluminense construiu o primeiro estádio de alvenaria do Brasil, para a realização do Campeonato Sul-Americano de futebol (BECKER, 2012: p. 39).

Nos subúrbios da cidade, o número de adeptos era tão grande que foi criada, em fevereiro de 1929, a Associação Suburbana dos Desportos Terrestres (ASDT), reunindo mais de 30 times de bairros diferentes. Devido ao interesse pelas competições organizadas pela ASDT, algumas equipes passaram a fazer parte da divisão principal da Liga Pernambucana, uma vez que seus jogos competiam em número de público presente nos campos com os jogos da Liga. Entretanto, o sucesso não ficava restrito a cidade do Recife, existindo registros de equipes que representavam as seleções de Caruaru e de Garanhuns, em 1922, além de clubes mais antigos criados no Agreste pernambucano - o Centro Limoeirense, fundado em 15.9.1913; e o Colombo, fundado em 12 de outubro de 1918, ambos do município de Limoeiro<sup>70</sup>. Por sinal, em 1921 foi criada a **Associação**

---

<sup>69</sup> As arquibancadas tinham 75 metros de comprimento, por 5 a 40 de largura, e acomodava cerca de 2 mil pessoas, entre lugares especiais (imprensa, polícia, diretores da Liga, dirigentes de clubes). Possuía banheiros, salão de leitura, enfermaria e secretaria. As vestiárias ficavam por baixo do estrado (ALVES, 1978: p.81).

<sup>70</sup> Givanildo Alves registrou que em 8 de outubro de 1922, no campo do Sport (Avenida Malaquias), houve uma partida entre as seleções de Caruaru e Olinda, esta última em substituição a Garanhuns, que

**dos Cronistas Desportivos de Pernambuco** (ACDP), em atividade até os dias atuais, também ratificando a importância e a popularidade assumida pela prática do futebol nas primeiras décadas do século XX.

Coube também a Givanildo Alves (1978) destacar os registros da primeira partida de futebol transmitida, através do rádio, para Pernambuco. Segundo o autor, após a seleção pernambucana vencer a seleção do Pará, em 23 de setembro de 1923, durante o campeonato nacional de seleções, com a presença de um público estimado em 5 mil pessoas no estádio do Sport, o Diário de Pernambuco montou um sistema de transmissão da partida entre as seleções da Bahia e Pernambuco, que decidiriam o título de campeão do Norte/Nordeste, em 30.12.1924. Em conjunto com a Western Telegraph e a Pernambuco Telephone Company, de três em três minutos o jogo era repassado por telefone e divulgado por alto-falante para um público de 2 mil pessoas concentradas na praça, em frente à sede do Diário de Pernambuco, no Recife. Este feito foi citado como uma das primeiras transmissões radiofônicas de jogos de futebol do Brasil (Becker, 2012: p. 94).

## **2.2 A PROFISSIONALIZAÇÃO E OS TORCEDORES EM PERNAMBUCO**

### **2.2.1 A luta pela profissionalização e visibilidade**

Assim como em outras partes do país, o processo de profissionalização do futebol em Pernambuco não ocorreu sem maiores traumas. Apesar de o primeiro contrato reconhecido de um jogador profissional no Estado datar de **27 de junho de 1937** – Luiz Zago, jogador contratado pelo Central de Caruaru -, existem registros de várias tentativas anteriores, com uso de subterfúgios que se aproximavam daquilo que ficou conhecido no meio futebolístico nacional por “profissionalismo marrom”, conforme detalhei no capítulo 1.

Nos campeonatos pernambucanos de 1916 e 1917, por exemplo, o Sport Recife foi bastante criticado, por adversários e imprensa da época, por ter contratado jogadores

---

teria faltado ao compromisso. Citou ainda que a seleção de Limoeiro foi a primeira campeã do Torneio municipal realizado pela Liga (Ibem. p. 107).

de outros estados para as disputas das partidas decisivas daqueles anos (foi bicampeão). Além de prejudicar os “bons costumes” e a ética amadora, utilizara-se de desonestidade ao reforçar a equipe nas partidas finais do certame,

Na semana que precedeu ao clássico (contra o Náutico), os jornais registraram a presença no Recife do Zagueiro Paulino, do América do Rio de Janeiro, trazido pelo Sport para atuar na partida decisiva. (...) Para descartar-se do público, a diretoria do Sport fez publicar um telegrama vindo do Rio, assinado pela direção do jornal “Correio da Manhã”, o qual dizia ser Paulino linotipista daquele órgão e não jogador profissional de futebol (ALVES, 1978: p.53).

O fato acima descrito, ocorrido em 1916, foi repetido no ano seguinte pelo clube rubro-negro e posteriormente passou a ser adotado por clubes como o América e o Central. Desta maneira, a partir de 1920 as reações contrárias repercutiram em campanhas populares e tentativas dos demais clubes de impedirem que o amadorismo fosse ameaçado pelo “profissionalismo marrom”, sendo o Sport e o América os clubes mais visados pelos protestos, encabeçados pelo representante do Náutico no Conselho da Liga, Barbosa Lima Sobrinho<sup>71</sup>. Entretanto, ao que se sabe, concomitante aos protestos, vários jogadores continuaram a ser utilizados na “clandestinidade” até que a profissionalização tornou-se irreversível.

Em 1936, um ano antes da assinatura do primeiro contrato profissional em Pernambuco, a equipe do Tramways - que era financiada pela companhia elétrica de Pernambuco -, contratava jogadores das melhores equipes dos subúrbios. Muitos dos seus atletas (empregados da empresa) tinham salário, não pelo futebol, mas pelas funções que exerciam na companhia inglesa, a exemplo de “Zezé”, Júlio Fernandes e Alcides “Cachorrinho”, ex-jogadores do Santa Cruz, e que em 1937 foram contratados e decisivos na campanha do bicampeonato invicto do Tramways (PARAÍSO: 1997; *Apud*, FERREIRA, 2007: p. 54). Esse procedimento, semelhante ao que ocorrera no Bangu, do

---

<sup>71</sup> Segundo Givanildo Alves, foi o dirigente alvirrubro que desenvolveu uma luta vigorosa contra os defensores do profissionalismo, para mostrar que o amadorismo era mais idôneo, mais leal e honesto (Ibem, p. 94).

Rio de Janeiro, foi fundamental na decisão tomada pela profissionalização, por parte da Federação Pernambucana de Desportos (FPD)<sup>72</sup>, em 1937.

Neste período, mesmo entre os clubes declaradamente defensores do amadorismo, a contratação de jogadores de times suburbanos com a promessa de salários era algo comum, a exemplo do Santa Cruz. Assim, desenvolveu-se uma pressão no sentido oposto, a favor da profissionalização. Assim, o regime profissional no futebol pernambucano consolidou-se em 1939,

Com o futebol jogado como profissão, a entidade teve também de estruturar-se para enfrentar a nova situação. Mais do que nunca, agora o dinheiro dos clubes estava em jogo, devido ao investimento que faziam na contratação de jogadores e outras despesas afins. Urgia a figura do árbitro propriamente dito (ALVES, 1978: p.196).

Dentre as repercussões imediatas, destaca-se a criação de regulamentos para a escolha da arbitragem; o valor da cota em dinheiro paga aos árbitros; e a divisão da renda do jogo entre os clubes, o proprietário do campo e a Federação (em percentuais), além da separação dos clubes em divisões. Para os críticos, o profissionalismo foi o maior responsável pela extinção do Flamengo – primeiro campeão pernambucano -, que na condição de ardoroso defensor do amadorismo perdeu muitos de seus jogadores para os times profissionais e fechou suas portas em 1945. O América, 06 (seis) vezes campeão do Estado, também teria sido outra vítima da profissionalização, mesmo sendo um dos clubes que mais empregou atletas na fase do “profissionalismo marrom”. Após protagonizar o futebol local até a década de 1950, sem possuir um estádio próprio, a equipe alviverde passou a ter menos investimentos e arrecadações – com a venda de ingressos – que seus concorrentes, sendo estas causas fundamentais para a queda técnica do América, que atualmente apenas marca presença nos campeonatos locais, alternando-se entre a primeira e segunda divisões.

---

<sup>72</sup> Sucedendo a Liga Sportiva Pernambucana, foi criada em 1925 a Liga Pernambucana de Desportos Terrestres (LPDT), que unificada em 1931 com a Liga Pernambucana de Desportos Náuticos (LPDN) deu origem a Federação Pernambucana de Desportos (FPD). Essa última é a antecessora da atual Federação Pernambucana de Futebol (ALVES, 1978: p.154).

Apesar de alguns movimentos contrários a profissionalização, promovidos por parte da imprensa local, esse seria um caminho sem volta - como ocorreu em todo o Brasil -, e os argumentos favoráveis a profissionalização foram crescendo à medida que os resultados dos clubes e das seleções de Pernambuco foram melhorando e ganhando espaço no cenário futebolístico nacional<sup>73</sup>.

### **2.2.2 O futebol pernambucano no cenário nacional**

Em 1938 a FIFA realizou um congresso para definir o país sede da copa de 1942, onde Argentina e Brasil eram candidatos, entretanto, a preferência recaía sobre a Alemanha, por haver sediado os jogos olímpicos de Berlim, em 1936. Com a deflagração da 2ª Guerra Mundial, as Copas de 1942 e 1946 não foram realizadas, e no congresso realizado em 1949 o Brasil foi o único a permanecer como candidato para a Copa seguinte de 1950, a quarta da história dos mundiais.

Necessitando organizar-se internamente, a primeira providência brasileira foi construir um grande estádio para sediar as principais partidas do mundial, fato que foi concretizado com a construção do Maracanã, com capacidade oficial para 155 mil pessoas. Além do Rio de Janeiro, a escolha das demais cidades que receberiam jogos da Copa levaria em consideração a importância do futebol local (clubes e popularidade), e a existência de estádios apropriados (RIBAS, 2010: p.51). Desta forma, consolidada sua imagem como uma das “praças” mais importantes do futebol nacional, o reconhecimento da importância de Recife, e conseqüentemente de Pernambuco, foi

---

<sup>73</sup>Contribuíram para a visibilidade e prestígio nacional do futebol Pernambucano, após 1940, a quantidade de bons jogadores “exportados” para clubes das regiões Sul e Sudeste, provocados por uma excursão realizada pelo Sport Clube do Recife aos Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, no final de 1941 e início de 1942, quando fez uma brilhante campanha, conseguindo derrotar grandes equipes sulistas como Flamengo, Vasco da Gama, Atlético Mineiro, Coritiba, Internacional e Grêmio; além da excursão do Santa Cruz, em 1942, ao Norte do país (ALVES, 1978; FERREIRA, 2007).

selado com a escolha para, ao lado de Belo Horizonte (MG), São Paulo (SP), Porto Alegre (RS) e Curitiba (PR), receber uma partida daquela edição<sup>74</sup>.

Neste período, o estádio da Ilha do Retiro - de propriedade do Sport Recife e inaugurado em 1937 -, era considerado um dos principais palcos do país, credenciado por ter recebido um público superior a 30 mil pessoas em 1943, durante a partida em que a seleção pernambucana venceu a baiana por 9 a 1 (maior feito da seleção local até aquela data), demonstrando o interesse da cidade pelo futebol,

Na tarde do segundo jogo parecia que todo o Recife estava na Ilha do Retiro. Os bondes chegavam à Praça da Bandeira abarrotados de gente, enquanto pelas ruas filas quilométricas de torcedores caminhavam, apressadamente, para o campo do Sport. A imprensa calculou 30 mil pessoas presentes ao estádio, sem falar nos que deixaram de entrar por falta de lugar (ALVES, 1978: p. 239).

Em 13 de julho de 1947, o encontro de duas das mais populares equipes do Brasil, à época, Flamengo (RJ) e Fluminense (RJ), realizado no mesmo estádio, e que marcou o recorde de renda no Nordeste - cerca de Cr\$ 252.600,00 (duzentos e cinquenta e dois mil, e seiscentos cruzeiros) – ajudou a ratificar a escolha da cidade, entre as que sediariam a Copa do Mundo de 1950. Entretanto, apesar da visibilidade proporcionada pelo interesse do torcedor local pelo futebol, o Sport necessitou construir um alambrado que separasse toda extensão das arquibancadas do campo de jogo, além de três túneis, o que permitiria ajustar a Ilha do Retiro ao “Padrão FIFA” da época.

Com uma ampla campanha da imprensa local, contribuições de torcedores e dirigentes – incluindo seguidores de outros clubes locais -, o estádio foi adequado e pronto para receber a Copa do Mundo. No dia 02 julho de 1950, as seleções dos Estados Unidos e do Chile (vencido pelos chilenos por 5 a 2) realizaram a partida de futebol que incluiria o futebol do estado na história das Copas do Mundo, feito que seria repetido em 2014.

---

<sup>74</sup> Ainda de acordo com as informações de Lucyo Ribas, Salvador, que na época era a quarta maior cidade do país, não possuía estádios nas condições estabelecidas pela FIFA e acabou fora da Copa (Ibden, p. 52).

No período que sucedeu a Copa de 1950, o futebol pernambucano consolidou-se no cenário nacional com suas três equipes mais bem colocadas no ranking (Sport, Náutico e Santa Cruz) participando assiduamente das principais competições organizadas pela Confederação Brasileira. Apesar da reformulação que dividiu o campeonato brasileiro em divisões, a partir de 1987, e que repercutiu na oscilação dos clubes pernambucanos entre as séries A e B (basicamente), considera-se que os três mantêm-se entre aqueles que podem ser considerados “grandes” no futebol brasileiro.

As décadas de 1950 e 1960 ficaram marcadas por campanhas de grande destaque realizadas por clubes pernambucanos nas disputas nacionais. Nas disputas da **Taça Brasil**, que definia o campeão brasileiro da época - realizada entre 1959 e 1968 – o estado teve sempre um clube posicionado entre os 10 (dez) melhores, em todas as edições da competição: 1959 (Sport - 5º colocado), 1960 (Santa Cruz – 6º colocado), 1961 (Náutico – 4º colocado), 1962 (Sport - 4º colocado), 1963 (Sport - 5º colocado), 1964 (Náutico – 7º colocado), 1965 (Náutico, 3º colocado), 1966 (Náutico – 3º colocado). Entretanto, o feito de maior destaque de um clube pernambucano naquela competição foi o **vice-campeonato** em **1967**, conquistado pelo **Náutico** (disputou a final com o Palmeiras-SP), o que lhe rendeu a participação na Taça Libertadores das Américas, em 1968. Ainda em 1968, o Náutico fez mais uma campanha de destaque, terminando a disputa em 4º lugar.<sup>75</sup>

Na década de 60, onde o Náutico figurou 05 (cinco) vezes entre os 04 (quatro) primeiros colocados da Taça Brasil, além de disputar a Taça Libertadores das Américas, o clube destacou-se ainda no âmbito estadual, onde foi campeão por seis edições consecutivas (hexacampeão), entre 1963 e 1968, sendo esta década a principal fase de conquistas da história do Náutico.

Enquanto o Náutico foi o clube com maior projeção e resultados relevantes durante a década de 1960, pode-se afirmar que a chamada “década de ouro” do Santa Cruz corresponde aos anos setenta, onde além de sagrar-se pentacampeão pernambucano (1969-1973) foi o clube do estado com as melhores participações no campeonato brasileiro - criado em 1971 - o que lhe rendeu ser chamado no meio futebolístico de “terror do Nordeste”. O clube também passou a ter notoriedade por ser o proprietário do Estádio do Arruda, considerado até a década de 1990 o segundo maior

---

<sup>75</sup> O texto foi organizado a partir das informações do Anuário Estatístico do Diário de Pernambuco, disponíveis para consulta em <<http://blogs.diariodepernambuco.com.br/esportes>>. Acesso em 20JAN16.

estádio particular do Brasil (capacidade estimada de 95 mil pessoas), e por levar grandes multidões aos seus jogos. Os melhores resultados do estado naquela década foram: 1975 (Santa Cruz - 4º colocado), 1977 (Santa Cruz – 10º colocado), 1978 (Santa Cruz – 5º colocado; Sport – 8º colocado); uma participação bem modesta, se comparados os números da década anterior, e que seriam conquistados na seguinte.

O Sport Recife, numa espécie de “alternância de protagonismo”, (Náutico nos anos 1960; Santa Cruz nos anos 1970), passou a ser o clube do estado com maior visibilidade nacional a partir dos anos 1980. Nesta década, das 10 (dez) edições do campeonato brasileiro, o Sport esteve entre os 10 (dez) primeiros colocados em 06 (seis) oportunidades, enquanto o Náutico esteve uma vez entre os melhores. Os principais resultados foram: 1981 (Sport – 10º colocado), 1982 (Sport – 9º colocado), 1983 (Sport – 8º colocado), 1984 (Náutico – 6º colocado), 1985 (Sport – 5º colocado), 1987 (Sport – **campeão**)<sup>76</sup>, 1988 (Sport – 7º colocado). Destaca-se que, além do título de 1987, o Sport foi **vice-campeão** da 1ª edição da **Copa do Brasil**, em 1989, tendo perdido a final para o Grêmio (RS). Com a conquista de 1987, o Sport Recife foi responsável pela segunda participação de um clube pernambucano na Taça Libertadores das Américas, repetindo o feito do Náutico, em 1968. O Sport foi ainda pentacampeão estadual duas vezes, (1996 a 2000); (2006-2010).

Se nas três décadas comentadas a presença dos clubes pernambucanos em competições nacionais foi sempre destacada, a partir dos anos 1990 registrou-se uma queda acentuada de resultados expressivos. Entre 1990 e 2015 (26 edições), os resultados de destaque foram pontuais, cabendo ao Sport Recife as melhores participações de clubes pernambucanos na primeira divisão do campeonato brasileiro:

---

<sup>76</sup> O Campeonato Brasileiro de 1987 não foi organizado pela CBF, devido a problemas financeiros. Coube a um grupo autointitulado “clube dos 13”, composto pelos treze clubes mais bem colocados do ranking nacional, computados os pontos desde 1971, administrar e organizar o campeonato daquele ano, de forma que desse lucros através de patrocinadores fortes. Assim, o grupo formado por Corinthians, Santos, São Paulo, Palmeiras, Flamengo, Fluminense, Botafogo, Vasco, Atlético-MG, Cruzeiro, Internacional, Grêmio e Bahia; além dos convidados Santa Cruz (PE), Coritiba (PR) e Goiás (GO) – campeões de seus estados em 1987 – completaram o que seria chamado de “módulo verde” (Copa União, como queriam os clubes deste módulo). Um segundo módulo, “amarelo”, também composto por 16 clubes, entre eles o Sport Recife; além de outros dois módulos com igual número de clubes (azul e branco), formariam o campeonato brasileiro de 1987, reconhecido pela CBF. Assim, previa o regulamento que ao final das disputas dos módulos, os dois primeiros do “módulo verde” e os dois primeiros do “módulo amarelo”, disputassem um quadrangular para definir o campeão brasileiro daquele ano. Após a conclusão dos módulos, Flamengo (RJ) e Internacional (RS), campeão e vice, do “módulo verde”, respectivamente, desistiram de jogar o quadrangular final contra o Sport (PE) e Guarani (SP), campeão e vice, do “módulo amarelo”, respectivamente. A CBF determinou que Sport e Guarani decidissem o campeonato, que foi conquistado pelo Sport – declarado e reconhecido judicialmente como campeão (MENDES JÚNIOR; ROSSI, 2014: p. 115-131).

1996 (10º colocado), 1998 (7º colocado), 2000 (5º colocado), e 2015 (6º colocado). Certamente, o principal feito do futebol pernambucano desde 1987, foi o **título da Copa do Brasil de 2008**, conquistado pelo Sport Recife, vencendo o Corinthians (SP) na decisão. Nas séries de acesso, os principais resultados foram: 1990 (Sport – campeão/série B), 1999 (Santa Cruz – vice-campeão/série B), 2005 (Santa Cruz - vice-campeão/série B), 2006 (Sport – vice- campeão/série B), 2011 (Náutico – vice-campeão/série B), 2013 (Santa Cruz – campeão/série C).

Após adotar um modelo de organização próximo ao existente nos principais campeonatos da Europa, o campeonato brasileiro passou a ter, a partir de 1988, a separação dos clubes em séries (ou divisões), com a introdução do sistema de acesso e rebaixamento. Assim, a exemplo de vários clubes importantes das regiões Nordeste e Norte, que até 1987 participavam regularmente das principais competições nacionais, os clubes pernambucanos alternaram-se entre a 1ª divisão (série A), e as divisões de acesso do futebol nacional (B, C e D). As interpretações das consequências deste modelo de organização serão melhor discutidas no **capítulo 3**.

O prestígio conquistado pelo futebol pernambucano – que também desfruta de repercussão internacional por possuir o “pior time de futebol do mundo, o ÍBIS -, foi mais uma vez reconhecido através da escolha da cidade do Recife como uma das 12 (doze) cidades Sedes da Copa do Mundo FIFA de 2014, tendo recebido 04 (quatro) jogos do campeonato, realizados na Arena Pernambuco, um novo estádio construído dentro dos novos padrões de exigências da Federação Internacional.

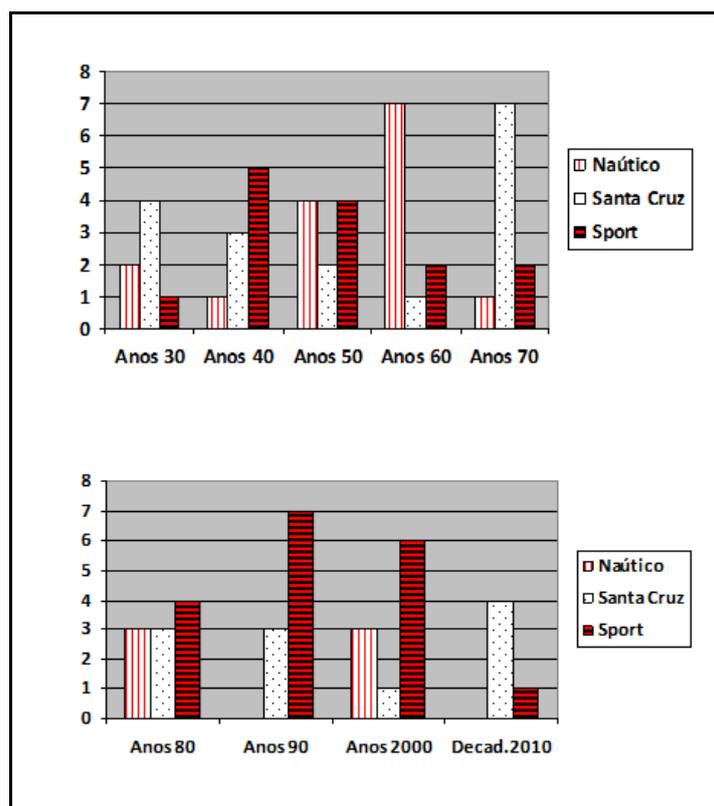
### **2.2.3 A importância das torcidas para os clubes do estado**

As informações anteriores ratificam a condição de Pernambuco como importante “praça desportiva” do futebol brasileiro. Os títulos e as participações em competições estaduais e nacionais foram importantes para consolidar a imagem do futebol local no cenário nacional, e conseqüentemente, aumentar o número de simpatizantes pelo esporte. Neste sentido, os torcedores representam o principal capital simbólico dos clubes, presentes nos bons e maus momentos da história das agremiações, capazes de atravessar fases extensas de escassez de títulos e/ou feitos importantes.

A história das conquistas dos clubes pernambucanos é bastante representativa para uma interpretação do processo de formação e crescimento do sentimento de “pertencimento clubístico” (DAMO, 2012), entre os clubes do estado, considerando

que, desde a realização da primeira edição do campeonato estadual (1915), acrescentando-se as participações em competições regionais e nacionais, a relação presumida pelo senso comum, ou melhor, pelos que não estão no princípio dos posicionamentos dos amantes do futebol [“conquistas do clube/fidelidade do torcedor”], certamente será questionada e compreendida apenas pelos que compartilham a lógica própria dos torcedores. Os gráficos abaixo apresentados – construídos a parti da relação dos campeões estaduais entre as décadas de 1930 e 2010 -, são importantes para uma compreensão mais detalhada sobre as fases de hegemonia, ou de escassez de títulos, dos três principais clubes de Pernambuco<sup>77</sup>, bem como para as discussões seguintes:

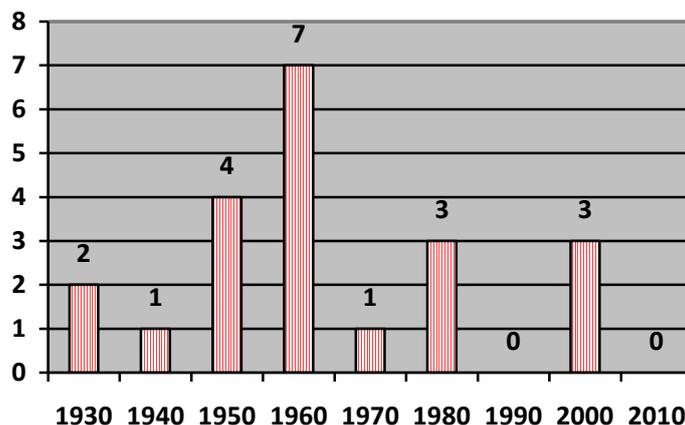
**Gráfico 1 - Comparativo entre a quantidade de títulos conquistados pelos três principais clubes de Pernambuco, entre as décadas de 1930 e 1910**



<sup>77</sup> Para a construção dos gráficos, utilizei a relação dos campeões pernambucanos disponível no site da Federação Pernambucana de Futebol. Optei por não utilizar os dados anteriores a década de 30, considerando que somente a partir desta década, Santa Cruz e Náutico conquistaram seus primeiros títulos.

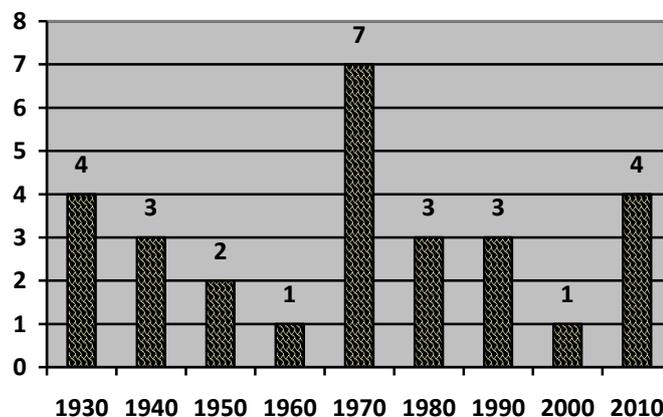
O Náutico gozou da hegemonia estadual ao longo da década de 1960, onde conquistou 07 (sete), dos 10 (dez) títulos possíveis, entretanto, aquela foi a única década em que conquistou mais títulos que os outros dois adversários tradicionais. Dos 21 (vinte e um) títulos que possui, o clube conquistou 15 (quinze) até a década de setenta, ou seja, nos últimos 36 (trinta e seis) anos o Náutico conquistou apenas 06 (seis) títulos – entre os campeonatos de 1980 e 2015. O gráfico abaixo reproduz a sequência completa de títulos do Náutico, com destaque para as décadas de 1990 e 2010 (atual), onde não conquistou títulos:

**Gráfico 2 – Quantidade de títulos estaduais do Náutico, por décadas**



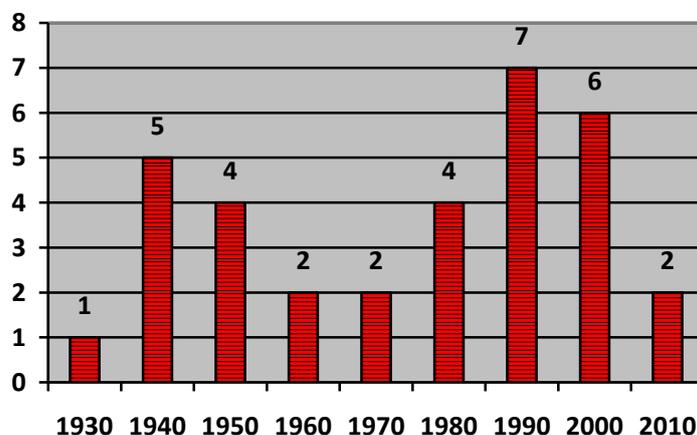
O Santa Cruz, detentor de 27 (vinte e sete) títulos estaduais, dominou a década de 1970, com a mesma quantidade de títulos conquistados pelo Náutico na década anterior (sete). Foi também o maior campeão da década de 1930 (4 títulos), sendo ainda o clube que conquistou o maior número de campeonatos na atual década (a partir de 2010, com quatro conquistas). Os piores desempenhos da equipe tricolor foram nas décadas de 1960 (liderada pelo Náutico), e 2000 (hegemonia do Sport), onde conquistou apenas 01 (um) título, em cada década. O gráfico abaixo representa a sequência de títulos do Santa Cruz:

**Gráfico 3 – Quantidade de títulos estaduais do Santa Cruz, por décadas**



O Sport, consolidou sua condição de clube com maior número de títulos estaduais (40), nas três últimas décadas (1980, 1990, e 2000), onde somou 17 (dezessete) conquistas, contra 13 (treze) dos outros dois adversários juntos (Santa Cruz – 07; Náutico – 06). Seu maior jejum de títulos 12 (doze) ocorreu entre as décadas de 60 e 70 (1963 a 1974), anos que coincidem com o hexacampeonato do Náutico, e o pentacampeonato do Santa Cruz. Esclareço ainda que, antes de 1930, o Sport foi campeão 07 (sete) vezes, 05 (cinco) na década de 1920. Neste período, o clube rivalizava com o América (campeão 6 vezes), Torre (3), Tramways (2), e Flamengo do Recife (1). Abaixo, o gráfico que representa a sequência de títulos do Sport, após a década de 1930:

**Gráfico 4 – Quantidade de títulos estaduais do Sport, a partir de 1930**



Títulos, hegemonias, períodos de escassez de vitórias contra adversários tradicionais, alimentam a rivalidade clubística e garantem a renovação da fidelidade dos torcedores. A depender da rivalidade entre as torcidas, a simples vitória numa partida - mesmo sem a conquista do título -, poderá provocar alegria entre os vencedores do encontro, e tristeza entre os “campeões”<sup>78</sup>. Conforme demonstrei, os três clubes mais representativos de Pernambuco, assim como ocorre entre os demais clubes brasileiros, experimentaram em suas histórias períodos gloriosos e tristes. Nem mesmo os 12 (doze) anos de jejum do Sport; os rebaixamentos consecutivos do Santa Cruz para divisões inferiores do futebol brasileiro (chegou a série D, em 2011); ou mesmo o atual vazio de títulos do Náutico (11 anos), repercutiram em “divórcio” com seus clubes, ou no esvaziamento dos estádios.

Segundo pesquisas recentes, as torcidas dos clubes pernambucanos estão entre as maiores do país. O Sport teria algo próximo a 2,4 milhões de torcedores; o Santa Cruz números próximos a 2 milhões; enquanto o Náutico, 1,2 milhões<sup>79</sup>. Os dados são comprovados a partir das médias de público registradas nos estádios locais. Em 2012, quando disputava a série D (4ª divisão) do futebol nacional, o Santa Cruz foi avaliado como o clube de maior média de público do Brasil (36.916 torcedores/jogo), e 39º do mundo, superando equipes da série A (Corinthians, com média de 29.424 torcedores/jogo)<sup>80</sup>.

Como consequência, a fidelidade dos torcedores repercute diretamente na vida econômica dos clubes locais. Diferentemente dos principais clubes do eixo Sudeste/Sul, sem grandes investimentos por parte de empresas patrocinadoras, a presença dos torcedores nos estádios é vista como a principal fonte de arrecadação dos clubes

---

<sup>78</sup> Assim terminou o campeonato pernambucano de 2007, quando o Sport – campeão -, enfrentou o Santa Cruz, no estádio do Arruda, na última partida daquele campeonato. Em disputa, o simbólico título de campeão invicto (sem perder jogos em toda competição), por parte da torcida do Sport. Ao final do jogo, vitória do Santa Cruz e alegria dos tricolores, tristeza dos torcedores do Sport, mesmo com os jogadores comemorando o título no gramado, garantido antecipadamente.

<sup>79</sup> Os dados foram publicados pelo jornal Diário de Pernambuco, na edição de 06 de novembro de 2015, Caderno de Esportes, a partir de dados do instituto de pesquisas IBOPE. Na mesma edição, e com base na pesquisa realizada pela agência Plural Pesquisa, estimava-se que na cidade de Recife, a torcida do Sport teria algo próximo a 630.701 mil seguidores (39%); o Santa Cruz 452.811 mil (28%); e o Náutico 161.718 torcedores (10%).

<sup>80</sup> Fonte: Revista Placar, disponível em <<http://www.placar.abril.com.br>>. Acesso em 23.out.13.

pernambucanos, incluindo os times do interior do estado. Enquanto a maioria dos clubes locais tem dificuldades para fechar um patrocínio que garanta o pagamento da folha salarial mensal dos jogadores e funcionários, as arrecadações proporcionadas pela compra de ingressos de jogos importantes, em alguns casos, superam o valor que seria pago por um patrocinador para o mês todo<sup>81</sup>. O Quadro 3.2 – abaixo -, apresenta as 10 (dez) maiores arrecadações registradas pelos clubes do futebol pernambucano, ratificando a importância dos torcedores para a vida econômica dos clubes<sup>82</sup>.

**Quadro 2 – Maiores rendas de jogos realizados em Pernambuco, com clubes locais**

	<b>Renda (em Reais)</b>	<b>Público</b>	<b>Jogo/estádio</b>
1°	R\$ 1.392.610	60.040	Santa Cruz x Betim (MG) – 2013/Série C (Arruda)
2°	R\$ 1.254.240	41.994	Sport x São Paulo (SP) – 2015/Série A (Arena Pernambuco)
3°	R\$ 1.177.140	62.243	Santa Cruz x Sport – 2011/Estadual (Arruda)
4°	R\$ 1.149.020	34.939	Sport x Flamengo – 2015/Série A (Arena PE)
5°	R\$ 1.106.405	46.370	Santa Cruz x Salgueiro (PE) – 2015/Estadual (Arruda)
6°	R\$ 1.105.425	37.615	Sport x Flamengo – 2014/Série A (Arena PE)
7°	R\$ 1.084.320	35.163	Sport x Palmeiras – 2014/Série A (Arena PE)
8°	R\$ 1.040.104	26.803	Náutico x Sporting (Portugal) – 2013/Amistoso internacional (Arena PE)
9°	R\$ 1.011.655	34.496	Sport x São Paulo (SP) – 2014/Série A (Arena PE)
10°	R\$ 1.010.860	59.966	Santa Cruz x Treze (PB) – 2011/Série D (Arruda)

<sup>81</sup> O Sport Recife, clube que recebe maiores investimentos de patrocinadores, fechou um acordo com a Caixa Econômica Federal, para receber 6 milhões de Reais, em 2016, o que representava R\$ 500 mil, por mês. O mesmo contrato foi fechado com o Flamengo (RJ), por R\$ 25 milhões/ano. Fonte: <<http://www.esportes.terra.com.br>>. Consulta feita em 20.jan.16.

<sup>82</sup> Fonte: <<http://blogs.diariodepernambuco.com.br/esportes>>. Acesso em 20.dez.15.

Como é possível notar, através dos dados organizados no **Quadro 2** (acima), as arrecadações expressivas são decorrentes da grande presença de torcedores nos estádios pernambucanos, e representam, para a maioria dos clubes, a única fonte segura de captação de recursos, realidade que também se aplica aos clubes do interior do Estado. Tomando aqui como exemplo as três equipes interioranas que disputaram as finais do campeonato pernambucano de 2015 - ao lado de Santa Cruz, Sport e Náutico -, Salgueiro, Central e Serra Talhada, tiveram médias de torcedores superiores a vários outros clubes de maior expressividade nacional, quando disputaram competições de maior relevância<sup>83</sup>. As médias de torcedores do Salgueiro (**6.413**) e Central (**4.681**), por exemplo, foram superiores as médias da Ponte Preta – SP (**6.281**), que terminou a série A do campeonato brasileiro de 2015 na 11ª colocação, além de superarem a média de público geral da Série B, do mesmo ano, que foi de **6.523** torcedores/jogo; enquanto que a média de torcedores do Serra Talhada (**3.760**) foi superior a 10ª maior média daquela competição, que pertenceu ao América-MG (**3.737**), clube que ascendeu para a disputa da Série A, em 2016.



**Imagem - Torcedores de clubes pernambucanos. Fotos do autor.**

O desenvolvimento do gosto pelo futebol em Pernambuco, conforme demonstrei, processou-se em ritmo e intensidade semelhantes as principais capitais

---

<sup>83</sup> O Salgueiro (que também disputou a série C do campeonato nacional, em 2015) e o Serra Talhada são equipes que carregam os nomes de seus municípios, localizados no Sertão pernambucano; o Central é nativo do município de Caruaru, do Agreste do estado. As informações relativas as médias de público, usadas nos argumentos, foram obtidas em <<http://app.globoesporte.globo.com>>; <<http://www.fpf.com.br>>. Acesso em 20.dez.2015.

brasileiras, acompanhando os passos da República e do projeto modernizador da nação. O futebol ganhou adeptos nos clubes elitizados e nos subúrbios da cidade, transformando-se, em menos de duas décadas, em prática popular e com direito a campeonatos organizados por uma Liga reconhecida por toda a sociedade local, ainda na década de 1910. Clubes aristocráticos (Náutico e América), populares (Santa Cruz, Flamengo e Torre), ou criados sob a influência e ajuda de capital estrangeiro (Sport e Tramways), foram os primeiros responsáveis – alguns continuam sendo -, por transformar o Estado em uma “praça esportiva” reconhecida nacionalmente por seus estádios cheios.

O “torcedor” local também deixou as assistências dos “acanhados” primeiros estádios recifenses para tornar-se protagonista deste processo de massificação do futebol, como ocorrera no Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador ou Porto Alegre. As sociais, arquibancadas e gerais nasceram e cresceram separadas pelas desigualdades sociais, e viram o futebol de Pernambuco crescer em direção a grandes estádios e receber duas Copas do Mundo da FIFA. Os clubes pernambucanos foram alcançados pelo “futebol de espetáculo” e seus torcedores, conseqüentemente, assumiram novos papéis na vida política e administrativa daquelas instituições.

Ao lado das famílias e dos torcedores anônimos, surgiram e cresceram os **grupos organizados de torcedores** nos estádios de Recife, expandindo-se, em seguida, para outros locais no Estado. O processo de formação e crescimento destes grupos será melhor detalhado no capítulo seguinte, construído e alicerçado basicamente a partir da etnografia produzida com os grupos vinculados aos três principais clubes de Recife, além de grupos de outras cidades brasileiras com quem manteve contatos durante a pesquisa.

## CAPÍTULO TERCEIRO

### *AS GERAÇÕES DOS GRUPOS ORGANIZADOS DE TORCEDORES NO BRASIL: O CAMINHO ATÉ AS ALIANÇAS*

Situados num recorte temporal que perfaz pouco mais de 70 anos, os grupos organizados de torcedores dispostos nas quatro gerações propostas neste trabalho – **1939-1969 (1ª geração); 1969-1990 (2ª geração); 1990-2000 (3ª geração); ano 2000, em diante (4ª geração)** – foram criados e desenvolvidos próximos pelo tempo e pelos desdobramentos históricos do país, entretanto, distanciaram-se pela dimensão cultural e amplitude social que alcançaram - cresceram em número de membros e expressão nacional, mudaram sua organização interna e, conseqüentemente, suas características performáticas, estéticas, e sua representatividade social.

Assumindo a condição de protagonistas, grupos de torcedores com características diferenciadas passaram a ser vistos nos estádios do Brasil no final da década de 1930 (grupos menores dentro da mesma torcida), criando novas possibilidades em um espaço físico que foi concebido para receber pessoas discretas e passivas – as assistências. Os primeiros grupos de torcedores notados nos estádios brasileiros surgiram em São Paulo e no Rio de Janeiro, entre o final da década de 1930 e início dos anos 1940, espalhando-se rapidamente pelos centros de maior expressão no futebol nacional e, principalmente, a partir de 1970 para várias cidades do país, incluindo Recife-PE. Pode-se afirmar que o fenômeno alcançou proporções nacionais na década de 1990 e que atualmente não se tem conhecimento de algum clube profissional,

no território nacional, que não possua entre seus torcedores, ao menos um grupo organizado, independentemente da expressão nacional ou do número de fãs desse clube.

Para facilitar a compreensão deste processo, o capítulo está dividido em três partes: a **primeira** abordando a formação e a expansão dos grupos organizados de torcedores brasileiros, divididos por gerações, procedimento que foi adotado como recurso metodológico de análise. Na **segunda parte** do capítulo, portanto, procedeu-se a um detalhamento dos aspectos culturais, da organização social, e características gerais dos grupos, em cada uma das três primeiras gerações, considerando que a quarta será melhor detalhada e examinada no contexto do capítulo cinco. Na **terceira** seção, discutiu-se de que maneira o fenômeno passou a ter dimensões e expressividade nacionais.

Esses grupos de torcedores, reconhecidos no meio futebolístico por “**torcedores uniformizados**” e/ou “**torcedores organizados**”, desenvolveram necessidades próprias de se diferenciarem dos demais frequentadores dos estádios - os *torcedores comuns*<sup>84</sup> -, criando formas peculiares de torcer, de se representarem, e de se identificarem enquanto tal. Pressupõem-se que tenham surgido em um contexto histórico e social onde predominavam fortes motivações ideológicas, difundidas em torno das ideias de *raça, nação, identidade e cultura nacional*, e com uma cultura urbana que viabilizou relações de sociabilidades marcadas pela superficialidade, transitoriedade e isolamento do indivíduo, que caracterizam o processo de *desindividualização*. É neste cenário que se formam os grupos juvenis urbanos com *estilos de vida*<sup>85</sup>, estratégias de *demarcação de território* (termo nativo), e práticas de convivência que possibilitam uma extrema identificação entre seus integrantes. Essa ideia, desenvolvida por Maffesoli (2010) a partir da categoria “tribo urbana” é vista como uma resposta a massificação indiferenciada da vida nas grandes cidades. O uso do termo “tribo”, por aquele autor, difere do que era aplicado habitualmente na Etnologia, a fim de designar os grupos

---

<sup>84</sup> Interpreto por *torcedores comuns* a categoria que representa o simpatizante do futebol sem estar vinculado a qualquer grupo específico de torcedores, mas que desenvolve plenamente o sentimento de *pertencimento clubístico* - mesmo quando não é frequentador regular dos estádios de futebol.

<sup>85</sup> Corresponde ao que, na Antiguidade, Aristóteles considerava como a maneira de ser, os valores e a forma de viver do indivíduo; ou ainda, segundo as teorias do Marketing, as atitudes, valores e padrões de consumo de uma comunidade. Segundo Bourdieu (1983), a categoria *estilo de vida* corresponde ao gosto, a apropriação material e simbólica de uma categoria de objetos ou práticas classificadas ou classificadoras.

humanos constituintes das sociedades tradicionais ou “primitivas”, sobretudo os nativos das Américas, África e Oceania.

Pensar os grupos organizados de torcedores enquanto “tribos urbanas”, sobretudo numa interpretação antropológica, parece-me inadequado, tendo em vista o caráter transitório e voluntário da formação destes agrupamentos de torcedores, mesmo aceitando o processo enquanto resposta ao sentimento de “vazio social” destacado como característica da urbanização. Pensamento análogo é visto em Bromberger (2008: p.245), quando sinalizou o problema da “transferência de categorias”. O surgimento dos grupos organizados de torcedores tem uma forte vinculação com o cotidiano da cidade e com o papel que passaram a desempenhar no ambiente dos grandes centros urbanos, e, no caso do futebol, destes com seus clubes, chegando ao ponto de se confundirem com a própria imagem da agremiação, entretanto, algo bem distante das características que possibilitam e qualificam o emprego do termo “tribo” a estes grupos juvenis<sup>86</sup>.

Submetidos, inicialmente, a uma “liderança carismática”<sup>87</sup>, por vezes “pitoresca”, reconhecida como “torcedor símbolo”, os primeiros grupos tornaram-se conhecidos pelo uso de camisetas iguais, preservando as cores do uniforme do clube, e pela utilização de instrumentos musicais nas arquibancadas – as *charangas*<sup>88</sup> – motivo pelo qual passaram a ser chamados de “torcedores uniformizados”. Ao comentar sobre as lideranças das torcidas, Tarcyanie Santos, destacou que,

Havia torcedores que representavam toda a torcida do time e tinham prestígio na imprensa. Tratava-se, pois, de “torcedores símbolos”, cuja liderança era tão intensa, que mantinham seus comandados sob uma disciplina quase severa (2004: 78).

---

<sup>86</sup> Ainda de acordo com o pensamento de Bromberger, uma tribo é fundada sobre a filiação, uma atribuição estatutária, bem diferente do engajamento em um grupo de torcedores que ocorre através da livre escolha.

<sup>87</sup> Para Weber, em torno da figura do líder desenvolve-se uma dominação carismática, em virtude das qualidades “excepcionais” que possui. Assim, a *liderança carismática* não subsiste em função da posição social, mas sim, enquanto o carisma existir (CASTRO, 2014: p. 64).

<sup>88</sup> Grupo de pessoas e instrumentos de percussão que formam uma pequena banda de música. Algumas charangas são formadas por instrumentos improvisados ou feitos com materiais reaproveitados. Em alguns locais do Nordeste, como Recife, Maceió e João Pessoa, também são conhecidas por “batucadas”.

Não há um consenso entre os pesquisadores sobre qual deles merece a “primogenitura” dos grupos de torcedores, entretanto, dividem-se entre aqueles que sinalizam para a criação do “*grêmio tricolor*”, **fundado em 1939**, posteriormente chamado de “*torcida uniformizada do São Paulo*”; e os que defendem a primazia da “*charanga do Flamengo*” ou “*charanga rubro-negra*”, criada em 1942, no Rio de Janeiro<sup>89</sup>. Em geral, esses grupos redimensionam a relação torcida/futebol profissional e, especialmente, a relação espectador-espetáculo de futebol, no sentido de que, através da sua mobilização coletiva nos estádios e de sua aparição permanente na mídia, como valor estético e informativo agregado, o espectador ganhou ainda mais centralidade dentro do espetáculo futebolístico (TOLEDO, 2000: 133).

Os primeiros estudos sobre estes **grupos de torcedores** começaram a ser produzidos no Brasil a partir da década de 1990, sobretudo por cientistas sociais que se dedicaram ao problema da violência urbana e da *violência nos esportes*<sup>90</sup>, e deram continuidade a um conjunto de produções sobre o esporte (o futebol em especial), enquanto objeto de análise e compreensão da cultura e da sociedade brasileira produzidos em décadas anteriores. O artigo “Football Mulato”, de Gilberto Freyre, produzido em 1983, é uma das primeiras produções acadêmicas sobre o futebol no país.

---

<sup>89</sup> Para Bernardo Buarque (2008), Jaime Rodrigues de Carvalho, torcedor símbolo do Clube de Regatas Flamengo entre as décadas de 1930 e 1940, criou a primeira torcida organizada do Brasil, a “charanga rubro-negra”, em 1942. Este torcedor teria ainda representado a torcida brasileira durante as Copas do Mundo de 1954 (Suíça) e 1974 (Alemanha), e foi o responsável por introduzir nas torcidas os instrumentos rítmicos e de sopro, os metais. De acordo com Toledo (1996: 21), em 1939 foi criado o *Grêmio tricolor*, fundado por Manoel Raymundo Paes de Almeida, torcida que posteriormente deu origem a *torcida uniformizada do São Paulo*, vinculada ao São Paulo Futebol Clube, sendo esta, em sua visão, a pioneira dentre as torcidas.

<sup>90</sup> Uma série de episódios violentos protagonizados por grupos de torcedores em estádios de futebol, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, motivaram pesquisas que se dedicaram a tentar compreender o comportamento e o significado social dos integrantes de torcidas organizadas. Um dos eventos de maior repercussão no país refere-se a briga generalizada, no estádio do Pacaembu, em São Paulo, ocorrida no dia **20 de agosto de 1995**, entre componentes das torcidas “*Mancha Verde*”, da Sociedade Esportiva Palmeiras, e “*Independente*”, do São Paulo Futebol Clube, durante uma partida válida pela Copa São Paulo de futebol júniores, com transmissão em tempo real para todo o Brasil. Várias análises passaram a ser produzidas sobre a possível relação entre violência no futebol e Torcidas Organizadas. Dentre os importantes estudos produzidos, e que adoto como referências nesta pesquisa, destaco Toledo (1996), Pimenta (1997), Heloísa Reis (2006) e Maurício Murad (2007). Os estudos produzidos sobre a violência nos esportes também foram profundamente influenciados pela produção europeia, principalmente britânica, dedicada a compreensão da violência no futebol, através do fenômeno do *hooliganismo*, como também à teoria do *Processo Civilizador* de Norbert Elias (1990).

Destaco ainda a coletânea “*universo do futebol*”, organizada por Roberto DaMatta, em 1982. Este mesmo autor compreende o futebol no Brasil como uma “máquina” capaz de socializar as pessoas, sendo um sistema altamente complexo de transmissão de valores essenciais e um domínio onde se tem a garantia da continuidade e da permanência cultural e ideológica (DaMatta, 1982:p.40). Também destaco Simoni Lahud Guedes, que desde sua primeira produção sobre o futebol, “*O futebol brasileiro: instituição zero*”, em 1977, constitui-se um dos pilares nos estudos desta temática, motivo pelo qual também foi um dos referenciais teóricos da presente pesquisa.

Pesquisas realizadas com integrantes desses grupos nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro (REIS, 2009; MURAD, 2010; PIMENTA, 1997; TOLEDO, 2000), apresentam resultados que se aproximam quanto ao perfil dos integrantes: são agrupamentos tipicamente juvenis, cuja composição etária situa-se entre 15 e 30 anos, predominantemente formados por homens; Os resultados também são semelhantes ao que registrei durante a etnografia realizada alhures com grupos organizados de torcedores na cidade de Recife, entre os anos de 2010 e 2011 (SOUZA, 2012).

Ao logo dos anos, os grupos cresceram e alcançaram proporções inesperadas, completamente diferentes dos primeiros grupos formados no final da década de 1930 e durante as décadas de 1940, 1950 e 1960. A torcida *Gaviões da Fiel*, do Corinthians Paulista, considerada a maior do Brasil em número de associados, foi criada em 01 de julho de 1969 sendo a primeira a desenvolver uma *estrutura organizativa*<sup>91</sup> composta por regras estatutárias, liderada por um presidente, e com propósitos claros de fiscalizar e apontar os erros dos dirigentes do clube, cobrando melhores resultados (Pimenta, 1997:67). Logo, manter uma organização interna que atenda às necessidades de grupos tão expressivos não é tarefa simples, e suas lideranças criam estratégias de captação de recursos para investimentos em aquisições de imóveis (para as sedes sociais dos grupos), novos tipos de entretenimento (fora dos estádios), e materiais para uso em dias de jogos.

---

<sup>91</sup> Algumas torcidas são analisadas por especialistas das ciências administrativas como verdadeiras empresas. Neste caso, a estrutura de uma organização pode ser simplesmente definida como a soma total das maneiras pelas quais o trabalho é dividido em tarefas distintas e como é feita a coordenação entre essas tarefas (MINTZBERG, 1995:p.10).

O que se observa nesse percurso de pouco mais de um século de futebol no Brasil é um deslocamento radical de finalidade. De diversão descompromissada e elitizada, o principal esporte brasileiro passou a fenômeno de massa e, na fase atual, a produto de consumo midiático (GURGEL, 2006: 17). As torcidas brasileiras chegaram a um nível de organização que lhes possibilitou criar a *Confederação Nacional das Torcidas Organizadas* (CONATORG)<sup>92</sup>, em 13 de outubro de 2010, com o objetivo de unir reivindicações de todas as torcidas em âmbito nacional, contando com o apoio de diversas organizações, como a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MTST), por entenderem que todos esses movimentos lutam contra a criminalização dos movimentos sociais.

### 3.1 AS GERAÇÕES COMO RECURSO DE ANÁLISE

#### 3.1.1 Uma nova categoria analítica

No *sensu comum*, “torcedores uniformizados” e “torcedores organizados” são considerados termos equivalentes, utilizados normalmente quando se faz referência aos torcedores agrupados, reconhecidos pelo uso de vestimentas idênticas e, em muitos casos, pelo uso de práticas violentas. Com percepção análoga registra-se uma parcela significativa dos profissionais ligados a imprensa esportiva e representantes de órgãos públicos<sup>93</sup>, conforme demonstro na transcrição seguinte,

#### **Organizadas pedem PM fora dos estádios**

O plenário Primeiro de Maio, uma das principais salas da Câmara Municipal de São Paulo, recebeu visitas incomuns na manhã de ontem. Na primeira vez em que a CPI das torcidas organizadas (iniciada em junho passado), recebeu membros das maiores **torcidas organizadas** (grifo nosso) dos clubes que formam o “trio de ferro” paulista (Corinthians, Palmeiras e São Paulo), a oratória formal e cheia de contornos dos vereadores deu lugar a um discurso direto e uma pedida unânime dos **uniformizados** (grifo nosso): o fim da Polícia Militar dentro dos estádios de futebol da capital paulista. (Nota publicada no *Jornal do Comércio*, caderno de esportes (p.7), dia 22.out.15, Recife-PE).

---

<sup>92</sup> Atualmente a entidade chama-se ANATORG – Associação Nacional das Torcidas Organizadas.

<sup>93</sup> No capítulo terceiro procedo a uma análise sobre o papel prescrito e desempenhado pelo poder público diante da problemática da violência nos estádios de futebol, no Brasil e em outros países.

Do ponto de vista legal, a **Lei Federal 10.671**, de 15 de maio de 2003, em seu Artigo 2º, mais conhecida como “**Estatuto do Torcedor**”, define “Torcida Organizada” como sendo “*a pessoa jurídica de direito privado ou existente de fato, que se organize para o fim de torcer e apoiar entidade de prática esportiva de qualquer natureza ou modalidade*” (os grifos são meus). Desta forma, no entendimento de muitos juristas, para que uma “torcida organizada” tenha sua existência reconhecida não precisa, necessariamente, encontrar-se legalmente constituída e com estatutos registrados no Registro Civil de Pessoas Jurídicas, de acordo com o Artigo 45 do Código Civil Brasileiro. Assim, percebe-se que qualquer associação, mesmo que desprovida de formalidade será considerada uma “torcida organizada” desde que tenha por objetivo explícito torcer por uma agremiação esportiva, de qualquer modalidade<sup>94</sup>.

Entre os cientistas sociais, pesquisadores do futebol brasileiro, é possível identificar que “*torcidas uniformizadas*” e “*torcidas organizadas*” são interpretadas como faces distintas de um mesmo objeto, motivo pelo qual prevalece em suas produções o uso do termo “torcidas organizadas”, e, desta forma, esses grupos são diferenciados através da dimensão numérica de associados, pelo modo como se organizam, ou mesmo pelo recorte histórico em que surgiram,

Ainda que existam diferenciações formais entre as Torcidas Organizadas, sobretudo no que se refere à organização, tamanho, patrimônio construído, elas se assemelham quanto à morfologia interna evidenciada por níveis socioeconômicos e culturais bastante congruentes. A rigor, substancialmente, **distinguem-se somente pelo fato de aderirem a times variados** (grifo meu) [Toledo, 1996: 105].

A pesquisa de campo, por outro lado, possibilitou-me identificar e compreender que entre esses grupos de torcedores existem diferenças significativas no que concerne as suas características organizacionais e performáticas, sobretudo entre aqueles que foram criados em momentos distintos da história do futebol brasileiro, bem como entre grupos vinculados a um mesmo clube<sup>95</sup>. É possível identificar, ainda hoje, vários

---

<sup>94</sup> Para uma compreensão mais pormenorizada da citada Lei, recomendo a leitura de GOMES, L. F. (org.). *Estatuto do Torcedor comentado, atualizado de acordo com a Lei 12.299, de 27 de julho de 2010*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2011.

<sup>95</sup> Essas diferenças ficaram evidentes nos contatos estabelecidos com torcedores de outros estados da Federação, além da observação participante realizada entre os grupos nativos de Recife. Destaco ainda, a

grupos que preservam as características notadas entre os agrupamentos surgidos na década de 1930 e 1940, os quais continuam animando os estádios com suas “charangas”, ritmadas por um pequeno número de integrantes. Também é possível identificar grupos com relativo número de associados, entretanto, sem qualquer sistema de organização interna ou estratégias de captação de recursos, mantendo-se através de doações e/ou pagamentos de mensalidades por seus integrantes. Por outro lado, há grupos que alcançaram uma complexidade que lhes exigem padrões de organização e administração similares a grandes empresas. Isto pode ser visto nos principais grupos de São Paulo e do Rio de Janeiro, que expandiram suas atividades para dimensões que extrapolam os limites do futebol, a exemplo das torcidas que também foram transformadas em Escolas de Samba.

Desta forma, motivado pelas inquietações e revelações que o campo proporciona, ainda que percebidas as muitas semelhanças, estéticas e performáticas, existentes entre as *torcidas uniformizadas* e as *torcidas organizadas*, lancei-me ao desafio de interpretar este fenômeno, a partir de uma nova proposta de categoria analítica, aqui sugestionada por “**grupos organizados de torcedores**”, inseridos nela os “torcedores uniformizados” e os “torcedores organizados”. A proposta repousa na premissa de que há diferenças significativas entre os grupos organizados de torcedores surgidos em períodos distintos da história do futebol no Brasil, diferenças estas que devem ser identificadas e interpretadas a partir da organização social e da lógica interna atribuída pelos integrantes de cada um destes grupos, como também, analisadas através dos contextos social, cultural, político e econômico, em que os grupos surgiram e atuam. Faltava, portanto, a definição de um instrumento metodológico que facilitasse o entendimento deste complexo caminho, percorrido e construído por grupos de torcedores de futebol no Brasil, cuja caminhada possibilitou a configuração das atuais **redes de alianças**, objeto de investigação desta pesquisa.

---

importância das informações obtidas a partir de interlocuções com outros pesquisadores que compartilham o futebol enquanto objeto de estudo; bem como os registros constantes na literatura específica, que se constitui fundamental para a obtenção de informações sobre os grupos mais antigos.

### 3.1.2 Os critérios da divisão em gerações

Os primeiros passos dados por torcedores de futebol no Brasil, em direção a criação de grupos - exclusivamente com propósito de animar as arquibancadas e incentivar os clubes em dias de jogos -, ocorreram gradativamente através do costume de comparecerem aos estádios reunidos em pequenos grupos, compostos por amigos próximos e familiares. Posteriormente, com o advento da profissionalização do futebol (1933), passaram a interagir nas arquibancadas com mais ênfase, nos incentivos e nas cobranças, agregando outros valores e atraindo mais frequentadores simpáticos a este novo papel assumido pelas assistências. Como passo seguinte, alguns desses grupos optaram pelo uso de vestimentas idênticas, para obter distinção dos demais frequentadores do estádio, além de garantir a disseminação dos propósitos defendidos pelo grupo. Surgiram assim as *torcidas uniformizadas*<sup>96</sup>, identificadas inicialmente nos estádios do Rio de Janeiro e de São Paulo, conforme sugere a literatura específica que foi consultada.

Após uma longa e detalhada consulta aos arquivos da Associação Nacional das Torcidas Organizadas – ANATORG -, criada no dia 13 de outubro de 2010, com o objetivo de unir reivindicações de todos os *grupos organizados de torcedores* em âmbito nacional, identifiquei que existiam **549 (quinhentos e quarenta e nove)** grupos organizados de torcedores registrados naquela Associação, à época da consulta<sup>97</sup>, distribuídos por todas as regiões e estados do Brasil. Os dados analisados, além de chamarem atenção para o número expressivo de grupos criados, a partir da década de 1930 – revelando e ratificando o protagonismo assumido pelos torcedores no Brasil -, possibilitando ainda perceber, através de uma análise mais qualitativa, o momento e a dimensão que o futebol alcançou, em partes distintas do país; bem como compreender a

---

<sup>96</sup> O termo “uniformizada” é anterior ao termo “organizada”. Atualmente, os maiores grupos de torcedores adotam a segunda denominação para destacar que existe uma organização interna para além da mera uniformização (uso de uma camisa comum) entre seus integrantes nas arquibancadas (TOLEDO, 1996: 26).

<sup>97</sup> As torcidas cadastradas na ANATORG estão listadas em um banco de dados, por Regiões e Estados, entretanto, sem ordem cronológica a partir da data de criação, fazendo-se necessária a separação dos grupos, dentro de cada recorte temporal adotado para cada geração, bem como a construção de tabelas e listas que facilitassem a visualização dos grupos dentro dos parâmetros estabelecidos para a análise desejada. As informações estão disponíveis no endereço <<http://www.anatorg.com.br>>, e as consultas foram realizadas entre os dias 01.jun.2015 e 30.ago.2015, não necessariamente ininterruptos.

popularidade e a representatividade que o futebol possui em cada um desses locais, expressando, por consequência, a capacidade de utilização deste esporte enquanto “símbolo da identidade nacional”, por parte das classes dirigentes, ou seja, sua apropriação enquanto instrumento ideológico.

Inicialmente, detive-me na análise e organização dos dados relativos aos 549 grupos cadastrados na ANATORG, separando-os por regiões e estados, e, em seguida, agrupando-os de acordo com as décadas em que foram criados (que chamei inicialmente de “fases”), adotando como marco inaugural o ano de **1939** – criação da torcida *Grêmio São Paulino* -, aceito por mim como o pioneiro dentre os **grupos organizados de torcedores**, tomando por base os registros existentes na literatura específica. Entretanto, percebendo que os grupos criados em uma mesma década, não necessariamente possuem as mesmas características, fez-se necessário o **estabelecimento de critérios**, com base nas informações obtidas durante a pesquisa, para que, em seguida, pudesse pensar em marcos referenciais que me possibilitassem agrupar várias torcidas por fases, que trato neste trabalho como “**gerações**”. Esses dados foram utilizados para produzir o Quadro 1.2 - **Distribuição de grupos organizados de torcedores por Regiões e Estados do Brasil** -, apresentado adiante.

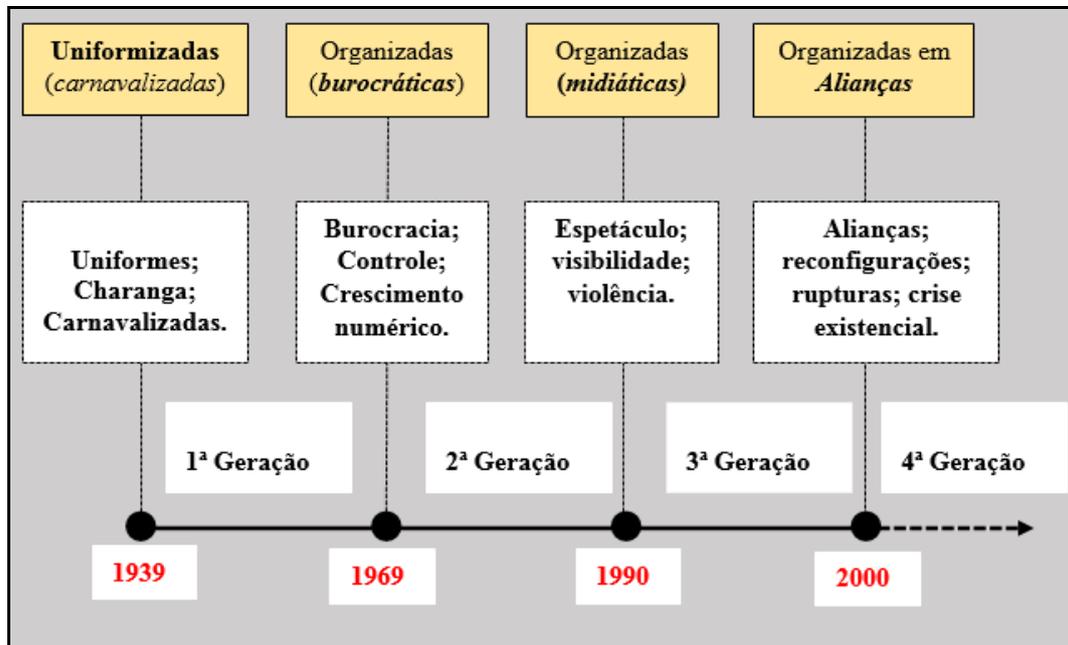
Na sequência, necessitei definir a quantidade de **gerações** que seriam propostas, além do recorte temporal preenchido por cada uma delas - sem que o determinismo histórico prevalecesse sobre os aspectos sócio antropológicos observados no interior dos grupos -, e para isto, as conjunturas política e econômica de cada fase também foram consideradas. Por fim, procedeu-se a **definição dos referenciais** que demarcariam o início e o término de cada geração, priorizando e garantindo a coerência entre estes e os **critérios escolhidos para caracterizar cada geração**. Esclareço que, os critérios foram pensados e definidos para a **definição das gerações**, ou seja, os grupos organizados de torcedores, enquanto construções sociais, não deverão ser posicionados estaticamente nas gerações propostas, antes, devido a dinamicidade e flexibilidade das relações sociais, transitam e transpõem as linhas demarcatórias (aqui definidas didaticamente), através de um fluxo contínuo e indeterminado. Dito isto, os critérios adotados para a definição das gerações são apresentados, a seguir:

- [1] Organização interna dos grupos (informal ou burocratizada); [2] Liderança (natural ou escolhida); [3] Práticas performáticas nos

estádios; [4] Valores e objetivos grupais; [5] Lógica de existência grupal (o pacto associativo); [6] Formas de arrecadação e sustentabilidade; [7] Estratégias de visibilidade e crescimento do grupo; [8] Papel social na vida política do clube; [9] Violência como recurso; [10] Capacidade de formação de redes de cooperação com torcidas de outros Estados (alianças).

Após a definição dos critérios utilizados para identificar as gerações, foram escolhidos os **marcos referenciais** que sinalizam o início e a transição da cada geração, onde, para isto, identifiquei “eventos” que tiveram grande repercussão na organização social e nas práticas de sociabilidade dos grupos. Assim foi possível pensar **quatro gerações** de grupos organizados de torcedores no Brasil, de acordo com o Quadro 3, abaixo apresentado:

**Quadro 3 – Gerações dos grupos organizados de torcedores no Brasil**



A proposta de analisar o fenômeno dos grupos organizados de torcedores no Brasil, divididos por gerações, foi construída e estabelecida como recurso para facilitar a identificação e a compreensão da **organização social dos grupos**, a partir de uma análise lógica, com suas respectivas características, e assim, compreender *de que forma*

e, *por quais motivos* os grupos estabeleceram-se em **redes de alianças entre torcidas**, a partir da década de 1990.

Cada geração foi pensada de maneira que pudesse acomodar os grupos que se aproximassem e se assemelhassem, em relação ao padrão de organização adotado, e ao pacto associativo estabelecido entre seus membros, considerando-se os critérios selecionados. Consideramos que algumas torcidas *uniformizadas* ou *organizadas*, ainda em atividade, tenham atravessado as fronteiras simbólicas estabelecidas entre gerações, adequando-se as mudanças culturais e sociais, e mesmo que, surgidas no contexto da quarta geração tenham optado por preservar e/ou adotar características identificadas com gerações anteriores. Essa possibilidade foi compreendida como estratégias adotadas por alguns grupos, para crescimento e visibilidade, ou para conquistar a simpatia e a aceitação dos *torcedores comuns* e opinião pública, e, neste caso, recorrendo ao saudosismo e ao discurso da “não violência”.

### 3.2 PRÓXIMAS PELO TEMPO, DISTANTES PELAS REPERCUSSÕES

#### 3.2.1 A primeira geração, e o surgimento das torcidas carnavalizadas e uniformizadas (1939-1969)

Destaquei na apresentação deste capítulo que a *torcida uniformizada do São Paulo*<sup>98</sup> e a *charanga rubro-negra*, criadas respectivamente em 1939 e 1942, disputam simbolicamente a primogenitura dentre os grupos organizados de torcedores no Brasil, inaugurando a fase em que os torcedores adquirem o *habitus* de torcerem juntos e com propósitos definidos. Fazem parte dessa **primeira geração** outras três torcidas cariocas fundadas até o final da década de 1960: a *Torcida Organizada do Vasco* (TOV), criada em 1944; a *torcida jovem Flamengo* (1967), uma dissidência da *charanga rubro-negra*; e a *torcida organizada do Botafogo* (1957), cuja criação foi associada a figura de um

---

<sup>98</sup> A torcida Grêmio tricolor (1939), que deu origem a torcida uniformizada do São Paulo, por exemplo, usava uma camisa branca com o escudo do São Paulo ao centro, no peito, os dizeres "Grêmio São-Paulino" ao redor (pesquisa realizada no trecho do livro, *Saga de um Campeão*, de Ignácio de Loyola Brandão, disponível em <<http://spfcpedia.blogspot.com.br>>).

“torcedor símbolo” do clube, chamado nos estádios de “Tarzan”<sup>99</sup>. Todas essas torcidas atravessaram os referenciais estabelecidos entre as gerações seguintes e permanecem em atividade até a atualidade.

No desenvolvimento da pesquisa não encontrei referências a outros grupos de torcedores em cidades fora do eixo Rio/São Paulo, até 1968, entretanto, especula-se a existência de uma “*torcida de Dona Alice Neves*”, na década de 1920, em **Belo Horizonte**, sem qualquer citação ou registro na literatura específica<sup>100</sup>. É somente na década de 1960, inseridos na “**segunda geração**” (1969-1990), que vários grupos são criados em cidades de outros estados do país, dando início ao processo de expansão nacional do fenômeno, que detalharei mais adiante.



Imagem - Charanga rubro-negra (esquerda), e “Tarzan”, fundador da torcida organizada do Botafogo (direita). Fonte: <<http://radiobotafogo.com.br>>. Acesso em 15.Mai.2015.

### 3.2.1.1 A carnavalização das arquibancadas

As *torcidas uniformizadas* proporcionaram novas práticas de sociabilidades a partir da substituição da companhia exclusiva de amigos e familiares em dias de jogos. Além de assumirem novas representações identitárias grupais - vestes e acessórios

<sup>99</sup> Como exemplo de “torcedor símbolo”, cujo termo foi discutido anteriormente, Otacílio Batista do Nascimento, o “Tarzan”, animava a *assistência* com um megafone na mão nos jogos do Botafogo. Posteriormente esta torcida deu origem a uma das principais torcidas vinculadas ao clube na atualidade, a *Torcida Jovem do Botafogo*, criada em 1969.

<sup>100</sup> Segundo o site oficial do Atlético Mineiro, a senhora Dona Alice Neves, mãe de Mário Neves (um dos fundadores do clube) uniformizava e costurava bandeirinhas para que a equipe de futebol contasse com o apoio da sua torcida feminina em dias de jogos. Essa torcida teria estado na inauguração do Estádio Antônio Carlos, em 1929, antigo estádio do Clube até a construção do estádio Independência, e cantado o hino original do clube pela primeira vez nos estádios. As informações estão disponíveis em: <<http://www.atletico.com.br/torcidas>>. Acesso em 22.Dez.15.

característicos, principalmente camisetas e bandeiras alusivas ao grupo -, desenvolveram *performances* e estéticas pouco comuns nos estádios, até então. A inserção da “*charanga*” trouxe alegria e irreverência, próprias a festa do carnaval, para o futebol, espalhando-se rapidamente por todos os estádios cariocas e paulistas. Plenamente ajustadas às expectativas dos clubes, e ao modelo de *assistência* desejado por parte da imprensa esportiva, dirigentes de clubes, e jogadores da época; os grupos identificados com a “**primeira geração**” também são conhecidos por *torcidas carnavalizadas*<sup>101</sup>.



**Imagem-** Assistência no estádio de São Januário (esq.), e Torcida Uniformizada do São Paulo (dir.), ambas na década de 1940. Fonte: <<http://futeboldobrasil.com>>. Acesso em 20.Nov.15.

Estas festas, promovidas com criatividade e propagação do discurso de paz nos estádios, possibilitaram que os grupos conquistassem a simpatia dos *torcedores comuns* e dos veículos de comunicação da época, o que pode ser interpretado através da realização de vários concursos entre torcidas, patrocinados por jornais e clubes da época. Em 1943, por exemplo, o jornal *A Gazeta Esportiva* realizou uma disputa entre as torcidas do Sport Club Corinthians Paulista e da Sociedade Esportiva Palmeiras, sendo considerada vencedora a torcida que homenageasse com mais criatividade e beleza da torcida adversária. Na ocasião, as duas torcidas fizeram mosaicos humanos homenageando a rival. Imagens que foram reproduzidas nos jornais da época fazem menção ao clima de entusiasmo e adesão criados pelos grupos de torcedores.

---

<sup>101</sup> Os integrantes destes grupos de torcedores tendiam a ser estabelecidos, tendo entre 30(trinta) e 40 (quarenta) anos de idade, casados e com filhos, e eram elogiados pela mídia e pelas autoridades do futebol por sua atmosfera de apoio com celebração esportista. Mais tarde, foram substituídos por uma cultura de torcedores mais jovens, mais partidária e agressiva (GIULIANOTTI, 2010: p.85).



**Imagem- Competição entre torcidas uniformizadas na década de 1940: torcida do Corinthians homenageia o Palmeiras (esquerda); torcida do Palmeiras exhibe escudo do Corinthians (direita).  
Fonte: <<http://futebolobrasil.com>>. Acesso em 20.Nov.15.**

Percebe-se que, apesar de compartilharem com os *torcedores comuns* os mesmos sinais que reforçam o *pertencimento* ao clube preferido, os *torcedores uniformizados* desenvolveram uma necessidade de “ser diferentes”, em relação aos demais torcedores nas arquibancadas, ou seja, uma identidade criada no momento em que uma pessoa ou um grupo se afirmam como tais e o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma outra pessoa ou grupo, uma “identidade contrastiva”, ou seja, uma identidade que surge por oposição, implicando a afirmação do “nós” diante dos “outros”, jamais se afirmando isoladamente (Oliveira, 1976: p.36).

### 3.2.1.2 A chegada dos “gaviões” e da “organização” nas torcidas

O ano de **1969** torna-se emblemático na história dos grupos organizados de torcedores no Brasil. A criação da torcida *Gaviões da Fiel* - composta por torcedores do Sport Club Corinthians Paulista -, representou a ruptura e a superação de um modelo de organização interna marcado pela informalidade e pelo imprevisto, características das *torcidas uniformizadas* até aquele momento. Criada em uma época onde qualquer reunião de pessoas, em grupos ou associações, era interpretada como possível ameaça ao regime estabelecido, a *Gaviões* distinguia-se dos demais grupos de torcedores por contestar as decisões da direção do clube - tanto nas arquibancadas como nas dependências do clube -, além engajar-se diretamente nos movimentos em prol da abertura política e redemocratização do país. Inovou por adotar um modelo de

organização interna semelhante ao que é feito por algumas empresas - o que foi interpretado por alguns autores como um modelo *burocratizado*<sup>102</sup> (ver organização social, mais adiante). Na verdade, a *Gaviões da Fiel* estabeleceu uma *divisão do trabalho*, definindo papéis e funções específicas entre seus integrantes, criando metas e, principalmente, adquirindo autonomia financeira em relação ao clube, aproximando-a das características de uma *Estrutura Funcional*<sup>103</sup>, no linguajar das ciências administrativas.

A adjetivação “organizada” prevaleceu na identificação da maioria das torcidas que foram criadas ao longo da década de 1970, possivelmente como reflexo do sucesso e crescimento experimentados pela torcida organizada corintiana. Entretanto, faz-se necessário esclarecer que muitos grupos optaram por preservar as características “carnavalizadas” e informais que marcaram as primeiras *torcidas uniformizadas*, seja como estratégia de preservação das origens do grupo - uma espécie de saudosismo -, ou mesmo para se esquivarem das repercussões negativas junto à opinião pública que passaram a existir em virtude dos atos de desordem e violência praticados por muitos grupos de torcedores em todo país, principalmente a partir da segunda metade da década de 1990.

Interpreto que a manutenção da identificação “*uniformizados*” – percebida inclusive entre grupos que alcançaram um relativo grau de complexidade e crescimento interno, além de aderir ao sistema de *divisão do trabalho* -, correspondendo a uma estratégia politicamente construída no interior desses grupos. Desta maneira, o reconhecimento enquanto “uniformizados” ou “organizados” não representou uma contradição em relação a *lógica*<sup>104</sup> definida e adotada para a divisão dos grupos entre as gerações, aqui estabelecidas. Ao contrário, a análise das categorias postas em discussão não terá como critério de referência o emprego dos termos “uniformizado” ou “organizado”, como se definidores fossem de suas características sociais. Faz-se

---

<sup>102</sup> Para Weber, a burocracia compreende uma extrema divisão do trabalho, separação entre decisão e execução e centralização das tarefas (DORTIER, 2010: p.56).

<sup>103</sup> De acordo com Stoner (1995), Estrutura Funcional é o tipo de organização característica das empresas menores que oferecem um produto, ou atividade, única. Tem uma administração mais simples pelo fato de todas as pessoas da organização estarem engajadas com um único objetivo (p.233).

<sup>104</sup> Lógica, aqui entendida segundo o pensamento de Bourdieu (2014), como algo que está no princípio dos posicionamentos daqueles que nele estão envolvidos.

necessário compreender que a divisão destes grupos, em gerações de torcidas, foi pensada enquanto recurso metodológico de investigação – modelo ideal - eficaz, que possibilitasse a identificação e a tradução das semelhanças e diferenças existentes entre os mais de 500 (quinhentos) grupos de torcedores existentes no país.

Ratifico, com estas considerações, que os grupos são analisados e classificados em razão da proximidade entre o modelo de *organização social* que desenvolveram, e as características que foram pensadas e estabelecidas para a definição de cada uma das quatro gerações, independentemente do termo de reconhecimento e identificação que adotam. Este posicionamento respaldou-se em vários exemplos que demonstraram a inexistência de uma relação direta entre os sentidos axiológico e semântico dos termos – “uniformizado” ou “organizado” -, com o modelo que correspondesse a organização social adotada pelos grupos.

Criadas no contexto da primeira geração, a Torcida **Organizada** do Vasco (criada em 1944), e a Torcida **Organizada** do Botafogo (1957), embora identificadas pela adjetivação “organizada”, foram gestadas e pensadas inicialmente a partir de um modelo que lhes identificavam enquanto “torcidas carnavalizadas”; ao mesmo tempo em que a Torcida **Uniformizada** do Palmeiras – uma das maiores e principais torcidas em atividade no Estado de São Paulo -, possui uma organização altamente complexa que, *a priori*, a distanciaria das características que remetiam aos primeiros grupos “uniformizados”, algo próximo ao que Roberto Cardoso de Oliveira defendeu ao abordar a questão do reconhecimento como condição de identificação (2006: p31). Este é um importante aspecto para compreensão do fenômeno dos grupos organizados, uma vez que, o reconhecimento próprio – *uniformizada* ou *organizada* -, não corresponde necessariamente às características da organização interna daqueles grupos. **Por certo, é a introdução de um novo modelo de gestão interna pelos grupos que simbolicamente determinará a transposição entre as duas primeiras gerações.**

Compreendidos os critérios que definiram a linha demarcatória entre as duas primeiras gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil, é importante esclarecer que não houve uma ruptura brusca, ou mesmo radical, por parte das torcidas que foram criadas a partir da década de 1970, A uniformização das camisas e as práticas performáticas, *carnavalizadas*, em dias de jogos, por exemplo, continuaram a fazer parte da prática dos novos grupos, incluindo-se aí a torcida *Gaviões da Fiel*, e as

torcidas criadas em outras cidades fora do eixo Rio de Janeiro/São Paulo. Entretanto, é no modelo de administração adotado pelos grupos que se encontra o referencial adotado na transposição da primeira para a segunda geração de torcidas, além de sinalizar que os grupos deixariam de ser reconhecidos e diferenciados apenas pelo uso de uma camiseta e performances, mas também por suas práticas, dentro e fora dos estádios. Por estes motivos, considere a “*Gaviões da Fiel*” como o **marco inaugural da segunda geração**.

### 3.2.2 Segunda geração, torcidas organizadas e independentes (1969-1990)

O referencial adotado como marco inicial da **segunda geração** dos grupos organizados de torcedores no Brasil - surgimento em 1969, da torcida *Gaviões da Fiel* -, situa-se em um contexto social e político de extrema instabilidade, com repercussões em todas as áreas da sociedade brasileira, incluindo o papel que o futebol, e por consequência, os torcedores, passaram a ter, dentro e fora dos estádios. O governo ditatorial militar instalado no país entre 1964 e 1985 deixou cicatrizes gigantescas na sociedade, incluindo a privação da *liberdade de expressão*, além de grande desequilíbrio social e engessamento das instituições de representação política do povo<sup>105</sup>. Mesmo em tempos onde houve aquecimento da economia e aumento no número de obras importantes, como a inauguração da nova capital federal do país (Brasília, em 1960), o chamado “milagre econômico brasileiro”<sup>106</sup> -, não impediu que o país apresentasse

---

<sup>105</sup> Inserido num contexto maior, político e econômico, que se processava em outros países da América Latina, durante a “Guerra Fria”, o Golpe de 1964 foi articulado e promovido para, além de aumentar a dependência econômica do Brasil em relação aos EUA, afastar os riscos da influência do bloco comunista – liderado pela antiga URSS. Durante o regime ditatorial o Brasil teve seis presidentes: Castello Branco, da Aliança Renovadora Nacional - ARENA (1965-1967); Artur Costa e Silva, ARENA (1967-1969); Emílio Garrastazu Médici, da ARENA (1969-1974); Ernesto Geisel, ARENA (1974-1979); João Figueiredo, Partido Democrático Social - PDS (1979- 1985); e José Sarney, PMDB(1985-1989). Segundo Mônica Velloso (2003: p.159), os canais de expressão da sociedade civil, no período, são transformados em espaço de veiculação da ideologia do Estado. Assim, a Rádio Nacional (1940), o jornal *A Manhã* (Rio de Janeiro) e o jornal *A noite* (São Paulo), foram incorporados pelo governo como instrumentos de difusão do Estado como cerne da nacionalidade brasileira. Com o golpe militar o Estado autoritário tem a necessidade de reinterpretar as categorias de nacional e de popular, e pouco a pouco desenvolve uma política de cultura que busca concretizar a realização de uma identidade “autenticamente” brasileira (ORTIZ, 2006: p.130).

<sup>106</sup> Enquanto durou, o “milagre econômico” escamoteou os efeitos da concentração de renda, e muita gente, em especial entre as classes médias urbanas, se beneficiou com o crédito fácil, as novas

desigualdades significativas entre as regiões e potencializava a concentração do poder econômico nas mãos de poucos,

Os desníveis de pobreza e desigualdade social entre campo e cidade e entre a Região Sudeste e o Nordeste eram imensos, e a situação de carência da população pobre mantinha-se inalterada: faltavam escolas, não havia saneamento básico nem acesso à saúde o trabalhador rural continuava excluído da legislação protetora do trabalho. (Schwarcz & Starling, 2015: p.424).

A política e a orientação econômica adotados pelo Brasil, após o movimento de 1964, o chamado “modelo brasileiro de desenvolvimento”, foi a oficialização daqueles “remanescentes do velho sistema da economia brasileira”, e que correspondia ao nosso enquadramento no capitalismo internacional - imperialismo -, na condição de simples dependente, conforme sublinhou Caio Prado Jr. (1994: p.345). Desta forma, a incorporação do Brasil ao bloco dos países de economia capitalista significou não somente uma aproximação com as potências econômicas da época, principalmente com os EUA, mas também o aumento de sua dependência e exploração, configurando-o como um dos países considerados periféricos,

Na década de 1970, as negociações pelo processo de abertura política encontraram na desaceleração da economia o combustível necessário para a deflagração de vários protestos contra a Ditadura, em especial as que foram organizadas por associações de profissionais tradicionais, como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), e do Movimento Estudantil (UNE). Dentre as principais reivindicações estava o fim do AI-5, o fim da violência policial e a restauração das liberdades democráticas (BERTONCELO, 2007: p. 71)<sup>107</sup>.

---

oportunidades profissionais e os estímulos para consumir num mercado abarrotado de novidades (SCHWARCZ & STARLING, 2015: p.453).

<sup>107</sup> O marco dos processos de abertura neste governo foi a Lei de Anistia (lei nº 6.683, de 1979), que trouxe de volta ao Brasil velhas figuras da esquerda, que estavam exiladas ou clandestinas, e por isso não ligadas ao MDB. (BERTONCELO, 2007: p. 64).

No ambiente do futebol algumas iniciativas foram promovidas em apoio às mobilizações pela reabertura política, com a participação de torcidas organizadas e uniformizadas em atos públicos, ou mesmo utilizando os estádios como locais de expressão de apoio ao movimento nacional. Em 11 de fevereiro de 1979, durante o jogo Corinthians e Santos, com mais de 100 mil pessoas presentes no estádio do Morumbi, a *Gaviões* abriu uma grande faixa com os dizeres “Anistia ampla, geral e irrestrita”, como demonstração explícita de apoio ao movimento contra a Ditadura Militar. Fato semelhante seria protagonizado na final do campeonato brasileiro de 1984, entre as equipes do Vasco da Gama e do Fluminense, 128 mil pessoas no maracanã, fizeram coro pelas eleições diretas, durante a execução do Hino Nacional.



**Imagem - Faixa utilizada pela *Gaviões da Fiel*, em 1979, em apoio a luta contra a Ditadura civil-militar. Fonte: <<http://futeboldobrasil.com>>. Acesso em 15.Out.15.**

Entretanto, dentre todas as manifestações políticas relacionadas ao futebol, o maior exemplo durante o período analisado ficou conhecido como a “democracia corintiana”. Tratou-se de um movimento liderado por alguns jogadores, além de diretores do próprio clube, ao longo da década de 1980, opondo-se a todas as arbitrariedades e mandonismos, típicos da vida dos clubes de futebol. Segundo Florenzano, alguns jogadores intelectualizados como, Sócrates, Casagrande, e Wladimir eram pivôs deste processo democrático dentro do clube, e se mobilizavam por melhores condições de ambiente de trabalho, na escolha coletiva de seus companheiros de

trabalho e tudo que era direcionado a prática de futebol deveriam ser decisões tomadas no âmbito da coletividade,

Lutavam pela participação na escolha do técnico, participação na estratégia de jogo decidida pela equipe, participação na contratação e dispensa dos integrantes do elenco do time, participação na elaboração das normas disciplinares, participação nas decisões se os jogadores se concentrariam ou não, e por fim, participação sobre as questões sociais que o país estava vivenciando (FLORENZANO, 2010: 40).



**Imagem - Imagens do movimento da "Democracia corintiana" na década de 1980. Fonte: <a href="http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias">http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias</a>. Acesso em 20.jul.15.**

### 3.2.2.1 Aspectos sócio-culturais e características gerais

Enquanto as torcidas “uniformizadas” da primeira geração organizavam-se exclusivamente em torno da festa realizada em dias de jogos, e perfeitamente adequadas ao padrão de assistência desejado pela elite dominante, as torcidas “organizadas” - acompanhando a tendência da profissionalização do futebol -, assumiram cada vez mais a condição de protagonistas do espetáculo e alcançaram maior visibilidade e adesão entre o público jovem (entre 13 e 30 anos de idade), provenientes de todas as esferas sociais. Gradativamente, e à medida que os grupos surgidos no contexto da primeira geração cresciam em número de simpatizantes, e conquistavam maior repercussão nos veículos de comunicação da época, novos grupos surgiram em várias partes do Brasil e foram assumindo papéis cada vez mais importantes nos clubes do futebol brasileiro.

Durante a pesquisa etnográfica, realizada por quase três anos ininterruptos, percebi que esses jovens foram atraídos, inicialmente, pelas performances e pela estética dos grupos organizados e, posteriormente, pela expectativa de estabelecer relações de cooperação, solidariedade grupal, aceitação social, identidades coletivas, amizades, acolhimento, afetividade, companheirismo e pertencimento; além de visibilidade<sup>108</sup>. Essa percepção foi compartilhada por outros pesquisadores que se dedicaram ao estudo do fenômeno das torcidas organizadas no Brasil – muitos enfatizados ao longo desta Tese, e que podem ser identificados na seção das referências consultadas.

A partir das interlocuções estabelecidas com integrantes das torcidas mais antigas da cidade de Recife-PE, criadas nas décadas de 1970 e 1980, é possível compreender que os grupos eram pensados e estabelecidos a partir de uma liderança familiar, compostos por parentes, amigos e simpatizantes, que aderiam ao grupo e, em pouco tempo, assumiam a condição de sócios integrantes da torcida, passando a constar em um cadastro permanente de filiados<sup>109</sup>. As ajudas e arrecadações financeiras seriam utilizadas na compra de novos instrumentos musicais, tecidos para a confecção das bandeiras, faixas e camisetas. Reproduziam assim as práticas performáticas consideradas “*carnavalizadas*” que caracterizaram as torcidas “*uniformizadas*” da primeira geração, entretanto, era possível notar-se um relativo grau de organização interna com papéis bem definidos no interior dos grupos, o que as caracterizava como torcidas organizadas<sup>110</sup>.

---

<sup>108</sup> Entre novembro de 2012 a outubro de 2015 mantive contatos presenciais com representantes de torcidas organizadas dos estados de Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Pará e do Distrito Federal, em dias de jogos, visitas em sedes dos grupos, além de encontros e eventos com órgãos públicos que trataram da violência em estádios de futebol. Tais experiências podem ser somadas, ainda, aos nove meses de pesquisa de campo realizada em 2011, quando acompanhei as torcidas de Recife-PE, durante a etapa de pesquisa que possibilitou a elaboração da Dissertação de Mestrado. Aos interessados em estudos sobre as primeiras torcidas organizadas brasileiras e suas características recomendo a leitura de Toledo (1996), Pimenta (1997), Reis (2006), Murad (2007) e Giulianotti (2010).

<sup>109</sup> Mantive contatos com integrantes das torcidas Bafo do Leão (Sport Recife), criada na década de setenta; Santamante (Santa Cruz); e Timbucana (Náutico), estas últimas surgidas no início da década de 1980.

<sup>110</sup> Dentre a distribuição e definição de funções, destacam-se os responsáveis pela *charanga*, os que empunhariam as bandeiras, o tesoureiro da torcida, o animador, além do dirigente maior, que seria o contato direto entre a torcida e a direção do clube.

Sobre esta perspectiva é bastante reveladora a comparação de dois relatos que obtive de um mesmo interlocutor - componente de uma das torcidas organizadas da cidade de Recife-PE, criada em 1972 -, estabelecidos em dois momentos distintos da pesquisa; o primeiro em 2011, e o segundo em 2014; obtidos durante a coleta etnográfica<sup>111</sup>, cuja transcrição segue abaixo,

**(Relato 1, setembro de 2011):**

“As bandeiras eram feitas na casa de algum “membro” que tinha mãe costureira. “A gente” comprava os panos e ela costurava, e aí, algum carro trazia para o jogo. O papel picado era preparado antes do jogo, com jornal velho que todo mundo juntava, ali mesmo na entrada do campo, até que a diretoria (citando a diretoria do clube) deu uma sala pra gente guardar o material. Isso é que era torcida. As de hoje (referência as torcidas que surgiram durante a década de 1990 e que atualmente são as maiores), mandam fazer tudo fora, não tem amor, só tem beleza! ”.

**(Relato 2, abril de 2014):**

“É cada vez mais difícil fazer festa, as torcidas de hoje querem aparecer e criar tumultos. O pior é que prejudicam todas as outras torcidas. Nós queremos continuar com a festa, mas os clubes estão tratando todo mundo igual, estamos sofrendo as consequências do mal das torcidas jovens. Temos que vender cada vez mais brindes e camisas para comprar os ingressos, porque hoje, nem ingresso a diretoria quer dar (diretoria do clube), diz que é proibido pela justiça, porque as outras criaram tumulto. Não somos uma empresa, somos uma torcida, mas temos que vender, vender!”.

É possível entender que o primeiro relato reproduz a lógica apropriada pelas torcidas *uniformizadas*, contida num discurso saudosista do interlocutor, ao passo que o segundo relato, menos efusivo e otimista, revela a necessidade de mudança no padrão de organização e comportamento que foi assumido atualmente pelo grupo. Informações obtidas a partir de contatos estabelecidos com membros de torcidas dos estados da

---

<sup>111</sup> As duas interlocuções foram realizadas com um mesmo integrante da torcida organizada *Bafo do Leão*, do Sport Recife. A primeira, em 2011, foi estabelecida durante a etapa da pesquisa de campo que possibilitou a elaboração da Dissertação de Mestrado defendida em fevereiro de 2012, onde pesquisei as torcidas organizadas da cidade de Recife-PE, já citada neste trabalho atual. A segunda interlocução foi realizada em abril de 2014, antes de uma partida do Campeonato Pernambucano de Futebol, e fez parte da pesquisa de campo desta etapa.

**Bahia, Alagoas, Ceará e Pará**, em sua maioria criadas na década de 1980, sugerem que tenham percorrido caminhos análogos na formação e organização dos grupos, quando comparados as torcidas de Recife-PE. Inicialmente carnavalizadas, assumiram gradativamente a condição de “*torcidas organizadas*”, inspiradas pelas performances das maiores torcidas do país, principalmente do eixo Rio/São Paulo.



**Imagem - Torcida "Timbucana", uma dos primeiros grupos organizados de Pernambuco (década de 1980). Fonte: <<http://www.fanautico.com.br>>. Acesso em 21.Nov.15.**

Entre as torcidas organizadas que foram criadas no decorrer da década de 1970, principalmente fora do eixo Rio de Janeiro/São Paulo, muitas preservaram as características e a lógica organizacional das torcidas da primeira geração, entretanto, motivadas pelas imagens e notícias que começaram a ser reproduzidas nos veículos de comunicação de massa, e nos jogos transmitidos pelas emissoras de TV, gradativamente passaram a reproduzir as performances das grandes torcidas organizadas, cariocas e paulistas, sobretudo entre a segunda metade da década de 1980 e início dos anos 1990, assumindo novos padrões de comportamento<sup>112</sup>.

---

<sup>112</sup> Ideia para designar o novo estilo de se viver, no qual a vestimenta, os cânticos de guerra, a masculinidade, as transgressões às regras sociais, a virilidade, a linguagem militar, o pertencimento a um grupo coeso e forte, o respeito aos mais experientes e a violência constituem a base das relações travadas entre seus membros (PIMENTA, 1997: p.136).

Neste sentido, os membros das torcidas organizadas, além das camisetas uniformizadas (característica dos grupos da primeira geração) criaram símbolos que os identificam e distinguem dos demais torcedores, estendendo essa identificação para além dos estádios. As roupas, os acessórios, as tatuagens, a cor do cabelo, possibilita-os criarem uma identidade em torno do grupo que, além de identificá-los como torcedores de um clube de futebol, produzem signos e sinais distintivos que os representam socialmente, enquanto pertencentes a um grupo diferente, distinto. A importância da representação através de símbolos, emblemas, brasões, foi analisada por Durkheim (1996) como “marca distintiva” de um grupo, sinal diacrítico, uma identificação de pertencimento,

Mas o totem não é apenas um nome; é um emblema, um verdadeiro brasão, cujas analogias com o brasão heráldico foram frequentemente assinaladas. (...) O totem é, antes de tudo, o brasão de um grupo” (Idem, 1996: 107).

Os rituais de cânticos, as cores das bandeiras, as coreografias previamente ensaiadas são recursos de identificação que marcam os grupos organizados de torcedores, ao mesmo tempo, são instrumentos de atração para novos integrantes. Nota-se uma necessidade, entre os jovens dos grupos, de “ser diferente”, e, enquanto estratégica, percebo que essa “apropriação da diferença” possibilita a atração de novos membros e, conseqüentemente, o aumento de arrecadação por parte dos grupos. As maiores torcidas organizadas do país, antes “*carnealizadas*”, assumindo a condição de “*organizadas*”, priorizando a divulgação do grupo em detrimento da imagem associada ao clube. Tão importante quanto demonstrar a presença da torcida do clube em um jogo fora da sua cidade natal - o que denota “paixão” e “amor incondicional” ao time -, é consolidar o nome do grupo junto aos adversários e a imprensa esportiva que acompanha o jogo, em nome dessa identificação.

### 3.2.2.2 Identificação e espaço simbólico

Ao considerar que *identidade e diferença*, enquanto produtos da cultura de uma sociedade<sup>113</sup> estão numa relação de dependência estreita, compreendo que a identidade do “*torcedor organizado*” depende do torcedor “não organizado”, neste caso o torcedor *comum*, considerados aqui como categorias analíticas distintas. Neste sentido, *ser “Torcida Inferno Coral”* significa não apenas torcer pelo time do Santa Cruz F.C, mais do que isso, significa *não ser* qualquer torcedor do clube (SOUZA, 2012: p. 110). A afirmação, “sou brasileiro”, na verdade, é parte de uma extensa cadeia de “negações”, de expressões negativas de identidade, de diferenças (Tadeu Silva, 2011: p. 75). O caso das torcidas de futebol, especialmente as *Organizadas*, é emblemático na medida em que andar em bando, vestindo a camisa do grupo, acaba diferenciando-se do todo (Santos, 2004: p. 38). Desta forma, apresento – nas linhas seguintes -, algumas das construções dos grupos organizados de torcedores que reforçam a identidade grupal e o sentimento de pertencimento:

#### a) Uniformes

As vestimentas e os acessórios são elementos fundamentais no processo de identificação e distinção entre os integrantes de uma torcida organizada. As camisetas, os agasalhos e os bonés, por exemplo, além de preservar e ostentar as cores, os emblemas e os símbolos do grupo específico, possibilitam a uniformidade e a demarcação dos espaços (territórios). A camisa, herança dos primeiros grupos uniformizados, é o principal elemento de identificação das torcidas organizadas, a “*segunda pele*”, e chamada por muitos deles de “*manto sagrado*”<sup>114</sup>. Além de distingui-los dos **torcedores comuns**, a camiseta ostenta o emblema distintivo do grupo, que também é reproduzido em outros objetos e vestes. Entretanto, através da camiseta o emblema da torcida organizada segue

---

<sup>113</sup> Seguindo o entendimento de Tadeu Silva, os conceitos de *identidade e diferença* não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do domínio do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais (2011: p.76).

<sup>114</sup> DaMatta (1973: p.121) entende *uniforme* como o vestuário reconhecido e codificado socialmente, que associa o portador a uma função definida nas relações de trabalho, a um lugar determinado na estrutura social, definida ainda como sistema de posições hierarquizadas. No caso das torcidas de futebol brasileiras, o uniforme posiciona, no interior de uma massa identificada com um clube, um grupo que se reconhece, e busca ser reconhecido, como diferente entre os demais; uma torcida dentro de uma torcida.

junto ao corpo do integrante, aonde ele for: Sem o nome e o signo que o materializa, o clã não é mais sequer representável. Como ele só era possível nessa condição, explicam-se tanto a instituição do emblema quanto a importância desse emblema na vida do grupo (Durkheim, 1996: 244).

#### **b) Bandeiras, faixas e “trapos”**

As bandeiras simbolizam a história, as conquistas, os símbolos e os ídolos das torcidas - que podem ser atletas ou líderes, incluindo os que morreram defendendo o grupo -, e através delas identifica-se ainda a origem da facção ou do subgrupo (cidade ou bairro), as respectivas lideranças, os grupos aliados pertencentes a outras Torcidas Organizadas de outros clubes<sup>115</sup>, além da capacidade de organização grupal. Pela quantidade de bandeiras existentes na torcida compreende-se a dimensão do seu tamanho, considerando que cada subgrupo estará representado por no mínimo uma bandeira (SOUZA, 2012). Normalmente as bandeiras preservam as cores tradicionais do time de futebol que defendem, existindo poucas torcidas que rompem esse padrão. As bandeiras também têm a função de comunicação, semelhante à bandeira nacional, ou seja, é um costume conhecido na sociedade. Dentro dos estádios juntam-se as faixas horizontais para demarcar territórios e transmitir mensagens aos jogadores, dirigentes e outros torcedores, muitas vezes até ultrapassando os limites dos estádios,

Os “*trapos*” representam a influência das torcidas sul-americanas sobre as brasileiras. Diferentemente das faixas, que são posicionadas horizontalmente nas arquibancadas, os “*trapos*” são fixados na posição vertical, normalmente fixados por faixas de tecidos nas cores dos clubes, servindo de memoriais para antigos torcedores (muitos deles mortos em confrontos entre torcedores) e jogadores do passado.

---

<sup>115</sup> Entre as justificativas apresentadas por vários líderes de grupos organizados, durante as interlocuções realizadas no trabalho de campo, muitos líderes de subgrupos utilizam estratégias variadas para obtenção de visibilidade e poder, incluindo práticas antissociais e violentas. Esta questão será melhor discutida no conteúdo do capítulo quarto da Tese.

Tatuagens e pintura dos cabelos também têm sido observado em muitos integrantes de grupos. Em momentos de restrições por parte do poder público, como nas proibições impostas pelo Juizado do Torcedor de Pernambuco aos grupos envolvidos em episódios de violência nos estádios – Torcida Jovem (Sport), Inferno Coral (Santa Cruz), e Fanático (Náutico) -, vários membros dos três grupos foram vistos em dias de jogos com os cabelos pintados ou desenhados, além de tatuagens que destacam as letras iniciais dos grupos (no couro cabeludo, braços e costas, principalmente)<sup>116</sup>.

### c) A comunicação

A comunicação tem papel fundamental na sociabilidade e disputa simbólica entre os grupos. Mais do que possibilitar uma interação bilateral, as diversas formas de linguagem têm forte significado e são fundamentais no processo de identificação. Os gestos de cumprimento, as danças, as músicas, as faixas e bandeiras, os *gritos de guerra*<sup>117</sup>, as pichações, têm forte significado. Portanto, são fundamentais para que se atinjam as três funções da comunicação destacadas por Habermas (2003): (a) reprodução cultural e manutenção das tradições; (b) integração social e; (c) socialização da interpretação cultural das necessidades. Assim compreende-se que,

Quando o falante diz algo dentro de um contexto cotidiano, ele se refere não somente a algo no mundo objetivo (como a totalidade daquilo que é ou poderia ser o caso), mas ao mesmo tempo a algo no mundo social (como a totalidade de relações interpessoais reguladas de um modo legítimo) e a algo existente no mundo próprio, subjetivo, do falante [como a totalidade das vivências manifestáveis, às quais tem um acesso privilegiado] (Habermas, 2003: 41).

---

<sup>116</sup> Entre outubro de 2012 e março de 2013, e posteriormente, a partir de março de 2014 (ainda em vigor até o fechamento desta escrita), os três grupos citados foram impedidos de entrar nos estádios de Pernambuco com qualquer material que os identificasse enquanto tal. Nesse período, torcedores da Jovem do Sport, por exemplo, costumam pintar os cabelos na cor amarela – predominante na camisa do grupo -, enquanto membros dos outros grupos raspam os cabelos deixando apenas o formato das letras TJF (Torcida Jovem Fanático), e TOIC (Torcida Inferno Coral), respectivamente, nas cabeças.

<sup>117</sup> Considero “gritos de guerra” todas as músicas ou cantos produzidos pelas torcidas nos estádios e que tenham a função de incentivar os clubes. Através das Torcidas Organizadas, esses cantos passaram a ser dirigidos para insultar as torcidas adversárias, em alguns momentos da partida, cantados por todo público presente.

Os *gritos de guerra* e as músicas entoadas nos estádios podem ter funções distintas, podendo representar incentivo a torcida do clube, e desta forma produzir um coro único no estádio, com a participação conjunta dos *torcedores comuns*; reproduzir através dos cânticos os valores e códigos próprios reconhecidos apenas pelas torcidas organizadas/uniformizadas; ou promover xingamentos e provocações endereçadas a torcidas adversárias. Neste sentido, os cânticos reforçam o princípio de que a **identidade** e a **diferença** se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído (SILVA, 2011: 82).

Outrossim, os grupos organizados da segunda geração cresceram em número e em importância política dentro dos clubes, passando efetivamente da condição de **coadjuvantes** a **protagonistas**, dentro e fora dos estádios, criando “instituições dentro de instituições”. É desta forma que corroboro com Arlei Damo quando defendeu que os torcedores querem ver o suor escorrer pelo rosto dos atletas, pois isso é tão tocante quanto ver o soldado derramar seu sangue por uma causa coletiva (2007: p.83). As cobranças por vitórias deixaram de ocorrer apenas nas arquibancadas. Cenas de torcedores organizados cobrando maior empenho de jogadores, ou protestando contra títulos perdidos, manifestando-se contra a negociação de jogadores para outros clubes, invadindo Centros de Treinamentos, em muitos casos com uso de violência, passaram a ser corriqueiras no cotidiano do futebol brasileiro.



Imagem - Torcedores do Náutico (PE) invadindo Centro de Treinamento (Esq.); Torcedores do São Paulo (SP) em frente ao clube (Dir.); cobranças por resultados. Acesso em 20.Nov.15.

Neste sentido, é importante destacar que a nova condição assumida pelas torcidas da **segunda geração**, recorrendo em muitos momentos ao discurso e a prática da violência – real ou simbólica -, reproduziram no campo do futebol as tensões e instabilidades sociais e políticas, vivenciadas no país entre as décadas de 1970 e 1990, conforme destaquei nas linhas que contextualizam esse processo, e cuja compreensão é fundamental para se proceder a uma análise mais precisa sobre o objeto em questão.

### 3.2.2.3 Organização social

A *organização social* das primeiras “*torcidas uniformizadas*” era bastante simples, quando comparada aos grupos que surgiram nas décadas de 1970 e 1980. No interior dos grupos, as posições – *status* - tornaram-se mais complexas a partir do modelo de organização que os grupos adotaram<sup>118</sup>. Até o surgimento da “*Gaviões da Fiel*” (1969), em geral, o fundador assumia a condição de “dono” ou presidente da torcida, ou seja, não havia qualquer referência a eleições para escolha dos dirigentes. Dependiam das contribuições financeiras mensais e de arrecadações periódicas, pagas pelos seus integrantes que se autodenominavam sócios da torcida<sup>119</sup>, além de algumas ofertas de ingressos, dinheiro e objetos para a realização de bingos provenientes de dirigentes e jogadores dos clubes. Em alguns casos, os próprios clubes alugavam transporte (ônibus) para que as *uniformizadas* organizassem caravanas para acompanhar

---

<sup>118</sup> Também chamada de *Estrutura Social*, sobretudo pelos funcionalistas, a *organização social* corresponde aos modos padronizados, segundo os quais os grupos e os indivíduos são organizados e relacionados uns com os outros na entidade funcional que é a sociedade (HOBEL & FROST, 1976: p.147). Para Radcliffe-Brown, os componentes da estrutura social são as pessoas, e as relações sociais, das quais a rede contínua constitui a estrutura social, não podem ser interpretadas como acidentes individuais, mas são determinadas pelo processo desenvolvido no interior das sociedades (1973: p. 20). Neste sentido, as interações sociais são controladas por normas, regras ou padrões estabelecidos. A posição de uma pessoa relativamente à das outras com as quais mantém relações sociais, enquanto que os termos que indicam *status* sempre subentendem uma relação com alguém mais: por exemplo, filho, diretor escolar, marido, balconista. (MAIR, 1972: p. 17).

<sup>119</sup> Esta prática continua a existir entre as torcidas uniformizadas e organizadas da atualidade. Grupos como a *Gaviões da Fiel*, do Corinthians Paulista; a *Tricolor Independente*, do São Paulo; a *Mancha Verde* (atualmente, *Mancha Alverde*), do Palmeiras; apenas para citar exemplos do Estado de São Paulo, chegaram a reunir mais associados do que a maioria dos clubes de futebol do país. Segundo dados levantados por Pimenta (1997:p.77), em estudo realizado com as torcidas paulistas na década de 1990, a *Mancha Verde* chegou a possuir 18.000 associados, enquanto a *Independente* algo perto de 28.000, e a *Gaviões da Fiel*, 46.000 sócios.

os times nos jogos realizados fora das suas cidades, que também era revertido em fonte de renda para os grupos. Suas arrecadações estavam destinadas à manutenção, compra de novos instrumentos musicais, tecidos para a confecção das bandeiras, camisas dos uniformes, e outras indumentárias; práticas ainda vigentes entre os grupos de menor dimensão. De uma forma geral, a manifestação destas primeiras *torcidas uniformizadas* estava condicionada aos dias dos jogos, e sua motivação direcionada ao incentivo dos atletas e a festa produzida nas arquibancadas.

O modelo introduzido pela *Gaviões da Fiel* também era fonte de inspiração devido a repercussão financeira que proporcionava, e mesmo entre os grupos que gozavam de reconhecimento no meio futebolístico, mudanças internas foram percebidas, possibilitando mais crescimento e poder político junto aos clubes. Através da divisão do trabalho, as principais torcidas desta segunda geração passaram a ser autossuficientes e **independentes** financeiramente em relação aos clubes, através da venda de produtos exclusivos (bonés, camisetas, canecas, chaveiros, etc.) e, principalmente, pela cobrança de mensalidades dos seus membros. Dependendo da capacidade de crescimento que experimentaram algumas transformaram-se em Associações ou Grêmios recreativos, a exemplo da própria *Gaviões da Fiel* que se tornou Grêmio Recreativo e Escola de Samba, em 1976, transformando-se numa das principais escolas de samba do carnaval de São Paulo.

O modelo de organização que proponho para as torcidas organizadas da **segunda geração** foi construído a partir das características citadas por integrantes das torcidas de Recife (PE), São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Belo Horizonte (MG), Porto Alegre (RS), Florianópolis (SC), Belém (PA), Maceió (AL), Natal (RN) e João Pessoa (PB), cujos contatos mantive durante jogos realizados em Recife, com equipes destas cidades; ou mesmo durante viagens realizadas para alguns destes locais. Os grupos analisados apresentam poucas variações, no tocante aos nomes atribuídos aos papéis desempenhados pelos integrantes no interior destes grupos; como também em relação ao nível de organização interna que estabeleceram a partir da década de 1970, principalmente pelas maiores torcidas das regiões Sudeste e Sul, e que foram

assimilados pelas torcidas criadas em todo o país a partir dos anos oitenta<sup>120</sup>. Dentre as principais funções sociais, desempenhadas pelos integrantes destas torcidas, destaco:

- a) **Presidente da torcida** - é o representante e líder do grupo junto aos órgãos públicos de segurança do Estado, diretoria dos clubes e a Federação estadual de futebol. A maior parte das torcidas desta geração elegiam seus presidentes através de votação entre os associados. Entendido na condição de **líder** da torcida, o presidente é o ponto focal da organização de seu grupo. Segundo Whyte (2005), em sua ausência, os membros do grupo ficam divididos em vários pequenos subgrupos e os integrantes não sentem que a “ganguê” esteja realmente reunida até que chegue o líder. A reputação do líder fora do grupo tende a reforçar sua posição dentro dele, e sua posição no grupo sustenta sua reputação entre os de fora (WHYTE, 2005: p. 264-265).
- b) **Vice Presidente** – Escolhido pelo presidente, tem a função de representá-lo e, em muitos casos, o seu sucessor natural.
- c) **Diretores** – Grupo de *componentes* escolhidos pelo presidente, por critérios de confiança, que se responsabilizam pela administração do **patrimônio** (bandeiras, instrumentos musicais, troféus de concursos, camisas e fotos históricas, etc.); e pelo controle do **quantitativo** e **disciplina** dos associados. De acordo com o grau de crescimento da torcida, o patrimônio incluía também a sede social, caso fosse alugada ou adquirida fora do clube.

Além de cuidarem das atividades administrativas, os diretores revezam-se nos expedientes da sede e da loja, organizam as viagens, as caravanas e estabelecem os planejamentos para os demais membros durante os deslocamentos aos estádios e no interior das arquibancadas. Não são atividades remuneradas, *a priori*, mas gozam de prestígio e poder dentro da torcida tendo vários benefícios e regalias, como ingressos e viagens pagas pela torcida em jogos dentro do Estado e fora dele.

---

<sup>120</sup> Esclareço que a identificação e, posteriormente, a comparação das características das torcidas destes locais foi possível através da revisão da literatura especializada, como também através dos encontros que tive com integrantes de torcidas daqueles estados, por ocasião de viagens de estudos, participação em congressos, e interlocuções em dias de jogos entre clubes daqueles estados na cidade de Recife (ver quadro 1., constante na Introdução deste trabalho).

d) **Tesoureiro** – responsável pelas **finanças** do grupo, tem o controle do pagamento das mensalidades, venda de produtos e recolhimento das doações feitas pelo clube, jogadores e parceiros;

e) **Associados ou componentes** – Constituem a maioria dos integrantes da torcida sendo responsáveis pelas *performances* nas arquibancadas e pela vida econômica do grupo, através de doações, pagamentos de mensalidades e compra de produtos. Não possuem funções diferenciadas ou de destaque no interior do grupo, mas dão forma e visibilidade à torcida.

Importante destacar que dentre as Torcidas que possibilitaram um nível maior de participação dos associados nas decisões do grupo escolhiam os responsáveis por cada função através de eleições. Este é o caso da torcida “*Gaviões da Fiel*”, desde os primeiros anos após sua criação.

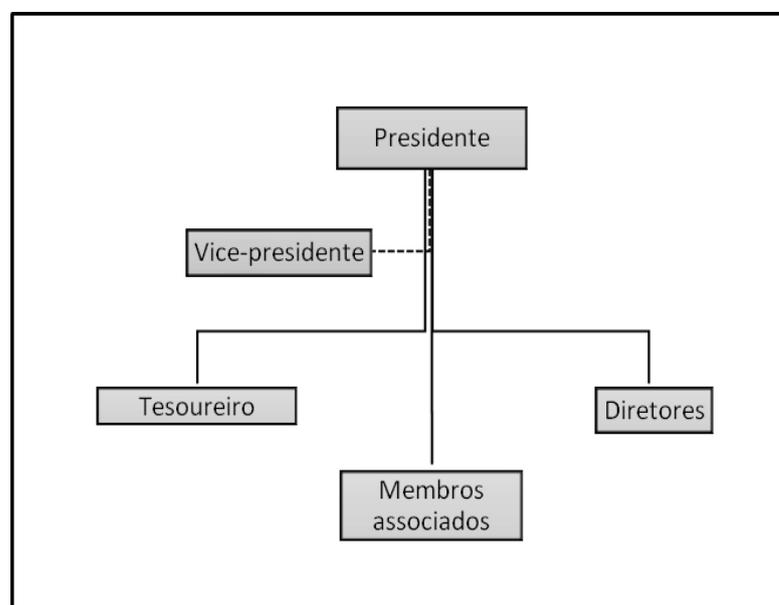


**Imagem- Torcida *Gaviões da Fiel* em dia de eleição interna. Fonte: CONATORG, 2015.**

Ao passo que as práticas carnavalizadas e a informalidade organizacional dos grupos *uniformizados*, da **primeira geração**, deram espaço ao modelo funcional das maiores torcidas da **segunda geração**, percebeu-se um crescimento acelerado no número de grupos e de associados, acarretando numa repercussão midiática sem

precedentes. Com a década de 1990, e suas repercussões culturais e sociais<sup>121</sup>, os grupos organizados de torcedores passaram a ser explorados enquanto produto, dentro da lógica de uma cultura midiática que se intensificou no mundo futebolístico, sobretudo, a partir da Copa do Mundo dos Estados Unidos (1994), alcançando junto aos veículos de comunicação de massas o *status* de “estrelas do espetáculo”. A **terceira geração** dos grupos organizados de torcedores, portanto, corresponde a fase da *espetacularização* das torcidas, tarefa que me proponho a analisar em seguida.

**Figura 2 - Modelo de organização dos grupos da 2ª geração**



### 3.2.3 Terceira geração: Futebol de espetáculo e torcidas espetacularizadas (1990-2000)

Até o final da década de 1980, grupos de torcedores eram identificados em praticamente todo o país. Esses grupos cresceram em proporção e visibilidade, passando a despertar o interesse dos dirigentes de clubes de futebol, organizadores de competições, e principais veículos de comunicação da época. A **terceira geração**

---

<sup>121</sup> Dentre os eventos e processos históricos, destaco o fim da “Guerra Fria”, a expansão do consumismo, a globalização, escolha e impedimento de um presidente eleito diretamente pelo povo no Brasil.

corresponde a fase em que os grupos utilizam-se de todos os recursos possíveis e necessários para alcançarem **visibilidade** e **projeção** nacional. Neste contexto surgiram em Recife, as citadas, “*Torcida Jovem Fanático*” (Náutico), a “*Torcida Organizada Inferno Coral*” (Santa Cruz), e a “*Torcida Jovem do Sport*” (Sport), grupos os quais estabeleci maiores contatos durante o trabalho de campo, considerando a experiência realizada alhures (SOUZA, 2012)<sup>122</sup>.

A adjetivação “espetacularizada” - que emprego aos grupos com as características que definem a terceira geração - faz referência a condição assumida pelos *grupos organizados de torcedores* criados ou adaptados ao contexto do “futebol de espetáculo”. Neste sentido, exige-se uma excelência performática, de todos os atores do espetáculo futebolístico, mediada pelos interesses do público, dirigentes, críticos e patrocinadores, ou seja, aos interesses da “indústria do espetáculo” (DAMO, 2012: p.40). Neste cenário, a tensão e o conflito – naturalmente em níveis mais elevados -, aumentarão quanto maiores forem as possibilidades de ganho ou perda em termos de valor econômico e/ou simbólico. Este ponto será retomado, mais adiante, quando discutirmos a questão da violência entre as torcidas.

De uma forma geral, os grupos formados a partir da década de 1990, quando comparados aos da geração anterior, mudaram suas performances e estéticas (dentro dos estádios), enquanto suas atividades cotidianas extrapolaram a dimensão tempo-espço do jogo de futebol. Muitas torcidas reconhecidas formalmente como *Pessoa Jurídica de Direito Privado* assumiram modelos de organização que se assemelham a empresas, incluindo estruturas físicas transformadas em sedes sociais. Atualmente, grandes ou pequenas, as Torcidas Organizadas estão presentes em quase todos os clubes de futebol do Brasil, mesmo dentre aqueles que não possuem times com grande tradição de

---

<sup>122</sup> A “*Fanático*” é a mais antiga dentre os três grupos, fundada em 05 de fevereiro de 1984, entretanto, ganhou maior importância e visibilidade após a década de 1990. Possui cerca de 55 subgrupos, denominados “*Pavilhões*”, presentes em diversos bairros da capital e municípios do Estado. A “*Inferno Coral*”, criada em 25 de abril de 1992, originou-se da fusão de três outros grupos (*Santamante*, *Força Jovem*, e *Os Cobrões*). Além de uma sede social, possui ainda 09 subsedes espalhadas por diversos bairros da cidade, e seus subgrupos são denominados “*Núcleos*”. A “*Torcida Jovem do Sport*” foi fundada em 29 de outubro de 1995, por dissidentes da torcida organizada “Gang da Ilha”, derrotados em uma eleição para a diretoria do grupo; os subgrupos são chamados de “*comandos*”.

conquistas no futebol brasileiro. A espetacularização, portanto, é considerada a principal característica dos grupos que constituem a chamada **terceira geração** de grupos de torcedores.

### 3.2.3.1 *Espetacularização e recursos de visibilidade*

Os grupos que se identificam com a terceira geração diferenciam-se e redimensionam a relação torcida/futebol profissional e, especialmente, a relação espectador-espetáculo de futebol, no sentido em que, através da sua mobilização coletiva nos estádios e sua aparição permanente na mídia, como valor estético e informativo agregado, ganham ainda mais centralidade dentro do espetáculo futebolístico (TOLEDO, 2000: 133). É neste sentido que interpreto a *espetacularização* - no caso dos grupos organizados de torcedores- como todas as dinâmicas empreendidas com o intuito de “*chamar atenção*” e “*virar notícia*”, ou seja, conquistar visibilidade de todos os outros atores que compõem o “futebol de espetáculo”, dentro e fora dos estádios, desde que lhes possibilite repercussão em torno do nome da torcida.

Em um curto espaço de tempo - que separa a profissionalização do futebol no Brasil (década de 1930), transformado em esporte de massas e símbolo de identidade nacional, até as atuais configurações de um esporte globalizado e elevado a condição de megaevento esportivo -, o jogo amador e descompromissado das elites brasileiras do início do século passado assumiu a condição de importante produto da indústria cultural do lazer da modernidade,

Se no início dos anos 1930, as forças modernizantes defendiam a profissionalização dos jogadores como solução para libertar o futebol de uma crise, hoje a tendência é no sentido da profissionalização dos dirigentes e na adoção do modelo denominado futebol-empresa para os mesmos fins (HELAL; GORDON JR., 2000: p.50).

O esporte é hoje um grande negócio de nosso tempo, inclusive considerado por alguns estudiosos da economia capitalista como o quarto setor das sociedades modernas contemporâneas (sociedade civil, sociedade política, ONGs e esportes – quarto setor), tamanho é o poder que seus mandatários e ídolos exercem no mundo contemporâneo

simbólico, político e dos negócios<sup>123</sup>. Enquanto as práticas futebolísticas no Brasil, até por volta de 1920, estavam muito mais próximas de ser um jogo, por serem mais lúdicas e amadoras, atualmente se colocam como um esporte profissional e espetacular. Neste sentido, concordo com Gurgel (2006) quando defendeu que após a profissionalização do futebol no país, a imprensa começou a criar um relacionamento mais próximo com o público, sobretudo porque este esporte foi se tornando **espetáculo** e, a partir do acasalamento com a mídia, foi crescendo e se transformando no que é atualmente: um dos produtos mais espetacularizados da sociedade de consumo e também um “*case*” de sucesso dos meios de comunicação (p.20).

Através desta reflexão, provocada e estabelecida com os dados revelados na leitura daquele autor, que propôs uma análise do futebol enquanto uma grande empresa multinacional<sup>124</sup>, foi possível pontuar alguns eventos que, em pouco mais de 80 anos criaram as condições apropriadas e necessárias para essa chamada *espetacularização* que se constitui, atualmente, no valor agregado mais importante desta prática desportiva,

#### Quadro 4 - Eventos que impulsionaram o “futebol de espetáculo” no Brasil

<b>1920-1930</b>	<b>1923</b> -Primeira final da Copa da <i>Football Association</i> - venda dos direitos de transmissão para produtoras de cinema (US\$ 1.500,00).
	Após as copas de 1930 e 1934, jogadores brasileiros despertaram interesses de italianos, assim como acontecia com uruguaios e argentinos. Processo de consolidação do jornalismo esportivo no Brasil. No Rio de Janeiro, o <b>Jornal do Brasil</b> , e <b>O Globo</b> , dedicam espaços exclusivos ao esporte.
	O rádio, ao antecipar o que a televisão faria depois, foi o primeiro massificador do futebol brasileiro. <b>1934</b> só a Rádio Cruzeiro do Sul tem a permissão para transmitir jogos do campeonato paulista.
	Em <b>1936</b> , jogo Itália x Alemanha, em Berlim, marco para as transmissões pela TV, apesar de não ser ao vivo.

<sup>123</sup> Artigo escrito por Paulo Ricardo do Canto Capela, publicado na **Revista Motrivivência**, Ano XVIII, Nº 27, p. 101-116, Dezembro de 2006. Consulta ao endereço <<http://www.periodicos.ufsc.br.>>, em 10.Abr.14.

<sup>124</sup> O trabalho de Anderson Gurgel [GURGEL, A. *Futebol S/A: a economia em campo*. São Paulo: Saraiva, 2006] é rico em dados estatísticos sobre as relações econômicas e o impacto dos meios de comunicação na transformação do futebol numa das mais promissoras indústrias de entretenimento do mundo. É tomado por referência nesta pesquisa por oferecer dados selecionados de fontes primárias e secundárias, confiáveis e pertinentes ao esclarecimento do objeto em questão.

	<p><b>1938</b> - Leônidas da Silva, após ser artilheiro da Copa do Mundo na França, negociou com a Lacta o lançamento de um chocolate em sua homenagem, o “diamante negro”.</p>
1940-1950	<p><b>1950</b>, a Itália foi o primeiro país a mostrar a sua liga de futebol na TV, sob o monopólio da RAI.</p>
	<p>Em <b>1955</b>, a TV Tupi, conseguiu realizar a primeira transmissão de um jogo de futebol no país. Santos x Palmeiras, direto da Vila Belmiro.</p>
1960-1970	<p>Em <b>1963</b>, 177 mil pessoas foram ao maracanã assistir à final do campeonato Carioca.</p>
	<p>Em <b>1969</b>, no Maracanã, Pelé marcou o seu milésimo gol. Para comemorar foi criada a <b>loteria federal</b>.</p>
	<p>A primeira transmissão em cores, futebolística, foi realizada no México, na Copa de 1970. A bola da <b>Adidas</b> se transformava na bola oficial das Copas.</p>
	<p>Em <b>1977</b> foram introduzidas as placas de publicidade nos estádios brasileiros. O dinheiro captado era dividido entre os clubes.</p>
1980 - 2000	<p>Em <b>1983</b>, aprovação por clubes e federações da publicidade nos uniformes de times de futebol. O Flamengo foi o primeiro, com a parceria duradoura com a LUBRAX.</p>
	<p>Em <b>1987</b>, transmissões ao vivo de jogos de futebol. Desde <b>1977</b> eram transmitidos regularmente, mas em videoteipe, sem custos para as emissoras. Clubes e CBF criaram a Copa União, apoio da Rede Globo e Coca-Cola. A emissora pagou algo próximo a US\$ 3,4 milhões para transmitir o campeonato com exclusividade, e a Coca-Cola estampou a marca em todas as camisas dos clubes participantes.</p>
	<p>Em <b>1992</b> foi anunciada a cogestão do Palmeiras-Parmalat. Enquanto o Palmeiras colecionava títulos, a Parmalat esteve na tela 645 minutos, contra 460 no ano anterior.</p>
	<p>Em <b>1996</b> a CBF firma acordo com a NIKE, por 10 anos, por US\$ 326 milhões. Em <b>2000</b>, a Rede Globo, maior grupo de mídia brasileiro, criou o Globo Esportes, uma divisão totalmente voltada para a participação e comercialização de eventos esportivos.</p>

Mesmo que outros eventos importantes tenham ficado de fora do **Quadro 4** (acima), os que foram relacionados ratificaram e são importantes para que se compreenda o nível de importância que o futebol adquiriu no Brasil, desde sua profissionalização, enquanto espetáculo e produto da indústria de entretenimento. O interesse do público brasileiro foi um termômetro para que veículos de comunicação – inicialmente o rádio, e logo depois a Televisão -, bem como empresas nacionais e multinacionais destinassem uma atenção cada vez maior ao campo futebolístico. A Copa de 1950, a primeira realizada no país, apresentou uma média de 60.773 torcedores por jogo, somente superada na Copa de 1994, nos EUA, onde a média chegou a 68.991, a maior da história dos mundiais (RIBAS, 2005). O sucesso da primeira Copa do Mundo no Brasil protagonizou o primeiro grande acordo de patrocínio de uma seleção brasileira. A Coca-Cola estabeleceu um acordo com a Confederação Brasileira de

Desportos (que foi sucedida pela CBF) para ser o refrigerante oficial da seleção, e o anúncio buscava um respaldo científico para a parceria:

A Coca-Cola foi escolhida pelos médicos da seleção brasileira como o único refrigerante a ser servido aos nossos jogadores que disputam o Campeonato Mundial de Futebol (GURGEL, 2006: p.69).

Neste contexto, midiaticizado e performático, os grupos organizados de torcedores vão buscar seu espaço no “futebol de espetáculo” na tentativa de serem percebidas como protagonistas do evento, construindo dinâmicas próprias que puderam ser percebidas e interpretadas, matizadas pela experiência etnográfica, dentre as quais destaco:

- a) Performances grupais nas arquibancadas, orquestradas por um dirigente, “*guia*” ou “*puxador*”, ritmadas por cânticos e percussão (“*bateria*”), com demonstrações de virilidade e “*disposição*”;
- b) Demonstração da capacidade de organização e dedicação grupal, através do grande quantitativo de bandeiras, faixas, trapos e, principalmente, do “*bandeirão*”<sup>125</sup>, nas arquibancadas;
- c) Demonstração da capacidade de mobilização e coesão do grupo, através das “*caminhadas*” ou “*arrastões*”, nos percursos realizados em via pública, de um ponto de encontro estabelecido até o estádio;
- d) “*Invasão*” de locais públicos e/ou privados, demonstrando a capacidade de apoio (em casos de recepção de jogadores em aeroportos, comemorações por conquistas do clube, presença em treinamentos antes de jogos decisivos, etc.); ou protesto (invasão de centros de treinamento, sala de imprensa, sede de clubes, etc.);

---

<sup>125</sup> Dentre os sinais distintivos utilizados para reforçar a identidade grupal e o sentimento de pertencimento ao grupo, além dos citados e que fazem parte da segunda geração, O “*bandeirão*” é identificado como o troféu principal das Torcidas Organizadas, é o sonho de conquista de todas as rivais. Em torno deste símbolo existe uma disputa particular entre as organizadas, motivo de disputas simbólicas nas arquibancadas e de confrontos físicos fora dos estádios. Representa a capacidade de mobilização e arrecadação de recursos por parte de seus integrantes, demandando ainda cuidados específicos, como a limpeza, reparos, armazenamento e transporte diferenciados, sendo utilizado em jogos importantes, como decisões de campeonatos, jogos televisionados em escala nacional e clássicos locais. Quanto maior o “*bandeirão*” maior deve ser a arquibancada onde será apresentado, e assim, o tamanho do *bandeirão* significa, indiretamente, a capacidade da torcida em reunir uma grande quantidade de membros em um grande estádio, uma grande ostentação de poder ou de prestígio, e neste caso, *tamanho é documento*.

- e) Aparição em veículos de comunicação, por ocasião de eventos simbólicos do clube, como apresentação de jogadores contratados ou eleição de novos presidentes ou dirigentes. Neste caso, a simples utilização de uma camiseta ou boné do grupo, por um dirigente ou jogador, repercute em prestígio ao grupo;
- f) Mobilização dos integrantes para campanhas de assistência social, como doações de alimentos, sangue, roupas, brinquedos, entre outras;
- g) Capacidade de estabelecer *alianças* com grupos de outras cidades (será aprofundado mais adiante, nos capítulos 4 e 5).



**Imagem - "Bandeirões", demonstração de poder e mobilização dos grupos. Fotos do autor. Estádio do Arruda, Recife-PE.**

Por outro lado, se durante os primeiros anos da década de 1990 a imagem dos grupos de torcedores foi amplamente utilizada pelos veículos de comunicação, como instrumento de divulgação do “futebol de espetáculo” – paixão e festa nas arquibancadas -, e apropriada pelos clubes como capital simbólico e símbolo de viabilidade econômica - no caso, para atração de patrocinadores e investidores -, a partir da segunda metade dessa década estes grupos passaram a representar riscos e obstáculos ao chamado negócio do futebol <sup>126</sup>. Assim, após uma sucessão de confrontos entre grupos de torcedores, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro, modificaria

---

<sup>126</sup> Risco é um evento ou condição incerta que, se ocorrer, provocará um efeito positivo ou negativo nos objetivos de um projeto ou atividade [SALES JR. C. A. C. (Org.). Gerenciamento de Riscos em Projetos. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p.29].

gradativamente a visão simpática que “os de fora” mantinham até aquele momento em relação às torcidas organizadas e uniformizadas, e não tardaram a surgir nos noticiários jornalísticos e no meio futebolístico, em geral, explicações que buscavam garantir os interesses do futebol espetáculo, e associar a violência exclusivamente a ação dos maus torcedores inseridos nos grupos organizados<sup>127</sup>.

A viabilidade do “negócio do futebol” não poderia ser comprometida por “vândalos”, e em poucos anos esses grupos deixaram de ser destacados como representantes da paixão e da alegria nos estádios para assumir a condição de principal mal do futebol brasileiro. A relevância da discussão em torno da “espetacularização da violência” não se encerra neste ponto, sendo retomada ainda em outros pontos da nossa Tese, e de forma mais específica no **capítulo quatro**, onde será estabelecido um nexo entre este aspecto e a estigmatização sobre os integrantes de grupos organizados de torcedores, ponto essencial para a compreensão da formação das grandes alianças nacionais entre grupos de cidades diferentes.

### 3.2.3.2 Aspectos sócio culturais e características gerais

Até o início da década de 1990 os contatos entre grupos organizados de cidades e estados distintos eram bastante escassos e limitados, ocorrendo basicamente em dias de jogos realizados em competições nacionais – Campeonato Brasileiro e Copa do Brasil<sup>128</sup> -, ou a jogos amistosos promovidos por empresas patrocinadoras e emissoras de televisão. Disputado desde 1950, o Torneio Rio-São Paulo foi substituído, em 1967, por um campeonato mais abrangente com a participação dos principais times do Brasil, a época. Entre 1971 a 1979 o Campeonato Brasileiros variou entre 20 e 94 times participantes, de estados distintos do país, entretanto, o grande número de clubes não

---

<sup>127</sup>Em 1995, durante uma partida realizada no Estádio Municipal do Pacaembu, entre as equipes do Palmeiras e do São Paulo, pela final da Copa São Paulo de Futebol Juniores, no dia do aniversário da cidade de São Paulo, vários torcedores, de ambas as equipes, invadiram o gramado e iniciaram uma espécie de *batalha campal*. Um torcedor morreu e vários outros ficaram gravemente feridos. A partir desse episódio, que teve grande repercussão nos veículos de comunicação, os acontecimentos de violência nos estádios brasileiros receberam grande cobertura e divulgação por parte da mídia, além de acalorados debates em programas de estúdios televisivos sobre os motivos e causas da violência.

<sup>128</sup> Competição que reúne os campeões e vice-campeões estaduais do ano anterior, além de outras equipes classificadas pelo ranking nacional de clubes. É disputada em sistema eliminatório por um total de 64 equipes.

significava que todos se enfrentariam ao longo do campeonato, sendo comum uma equipe ser eliminada com menos de 10 partidas realizadas, o que dificultava muito o contato entre torcedores de regiões diferentes.

Conforme esclarecido anteriormente, em 1987, o “Clube dos 13”, juntamente com a CBF, passou a organizar uma competição que priorizasse os interesses econômicos dos clubes, dentro do conceito de “futebol de espetáculo”, adequado aos padrões dos principais campeonatos nacionais da Europa. Entretanto, devido à instabilidade e a disputa por interesses (de clubes e dirigentes), o campeonato nacional continuou a ter um quantitativo inconstante de participantes até 2005, momento em que se estabilizou em 20 clubes nas primeira e segunda divisões nacionais. Se por um lado o limite de clubes nas duas divisões principais atendeu aos interesses dos maiores clubes brasileiros, além das reivindicações dos organizadores e patrocinadores das competições, a maior parte dos clubes do país passou a não disputar nenhuma competição organizada pela entidade máxima do futebol brasileiro, o que também restringiria os contatos entre as maiores torcidas do país com torcidas de clubes de menor expressão – retornarei a este aspecto quando discutir a expansão nacional do fenômeno.

Até o início da década de 1990, sem grandes oportunidades de interação, as características sócio culturais e performáticas dos maiores grupos de torcedores eram compartilhadas apenas entre as torcidas dos clubes que participavam regularmente das maiores competições do futebol brasileiro, criando-se entre eles uma estética padrão que seria gradativamente reproduzida para todos os grupos organizados das **terceira e quarta gerações**, ao longo das duas décadas seguintes, principalmente quando as primeiras *alianças* (abordadas adiante) são formadas. Tomando como exemplo a relação entre música/futebol nos estádios, percebe-se que o Samba sempre predominou enquanto estilo musical preferido entre as torcidas brasileiras, principalmente até a década de 1980. Com o crescimento do número de grupos organizados de torcedores e a intensificação dos contatos entre os maiores clubes brasileiros, as torcidas passaram a reproduzir letras conhecidas dos estádios em ritmos diferentes. É desta forma que o *Funk*, conhecido dos cariocas, passou a ser introduzido nas canções entoadas pelas torcidas de São Paulo e Minas Gerais, e, em seguida, por torcedores de outras regiões e estados do país.

Conforme destaquei alhures (SOUZA, 2012), entre as torcidas nordestinas ocorreu um processo semelhante iniciado na segunda metade da década de 1990. Ao lado do samba, as torcidas desta região também expressavam suas musicalidades nos estádios através do Axé Music (Bahia) e do Frevo (Pernambuco), entretanto, com a intensificação dos contatos proporcionados pelo campeonato nacional e pela Copa do Brasil - principalmente com torcidas das regiões Sul e Sudeste -, o Funk foi assimilado pelos maiores grupos organizados da região. Assim, ao longo daquela década, torcidas como a “*Fanáutico*”, “*Inferno Coral*”, e “*Gang da Ilha*” (Recife); “*Bamor*” e “*Os Imbatíveis*” (Salvador); “*Cearamor*” e “*Leões da TUF*” (Fortaleza); reproduziam cânticos formados pelas misturas do Samba, Frevo, Axé Music e Funk, distinguindo-se de grupos de outros estados da Região, que associados a clubes de menor representatividade nas competições nacionais continuavam a ter no samba o estilo principal<sup>129</sup>.

Posteriormente – conforme observei no trabalho de campo realizado entre 2010 e 2015 -, através da criação da “*Torcida Jovem do Sport*”, em 1995, a musicalidade dos estádios de Recife foi enriquecida com a percussão característica do *Maracatu*<sup>130</sup> e as performances características do movimento cultural denominado *Manguebit*<sup>131</sup>, que na época fazia muito sucesso entre os jovens do Recife - teve como principal divulgador o cantor Chico Science, líder da banda *Chico Science & Nação Zumbi* -, atraindo muitos jovens para a torcida organizada recém criada. O sucesso alcançado pelo movimento nas torcidas recifenses foi gradativamente transferido para outras torcidas da Região

---

<sup>129</sup> Esclareço que, com a divisão do campeonato nacional em divisões, estabelecida em 1987, a representatividade da Região Nordeste nas principais competições do país foi muito comprometida. A partir da década de 1990 basicamente equipes dos estados da Bahia, Pernambuco e Ceará passaram a revezar-se na divisão principal do campeonato brasileiro, com uma média de 02 (dois) representantes por ano, da Região, no campeonato brasileiro, entre 1990 e 2015.

<sup>130</sup> O Maracatu é um ritmo percussivo criado pelos escravos africanos e difundido entre seus descendentes no Brasil, passando a compor a cultura pernambucana, presente na musicalidade das festas e rituais das religiões de matrizes africanas, como o Candomblé.

<sup>131</sup> Segundo Rodrigo Gameiro, o “*Movimento Mangue*”, ou “*Manguebit*”, articulou as manifestações culturais da periferia de Recife à margem das administrações públicas, ficando sua diferença com os seus predecessores na forma de se relacionar com a cultura popular, conectando-a com expressões globais e, ao mesmo tempo, expondo a situação de exclusão social, violência e fome dos bairros de periferia de Recife. Surgiu como uma mistura de hip-hop com Maracatu. (GAMEIRO, R. *O Movimento Manguebeat na mudança da realidade sociopolítica de Pernambuco*. Artigo publicado VI Congresso Português de Sociologia. Lisboa, 2008.

Nordeste, principalmente após a organização da disputa da Copa do Nordeste, a partir de 1994, que viabilizou contatos regulares entre as torcidas da região<sup>132</sup>.

As *performances* desenvolvidas pelos grupos da *terceira geração* também são interpretadas como resultado direto do aumento de contatos culturais entre os torcedores. Os clubes do Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, sempre tiveram mais contatos com torcedores de outros países da América do Sul, pelo fato de alternarem-se regularmente como representantes do Brasil na Taça Libertadores das Américas – principal competição futebolística das Américas. Estas participações fizeram com que recebessem grande influência na forma de torcer, assimilando não apenas as coreografias e o estilo vibrante das torcidas *sul-americanas* - principalmente as argentinas (“barra bravas”) -, mas também uma cultura de intimidação do adversário e de incentivo a **sociabilidade de conflito**, conforme abordagem anterior (ver item 2.3.1). São essas influências que serão repassadas aos grupos de torcedores das demais regiões do Brasil, através das competições nacionais, conforme detalhei em linhas anteriores.

Assim, as *performances* produzidas pelos grupos da *terceira geração* deixaram de ter como alvo apenas os jogadores (incentivo), dirigentes (cobrança) e demais torcedores (festa e animação); passaram a ser direcionadas também as câmeras das emissoras de televisão e aos torcedores rivais, como demonstração de poder e força vindos das arquibancadas. Cânticos ininterruptos durante os jogos, exposição de bandeiras cada vez maiores – os “*bandeirões*” -, instrumentos pirotécnicos (como sinalizadores), fizeram com que os grupos organizados de torcedores assumissem a condição de responsáveis pela festa e, ao mesmo tempo, pelos riscos do “futebol de espetáculo”, conquistando a atenção tanto dos promotores do evento quanto das autoridades públicas. Como foi dito, tudo passou a ser importante na fase da *espetacularização*.

---

<sup>132</sup> Criada em 1995, por ex-integrantes da torcida *Gang da Ilha*, além da escolha da cor amarela para suas camisas, a *Torcida Jovem do Sport* inovou também na escolha do ritmo para suas canções, possibilitando uma mistura entre o Funk carioca com o Maracatu pernambucano. A *alfaia*, tipo de tambor característico do Maracatu, foi introduzido na percussão da bateria do grupo. Em virtude do sucesso alcançado entre os torcedores mais jovens, a *TJS* transformou-se na maior torcida organizada do Sport Recife, no início de 1997, e não tardou para que as maiores rivais também aderissem ao novo ritmo (SOUZA, 2012: p.130).

### 3.2.3.3 Organização social

Os principais grupos organizados de torcedores do Recife seguem um padrão de organização administrativa que pode ser considerado nacional. Burocratizados e formadas por uma diretoria executiva composta de presidente e vice-presidente, que são eleitos pelos associados ou indicados por um conselho, esses grupos são classificados como instituições de direito privado sem fins lucrativos. Os três grupos recifenses possuem sedes sociais, fora dos estádios, usadas para guardar seus materiais de uso em dias de jogos, como também servem como pontos de concentração e apoio. Os recursos financeiros são obtidos através da venda de produtos das próprias torcidas e de torcidas aliadas, como camisas, bonés, agasalhos, canecas, chaveiros, canetas, entre outros, comercializados nas lojas das sedes, lojas virtuais, centros comerciais da cidade, e nos estádios.



Imagem - Sede da “Torcida Inferno Coral” (direita); loja da “Jovem do Sport” (esquerda). Fonte: <<http://www.grtoinfernocoral.com.br>>; <<http://www.organizadasbrasil.com.br>>. Acesso em 15.Out.15.

As modificações identificadas, na estrutura da organização social dos grupos que adotaram a *espetacularização* como identificação principal, em relação ao modelo proposto para a segunda geração, deve-se principalmente a dimensão das responsabilidades assumidas, como consequência ao crescimento do número de integrantes e a formação de subgrupos, ou “*divisões*”, percebidas no interior dos maiores grupos e aceitas como apoio nas regiões periféricas e nos bairros das cidades, principalmente aquelas onde se concentram os principais clubes do futebol brasileiro e, conseqüentemente, os maiores grupos organizados do país.

O presidente, ou líder principal, passou a responder juridicamente pelo grupo, a partir do momento em que se transformaram em *Pessoa Jurídica de Direito Civil*, conforme destacado, bem como outras funções existentes passaram a ter maiores atribuições, a exemplo dos diretores e do tesoureiro. A partir das observações e das interlocuções realizadas junto às lideranças dos principais grupos de Recife, e de outros estados do país, sugiro o modelo, seguinte, para os grupos que se identificam na terceira geração:

- a) **Presidente da torcida**, responde administrativamente pelos atos do grupo, sendo o elo com os órgãos públicos de segurança do Estado, diretoria dos clubes e a Federação estadual de futebol. As torcidas desta geração elegem seus presidentes através de votação, da qual participavam todos os associados que estivessem com suas contribuições (mensalidades) em dia. Também passou a estabelecer *alianças* com torcidas de outros Estados (esta condição está presente apenas nas torcidas das 3ª e 4ª gerações);
- b) **Vice presidente** – Designado normalmente pelo presidente da torcida, entre os grupos da geração anterior, passou a ser escolhido também através de eleição pelos associados; ou mesmo, escolhido entre os diretores, como é o caso da Torcida Jovem do Sport (Recife);
- d) **Diretores** – Entre os grupos observados na pesquisa, alguns escolhem seus diretores através de eleições, enquanto outros mantêm o critério de indicação por parte do presidente eleito. As funções são análogas as indicadas na geração anterior, entretanto, algumas torcidas grandes criaram diretores para cuidar da comunicação social e do marketing, o que também foi identificado na “*Torcida Jovem do Sport*” (Sport Recife) e na “*Torcida Inferno Coral*” (Santa Cruz);
- e) **Tesoureiro** – possui as mesmas atribuições do modelo da geração anterior, sendo responsável pelas arrecadações e finanças do grupo;
- f) **Líder de Subgrupo, “bondes” ou “divisões”** - Importante para a divulgação da torcida, recrutamento de novos membros e na *demarcação de territórios*, esses líderes possuem relativa autonomia, contudo, permanecem subordinados ao presidente e aos diretores. Entre as torcidas observadas, os subgrupos recebem nomes variados, podendo

ser chamados de **Núcleos** [*Inferno Coral* (Santa Cruz/PE); *Mancha azul* (CSA/AL)]; **Pavilhões** [*Fanáutico* (Náutico/PE); *Comando Alvirrubro* (CRB/AL)]; e **Comandos** [*Jovem do Sport* (Sport Recife)]. Uma interpretação mais detalhada dessas divisões será procedida no **capítulo quarto**, quando será discutida a questão da prática da violência e a perda do controle interno entre os grupos,

Para cada um dos segmentos existe um chefe que pode ser indicado ou eleito (depende da torcida), cuja função é coordenar seu grupo, servindo como uma espécie de elo, fazendo mediação entre a Diretoria e os componentes sob sua responsabilidade. Cabe a esse chefe fazer reuniões, cadastrar componentes (é esperado que traga o maior número possível deles para a torcida), podendo promover festas e churrascos para arrecadar o capital necessário a produção de seu próprio material, como faixas, bandeiras e adesivos. Sempre que considera necessário, ou quando solicitados, os diretores comparecem as reuniões para reforçar a autoridade e autonomia do chefe (Teixeira, 2008: 64)<sup>133</sup>.

**Associados ou componentes** – O perfil dos integrantes dos três maiores grupos de Recife também acompanha uma tendência nacional. Predominantemente são jovens, entre 13 e 30 anos de idade, na maioria homens, apesar da participação de garotas crescerem a cada ano, existindo ainda facções exclusivamente compostas por mulheres. A maior parte são estudantes do Ensino Médio, oriundos de escolas públicas, e uma parcela significativa não estuda ou não desempenha atividades remuneradas. Os poucos universitários identificados fazem parte das diretorias<sup>134</sup>.

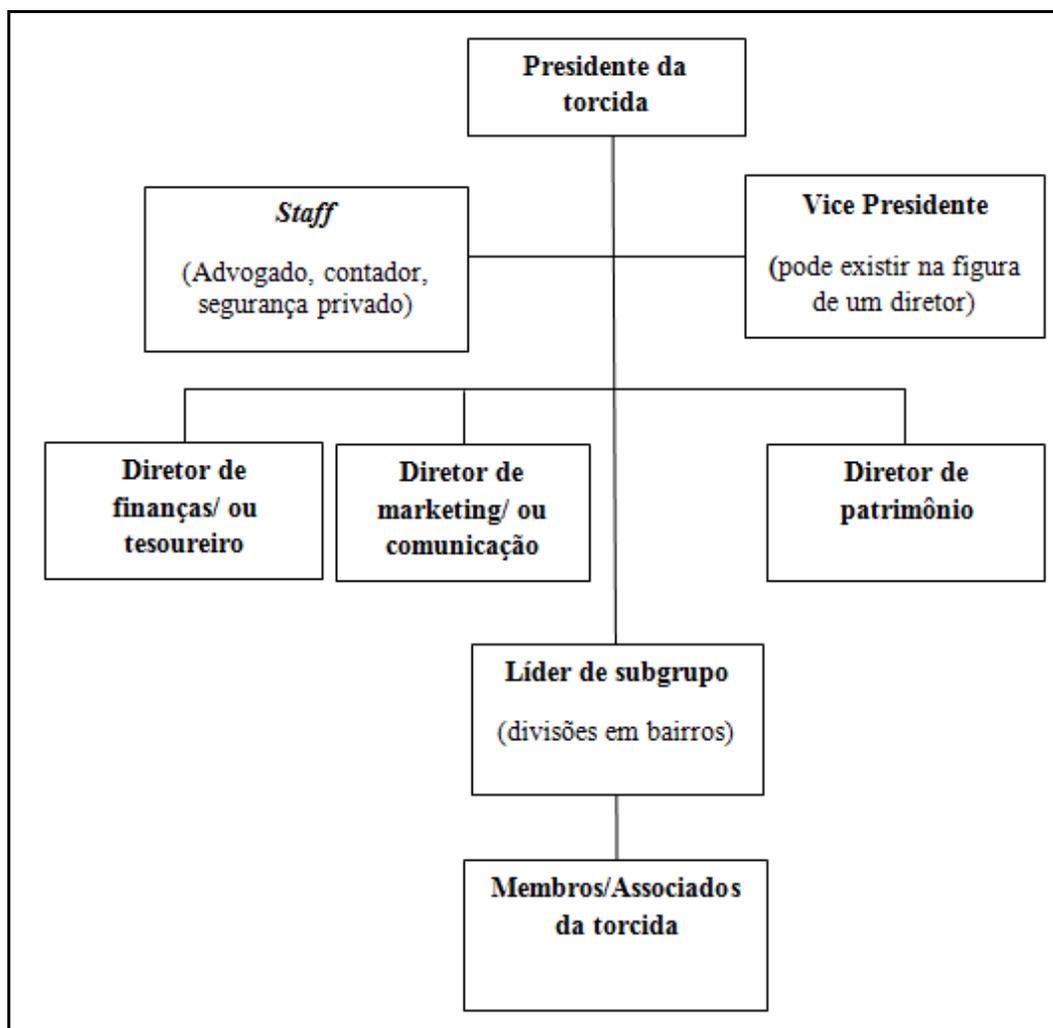
Seguindo os princípios – didático-metodológicos - utilizados na interpretação das características dos grupos organizados da segunda geração, e com base nas informações apresentadas no tópico em questão, sugiro (abaixo), o **modelo de organização social** dos grupos que são identificados com as características que ficaram estabelecidas como sendo a terceira geração.

---

<sup>133</sup> TEIXEIRA, R. C. *Os perigos da paixão: filosofia e prática das torcidas jovens cariocas*. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGSA, 1998. Dissertação de Mestrado.

<sup>134</sup> Na pesquisa realizada por Reis (2009: 83), com grupos organizados de torcedores de São Paulo, a composição básica destacada foi a faixa etária entre 18 e 28 anos.

**Figura 3 - Modelo de organização dos grupos da terceira geração**



### 3.3 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE UM FENÔMENO QUE ALCANÇOU DIMENSÕES NACIONAIS

Surgido no final da década de 1930, inicialmente restrito aos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, o fenômeno dos grupos organizados de torcedores transformou-se, em pouco mais de 80 (oitenta anos), na principal expressão dos limites que podem ser atingidos e ultrapassados em nome da paixão pelo esporte mais popular do país. Desde as primeiras “*torcidas uniformizadas*” até as atuais configurações das “*alianças entre grupos organizados de torcedores*”, existem mais de 500 (quinhentos) grupos cadastrados na Associação Nacional das Torcidas Organizadas (ANATORG),

identificadas com clubes de todos os estados e regiões do Brasil, configurando-se como um fenômeno de dimensões nacionais.

Através da análise dos dados disponibilizados pelo cadastro da ANATORG foi possível identificar o crescimento numérico e a expansão do fenômeno das torcidas organizadas por todas as regiões do país, ao longo das décadas de 1970 e 1980. Assim, enquanto a **primeira geração** (1939-1969) ficou restrita a 04 (quatro) torcidas uniformizadas – no Rio de Janeiro e São Paulo –, mesmo com a importância social e cultural assumidas pelo futebol brasileiro; a **segunda geração** (1969-1989) contava com 89 (oitenta e nove) grupos organizados em todas as regiões do país, distribuídos por 17 (dezesete) Unidades da Federação<sup>135</sup>. Essas torcidas surgiram com as mesmas motivações e características das torcidas “uniformizadas” da primeira geração, entretanto, em pouco tempo assumiram uma organização interna que lhes garantiu crescimento numérico e maior visibilidade no campo futebolístico.

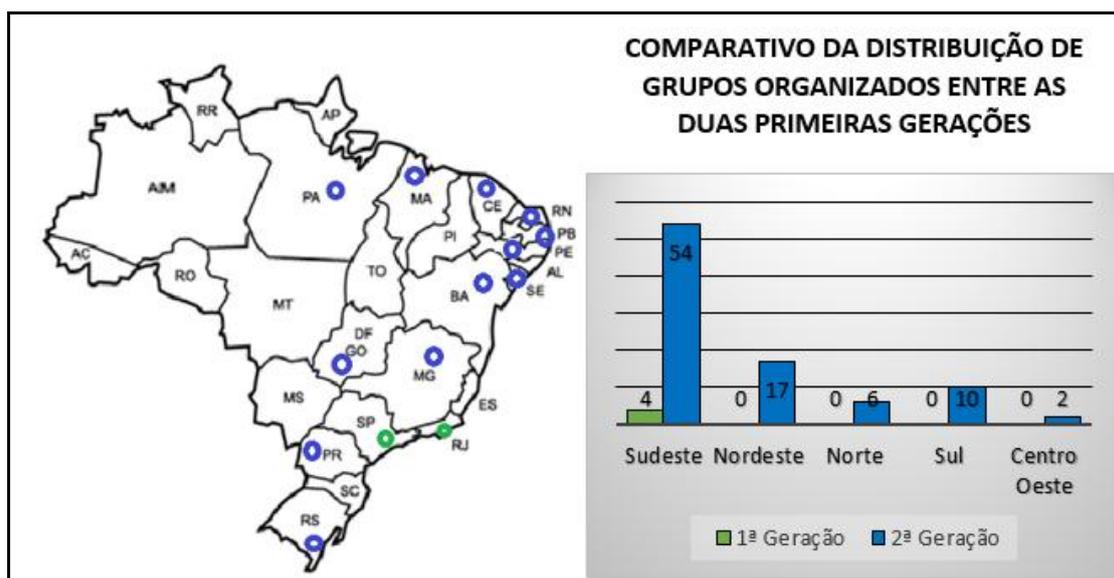
Ao longo das décadas de 1970 e 1980 foi possível perceber a expansão acelerada de grupos organizados de torcedores na maioria das Unidades da Federação, precisamente em 17 Unidades. Nas regiões Sudeste e Nordeste apenas nos estados do Espírito Santo e Piauí, respectivamente, não havia grupos organizados de torcedores cadastrados, enquanto que nas regiões Norte e Centro-Oeste o fenômeno ficou restrito ao Pará, Goiás e Distrito Federal. Isso pode ser entendido como reflexo direto da expansão urbana tardia em algumas regiões brasileiras, uma vez que, no mesmo período, grupos eram identificados em praticamente todos os estados onde a urbanização teve início na década de 1960. Uma comparação realizada a partir das datas

---

<sup>135</sup> Ainda em 1969, ano que simbolizou o início dessa **segunda geração**, foram criados grupos em partes distintas do país, como a *Torcida Jovem do Botafogo* (Botafogo, RJ); a *Torcida Jovem Amor Maior* (Ponte Preta, Campinas-SP); a *Torcida Jovem do Santos* (Santos, SP); *Camisa 12* (Internacional de Porto Alegre, RS), e *Força Atlética de Ocupação* (Atlético, MG), estas duas últimas as **primeiras torcidas organizadas criadas fora do eixo Rio de Janeiro/São Paulo**. Nas décadas de 1970 e 1980 foram criados grupos que correspondem aos primeiros, em seus respectivos estados: **Minas Gerais**, *Torcida Jovem do Cruzeiro* (1970), *Torcida Máfia Azul* (1977), *Torcida Galoucura* (1984); **Rio Grande do Sul**, *Torcida Jovem do Grêmio* (1977); **Paraná**, *Torcida Os Fanáticos* (1977), *Torcida Império Alviverde* (1977); **Pernambuco**, *Bafo do Leão* (1972), *Timbucana* (1983), *Torcida Jovem Fanático* (1984); **Bahia**, *Torcida Organizada Povão* (1976); **Rio Grande do Norte**, *Fiéis Esmeraldinos Radicais* (1977); **Ceará**, *Cearamor* (1982); **Maranhão**, *Dragões da Fiel* (1982); e no **Pará**, *Trovão Azul* (1985) e *Força Jovem Paysandu* (1983); todas atuantes nas gerações seguintes.

de fundação dos grupos - **Quadro 5**, abaixo -, reproduz a distribuição nacional do fenômeno das torcidas organizadas, criadas até o ano de 1989:

**Quadro 5 - Quantitativo e distribuição de grupos organizados de torcedores nas duas primeiras gerações**



Ao interpretar que o aumento do número e da expansão nacional dos grupos de torcedores estão relacionados ao processo de formação dos centros urbanos do país, compreendo ainda (no caso específico do Brasil) que além da individualização e da competitividade que caracterizam as sociabilidades dos grandes centros, o fenômeno também foi resultado das transformações políticas e econômicas vivenciadas em um período marcado pela repressão institucionalizada no interior dos aparelhos repressivos do Estado (Ditadura Militar), bem como pela instabilidade econômica e social que repercutiram diretamente no aumento do êxodo rural, na aceleração urbana desarticulada, e no desenvolvimento de uma cultura da violência com grande apelo no seio da juventude, que passou a exprimir-se, em certa medida, através de códigos da violência. É desta forma que se cria uma grande dificuldade para a construção de identidades sociais coletivas, no meio social.

A mudança no comportamento dos cidadãos é sentida em todas as relações construídas nesse espaço, não sendo diferente entre os jovens que passaram a compor os

grupos de torcedores das décadas de 1970 e 1980. As torcidas uniformizadas/organizadas passaram a atuar com mais agressividade utilizando o estádio como local de demonstração de truculência e violência (PIMENTA, 1997: p. 53), contudo é necessário compreender os motivos que levaram esses torcedores a desenvolverem uma sociabilidade de conflito, fazendo-se necessário, para isso, analisar a violência – em seu sentido mais amplo -, uma vez que, a violência produzida nas praças desportivas não está desarticuladas dos aspectos econômico, político, social, cultural, psicológico e antropológico que contribuem para explicar a violência numa determinada sociedade (REIS, 2006: p. 16).

A década de 1990, além da hegemonia do sistema capitalista mundial – com uma interdependência global -, trouxe como principais características a “Revolução tecnológica” concentrada nas tecnologias de informação, e a democratização de um sistema de comunicação global com linguagem universal digital, a Internet<sup>136</sup>, que em pouco menos de 10 anos possibilitou o encurtamento das distâncias e a formação de uma ampla *rede virtual de sociabilidade* com alcance mundial. Após 1995, surge uma rede flexível formada por redes dentro da Internet onde instituições, empresas, associações e pessoas físicas criam os próprios sítios (sites), que serviram de base para que todos os indivíduos com acesso possam produzir sua homepage, a *World Wide Web* (WWW) - Rede de Alcance Mundial -, que gera uma gama enorme de comunidades virtuais de usuários possibilitada através da Comunicação Mediada por Computadores (CMC) [CASTELLS, 2010:p.439].

Ao mesmo tempo, no campo futebolístico, a década de 1990 ficou marcada pela transformação do futebol em produto globalizado, onde a “*espetacularização*” em torno dos eventos esportivos de massa atingiu todos os seus atores. Em terras brasileiras, esse período inaugurou a fase das “*torcidas espetacularizadas*”, e como visto anteriormente,

---

<sup>136</sup> Segundo Castells (2010), a Internet originou-se de um esquema ousado, imaginado na década de 1960, nos EUA, no interior do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, precisamente na Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (DARPA). O objetivo seria a construção de uma Rede que não pudesse ser controlada a partir de nenhum centro, e que pudesse ser formada por milhares de redes de computadores autônomos com inúmeras maneiras de conexão, contornando todas as barreiras eletrônicas existentes. Quando foi privatizada em 1990, a Internet se tornou tecnologia comercial. Em junho de 1999 conectava cerca de 63 milhões de computadores-servidores, 950 milhões de terminais telefônicos, e era usado por 179 milhões de pessoas em mais de 200 países do mundo (pp. 44; 432).

os grupos organizados de torcedores cresceram em número e dimensão, onde muitos se constituíram em busca de visibilidade, quer através das festas nos estádios ou mesmo por atos violentos. É no contexto da “Revolução Tecnológica” que os grupos organizados de torcedores criam comunidades de relacionamento, inicialmente entre torcidas de um mesmo clube, com o objetivo de compartilhar fotos, repercutir resultados ou problemas ocorridos durante jogos, além de criar relações de aproximação com grupos de clubes de estados diferentes, “*amizades*”, que seriam posteriormente transformadas em “*alianças*”, aspecto que será retomado e melhor detalhado nos capítulos cinco e seis desta Tese.

## ***CAPITULO QUARTO***

### **ESTIGMATIZAÇÃO DOS GRUPOS E A ESPETACULARIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA NO CAMINHO DAS GRANDES ALIANÇAS NACIONAIS**

Vários estudos produzidos no campo das Ciências Sociais brasileira, comprometidos com a explicação e a interpretação da violência nos estádios do país<sup>137</sup>, defenderam hipóteses de caráter estrutural como base explicativa, reflexo direto das modalidades que o desenvolvimento econômico vem assumindo no mundo todo (RATINOFF, 1996: p. 13). Mesmo após a Abertura política, 1985, os esforços realizados para garantir a redemocratização e a estabilização econômica não foram suficientes para retirar da Questão Social no Brasil problemas considerados de ordem primária - estrutura habitacional, sanitária, educacional, de saúde, emprego -, equiparando o país, em vários aspectos, as nações com piores índices de desenvolvimento humano (IDH), apesar de figurar entre as 20 maiores economias do mundo.

Na busca por respostas e explicações - quase sempre imediatistas e não convincentes -, discursos e práticas oficiais têm sido produzidos por organizadores e

---

<sup>137</sup> Destaco a relevância dos estudos produzidos por Toledo (1996), Pimenta (1997), Reis (2006) e Murad (2007), dentre outros.

autoridades públicas, contando com a ampla repercussão dos veículos mediáticos, no sentido de relacionar o aumento da violência no futebol brasileiro com o surgimento dos grupos organizados de torcedores. Para tanto, várias comparações e analogias foram produzidas com fenômenos ocorridos em outras partes do mundo, como o *hooliganismo*<sup>138</sup>, na Inglaterra, e as torcidas violentas da América do Sul, os “*barra brava*”. Neste sentido, as explicações privilegiam a condição individual como determinante da violência e criminalidade entre os torcedores, sobretudo, jovens. Enfatizam as estruturas individuais, os atributos da personalidade ou os diversos fatores biossociais como geradores do comportamento antissocial ou criminoso (ZALUAR, 2000).

Construiu-se no país uma visão reducionista que atribui - quase que exclusivamente - aos torcedores violentos e membros de grupos organizados, como um todo, a responsabilidade pela violência existente no futebol nacional e, a partir de então, um movimento de construção de um “bode expiatório”, seguindo o entendimento de Ruben Oliven (1982), análogo a discussão da violência nas grandes cidades do país, e neste sentido, os torcedores organizados correspondem à figura utilizada para exorcizar os fantasmas da classe média, cada dia mais assustada com a possibilidade da perda de seus bens e da convivência desagradável com aqueles que geram os males sociais (Ibidem, p. 25). O “bode expiatório” é correntemente enfatizado pelos veículos de comunicação e até mesmo pelo discurso oficial do Estado, que tentando encontrar soluções convincentes diante da opinião pública destaca sempre a participação de “desocupados” e “menos instruídos” nos crimes cometidos na sociedade – no caso do futebol, os grupos organizados de torcedores -, enfatizando a necessidade de políticas públicas de segurança e maiores investimentos para a ação policial (SOUZA, 2012).

Este capítulo, portanto, não tem a pretensão de aprofundar a discussão em torno da violência, nem mesmo aquela ligada ao futebol. Por oportuno, busca-se o entendimento da maneira como a violência foi transformada em “espetáculo”, no contexto do futebol que passou a atender aos interesses do capital, tratado por Arlei

---

<sup>138</sup> O termo *hooligan* é uma exportação inglesa, tal como o futebol propriamente dito. Surgiu na Inglaterra, entre 1870 e 1880, período em que a versão profissional do futebol se afirmou. O dicionário de inglês da Universidade de Oxford diz que o vocábulo é proveniente do nome de uma família irlandesa, chamada Houlihan, que viveu em Londres na Era Vitoriana e tornou-se célebre por ser violenta e baderneira (Murad, 2010: p.56).

Damo (2005) como “futebol de espetáculo”, bem como compreender até que ponto a estigmatização dos integrantes dos grupos organizados de torcedores contribuiu para aprofundar a condição de exclusão e, conseqüentemente, invisibilidade no cenário atual do futebol brasileiro.

O capítulo foi organizado em três partes. Na **primeira** delas, discute-se a maneira como as expressões da violência são tratadas no conjunto do futebol de espetáculo, a depender dos agentes e interesses existentes em suas construções. Assim, percebe-se o papel dos veículos de comunicação na produção da “espetacularização da violência” e sua repercussão sobre os grupos organizados de torcedores. A **segunda parte** aborda questões atinentes a produção do estigma e da exclusão social de segmentos sociais subalternos, como uma das conseqüências do discurso apropriado e utilizado pelas classes dirigentes, enquanto justificativa para a adoção de práticas segregatícias. Interpretados como parte destes segmentos inferiores, os grupos organizados de torcedores passaram a representar na questão da violência no futebol, o mesmo que o pobre, morador da favela, representa quando o assunto é a violência nos grandes centros urbanos brasileiros. A **terceira parte** do capítulo representou uma proposta de reflexão sobre outras expressões de violências que se manifestam através do futebol, incluindo a omissão dos organizadores e do poder público, no tocante a permissividade e impunidade para com aqueles que transgridem convenções e normas sociais, dentro e fora dos estádios. Entende-se, portanto, que uma interpretação isenta e responsável sobre o fenômeno da violência nas praças desportivas brasileiras apenas será possível e viável quando for pensada em seu sentido mais amplo, articulada aos aspectos socioculturais, econômico e político, relativos à sociedade examinada.

#### **4.1 A VIOLÊNCIA NO CONTEXTO DO FUTEBOL DE ESPETÁCULO**

No contexto do “futebol de espetáculo” a violência entre torcedores sempre mereceu espaço destacado, considerando que a depender de sua dimensão poderá significar obstáculos aos interesses do negócio do futebol. Diversos estudos e relatórios específicos têm sido produzidos nos países que mais registram episódios de violência nos esportes, em especial no continente europeu, com destaque para a intensidade e a maneira com que os veículos de comunicação passaram a explorar a temática, e como

essa repercussão potencializou a violência no futebol<sup>139</sup>, e assim, há uma grande preocupação com a “espetacularização” promovida pelos veículos de comunicação em torno da temática. Neste sentido, considera-se que a partir dos anos 1980, a exploração midiática sobre o *hooliganismo* foi decisiva para o aumento dos registros violentos em estádios de várias partes do mundo, ao ponto de, mesmo fora da Inglaterra, torcedores agressivos receberem a denominação de *hooligan*.

De acordo com levantamentos de Agostinho (*apud* MURAD, 2002: p.256), em um relatório produzido pelo *Conselho da Europa*, apresentado em 1988, a imprensa foi acusada de amplificar o fenômeno *hooligan*, criando expectativa nos próprios torcedores violentos, o que foi reiterado e atualizado por ocasião da Eurocopa 2004, realizada em Portugal. Desta forma, os meios de comunicação de massa, ao comentar determinados fatos, acirram temores, podendo mesmo provocar, em certas ocasiões, verdadeiras situações de pânico coletivo, conforme sugeriram Kowarick e Clara Ant (1982: p.35). Uma espécie de pânico produzido pela mídia também foi ratificado por Murad (2007: p. 171) quando enfatizou que os veículos de comunicação têm uma grande e incontornável responsabilidade naquilo que pode ser classificado como “sensação” ou “sentimento de violência”,

Havia um problema crescente naquela época associado à delinquência juvenil, como os teddy boys, os mods, os rockers e os skinheads, mas o pânico da mídia contribuiu para a produção de uma “profecia autocumprida”, no curso da qual o problema do *hooliganismo* se tornou realmente pior. Os estádios de futebol passaram a ser definidos por candidatos a *hooligan* como arenas, para onde sempre iam “forasteiros” prontos para ser atacados. A mídia explorou esse fato. Depois de 1966, os “skinheads”, com suas cabeças raspadas e sua forma de vestir típica da classe trabalhadora se tornaram a forma arquetípica do *hooligan*, mesmo que alguns deles tivessem vindo (e ainda vêm) de ambientes “respeitáveis” de classe média (DUNNING, 2008: p.231).<sup>140</sup>

---

<sup>139</sup> Grupos identificados como *hooligans* e *ultras* (na Europa), *barra bravas* (América Latina), e *torcidas organizadas* (Brasil), mobilizaram estudos específicos em vários campos do conhecimento, sobretudo entre as Ciências Sociais, conquistando um espaço importante nas discussões ligadas a segurança de grandes eventos e, principalmente, alcançando destaque mediático em torno desta temática.

<sup>140</sup> GESTALDO, E. Esporte, violência e civilização: uma entrevista com Eric Dunning. *In: Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n.30, p.223-231, jul/dez. 2008.

Por outro lado, na Europa a violência reproduzida no futebol – também entendida como parte de um processo social mais amplo e complexo -, tem sido debatida e analisada numa perspectiva que considera o impacto das questões sociais vivenciadas no continente - desemprego, consumo banalizado de drogas (maconha, cocaína, ecstasy, álcool), intolerância étnica e religiosa, etc. -, tendo por laboratório eventos que tiveram grande repercussão midiática, situados na ação de grupos de torcedores violentos que se intensificaram na década de 1980,

Na Europa há uma relação direta entre os grupos violentos com organizações políticas de extrema direita. Também é clara a ligação desses torcedores com o ambiente marginal das drogas e das armas, além de suas atitudes e comportamentos neonazistas e neofascistas, que estão em preocupante crescimento e se manifestam no dia a dia em diversos países, para além do universo do futebol (MURAD, 2012: p.171).

A pesquisa de Heloísa Reis (2006) revelou que na Espanha começaram a aparecer grupos violentos de torcedores, após a Copa de 1982, cujas manifestações refletiam diretamente parte dos problemas enfrentados pela comunidade do país naquele momento. A atuação destes grupos chegou a paralisar ou cancelar a realização de algumas partidas, cujos acontecimentos intensificaram-se na década de 1980 e início da década de 1990. Estudando a violência no futebol, através da experiência espanhola, a autora identificou e pontuou vários aspectos interpretados com causadores e/ou potencializadores da violência entre os torcedores - nos estádios e em seus arredores -, que podem perfeitamente serem traduzidos para a realidade brasileira e de outros recantos do mundo, dentre os quais destacando:

(1) Declarações de jogadores e dirigentes; (2) Estrutura precária de estádios associada a massificação com capacidade para mais de 20 mil pessoas; (3) Consumo de bebidas alcoólicas; (4) Não aplicação de normas, penais ou administrativas, no âmbito esportivo; (5) Falta de assentos para todos os espectadores; (6) O sistema de venda de ingressos; (7) As falhas nos sistemas preventivos dos estádios e ausência de planos de evacuação e prevenção de acidentes.

Entretanto, dentre os eventos que mais impactaram a reação europeia – governos e população -, direcionada ao combate e prevenção da violência no futebol, destacou-se

o conflito ocorrido entre torcedores da Juventus (Itália) e do Liverpool (Inglaterra), em 29 de maio de 1985, na cidade de Bruxelas (Bélgica), durante a final da Taça dos Clubes Campeões da Europa. O violento conflito ficou conhecido mundialmente como a “tragédia de Heysel” (nome do estádio), que registrou **42 torcedores mortos** e centenas de feridos. A maioria das mortes ocorreu por esmagamento de torcedores contra as grades (alambrados) do estádio, provocadas pela ação dos *hooligans* ingleses que tentaram invadir a área reservada aos torcedores italianos. Após esse episódio, a violência no futebol passou a ser vista como um problema social, e os governos assumiram como política pública a tarefa de entender, controlar e prevenir esse fenômeno (MURAD, 2012: p.175; REIS, 2006: p.48).

Eventos como o citado, serviram como marco, e ao mesmo tempo como propulsores de medidas combativas e de enfrentamento a violência nos estádios europeus<sup>141</sup>. Em 1985 foi criado pelo *Conselho da Europa*<sup>142</sup>, o *Comitê Permanente da Convenção da Europa sobre a Violência e os Excessos dos Espectadores por Ocasões das Manifestações Desportivas*. A **Espanha** criou a Lei do Esporte, em 1990, e em 1992 a *Comissão Nacional contra a Violência nos Espectáculos Esportivos*. **Portugal** criou a Lei de Bases do Sistema Desportivo, em 1990, e em 1998 criou o *Conselho Nacional contra a Violência no Desporto*, presidido pelo Instituto Nacional do Desporto (MURAD, 2012:178). Em 1990 foi aprovado o *Dictamen de La Comisión Especial de Investigación de la Violencia em los Espectáculos Deportivos con Especial Referencia al Fútbol*, sendo considerado o documento mais completo sobre o tema da violência

---

<sup>141</sup> Como consequência, destacou Maurício Murad, a Primeira Ministra da Inglaterra, Margaret Thatcher, criou o Gabinete de Guerra, com a função de estudar, entender e combater a violência nos esportes, particularmente os distúrbios dos *hooligans*, em estádios de futebol. Em 1990 foi elaborado o *Relatório Taylor*, um documento de controle social dos *hooligans*, na Inglaterra, repercutido em toda Europa, coordenado pelo juiz aposentado lorde Taylor de Gosforth. O estudo aprofundou a investigação das causas e das consequências do *hooliganismo* para, então, fixar medidas de prevenção e punição. Foram feitas recomendações com o intuito de planejar, organizar e preservar os estádios, pensando-os como espaços públicos, e o espetáculo esportivo, como direito do consumidor e do cidadão. Entre as ações estavam a criação de um calendário organizado de jogos e torneios, as vendas antecipadas de ingressos, até anuais, bilhetes com locais marcados, limpeza, policiamento ostensivo, mudança da legislação e agravamento das penas, comprometimento de todos os envolvidos com o futebol, controle ostensivo de bebidas alcoólicas, proibição de assistir aos jogos em pé e retirada de cercas e divisórias nos estádios. Segundo o autor, As palavras que mais apareceram no relatório foram *segurança, transporte e conforto* (MURAD, 2012: p.177).

<sup>142</sup> Organização internacional fundada por dez países membros em 5 de maio de 1949, em Londres. O Conselho da Europa baseou-se nos ideais de humanismo e de tolerância da Convenção de Viena para a elaboração de políticas de esporte e de acordos internacionais de segurança (Reis, 2006: 48).

relacionada ao esporte feito na Espanha. Os estudos também concluíram que a violência produzida na prática de esportes e as possíveis lesões consequentes dessa violência deveriam ficar sob julgamento do Código Penal espanhol (REIS, 2006: p.53)<sup>143</sup>.

Importante destacar que, no caso europeu, mesmo com a existência de evidências sobre a participação de grupos de torcedores nos principais episódios de violência nos estádios do continente, as providências adotadas pelos representantes do poder público, população e demais envolvidos, não ficaram restritas a identificação dos possíveis culpados, tampouco limitaram-se a resoluções sem atitudes práticas. Mesmo diante da espetacularização promovida pelos veículos de comunicação, diversas providências legais e modificações na estrutura dos estádios e das competições foram postas em prática; clubes foram punidos; maus torcedores banidos do futebol; e, principalmente, houve investimento na prevenção de novos incidentes, educação dos futuros torcedores, além de uma profunda reflexão sobre os possíveis fatores geradores da violência entre os torcedores.

Conforme destaquei, a violência produzida por torcedores de futebol, dentro e fora dos estádios, tem relação direta com as especificidades da sociedade cujos grupos fazem parte e, no caso brasileiro, essa interpretação não pode estar desarticulada das características culturais, econômicas e sociais do país. Desde o momento em que foi elevado a condição de evento de massa, após sua profissionalização (1933), o futebol brasileiro experimentou e despertou momentos de tensões e preocupações entre autoridades e organizadores do esporte, existindo vários registros de incidentes ocorridos entre torcedores apaixonados, ainda na década de 1940. Para Toledo (2002), foi neste período que os jornais esportivos começaram a noticiar de modo mais enfático os esquemas de segurança e prevenção para tentar evitar brigas entre torcedores de clubes opostos, e, desta forma, evidenciando que a violência se constituía em algo corriqueiro no contexto do futebol nacional (p.252).

---

<sup>143</sup> Foram esses estudos que possibilitaram chegar-se a um número considerado seguro e ideal para eventos com grande público. Assim, a proporção que seria adotada, posteriormente, pela FIFA seria de 01 (um) policial para cada 100 (cem) espectadores, e o tempo de evacuação de uma arena esportiva seria de sete a oito minutos.

Analogamente, a intensificação das repercussões em torno da violência no cenário futebolístico brasileiro, teve nos conflitos entre os grupos organizados de torcedores sua maior expressão, notadamente a partir do final da década de 1980 e início dos anos 1990<sup>144</sup>. Veículos de comunicação de massa passaram a denunciar e explorar com maior veemência o problema, e a sociedade passou a acompanhar com mais atenção as repercussões das violências no futebol brasileiro, e a cobrar do poder público medidas mais enfáticas de enfrentamento ao fenômeno.

O dia **20 de agosto de 1995** não foi o primeiro a ter um registro de atos violentos ou tumultos em estádios de futebol no Brasil, mas, certamente foi o que inaugurou a fase de maior repercussão mediática, apelo popular e cobranças aos representantes públicos sobre o tema da violência no futebol nacional. Entre a morte do torcedor no “episódio do Pacaembu”, em São Paulo, e a morte de um torcedor no estádio do Arruda, em Recife, no dia **02 de maio de 2014**, atingido pelo arremesso de um vaso sanitário, ocorreu um intervalo de quase 20 anos onde o pouco que foi feito não conseguiu diminuir a escalada da violência no esporte mais popular do país<sup>145</sup>.

---

<sup>144</sup> Considerado um marco para a discussão da violência no futebol brasileiro, o “episódio do Pacaembu” inaugurou uma série de debates e estudos sobre as responsabilidades e providências necessárias ao enfrentamento da violência nos estádios. O incidente, ocorrido no dia 20 de agosto de 1995, correspondeu ao confronto ocorrido durante uma partida realizada no estádio municipal do Pacaembu, em São Paulo, envolvendo as equipes de juniores do Palmeiras e do São Paulo, onde vários torcedores, de ambas as equipes - entre eles integrantes das torcidas “*Mancha Verde*” (Palmeiras), e “*Independente*” (São Paulo) -, invadiram o gramado e iniciaram uma espécie de batalha campal. O saldo desse conflito foi à morte de um torcedor e vários outros gravemente feridos, tudo registrado pelas câmeras das principais redes televisivas do país, em tempo real.

<sup>145</sup> Em 2014, no Estádio José do Rego Maciel, conhecido por Arruda, no Recife, após um jogo entre as equipes Santa Cruz (PE) e Paraná Clube (PR), pela série B do Campeonato Nacional, ocorreu uma briga entre torcidas organizadas das duas equipes, vitimando um torcedor que foi atingido pelo arremesso de um vaso sanitário do estádio.



Imagem - Repercussão internacional da morte de torcedor atingido por vaso sanitário, em Recife/PE, 2014. Fonte: <<http://www.marca.com>>. Acesso em 01.Mar.15.

Diferentemente das repercussões e ações estabelecidas no continente europeu, após a “tragédia de Heysel” – algumas delas destacadas anteriormente -, o continente sul-americano continua a tratar o fenômeno da violência no futebol como algo pontual, específico e localizado, sem que medidas efetivas e conjuntas, compartilhadas entre os países, tenham sido propostas ou postas em prática, considerando-se a grande influência que os grupos violentos do continente exercem uns sobre os outros. No Brasil, a **Lei 10.667**, de 15 de maio de 2003 – **Estatuto de Defesa do Torcedor** -, foi publicada apenas 8 (oito) anos após o “episódio do Pacaembu”, pouco avançando em matéria de prevenção e punição, e continua a sofrer muitas resistências por parte das Federações estaduais e clubes de futebol.

Como resultado, torcedores que pagam cada vez mais caro para adquirir um ingresso de uma partida de futebol continuam a ser tratados como foliões em dias de carnaval – onde tudo é permitido -, expostos a riscos morais, físicos e psicológicos. Ao mesmo tempo, a cobertura jornalística especializada continua a dar mais ênfase a ação dos grupos organizados de torcedores – “espetacularização da violência” -, repercutindo muito pouco a cumplicidade e conivência dos clubes, a demora nas respostas prometidas pelo poder público. Percebe-se que o campo futebolístico brasileiro reproduz as mesmas distorções identificadas na conjuntura social do país, caracterizadas pela má gestão administrativa, falta de iniciativas e ações políticas para a identificação e prevenção das causas geradoras da violência, transferência de responsabilidades e

prevalência dos interesses do capital, além da corrupção generalizada, reproduzidas na FIFA e CBF.

A relação “simbiótica” entre esporte e violência não é um privilégio do futebol, contudo, o fato de existir uma disseminação de uma cultura de que a violência e o futebol, desde o início, caminharam juntos favorece a tolerância de práticas violentas nos estádios,

(...) diversos aspectos violentos, diretos ou indiretos, de caráter mais geral, que acontecem no futebol, mas que não são exclusivos nem próprios do futebol. (...) Dentro de campo podem ser citadas a impunidade, a intolerância e a competição excessiva, entre outras. Fora dos gramados, podemos dar destaque ao autoritarismo de dirigentes, aos contratos de trabalho draconianos, às grandes diferenças salariais e as manipulações da mídia. É possível encontrarmos uma gama razoável de práticas de violência subjacentes [...] (Murad, 2007: 174).

Esta evidência não é exclusividade da realidade brasileira, uma vez que várias instituições europeias – através de relatórios e estudos aprofundados sobre o fenômeno -, defendem que as raízes da violência no futebol daquele continente, de forma geral, assentam-se em problemas sociais como o alcoolismo, o abuso e consumo de drogas e o racismo. Mas, o que nos diferencia da realidade europeia, certamente, está na reação do poder público e da sociedade diante da repetição e do agravamento de incidentes desta natureza. Permissividade e omissão, combinados a cenários apropriados para a eclosão de incidentes, fazem parte do cotidiano brasileiro.

No caso brasileiro, as tentativas de explicação, identificação e respostas a violência no futebol parecem ter encontrado solução a partir da constatação de que parcelas significativas de grupos organizados de torcedores estão envolvidos em diversos episódios de violência nos estádios nacionais, contudo, outras formas de violências - como também outros fatores que geram e/ou potencializam a violência no futebol (conforme detalharei adiante) -, não são problematizados e refletidos como questões de ordem social e cultural.

O discurso mediático repercute e encontra coro nas instituições públicas responsáveis; na opinião pública (refletida nas pesquisas de opiniões sobre as principais

causas da violência no futebol); e, em certa medida, através de algumas produções acadêmicas, que parecem reproduzir o discurso hegemônico que transfere a responsabilidade pelo banditismo, delinquência, e violência social aos pobres e moradores das comunidades periféricas dos grandes centros urbanos, que no caso específico do futebol, correspondem aos integrantes de grupos organizados de torcedores, caindo sobre eles, a maior responsabilidade pela violência no futebol brasileiro.

Cabe destacar ainda - sobre a capacidade que os veículos de comunicação têm em explorar a violência como “parte do espetáculo” do futebol -, a baixa quantidade, ou mesmo ausência, de reflexões sobre o uso sistemático e exagerado das noções de **oposição** e **rivalidade** nas disputas do futebol. Para Giulianotti (2010) essas disputas podem significar muito mais que uma competição desportiva, e muitas vezes representam identidades locais - geográficas e culturais específicas, e conseqüentemente, podendo suscitar rivalidades ideológicas e divisões sociais que repercutirão no potencial de agressividade entre seus competidores e torcedores (p. 26). São exemplos desse tipo de rivalidade as disputas entre equipes irlandesas e escocesas (motivação religiosa), entre argentinos e brasileiros (étnica), ou mesmo entre segmentos (classes) sociais – Corinthians/SP (time do “povo”) e São Paulo/SP (time da elite).

A exploração mediática, em torno dessa rivalidade, também é utilizada pelos promotores do evento futebolístico como recurso de marketing, contando com apoio incondicional dos clubes envolvidos na disputa, já que o apelo poderá ser traduzido em maior venda de ingressos e audiência televisiva (interesse dos veículos de comunicação), além de mais investidores, patrocinadores e, conseqüentemente, maiores arrecadações. O desequilíbrio dessa rivalidade poderá acarretar tragédias, principalmente por causa do grande número de pessoas reunidas num único recinto, fechado (o estádio). A rivalidade pode ser um fator gerador de violência principalmente quando explorada de forma irresponsável pelos promotores do evento (SOUZA, 2012: p. 54)<sup>146</sup>.

---

<sup>146</sup> No futebol brasileiro são inúmeros os exemplos de dirigentes e jogadores de clubes rivais que passam a semana que antecede uma partida de futebol provocando-se e tentando criar um “clima de guerra”. Neste cenário surgem expressões como “jogo do ano”; “tudo ou nada”; “batalha dos Aflitos”, etc. A

O que de fato me parece evidente é a intencionalidade – de parcela significativa dos veículos de comunicação -, em explorar e direcionar os relatos de episódios violentos sem estabelecer relações de causas e consequências, entre a ação dos grupos organizados com outros tipos de violências existentes no futebol brasileiro, bem como pontuar e esclarecer - inclusive com o subsídio de estudos e trabalhos acadêmicos específicos -, as causas geradoras desta agressividade presente e reproduzida no cenário futebolístico, mas que também está situada nas raízes das relações sociais estabelecidas. Essa evidência encontra respaldo em um levantamento que procedi junto a Biblioteca Pública do Estado (em consulta aos três principais periódicos em circulação no Estado de Pernambuco)<sup>147</sup>, onde listei os termos mais utilizados nas notícias de destaque daqueles periódicos - exclusivamente em publicações que exploraram episódios de violência nos estádios do país -, em matérias publicadas entre **abril de 2011 e outubro de 2015**.

Para tanto, o **Quadro 6** (abaixo), foi organizado e construído a partir dos seguintes critérios selecionados para análise: (a) veículo de comunicação; (b) ano da publicação; (c) termo que recebeu destaque no incidente. Esclareço que foram catalogadas as manchetes da capa principal e do caderno de esportes dos citados periódicos:

---

depende da importância e do histórico de confrontos entre torcedores, a partida transforma-se numa operação de guerra para os responsáveis pela segurança pública.

<sup>147</sup> As consultas foram feitas a partir dos periódicos *Jornal do Comércio*; *Diário de Pernambuco*; e *Folha de Pernambuco*.

**Quadro 6 – Termos de destaque utilizados pelos veículos de comunicação como causas de eventos violentos em estádios de futebol**

Ano da Publicação	Quantidade de Publicações encontradas	Termo destacado como causa do incidente violento	
		Torcida organizada/uniformizada	Outras causas (Desorganização, policiamento, tumulto, ingressos, etc.)
2011	40	32 (80%)	08 (20%)
2012	48	42 (87,5%)	06 (12,5%)
2013	54	44 (81,5%)	10 (18,5%)
2014	208	195 (93,7%)	13 (6,3%)
2015	80	73 (91,25%)	07 (8,75%)
<b>Total</b>	<b>430</b>	<b>386 (89,8%)</b>	<b>44 (10,2%)</b>

Os dados apresentados demonstram que, no período compreendido entre **abril de 2011** e **outubro de 2015**, de um total de 430 (quatrocentos e trinta) matérias divulgadas nos três principais veículos de comunicação escritos em Pernambuco, tendo por tema a violência no futebol, **89,8%** das publicações destacaram como **principal causa a ação de torcidas organizadas/uniformizadas**. Em apenas 10,2% deste total (44 matérias) foram apresentadas outras causas para os incidentes que deram origem as matérias, ou seja, incidentes ocasionados por tumultos, falta de organização e segurança do local, policiamento, entre outras causas. Destaco ainda que, das **195** (cento e noventa e cinco) matérias publicadas sobre o tema no ano de 2014, ano em que houve a morte de um torcedor atingido por um vaso sanitário no Estádio do Arruda (conforme citação 8, anterior), **90** (noventa) matérias foram registradas apenas no mês de maio (registro do incidente), o que representa **46,2%** de **todas as reportagens daquele ano**, ratificando a exploração mediática sobre os episódios que causam maior repercussão e comoção pública, sem desconsiderar a importância da cobertura jornalística para os fatos que assim requerem,

As investigações mostram que o afastamento do público dos estádios de futebol no Brasil é causado, essencialmente, pela sensação de insegurança, e que esta é alimentada pelo noticiário. Tal realidade é bem parecida com a de outros países europeus e sul-americanos. Sabemos que a mídia não inventa a realidade; ela noticia o que já existe. Mas o que falar daquilo que acontece, *como* noticiar, em que *horário* e com qual *destaque* são escolhas a serem feitas, que podem mudar tudo. Afinal, edição é edição. E todos nós sabemos disso (PIMENTA, 1997: p.200).

Este é um ponto fulcral em nossa interpretação sobre o discurso da espetacularização da violência no futebol brasileiro, uma vez que a transferência da responsabilidade aos grupos organizados de torcedores é feita sem que se proceda a uma problematização das características e da participação desses sujeitos na vida social, bem como sobre o modelo de sociedade de consumo instaurado no país, que valoriza a individualidade, o banal e o vazio e sendo assim, contrariamente ao que ocorreu na Europa, no Brasil trabalha-se mais com o discurso do que com ações. É verdade que as imagens ligadas aos temas da violência e da juventude são impressionantes, logo passíveis de espetacularização, contudo, conforme sinalizou Mione Sales (2007),

É preciso, no entanto, convencer os meios de comunicação de que se um fato pode ser extraordinário – jovens sobre os tetos das instituições educativas fechadas, prédios e carros incendiados, tomada de reféns, etc. -, não é necessário trata-los de maneira sensacionalista. Isto por que o papel da mídia seria justamente o de ajudar a sociedade a refletir sobre os seus grandes problemas (p.309).

Sem constituir objeto de investigação desta Tese, há de considerar-se ao menos, que a perpetuação do sentimento de insegurança, na sociedade e no futebol, reforçam os cofres daqueles que vendem a “sensação de segurança” como um produto, através de seus sistemas de vigilância e equipamentos privados. A partir destas considerações, retomo a discussão sobre o processo de estigmatização promovido sobre os integrantes de grupos organizados de torcedores e suas consequências sobre o processo de crescimento e formação do fenômeno nacional das alianças entre grupos de torcedores.

## 4.2 ESTIGMATIZAÇÃO, UM RECURSO COMUM NA BUSCA POR CULPADOS

### 4.2.1 “*Bondes*” que carregam estigmas

Quando se fala na violência praticada nos grandes centros urbanos brasileiros, e suas causas determinantes, comumente pontua-se a delinquência dos ocupantes dos segmentos sociais mais baixos (sobretudo, negros de baixa escolaridade), e dos moradores de comunidades pobres, minimizando-se assim o arbítrio policial, além de omitirem-se outras violências que produzem muito mais vítimas fatais e sequeladas, principalmente nos discursos produzidos por veículos de comunicação e autoridades públicas (KOWARICK; CLARA ANT, 1982: p. 32). Dentre essas violências poderia pontuar os acidentes de trânsito e de trabalho, cujos principais responsáveis estão bem distantes das camadas menos favorecidas; além das dificuldades de acesso a saúde, educação, péssimas condições sanitárias das comunidades, falta de políticas públicas de inclusão, dentre várias outras que dependem das ações de políticos e agentes públicos.

Outrossim, quando se discute a violência existente no futebol brasileiro – conforme mencionei -, omite-se a falta de organização das federações estaduais e nacional; datas e horários inapropriados a segurança do público; condições precárias de estádios, de transportes públicos e do sistema de venda de ingressos; dentre outras. Neste caso específico, a violência no futebol brasileiro está majoritariamente vinculada a ação de maus torcedores - integrantes de grupos organizados -, conforme sugerem pesquisas de opinião e documentos oficiais produzidos nas últimas duas décadas.

Neste sentido, o trabalho de campo revelou diversos aspectos importantes que favorecem a prática de atos violentos em dias de jogos, além de potencializarem a agressividade entre os torcedores, entretanto, continuam recebendo pouca atenção por parte dos veículos de comunicação de massa, organizadores das competições, ou mesmo do poder público. Nos arredores dos principais estádios da cidade do Recife, por exemplo, é possível perceber a falta do ordenamento das barracas de ambulantes que vendem bebidas e comidas; existência de estacionamentos improvisados e inseguros; iluminação precária nas vias de acesso aos jogos noturnos; precariedade no transporte público; bem como problemas relacionados a organização do evento, como a venda de ingressos com formação de grandes filas (no local do jogo), e falta de informações

satisfatórias. Destaco ainda a inobservância de assentos individuais correspondentes ao ingresso adquirido (mesmo nas novas arenas construídas para a Copa do Mundo de 2014); desorganização ou inexistência de espaço destinado a portadores de necessidades especiais, na maioria dos estádios (cadeirantes, principalmente); falta de higiene no preparo de alimentos comercializados e nos banheiros disponibilizados; além dos problemas estruturais de engenharia e arquitetura (será melhor detalhado no item 4.1.2.2. – adiante).

Esses fatores, que podem ser interpretados como possíveis causas que geram e/ou potencializam a violência entre os torcedores de futebol, são pouco debatidos e questionados pelos veículos de comunicação – conforme demonstrei anteriormente, no **Quadro 6** -, sinalizando que na maioria das vezes os interesses dos órgãos responsáveis pela distribuição da informação estão mais próximos dos organizadores e promotores do futebol de espetáculo (clubes, dirigentes, federações, patrocinadores, etc.), em detrimento a possibilidade de engajamento na correção e prevenção dos fatores que propiciam a violência no futebol.

Por outro lado, vários estudos vêm sendo produzidos no âmbito das Ciências Sociais no Brasil, com o propósito de interpretar o processo de culpabilização e estigmatização das camadas mais pobres da população. Alba Zaluar, por exemplo, dedicada a uma releitura das teorias sociais aplicadas ao estudo dos pobres<sup>148</sup>, enquanto objeto de investigação, empenhou-se em desconstruir o estigma imposto sobre os moradores das comunidades menos favorecidas dos grandes centros, caracterizados como algo menor, inferior, inculto, tradicional e atrasado, ao contrário das chamadas “classes dirigentes do país”, há séculos,

Além do mais, a pobreza é um conceito comparativo, e sua qualidade relativa aos outros gira em torno da desigualdade social. Esta não é uma consequência de sua cultura, mas o resultado de políticas públicas que provocam uma real privação material e uma real exclusão dos pobres nos campos ocupacional, educacional e político (ZALUAR, 2000: p.41)

---

<sup>148</sup> Segundo a autora, os pobres constituem a maior parte da população urbana, podendo apenas ser um sinônimo para outra palavra no discurso político nacional: o povo (ZALUAR, 2000:p.34).

Em suas argumentações, construídas com base nas interlocuções realizadas em pesquisas com moradores da periferia do Rio de Janeiro, a autora defendeu que a reprodução da violência - recorrentemente apresentada como característica principal dessas comunidades -, era consequência direta da estigmatização que todos carregam, sejam trabalhadores ou não, de pertencerem ao antro dos “vagabundos”, “gangues”<sup>149</sup>, “malandros” e “bandidos” (Ibidem, p.167). Essa mesma estigmatização recai sobre os integrantes de grupos organizados de torcedores, responsabilizados como maiores responsáveis pela violência no futebol do país, principalmente por representantes do poder público, setores da imprensa especializada em esportes, e maioria dos dirigentes de clubes profissionais. Apoiados no perfil básico de composição daqueles grupos - jovens, em sua maioria, entre 13 e 25 anos, oriundos das camadas subalternas e de áreas periféricas das cidades, com baixa escolaridade, e envolvimento no “mundo das drogas” (PIMENTA, 1997; TOLEDO, 2000; MURAD, 2007) -, esses discursos acusam os “vândalos” dos grupos organizados de torcedores de levarem o “terror das favelas para os estádios”,

Tem que cobrar ingresso caro, sim (...) povão vai onde ele pode ir; agora ele só vai assistir o futebol porque o ingresso é pago pela torcida, o ingresso é pago pelo clube, senão ele não iria. Ele iria para a periferia jogar bola ou ele iria para a periferia assistir jogo de várzea ou jogar futebol de salão ou pescar ou fazer qualquer coisa; esses caras devem ser proibidos de entrar em campo, mas não proibidos por lei, por motivos econômicos. (Palavras do Sr. Walter Silva, durante o programa SBT Repórter, exibido no dia 20.08.95).<sup>150</sup>

Desta forma, sempre que é comprovada a participação de algum integrante de grupo organizado em atos violentos (antes, durante, ou após os jogos), a mídia e o poder

---

<sup>149</sup> No Brasil, a palavra **ganguê** tem sido utilizada genericamente para designar um grupo de jovens, um conjunto de companheiros e também uma organização juvenil ligada à delinquência. O uso da noção de “galère”, introduzida por Dubet em seus estudos sobre a juventude francesa, a princípio pode parecer pertinente ao universo brasileiro, para compreender os modos de interação, práticas e valores dos jovens da periferia organizados em grupos e envolvidos em situações de violência. A “galère” é, antes de tudo, um modo de deixar a existência “à deriva”, uma forma de sociabilidade solta, plena de niilismo, autodestrutividade e raiva. Na França, diferentemente do caso brasileiro, o fenômeno da “galère” tem como pano de fundo os conflitos e tensões decorrentes da imigração, o desmantelamento dos bairros operários, o enfraquecimento do movimento operário, a privação de uma consciência de classe (ABRAMOVAY *et al*, 2002: p. 95).

<sup>150</sup>Citado por Pimenta (1997: p.110).

público reproduzem um histórico de transtornos creditados aos grupos, uma espécie de *dossiê* acusativo, repetindo-se o anúncio de “novas” medidas de combate e prevenção aos incidentes, que variam desde a criação de um setor específico nos estádios - como se vê em Estados como São Paulo -, até a suspensão ou proibição definitiva desses grupos nos estádios de futebol. Contudo, diferentemente das propostas e ações construídas na experiência europeia, como destaquei anteriormente, pouco foi feito no Brasil, desde a década de 1990 até o presente. Dentre as inúmeras sugestões ventiladas como “solução” para a violência no futebol brasileiro surgem algumas impregnadas do etnocentrismo de classe que atribui o atraso, a inferioridade e a falsa consciência às manifestações autônomas das classes subalternas (ZALUAR, 2000, p. 173),

Convém destacar que, enquanto grupos predominantemente jovens, pensar os torcedores de grupos organizados é refletir sobre um processo maior de sociabilidade que se intensificou nos grandes centros urbanos do país, como reflexo de variáveis sócio culturais, em momentos distintos. Num linguajar contemporâneo esses grupos se reconhecem como “*bondes*”, termo diretamente influenciado pelos sinais diacríticos construídos em torno da cultura do funk carioca<sup>151</sup>. De forma análoga, Rosana Machado e Lucia Mury Scalco (2012)<sup>152</sup> defenderam que o fenômeno dos “*bondes*” se originou nas favelas do Rio de Janeiro, e inicialmente servia para designar os grupos de jovens – geralmente da mesma comunidade ou bairro – que iam juntos a bailes funk e participavam de pichações,

O termo remetia a um tipo de sociabilidade ligado a transgressões, criminalidade e tráfico de drogas, que se assemelha às conhecidas gangues juvenis. O termo *bonde*, porém, está popularizado, “na moda”, e agora designa vários tipos de turmas de jovens, muitas vezes usado para designar a “*galera*”, a “*tribo*”, ou “*turma de jovens*”, sem nenhuma relação direta com o mundo do crime. (p.141).

---

<sup>151</sup> De acordo com Vianna (1988), o **funk** é estilo musical inventado por negros norte-americanos, que desde o início dos anos 1970 anima um número impressionante de festas realizadas no Rio de Janeiro, frequentadas, sobretudo, por jovens que pertencem às camadas mais pobres da população.

<sup>152</sup> MACHADO, R. P.; SCALCO, L. M. *Sobre bondes de marca: consumo e rituais entre jovens de baixa renda na cidade de Porto Alegre*. In: RIAL; SILVA; SOUZA (org.). *Consumo e cultura material: perspectivas etnográficas*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012.

Os “bondes” são estruturados em torno do princípio da territorialidade e dos sinais diacríticos que os representam. A rua, o bairro, a favela ou a zona da cidade, demarcam os locais que foram apropriados, numa espécie de intercessão entre o público e o privado, algo próximo ao que Magnani descreveu como “pedaço” (1996: p. 32). Nestes locais se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que aquela fundada nos laços familiares, porém, mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. Os símbolos que os representam - as marcas globais (grifes de roupas, relógios, tênis, etc.), as pichações, as tatuagens, a cor do cabelo, as características das vestimentas -, criam o “estilo” e a “moda” do integrante dos “bondes”, e neste caso, dos integrantes dos grupos organizados de torcedores<sup>153</sup>.

Ambos os aspectos são adotados por um grupo que, conseqüentemente, se opõe a outro, e a demarcação de fronteiras entre os “bondes” é ritualizada publicamente de diversas formas, desde a aparição nos bailes funk, onde entoam cânticos próprios, até o confronto direto e violento (MACHADO; SCALCO, 2012: p.137). São as características que predominam nos integrantes de grupos organizados de torcedores, que a partir da formação das grandes alianças nacionais transformaram-se numa espécie de “tipo padrão” de comportamento dos grupos. Alba Zaluar (1996) destacou que entre as décadas de 1980 e 1990 intensificou-se a participação de jovens no “mundo das drogas e do tráfico”, principalmente nos grandes centros. Assim, a vida nos grandes centros passou por vários reordenamentos, tanto culturais quanto econômicos, que teve impacto na vida desses jovens. Os grupos organizados de torcedores, assim como os bailes funks, passaram a ser integrados na vida dos jovens como oportunidades de sociabilidades desregradas, ou com regras próprias, que não necessariamente obedecem a lógica social.

Na mesma direção, Pimenta (1997) defendeu que o conflito entre os poderes econômico e social marcou a construção do espaço urbano das grandes cidades, com

---

<sup>153</sup> A moda, aqui entendida no sentido de Georg Simmel (2001, *apud*, Vandenberghe, 2005: p.108), e que corresponde a uma síntese entre as tendências psicológicas à imitação e à distinção. Assim, segundo Simmel, não há qualquer consideração utilitária a moda, o que lhe dá, um cunho estético. Isso pode ser percebido no trabalho de campo desenvolvido com os grupos organizados, onde presenciei, por diversas ocasiões, integrantes utilizando agasalhos (calças compridas e blusões com mangas longas), em jogos realizados às 16h, no calor da cidade de Recife. Desta forma, distinguem-se dos demais torcedores no estádio (não integrantes de grupos), como também preservam o “padrão” utilizado por torcidas de outros estados do país (de climas mais frios).

repercussões na identidade social dos cidadãos, principalmente dos jovens, que se expressam através da negação do outro, da disputa e da violência prazerosa entre os grupos rivais, o que é uma das causas, segundo o autor, para a alteração do comportamento dos torcedores jovens nos estádios, a partir da década de 1980,

A violência verbal e física traduziu-se em um dos principais códigos e símbolos sociais de agrupamento de jovens em torno das torcidas organizadas. À medida que os números estatísticos e os atos de agressividade aumentavam, proporcionalmente, cresciam a procura e a filiação ao movimento (PIMENTA, 1997: p.125).

#### **4.2.2 As mensagens de uma sociabilidade voltada para o conflito**

Se é possível, por um lado, afirmar que durante os primeiros anos da década de 1990, a imagem dos grupos de torcedores foi amplamente utilizada pelos veículos de comunicação como instrumento de divulgação do “futebol de espetáculo” – paixão e festa nas arquibancadas -, apropriada pelos clubes como capital simbólico e símbolo de viabilidade econômica (atração de patrocinadores e investidores), é igualmente plausível afirmar que, a partir da segunda metade daquela década estes grupos passaram a representar riscos e obstáculos ao negócio do futebol <sup>154</sup>. Uma sucessão de confrontos entre grupos de torcedores, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro, modificaria gradativamente a visão simpática que “os de fora” mantinham até aquele momento em relação às torcidas organizadas e uniformizadas, e não tardaram a surgir nos noticiários jornalísticos e no meio futebolístico, em geral, explicações que buscavam garantir os interesses do futebol espetáculo, e associar a violência exclusivamente a ação dos maus torcedores inseridos nos grupos organizados. A viabilidade do “negócio do futebol” não poderia ser comprometida por “vândalos”, e em poucos anos esses grupos deixaram de ser destacados como representantes da paixão e da alegria nos estádios para assumir a condição de principal mal do futebol brasileiro.

No momento onde o campo futebolístico se configurava como espaço “espetacularizado” e “midiatizado”, a disputa por visibilidade e prestígio também

---

<sup>154</sup> Risco é um evento ou condição incerta que, se ocorrer, provocará um efeito positivo ou negativo nos objetivos de um projeto ou atividade [SALES JR. C. A. C. (Org.). Gerenciamento de Riscos em Projetos. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, (p.29)].

chegou às arquibancadas e a violência passou a ser o preço pago pela busca do reconhecimento. É neste sentido que Josiane Ribeiro destaca, mesmo entre os integrantes mais jovens das torcidas, ainda com “ares de infância”, uma postura viril, “supostamente agressiva”, como quem realiza uma *performance* (2011: p.53),

A disposição para o conflito, a raiva arbitrária do torcedor “adversário” e a coragem para o enfrentamento tornaram-se, a um só tempo, uma espécie de rito a ser cumprido por aquele que pretende fazer parte de uma torcida, sinal de pertença à agremiação e bônus pela dedicação à organizada <sup>155</sup>.

A prática de violências por parcelas significativas de grupos jovens, incluídos os integrantes de torcidas de futebol, é uma mensagem a ser compreendida por todos os que têm preocupações para além dos interesses do “negócio do futebol”. Segundo Alba Zaluar (2000) há uma fala coletiva nos saques, nos arrastões, no quebra-quebra, uma mensagem que, segundo ela, inverte a pergunta que revela os privilégios de alguns neste país, representando o “você sabe com quem está falando” dos pobres, já sinalizado por Roberto DaMatta (1980;1982). Essa violência, que para muitos é inerente a condição social dos pobres, segundo Alba Zaluar, representa um meio de escapar do anonimato e do silêncio, que é parte do que chama de “uma cidadania sem direitos, mas com muitos deveres (2000: p.162).

É neste sentido que a busca por responsáveis, “culpados”, pela violência social no país, além de produzir estigmatização - daqueles que são, ao mesmo tempo, responsáveis e vítimas -, proporciona uma forma de comunicação estabelecida através de uma sociabilidade de conflito, percebida no cotidiano dos grandes centros urbanos através de manifestações sociais pacíficas, ou mesmo com uso de violência. Surgindo protestos, passeatas e interdições de vias públicas (ruas e avenidas), nas principais cidades brasileiras – sufocadas com seus imensos congestionamentos de veículos -, transformados em cenas corriqueiras e diárias, após cada atropelamento, assassinato, falta de energia elétrica ou água potável, etc.; constituindo-se mensagens de insatisfação produzidas por quem não tem relevância, sobretudo em momentos de inexistência de

---

<sup>155</sup> RIBEIRO, J. M. C. “Disposição”: o lugar da corporalidade nas lógicas de classificação e de atuação das torcidas organizadas CEARAMOR e M.O.F.I. *In.: Revista de Ciências Sociais*, UFC, Fortaleza, v. 42 – nº 1 – 2011.

pleitos eleitorais. Entretanto, se por um lado o discurso “politicamente correto” produzido pelo poder público insista que essas manifestações são garantidas pelo “direito a livre manifestação” (prevista na Constituição Federal de 1988, Art. 5<sup>a</sup>, IV; Art. 220, § 2<sup>o</sup>); por outro, são administradas no interior dos órgãos responsáveis pela segurança pública como situações de “transtornos” ou “distúrbios civis”<sup>156</sup>, definidas como,

Uma inquietação ou tensão civil que toma forma de manifestação. Situação que surge dentro do país, decorrente de atos de violência ou desordem e prejudicial a manutenção ou preservação da Lei e da ordem (PMESP, 1997).

Ao questionar, “como poderiam, de fato, pessoas expostas a tal tipo de discriminação e exploração permanecerem completamente simpáticas, cegas e dóceis ao sistema que as exclui e explora”, assim como fez Alba Zaluar (2000: p. 42), entendo que nesses espaços públicos mais abrangentes; os torcedores integrantes de grupos organizados, assim como o fazem em suas comunidades de origem, criam seus “pedaços”, locais onde, longe do olhar vigilante das autoridades, ousam criar novas maneiras de se relacionar, instaurando uma vasta rede de comunicação na qual falam entre si, transacionando bens e posições de poder, negociando significados coletivos vindos das múltiplas tradições a que têm acesso; resistem e lutam (Ibidem, p.57).

É o que ocorre durante as “*caminhadas*” (deslocamentos grupais até os estádios), na ocupação de ruas do entorno dos estádios, em ônibus e encontros pré marcados (antes, e ao término dos jogos), ou mesmo nas pichações de monumentos e edificações - interpretadas entre meus interlocutores como a indicação de um local onde se tenha conseguido algum “*feito*”, símbolo de uma conquista do grupo sobre uma torcida adversária, como a conquista (tomada) de algum objeto (bandeira, faixa, camisa, boné), um “*troféu de guerra*”, e uma vez derrotado, o grupo rival planejará um revide, em outro ponto da cidade, para que, igualmente, tenha seus “feitos” registrados (SOUZA, 2012: p. 117). Aos olhos dos *outsiders*, essas práticas não passam de atitudes

---

<sup>156</sup> De acordo com o manual doutrinário de controle de Distúrbios Civis da Polícia Militar do Estado de São Paulo (1997), Distúrbio Civil corresponde a uma “inquietação ou tensão civil que toma forma de manifestação. Situação que surge dentro do país, decorrente de atos de violência ou desordem e prejudicial a manutenção ou preservação da Lei e da ordem”.

antissociais, nocivas e indesejadas pela sociedade, “vandalismo”, entretanto, aos olhos do pesquisador,

Pesquisar os sistemas simbólicos dos agentes implica a atividade de análise interpretativa. Quer isto dizer, conhecer de que modo símbolos têm a função de sinais diacríticos que marcam as diferenças entre pessoas e grupos na lógica da inclusão/exclusão, oposição/correlação, compatibilidade/incompatibilidade, quer se aplique a objetos de consumo, a usos de vernáculo ou a gestos rituais. E isso exige que se conheça o significado que tais objetos, palavras e gestos têm para os agentes em questão, ou seja, a sua verdade contextual (ZALUAR, 2000: p.58).



**Imagem - Pichação "bonde do Lampião", referência a “Torcida Jovem do Sport”, na zona oeste do Recife (foto do autor).**

É neste contexto de estigmatização que o conflito passou a fazer parte da essência destes grupos e, pensado inicialmente como sinal representativo de oposição e hostilidade, o conflito tem a capacidade de unir os oponentes em uma mesma luta e a propósito de um mesmo litígio, resultando daí, como bem observaram Touraine, Bourdieu e Lefort, depois de Simmel, que não existe oposição sem adesão, não há dissenso sem consenso (VANDENBERGUE, 2005: p.120). Especificamente ao caso do futebol, vários autores, dedicados a temática da violência nos esportes defendem que sociabilidade e conflito surgem como elementos imbricados em uma só dinâmica imposta pela competição esportiva. Eric Dunning (1992: p.331) propôs uma

compreensão da violência praticada nos desportos a partir dos meios utilizados para tal, dos motivos dos atores, os níveis de intencionalidade envolvida, além dos parâmetros sociais existentes, dentre os quais a estigmatização dos torcedores jovens. Neste sentido, Heloísa Reis (2006: p.89) destacou que a deterioração das instalações dos estádios pode vir a ser um fator gerador de violência envolvendo espectadores de futebol dentro dos estádios, assim como a má organização do futebol e de seu espetáculo <sup>157</sup>. Na impossibilidade de conquistarem o direito a participação na esfera pública e, por consequência, a chance de serem vistos e reconhecidos como sujeitos, segundo Mione Sales, adotaram a violência como estratégia e essa se tornou o seu principal passaporte para a visibilidade numa era de cidadania virtual (2007:p. 129). Para Toledo (1996: p. 105),

O futebol funda uma sociabilidade assentada em um jogo de diferenças e oposições, retomando o aspecto lúdico em suas várias dimensões, como fruição e festa, mas também como negociação e excesso, ele recria a cada jogo ou partida diferenças simbólicas entre torcedores, bem como dramatiza as contradições sociais, discussão recorrente sobre as implicações do futebol. Pensar o conflito no futebol é pensar na polissemia promovida por sua sociabilidade.

Compreendo, portanto, que as violências praticadas nas praças desportivas brasileiras precisam ser analisadas e interpretadas no contexto social do país - consideradas suas desigualdades, restrições, ilegalidades, privilégios e desvios -, cabendo ainda considerar que, devido à importância e dimensão simbólica que este esporte possui, muitas das características presentes nas relações sociais cotidianas são produzidas e/ou reproduzidas no espaço futebolístico nacional, sem que, em alguns casos, seja possível interpretar com clareza onde tenham surgido. Ao mesmo tempo, não há como negar que o modelo de gestão e organização do futebol brasileiro é

---

<sup>157</sup> Segundo esta autora, mais de 40 (quarenta) países europeus assinaram o *Tratado Europeu n. 140*, que entrou em vigor em 01/11/1985, elaborado pelo Conselho da Europa. Este documento recomenda, sobretudo, a presença de um serviço de segurança nos estádios e nas diferentes vias de acesso; a separação das torcidas rivais; o controle da venda de ingressos; a expulsão dos causadores de tumultos; a restrição de bebidas alcoólicas; os controles de segurança; a clara distribuição de responsabilidades entre os organizadores e as autoridades públicas; a adequação dos estádios e das arquibancadas provisórias para que fique garantida a segurança dos espectadores.

“autofágico”, responsável direto pela promoção das violências entre seus participantes e assistentes, e sobre este último aspecto dedico a próxima seção do capítulo.

### **4.3 IMPUNIDADE, OMISSÃO, E ACUSAÇÕES: COMBUSTÍVEIS PARA AS ALIANÇAS NACIONAIS**

#### **4.3.1 Insegurança no futebol brasileiro, um roteiro antigo**

A violência relacionada ao futebol brasileiro compõe um roteiro antigo, com cenários, personagens, desdobramentos e vítimas diferentes, que apesar de ter origem basicamente na rivalidade entre os clubes - algumas surgidas antes mesmo dos jogos de futebol<sup>158</sup> -, pode-se afirmar que também é viabilizada e potencializada por vários outros aspectos que transitam no campo futebolístico - e através dele -, mas que nem sempre são nítidos ou levados em consideração. Ideias como *competitividade*, *luta simbólica*, *conflito controlado* estão em todos os desportos, mesmo nos individuais. Ocorre uma relação íntima e, nem sempre controlada, entre esportes e violência, em todas as suas modalidades, em todas as sociedades, em todos os tempos. A exacerbação das violências nos esportes profissionais de competição, considerando sua estrutura intrínseca ao desporto, possui uma interdependência evidente com a ordem social a qual se relaciona.

No entendimento de Norbert Elias e Eric Dunning (1992), mesmo que inicialmente interpretado com uma afirmação um tanto quanto exagerada, não podemos negar que em praticamente todos os esportes competitivos haverá uma grande propensão ao aparecimento da agressividade e da violência, principalmente entre aqueles onde se experimenta o contato físico entre os praticantes. Este entendimento é seguido praticamente por todos os autores que se dedicaram ao estudo da violência nos desportos, sobretudo no futebol – conforme destaquei -, onde a popularidade e o apelo pela masculinidade deram forma a um tipo de disputa onde o nível de hostilidade e ódio contra o adversário atingem níveis próximos a insanidade. O que se convencionou tratar

---

<sup>158</sup> Clubes tradicionais como o Flamengo, Botafogo e Vasco da Gama, no Rio de Janeiro; Náutico e Sport Recife, em Pernambuco, rivalizavam com certo teor de agressividade através das disputas do Remo. (ALVES, 1978; MÁRIO FILHO, 2003).

por *violência no futebol* deve ser compreendido e interpretado como a manifestação de várias *práticas de violências*, projetadas e reproduzidas no universo futebolístico – em seus bastidores ou mesmo no campo de jogo -, cujas causas possuem raízes mais profundas,

A cultura exageradamente competitiva do futebol profissional, a *espetacularização* excessiva na mídia, disputas desmedidas e os altíssimos valores que giram em torno da modalidade incentivam a filosofia do “ganhar a qualquer preço”, e parece que ajudam a explicar a violência no futebol (MURAD, 2012: p.106).

Assim, uma das maiores preocupações trabalhadas pelas autoridades europeias, e listadas entre as causas motivadoras da violência no futebol é a falta de segurança e de condições satisfatórias e apropriadas nos estádios/arenas dos países que registraram episódios violentos. Esta constatação propiciou uma série de reformas estruturais e preventivas nos locais dedicados aos jogos, bem como nos trajetos percorridos pelos torcedores até os estádios: grades foram retiradas, iluminação reforçada, a capacidade de público dos estádios foi recalculada a partir da quantidade de assentos instalados (cada torcedor em uma cadeira), sistemas de vídeo monitoramento instalados, contratação de orientadores para o público (*steward*)<sup>159</sup>, além de legislações rígidas e aplicáveis<sup>160</sup>.

Essas medidas foram fundamentais na prevenção e redução dos incidentes nos estádios europeus, uma vez que os estudos promovidos por comissões da Espanha, Inglaterra, Portugal, Itália, entre outros países, ratificaram que espaços ocupados por multidões<sup>161</sup>, como é o caso dos estádios de futebol – traduzido na “tragédia de Heysel”

---

<sup>159</sup> *Steward* é o termo que corresponde ao profissional responsável e contratado pelo clube, ou pela federação, para orientar e ajudar os espectadores a localizar o assento, locomover-se e sair dos estádios em segurança. São responsáveis ainda por garantir a evacuação do público em situações de pânico e conflito. Têm papel preventivo para evitar os conflitos, invasões de campo, proteger as pessoas durante os jogos, mas sem desempenhar o papel de polícia.

<sup>160</sup> De acordo com Murad (2012), as obras de acesso aos estádios e os planos de segurança nos estádios e em áreas vizinhas foram aspectos relevantes no planejamento e na organização dos espetáculos de futebol. Ambos foram avaliados com destaque pela União Europeia de Futebol como exemplos históricos para o continente europeu e, talvez, para o mundo, o que possivelmente influenciou a FIFA para a criação do chamado “padrão FIFA” de qualidade.

<sup>161</sup> Tomado por empréstimo a Jacques Le Bon (1996), para quem a multidão é o agrupamento de um grande número de pessoas interagentes, que exercem influência mútua, composta por elementos

-, a inexistência de uma estrutura que garanta a fácil localização, a separação de torcidas rivais, um rápido e fácil deslocamento de equipes de segurança e de atendimento a emergências, criavam um cenário propício ao pânico e a práticas violentas entre os torcedores. Neste sentido, os efeitos que a massa desempenha no indivíduo, nela imerso, evidenciados em vários estudos clássicos e contemporâneos sobre o comportamento coletivo, são potencializados em direção a agressividade quando somados as condições inadequadas, ou inseguras, apresentadas nas linhas anteriores,

A primeira dessas causas consiste em que o indivíduo na massa, pelo mero fato da quantidade, adquire um sentimento de poder invencível, que lhe permite entregar-se a instintos que, sozinho, necessariamente teria freado. Ele terá ainda menos motivos para se refrear quando se considera que, devido ao caráter anônimo e, por conseguinte, irresponsável da massa, desaparece inteiramente o sentimento de responsabilidade que sempre detém os indivíduos (FREUD, 2013: p.41).

Por outro lado, o que se observa no Brasil é uma coexistência de estádios antigos - que mais se parecem com presídios (formados basicamente por concreto armado e grades), totalmente inadequados as necessidades atuais do espetáculo (sobretudo, conforto e segurança contra incidentes) -, com algumas novas arenas adequadas as novas demandas, construídas para receberem as partidas da Copa do Mundo de 2014. No exemplo brasileiro, as ações de prevenção e de segurança no futebol concentram-se basicamente nas consequências dos incidentes, em detrimento a uma análise e problematização das causas. Prioriza-se o periférico, em detrimento das questões centrais, e conforme enfatizou Heloísa Reis (2006: p. 64), deixando-se ao abandono um dos princípios essenciais da ética do direito, *accessorium sequitur principale* - “o acessório acompanha o principal”. Neste sentido, acredito que as condições necessárias as práticas de violências no contexto do futebol brasileiro são criadas a partir da lentidão (para não falar em omissão e descaso) dos responsáveis pela organização e segurança dos eventos esportivos, neles incluídos representantes públicos e privados.

---

heterogêneos que se ligam e, por esta união, formam um outro corpo, tal como as células se organizam e geram um corpo vivo com características diferentes de cada uma delas. Neste sentido forma-se uma espécie de “mente coletiva”, onde o poder das massas interfere no comportamento individual, um “contágio mental”.

### 4.3.2 O Estatuto do Torcedor, entre omissões e impunidades

Até 2003 existia no país uma grande lacuna sobre a regulamentação da segurança nos eventos esportivos. Neste sentido, a publicação da Lei **10.671/2003 (Estatuto do Torcedor)**, alterada pela Lei **12.299**, de 27 de julho de 2010, representou um avanço significativo, entretanto, não suficiente para solucionar os desmandos e omissões. Por este dispositivo legal entende-se que a prevenção da violência nos eventos esportivos, incluído o futebol, constitui uma **responsabilidade compartilhada** entre o poder público, as confederações e federações, clubes e associações de torcedores, dirigentes e organizadores do evento, além dos seus participantes (profissionais do futebol), conforme preconiza o seu Artigo 14, transcrito abaixo,

Sem prejuízo do disposto nos Arts. 12 a 14 da Lei 8.078, de 11 de setembro de 1990, a responsabilidade pela segurança do torcedor em evento esportivo é da entidade de prática desportiva detentora do mando de jogo e de seus dirigentes (grifo nosso), que deverão:

I – Solicitar ao poder público competente a presença de agentes públicos de segurança, devidamente identificados, responsáveis pela segurança dos torcedores dentro e fora dos estádios e demais locais de realização de eventos esportivos;

Dentre as demais prescrições existentes na citada lei, está definida a responsabilidade dos clubes e federações que, na condição de promotores do evento esportivo, têm por obrigação oferecer segurança ao torcedor, acomodações dignas, higiene, limpeza e conforto, além de uma série de atribuições relacionadas à estrutura física do local (engenharia e sistemas preventivos), uma vez que, uma vez descumpridas potencializam os riscos de incidentes graves.

A etnografia realizada em estádios de futebol de diferentes cidades do país possibilitou-me identificar algumas *condições inseguras*<sup>162</sup> proporcionadas pela falta de compromisso dos clubes, ou mesmo pelo baixo rigor por parte do poder público, que deve fiscalizar e exigir as condições apropriadas à realização dos eventos esportivos. A seguir, algumas considerações são feitas, com base nas observações do trabalho de

---

<sup>162</sup> De acordo com Salles Júnior *et al* (2010), uma condição insegura, também considerada um risco, é algo que, se ocorrer, poderá provocar um resultado indesejado decorrente de um incidente, evento ou ocorrência, determinado pela sua possibilidade de consequências (p.29). Assim, entulhos ou restos de materiais de construção em um local com grande aglomeração de pessoas representa uma condição insegura, que pode ser revertida negativamente em casos de tumultos ou pânico.

campo, especificamente em dias de jogos, relacionando e confrontando os riscos identificados com as principais exigências previstas no **Estatuto do Torcedor**:

[1] **Previsão legal** - Artigo 13. “*O torcedor tem direito a segurança nos locais onde são realizados os eventos esportivos antes, durante e após a realização das partidas*”. **Observação de campo**: Apesar da previsão legal, são inúmeros os exemplos de condições inseguras nos estádios brasileiros, desde objetos e entulhos acumulados nas vias de acesso, como a organização interna dos espaços;



**Imagem** - Camarotes superlotados (esq.), Estádio do Arruda; fiação próxima a torcedores (dir.) – Estádio dos Aflitos, Recife/PE. Fotos do autor.

[2] **Previsão legal** - Artigo 13, Parágrafo único. “*Será assegurado acessibilidade ao torcedor portador de deficiência ou com mobilidade reduzida*”. **Observação de campo**: Não são respeitados os espaços reservados (quando existem), como também as rampas são precárias, mal sinalizadas, e pouco acessíveis;



**Imagem** - Aglomeração em local indicado como "entrada de deficientes físicos" - ver seta (esq.), Estádio da Ilha do Retiro; Rampa próxima a terreno irregular (dir.), Estádio dos Aflitos, Recife/PE. Fotos do autor.

[3] **Previsão legal** - Artigo 16. “*É dever da entidade responsável pela organização da competição: III – disponibilizar um médico e dois enfermeiros-padrão para cada dez mil*

*torcedores presentes à partida*”; IV – *disponibilizar uma ambulância para cada dez mil torcedores presentes à partida*”. **Observação de campo:** A previsão legal considerou a inexistência de ambulatórios ou postos médicos na maioria dos estádios brasileiros. Entretanto, muitos atendimentos são realizados ao lado do gramado, com as pessoas sendo atendidas diante de todo o público presente;



**Imagem - Torcedores atendidos próximos ao gramado (esq.) – Estádio da Ilha do Retiro, Recife/PE; ambulâncias contratadas pela organização (dir.) – Estádio do Pacaembu, São Paulo/SP. Fotos do autor.**

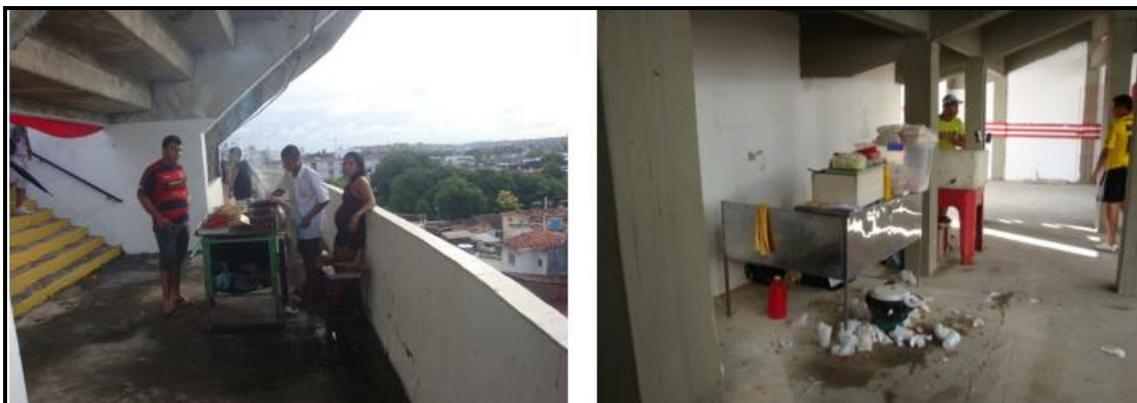
[4] **Previsão legal** - Art. 20. “*A venda do ingresso deverá ser realizada por sistema que assegure a sua agilidade e amplo acesso à informação*”. **Observação de campo:** Longas filas, ingressos vendidos momentos antes das partidas, muita confusão e necessidade de intervenções policiais;



**Imagem - Grandes filas para entrada nos estádios (esq.), Estádio da Ilha do Retiro - foto do autor. Tumulto e ação policial durante entrada em estádio - Imagem obtida em <<http://www.jconline.com.br>>. Consulta em 21.Out.15.**

[5] **Previsão legal** – Art. 20. “*O torcedor partícipe tem direito à higiene e à qualidade das instalações físicas dos estádios e dos produtos alimentícios vendidos no local. § 1º. O poder público, por meio de seus órgãos de vigilância sanitária, verificará o cumprimento do disposto*

neste artigo, na forma da legislação em vigor”. **Observação de campo:** Percebe-se muito improvisado e falta de fiscalização na comercialização de alimentos e bebidas nos estádios;



**Imagem - Comercialização improvisada e inadequada de alimentos em estádios de Recife-PE. Esquerda, Estádio do Arruda; Direita, Estádio dos Aflitos. Fotos do autor.**

[6] **Previsão legal – Art. 29.** “É direito do torcedor participar que os estádios possuam sanitários em número compatível com sua capacidade de público, em plenas condições de limpeza e funcionamento”. **Observação de campo:** Em quase todos os estádios há banheiros sujos, em quantidade insuficiente, e sem privacidade.



**Imagem – Banheiros em estádios de Pernambuco: estádio dos Aflitos, Recife (esq.); estádio Luiz Lacerda, Caruaru (dir.). Fotos do autor.**

O descumprimento de previsões legais, relativas a organização e prevenção de incidentes e violências em eventos esportivos, não ficam restritas ao conteúdo do Estatuto do torcedor. Ao longo do trabalho de campo identifiquei, nos estádios pernambucanos, vários aspectos que se configuram descumprimentos legais (esfera estadual e/ou municipal). A Lei Ordinária da cidade do Recife, 17.335/2007, por exemplo, obriga a manutenção de um aparelho para uso em casos de pessoas com

parada cardíaca (desfibrilador externo automático) em locais que tenham concentração/circulação média diária de 1.500, ou mais pessoas,

Art. 1º - Todos os aeroportos, shopping centers, centros empresariais, estádios de futebol, hotéis, hipermercados, casas de espetáculos, clubes, academias e locais de trabalho com concentração/circulação média diária de 1.500 (mil e quinhentos) ou mais pessoas ficam obrigados a manter aparelho desfibrilador externo automático, em suas dependências, no âmbito do Município do Recife.

Estádios de futebol devem possuir ainda, de acordo com a Lei Estadual de Pernambuco, nº 15.232, de 27 de fevereiro de 2014, uma brigada de emergência treinada para operar equipamentos de combate a incêndio, como também capaz de orientar os torcedores presentes no estádio a deixarem o espaço em casos de incidentes graves. Entretanto, a inexistência da contratação de brigadas (exigidas por lei) por parte dos clubes de futebol é suprida pela participação de agentes públicos (Corpo de Bombeiros), que em casos de necessidades desempenhará o papel que, *a priori*, é de competência da iniciativa privada. Percebe-se, portanto, não apenas o descumprimento deliberado de várias exigências legais por parte dos clubes e os organizadores do futebol nacional, mas também, muita conivência do poder público, no que se refere a fiscalização e controle rigorosos dos bastidores do futebol de espetáculo.

No que concerne à ‘violência pública ritualizada’, atualmente existe um acervo de experiências internacionais realizadas na tentativa de minimizar ou acabar com os transtornos praticados pelos *maus torcedores*, apontando na direção de várias possibilidades, como medidas preventivas e coercitivas e cuja iniciativa normalmente é promovida pelo poder público, contudo, viabilizadas com a participação dos meios de comunicação, torcedores não-organizados e lideranças dos próprios grupos organizados de torcedores. Assim, como mencionei, eventos ocorridos em estádios da Europa serviram como marco, e ao mesmo tempo, como propulsores de medidas de prevenção e enfrentamento da violência no futebol<sup>163</sup>. Devido a participação de torcedores violentos

---

<sup>163</sup> Ratifico que em 1985, logo após a “tragédia de Heysel”, uma série de câmaras específicas e legislações foram criadas na Europa para o combate e enfrentamento a violência nos esportes, em especial no futebol, a exemplo do Comitê Permanente da Convenção da Europa sobre a Violência e os Excessos dos Espectadores por Ocasões das Manifestações Desportivas (Inglaterra, 1985); a Lei do Esporte (1990)

do Liverpool, na final de 1985, todos os clubes ingleses foram punidos e suspensos de todas as competições europeias até 1991, objetivando que a ação dos *hooligans* envolvidos fosse sentida entre os demais torcedores. Entretanto, ao que parece, as ações exitosas praticadas por outros países não inspiraram os responsáveis pela gestão da segurança do futebol brasileiro, cujos incidentes fatais provocados pela insegurança e condições inapropriadas dos estádios têm-se multiplicado.

Em Recife, após vários incidentes com uso de vasos sanitários danificados, nos estádios do Arruda e Ilha do Retiro, somente após a morte de um torcedor, atingido durante uma briga de torcidas, em 2014, o problema foi minimizado através da “concretagem” dos vasos sanitários. Como consequências deste incidente, dentre os vários envolvidos no confronto de torcedores que ocasionou uma morte, houve a condenação de apenas um torcedor (que confessou ter arremessado o vaso sanitário). Além da condenação ao clube detentor do mando de campo (Santa Cruz/PE), que foi obrigado a pagar uma multa de R\$ 60 mil reais ao Tribunal de Justiça Desportiva, além de perder 5 (cinco) mandos de jogos, entretanto, após recorrer ao Superior Tribunal de Justiça Desportiva, reduziu a pena para R\$ 40 mil reais, e 3 (três) jogos com portões fechados (sem torcida). Cabe destacar ainda que, nenhum dirigente da Confederação Brasileira de Futebol foi responsabilizado legalmente neste incidente, contrariando assim o que estabelece o Art. 19 do Estatuto do Torcedor, a saber:

As entidades responsáveis pela organização da competição, bem como seus dirigentes respondem solidariamente com as entidades de que trata o art.15 (clube detentor do mando de jogo), e seus dirigentes, **independentemente da existência de culpa** (destaque nosso), pelos prejuízos causados a torcedor que decorram de falhas de segurança nos estádios ou da inobservância do disposto neste capítulo.

Antes mesmo do “episódio do Pacaembu” (1995), nos minutos iniciais da primeira partida da final do Campeonato Brasileiro de **1992**, no estádio do **Maracanã** (Rio de Janeiro), entre Flamengo e Botafogo, ocorreu a ruptura de uma grade de proteção do anel superior do estádio provocando a queda e **morte de 03 (três) torcedores** e mais

---

e a Comissão Nacional contra a Violência nos Espectáculos Esportivos (na Espanha); a Lei de Bases do Sistema Desportivo e o Conselho Nacional contra a Violência no Desporto (Portugal, 1990 e 1998, respectivamente).

de 90 (noventa) feridos. Além da partida ter sido reiniciada e concluída normalmente, nenhuma providência efetiva foi posta em prática para que outros incidentes desta natureza deixassem de ocorrer no Brasil.

Assim, após um intervalo de 15 anos, em **25 de novembro de 2007**, durante o jogo final da ‘Série C’ do campeonato nacional, entre Bahia/BA x Vila Nova/GO, em Salvador, houve o desabamento de parte da arquibancada do anel superior do estádio da Fonte Nova<sup>164</sup>, resultando na **morte de 7 (sete) torcedores** e mais de 70 (setenta) feridos. O incidente, além de receber pouca repercussão em torno das responsabilidades legais dos responsáveis, foi usado como discurso em favor da construção de uma moderna arena multiuso (no mesmo local) nos padrões exigidos pela FIFA, que seria, em seguida, escolhida como uma das sub-sedes da Copa do Mundo de 2014. Atualmente, atendendo aos interesses do capital, a arena foi rebatizada com o nome de **“Itaipava Arena Fonte Nova”** - nome que faz menção a marca de uma cervejaria, e cujo contrato, especula-se, foi firmado por 10 milhões de reais (anuais), até 2023, junto ao Governo do Estado da Bahia, em mais uma resposta tipicamente brasileira a um incidente de graves proporções. Cabe destacar que nenhuma das sete vítimas fatais no incidente da antiga Fonte Nova teve seu nome vinculado ao novo estádio, em forma de homenagem póstuma.

O incidente relatado acima pode ainda subsidiar a discussão em torno do consumo de bebidas alcoólicas em espaços destinados a práticas esportivas. Considerado por vários especialistas um dos principais fatores que geram e potencializam a violência entre torcedores, (PIMENTA, 1997; REIS, 2006; MURAD, 2012), o assunto permanece sem uma diretriz única no Brasil. Após a morte de um torcedor no estádio do Pacaembu, em 1995, por iniciativa de um promotor público de São Paulo, ao lado da proibição das maiores torcidas organizadas/uniformizadas nos estádios daquele Estado, decidiu-se pela proibição da comercialização de bebidas alcoólicas naqueles espaços, algo que foi muito criticado por dirigentes dos clubes de

---

<sup>164</sup> A época do incidente, o estádio Octávio Mangabeira (Governador da Bahia na data de sua inauguração, em 1951), era mais conhecido nacionalmente por estádio da Fonte Nova, de propriedade do Governo do Estado da Bahia. Sua capacidade foi calculada em 80.000, entretanto, antes de sua demolição recebia em torno de 30 mil pessoas. Foi implodido no dia 29 de agosto de 2010, dando lugar a “Itaipava Arena Fonte Nova”.

futebol e empresários ligados ao comércio de bebidas. A restrição iniciada em São Paulo não foi seguida por todas as Unidades Federativas, entretanto, gradativamente vários outros estados aderiram a proibição como medida preventiva aos atos de violência, incluindo Pernambuco. Entretanto, após a realização da Copa do Mundo Fifa, em 2014, praticamente todos os estados voltaram a liberar o consumo de bebidas no interior dos estádios, seguindo o modelo da entidade maior do futebol mundial que tem nas fabricantes multinacionais de bebidas alcoólicas suas principais parceiras no negócio do futebol<sup>165</sup>.



**Imagem - [esq.] Tumulto e queda de alambrado no estádio do Maracanã, Rio de Janeiro, 1992 (Foto: Revista Placar, Edição Janeiro de 1993). [Dir.] Banheiro da Ilha do Retiro, Recife/PE, após briga de torcedores (foto do autor).**

Entendo, desta forma, que a falta de reflexões produzidas e orientadas na busca por propostas e decisões que repercutam em prevenção, solução, ou mesmo redução,

---

<sup>165</sup> O próprio Estatuto do Torcedor, considerado avançado em diversos aspectos, é vago demais, no que diz respeito ao consumo de bebidas alcoólicas nos estádios, conforme pode ser visto em seu Art. 13A, inciso II: “São condições de acesso e permanência do torcedor no recinto esportivo, sem prejuízo de outras condições previstas em lei: II) não portar objetos, **bebidas** (grifamos) ou substâncias proibidas ou suscetíveis de gerar ou possibilitar a prática de atos de violência”. Como se vê, o texto é dúbio e permite margem para várias interpretações. Segundo Luiz Flávio Gomes (2011, *et al*: p.39-40), o texto não proíbe o consumo de bebidas alcoólicas nos recintos esportivos, apenas o acesso e permanência com recipientes (como vidros ou latas) que representem perigo ou dano, em caso de atos de violência. Assim, a bebida é vendida e entregue em copos plásticos, sem qualquer restrição legal. Entretanto, vários estados que passaram a proibir a venda de bebidas alcoólicas, através de leis estaduais próprias, alegaram que a Lei Geral da Copa/2014 violou o princípio da independência legislativa das Unidades Federativas, entretanto, a FIFA ganhou essa “quebra de braço” e as vendas foram liberadas, mesmo em Estados com legislação contrária.

dos incidentes violentos no futebol brasileiro, aproxima-se muito da omissão e impunidade registradas por ocasião do tratamento dado a questão da violência nos dias dedicados as festividades do Carnaval brasileiro. Somente em **Pernambuco**, entre 2015 e 2016, foram registrados 132 (cento e trinta e dois) homicídios durante os cinco dias oficiais dedicados a festa – **75** (em 2015) e **57** (em 2016), respectivamente -, entre sexta-feira e quarta-feira, correspondendo a uma **média diária superior a 11 (onze) mortes** em cada um desses anos – 15 mortes/dia (2015) e 11,4 mortes/dia (2016); números que superam a média diária do Estado em 2014 (9,08 homicídios/dia), segundo dados do 9º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Nas estradas federais, durante o carnaval de 2016, foram registradas **94 mortes**, em **1.429 acidentes** (entre sábado e terça-feira), média de 23,5 mortes, e 357, 2 acidentes diários, respectivamente<sup>166</sup>.

Mesmo diante desses números alarmantes, a principal medida anunciada pelas autoridades e organizadores responsáveis, enquanto “providência”, é o aumento do número de policiais nas ruas e locais da folia, discurso também presente nas discussões em torno da violência no futebol, sempre após algum incidente violento. Em ambos os casos, pouco se discute sobre a relação entre as causas geradoras da violência e a segurança do ambiente onde o evento será realizado. É desta forma que, durante o carnaval, multidões são reunidas em ruas estreitas, sob a ação de forte temperatura, consumo excessivo de bebidas alcoólicas e drogas ilícitas, além de riscos de acidentes massivos sem precedentes (com destaque para o uso de marquises e janelas de edificações, como camarotes); situações comumente percebidas nas ruas de Recife, Salvador e Rio de Janeiro, apenas para citar estas. Ao mesmo tempo, no espaço do futebol, estádios precários, transportes inadequados, tumultos e aglomerações (principalmente em jogos decisivos), criam ambientes propícios para incidentes graves, com aval, financeiro e político, do Estado.

---

<sup>166</sup> Diferentemente de outros Estados do país, em Pernambuco as estatísticas relacionadas ao carnaval incluem os registros de todos os municípios, considerando a diversidade das manifestações culturais que se traduzem em polos carnavalescos em praticamente todo o Estado. Na Bahia, por exemplo, a Secretaria de Segurança Pública divulga os registros relacionados apenas a Região Metropolitana de Salvador, que em 2016 teve 23 (vinte e três) feridos por arma de fogo, com dois homicídios, segundo dados divulgados, na mesma quantidade de dias. Os dados foram obtidos em <<http://www.dprf.gov.br>>; <<http://diariodepernambuco.com.br>>; <<http://tribunadabahia.com.br>>; <<http://forumseguranca.org.br>>. Acesso em 15.Abr.16.

Mesmo que se atribua uma maior parcela da responsabilidade pelos incidentes violentos no futebol brasileiro, deve-se considerar que a permissividade com os maus torcedores favorece ao aumento dos casos de agressão e confronto na esfera do futebol nacional, de maneira significativa. Um dos exemplos que resume bem esse ponto é a doação de ingressos e fretamento de ônibus para os grupos, por parte dos clubes, privilégio inaceitável entre grupos distintos, separando-os em beneficiados e prejudicados, cuja discussão amplio mais adiante. De acordo com Pimenta (1997: p. 185), essa medida possibilita ainda núcleos de poder dentro das torcidas, que comercializam os ingressos e muitas vezes se associam a cambistas, formando verdadeiras quadrilhas de ilegalidade junto a funcionários de clubes, federações e polícia.

Dentre todas as exigências e punições previstas nas legislações federais e estaduais, relacionadas a prevenção e segurança em grandes eventos esportivos, e diante do histórico de incidentes registrados no Brasil, as principais medidas adotadas parecem estar, prioritariamente, dedicadas a combater as possíveis ações violentas praticadas por integrantes de grupos organizados de torcedores (sem desconsiderar a parcela de responsabilidade que lhes cabe), entretanto, sem que as demais formas de violências recebam a merecida atenção por parte do poder público e dos organizadores dos eventos. Neste sentido, o Brasil está acostumado com mortes banais em locais onde deveria existir lazer e alegria, e a violência no futebol não está dissociada desta evidência.

É desta forma que, o nexos entre o discurso midiático em torno da violência no futebol, o clamor da opinião pública pela identificação e punição dos culpados, e os interesses dos promotores e gestores dos negócios do futebol; todos articulados no sentido de encontrar respostas para a decadência do futebol brasileiro – avaliada tanto pelos resultados técnicos da seleção nacional quanto dos clubes, como também pelos números inexpressivos em termos de capital financeiro (comparados com outros países) -; parece ter encontrado, na ação irresponsável e violenta de parcelas significativas de grupos organizados de torcedores o cenário perfeito para a construção do discurso da “solução final” contra os males do futebol no Brasil.

Assim, construiu-se uma grande expectativa entre os que fazem o futebol de espetáculo no país onde, uma vez identificados e (posteriormente) banidos os principais

responsáveis pela violência nos estádios brasileiros e adjacências, retomar-se-ia o caminho da organização a atração de novos investidores (patrocinadores e empresários), importação e manutenção de jogadores importantes, retorno do público aos estádios, aumento nos quadros de sócios dos clubes, e com tudo isso, crescimento do negócio do futebol no país. Ao mesmo tempo, e diante de um contexto de estigmatização e perda do controle interno sobre parcelas expressivas de seus integrantes (devido ao aumento excessivo de algumas torcidas), muitos dos maiores grupos organizados do Brasil viram-se isolados e sem qualquer outra possibilidade de manter o caminho da sobrevivência e do crescimento que não fosse a aproximação com outros grupos de cidades distintas. Diante deste quadro, as primeiras aproximações definidas como “*amizades*” deram espaço a formação das grandes alianças nacionais, fenômeno que será melhor abordado na seção seguinte.

## *CAPÍTULO QUINTO*

### **AS ALIANÇAS NACIONAIS E A CONSTRUÇÃO DA QUARTA GERAÇÃO DOS GRUPOS ORGANIZADOS DE TORCEDORES**

Segundo Dortier (2010), o termo “aliança” vem do latim *alligare*, "compor, ligar-se a". No português medieval significava um comprometimento mútuo, seja nos sentidos religioso, político, ou jurídico. Assim, o termo assume significados importantes em diversos campos da vida social, destacando-se, por exemplo, o campo **diplomático**, onde possui um sentido de “positividade” representada pelas expectativas de união e cooperação entre nações (incluindo o confronto bélico conjunto), ou mesmo grupos com interesses comuns, como os grandes conglomerados empresariais. O significado **religioso**<sup>167</sup> do termo pode ser considerado sinônimo de “pacto” e fidelidade, exemplificado na relação firmada entre o Deus de Israel e os patriarcas bíblicos, Abraão, Isaac e Jacob (SCHULTZ, 1995: p.55), o que também pode expressar uma condição de significado **moral**,

Pode-se dizer que a *aliança* do Sinai adiciona à obrigação individual antiga uma nova, a moral nacional. A moral deixa de ser uma questão

---

<sup>167</sup> O chamado *pacto*, ou *aliança*, firmado entre o Deus dos judeus e os patriarcas bíblicos é resignificado pela tradição cristã com o nome *nova aliança*, correspondendo a um novo momento da relação de fidelidade e compromisso estabelecidos entre a divindade e a humanidade, também reconhecido pela Igreja cristã como *Novo Testamento*.

privada. A distinção religioso-cultural de Israel é complementada por uma distinção moral. (...) Portanto, por sua natureza, também a aliança religiosa foi uma *aliança* moral-legal, envolvendo não apenas o culto, mas também a estrutura e os regulamentos da sociedade (KAUFMANN, 1989: p.232).

A partir do Século XIII, o termo **aliança** passou a significar também "laço matrimonial que une duas famílias", até que séculos depois, assumiu o seu significado atual de "anel de casamento", tanto que, em francês, o termo ainda faz menção a *casamento*. Muitas vezes os casamentos formam o compromisso de paz entre grupos que, de outra maneira, tomariam a hostilidade como a coisa certa; alguns povos africanos nos dizem "casamo-nos com os que combatemos (MAIR, 1972: p.89).

Na literatura antropológica, coube a Lévi-Strauss (1947), através de suas *Estruturas elementares do parentesco*<sup>168</sup>, dotar a categoria *aliança* de um significado clássico e singular relacionado aos estudos de parentesco e de organização social. Neste sentido, o parentesco foi analisado como um sistema, ou conjunto, de relações que abrange a todos numa sociedade considerada. Em certos sistemas as nomenclaturas possibilitaram determinar imediatamente o círculo dos parentes e dos aliados, ou seja, "com quem casar" e "com quem não casar", função também presente na troca e no comércio, ou seja, promover a interdependência e a solidariedade social. Para Lévi-Strauss é exatamente o **casamento** (aliança) que proporciona essa interdependência entre as sociedades.

A escolha do cônjuge, portanto, sendo definida a partir de regras socialmente estabelecidas, dentre elas o *Tabu do incesto*<sup>169</sup> e a *exogamia*<sup>170</sup>, onde o grupo afirma

---

<sup>168</sup> Apesar de a primeira edição desta obra clássica ter sido publicada em 1947, utilizo a edição de 1976, motivo pelo qual aparece aqui citada.

<sup>169</sup> Consiste numa regra social que proíbe o casamento entre parentes próximos – podendo variar o modo como cada grupo define o que é parente próximo -, sancionada por penalidades (variáveis), desde a execução dos culpados até uma reprovação social (LÉVI-STRAUSS, 1976: p. 47).

<sup>170</sup> Como o inverso de qualquer sistema de proibições matrimoniais, a exogamia é a necessidade de encontrar um cônjuge entre os permitidos. Este sistema em si resulta na formação de laços que percorrem todas as direções, de um extremo a outro da sociedade – que Fortes chamou de "teia" de parentesco, e outros chamam de rede. É por isso que Lévi-Strauss considerou a relação de cunhados como a forma elementar de solidariedade orgânica: através da mulher que é irmã de um e esposa de outro, unem-se grupos de descendência que, de outro modo, não têm nenhum interesse comum e poderiam até mesmo ser inimigos (MAIR, 1972: p.88).

seu direito de controle sobre o que considera legitimamente um valor essencial, e assim, buscando uma explicação com causas mais profundas que justifiquem uma regra de proibição universal defende que,

Constitui o passo fundamental graças ao qual, pelo qual, mas sobretudo no qual se realiza a passagem da natureza à cultura. Em certo sentido pertence à natureza, porque é uma condição geral da cultura, e por conseguinte não devemos nos espantar em vê-la conservar da natureza seu caráter formal, isto é, a universalidade. Mas em outro sentido também já é a cultura, agindo e impondo sua regra no interior de fenômenos que não dependem primeiramente dela (Ibidem, p.62).

Malinowski (2008)<sup>171</sup> afirmava que a proibição do incesto assinalava a transição da “natureza” – a vida dos outros animais que não têm herança cultural para transmitir e aumentar com o passar das gerações – para a “cultura”, o método de vida peculiar ao homem; Lévi-Strauss caminhou no mesmo sentido, proponho que a proibição do casamento – não apenas nas relações sexuais – dentro da família como o critério básico da vida cultural por ser o começo dessa troca – neste caso, a troca de mulheres entre grupos de descendência, que supôs ser a base da estrutura social (MAIR, 1972: p.88). É desta forma que, para Lévi-Strauss, o casamento não era simplesmente uma relação entre um homem e uma mulher, senão, mais propriamente, um vínculo entre homens por meio de mulheres (Ibidem, 1976: p. 160). Este foi um argumento estrutural em sua teoria da aliança, onde o Tabu do Incesto e a exogamia representam o início de um processo de trocas recíprocas<sup>172</sup>.

Por oportuno, convém compreender que união e casamento não são sinônimos. Enquanto a união pode ser dada meramente no plano biológico, o casamento é uma instituição social, determinada pela cultura – na maioria das vezes uma escolha -, e pressupõe obrigações e direitos entre as partes (AUGÉ, 1994: p. 42), criando vínculos entre os seres humanos. Assim, como ocorre na maioria das sociedades ditas

---

<sup>171</sup> MALINOWSKI, B. *Crime e costume na sociedade selvagem*. Brasília: Editora da UnB, 2008.

<sup>172</sup> Quando discorre sobre a união preferencial entre primos cruzados - onde a questão biológica não é colocada como referencial -, visualiza-se mais claramente como uma regra social determina “quem pode” e “quem não pode”, e percebe-se claramente o uso do princípio da reciprocidade em seus argumentos.

“primitivas”, estudadas por etnólogos, o casamento (aliança) tem muito mais a ver com a perpetuação da cultura e existência social do grupo e transmissão do status social decorrente do matrimônio, do que com a compatibilidade sexual no casamento, na base do amor romântico (FROST & HOEBEL, 1976: p.177). Assim, enquanto o incesto refere-se às relações sexuais em si; a exogamia refere-se ao casamento, uma ligação que não pode ser criada apenas pelas relações sexuais, incluindo, além destas, inúmeros direitos e deveres recíprocos (MAIR, 1972: p.86).

Desta forma, e retornando ao pensamento de Lévi-Strauss, o parentesco foi considerado um sistema de trocas generalizadas, e neste sentido, essas relações foram analisadas como um conjunto de vínculos tendo como centro a teoria da **reciprocidade** de Marcel Mauss (1974), onde a noção de permuta é ponto fulcral da análise das alianças<sup>173</sup>, portanto, referencial que adotei para o desafio de interpretação das relações estabelecidas pelos grupos organizados de torcedores, caminho que considero mais apropriado ao desenvolvimento dos argumentos de defesa da Tese, e cuja discussão não se encerrará neste capítulo, antes, será retomada nos dois capítulos finais deste estudo.

Esta perspectiva da teoria da aliança, quando aplicada ao domínio das aproximações estabelecidas com propósitos definidos e recíprocos entre **clubes de futebol e grupos organizados** - aqui considerada a primeira manifestação de aliança promovidas pelos grupos -, revela que tais aproximações foram sempre marcadas por ambiguidades de interesses entre as partes, notabilizando-se, na maioria dos casos, como relações tensas e ávidas por retornos financeiros, com nítidas expressões de disputas pelo poder e representatividade na política dos clubes, e como assinalou Marc Augé (1978), enquanto sistema de integração social, a aliança pode tornar-se meio e expressão de relações hierárquicas, ou seja, possibilitando a inserção dos elementos político e econômico no interior daquela dimensão.

A partir da segunda metade da década de 1990 produziu-se uma intensa exposição midiática em torno da participação dos grupos organizados de torcedores,

---

<sup>173</sup> Em Lévi-Strauss, a troca de mulheres entre grupos de descendência é a base da estrutura social. Por isso, a relação de cunhados é a forma elementar de solidariedade orgânica – a mulher, irmã de um, e esposa de outro. O tio materno, por isso, faz parte do átomo do parentesco, não necessitando ser explicado como surgiu na estrutura do parentesco; Ele não aparece nela, mas é imediatamente dado, é sua condição (KECK, 2013: p. 89).

principalmente enquanto mantiveram-se entre os interesses dos grandes investidores e organizadores do futebol nacional. O protagonismo vivenciado no conjunto do futebol espetacularizado forneceu as condições necessárias ao surgimento de grupos organizados de torcedores em todas as regiões do país, inclusive entre clubes sem grande visibilidade no cenário futebolístico. Os grupos formados a partir dos anos 2000, movidos pela espetacularização e visibilidade ofertadas pelo futebol, fazem parte da chamada **quarta geração**.

A partir do momento em que parcelas consideráveis de integrantes daqueles grupos passaram a promover uma “visibilidade perversa”, ou seja, produzida através de práticas violentas e antissociais (incluindo atividades criminosas), reforçada pelos apelos da opinião pública, e pelas várias exigências legais sobre a atividade dos grupos organizados de torcedores<sup>174</sup>, os grupos passaram a ser interpretados como elementos prejudiciais aos interesses do “futebol de espetáculo”, e as relações entre clubes de futebol e grupos organizados começaram a ser ameaçadas, modificadas, e, em alguns casos, rompidas. As relações entre clubes e grupos de torcedores não deixaram de existir nos bastidores do campo futebolístico, entretanto, tornaram-se menos explícitas e passaram a compor novas formas de negociações. Alguns clubes, de forma velada, passaram a aceitar que lideranças de grupos organizados fizessem parte dos seus quadros de dirigentes, ou mesmo dos conselhos deliberativos (consultivos), como forma de garantir a proximidade com as torcidas e, ao mesmo tempo, resguardarem-se das críticas externas. Por sinal, o comprometimento das relações entre clubes e grupos organizados de torcedores, bem como as novas maneiras de negociações estabelecidas entre eles, são pontos cruciais para a compreensão do processo gradativo de aproximação que ocorreu entre torcidas de cidades diferentes, repercutindo diretamente na formação das grandes alianças nacionais.

A **primeira** parte deste capítulo, portanto, será uma discussão em torno dos diversos interesses dos *segmentos de agentes* existentes no conjunto do futebol de espetáculo, e por consequência, da maneira como ocorreram as tentativas de formação

---

<sup>174</sup> A própria promulgação da Lei 10.671, em 15 de maio de 2003 (Estatuto do Torcedor), constitui-se em uma tentativa do poder público de responder aos apelos da opinião pública e denúncias dos veículos de comunicação de massa, em torno dos episódios de violência nos esportes, em especial no futebol, com destaque para a atuação dos grupos organizados de torcedores.

de vínculos entre clubes de futebol e grupos organizados, interpretados através de uma perspectiva utilitarista da dádiva. A **segunda** parte expõe a maneira como as primeiras aproximações entre grupos de cidades distintas foram viabilizadas, relações que são reconhecidas em termos nativos, inicialmente, por “*amizades*”. Neste aspecto, objetivou-se, por um lado, o entendimento do processo de ampliação dos vínculos iniciais para o fenômeno reconhecido como *alianças entre grupos organizados de cidades diferentes*, bem como a expansão e reconfiguração dos grupos organizados a partir das alianças. Na **terceira** parte pretendeu-se o entendimento da expressão simbólica e do nível de comprometimento presentes no vínculo entre os grupos aliados, expressos através da “reconfiguração das rivalidades”, termo que utilizo para acentuar a dimensão alcançada pela lógica das alianças entre as sociabilidades dos grupos, e que muitas vezes se opõe a lógica do pertencimento clubístico.

## **5.1 ALIANÇAS E “AMIZADES”, A FORMAÇÃO DOS PRIMEIROS VÍNCULOS**

### **5.5.1 As primeiras aproximações e a extensão das “*amizades*”**

A década de 1990 foi considerada, no âmbito do futebol brasileiro, a fase das mudanças, em busca da modernização e recondução do país ao degrau mais alto entre as potências do futebol mundial. Os insucessos nas Copas do Mundo de 1982 e 1986 reforçaram os argumentos que exigiam a equiparação e organização/gestão do nosso futebol ao modelo europeu. Um campeonato nacional dividido em séries, a venda dos direitos de transmissão dos jogos, novos parceiros comerciais e investidores, clubes transformados em empresas, leis que garantissem maior autonomia aos clubes nas contratações e negociações de jogadores; eram apontadas como medidas necessárias para a recuperação do prestígio que fora comprometido em virtude dos fracassos dentro de campo. Com a conquista do mundial de 1994 – nos Estados Unidos –, o futebol brasileiro chegava a era do “futebol de espetáculo”, e os interesses do capital entraram definitivamente no jogo.

Enquanto políticos, empresários, e demais profissionais do futebol adequavam-se as novas exigências da competitividade e produção de resultados (lucros), as arquibancadas brasileiras registravam um crescimento vertiginoso de torcedores organizados em grupos – com participação expressiva de jovens –, percebidos e

transformados pelos veículos midiáticos em potenciais divulgadores de um futebol que aprendera com a experiência da última conquista (1994) as oportunidades que o futebol oferecia. Os grupos organizados de torcedores, suas festas e cores, passaram a fazer parte do “show do intervalo”, espécie de “garotos propaganda” do megaevento esportivo que o futebol transformara-se.

Assim, os que experimentaram maior crescimento numérico e lograram grande visibilidade e repercussão midiática, passaram a ter, conseqüentemente, maior expressividade na vida política e administrativa dos clubes, e com isso, à medida que cresceram e se tornaram protagonistas – no cenário do futebol espetacularizado -, necessitaram cada vez mais de parcerias que lhes rendessem recursos (financeiros e logísticos), capazes de atender as novas demandas surgidas com o novo papel assumido.

Importante compreender que até o início da citada década os grupos organizados de torcedores de cidades diferentes mantinham poucos e breves contatos, realizados basicamente durante as viagens dos clubes em disputas de competições nacionais, como a Copa do Brasil (a partir de 1989) e o Campeonato Brasileiro (dividido em séries a partir de 1988). Como os próprios integrantes relatam, as primeiras aproximações entre grupos de cidades distintas eram reconhecidas, em termos nativos, por “*amizades*”. Inicialmente, buscava-se apoio logístico para a permanência dos torcedores nas cidades onde as partidas de futebol seriam realizadas, uma vez que os clubes – como destacarei mais adiante - forneciam ônibus e ingressos aos grupos mais próximos, entretanto, a alimentação e a estadia eram os maiores desafios dos integrantes daqueles grupos.

As primeiras “*amizades*” entre grupos organizados de cidades distintas foram então estabelecidas, entre seguidores cujos clubes possuíssem sinais diacríticos semelhantes, como as cores dos uniformes e os mascotes, ou mesmo por motivações de cunho étnico. Assim, surgiram “*amizades*” entre os integrantes da “*Gaviões da Fiel*” (Corinthians/SP) e da “*Fúria Jovem* (Botafogo/RJ) – que possuem as mesmas cores no uniforme (preto e branco) -, como também entre grupos organizados da Portuguesa de Desportos/SP e do Vasco da Gama/RJ, clubes fundados pelas colônias portuguesas de São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente; como também entre grupos ligados ao Palmeiras/SP e ao Cruzeiro/MG, criados pelas colônias italianas de São Paulo e Belo Horizonte (respectivamente), dentre vários outros exemplos.

Na medida em que as competições nacionais passaram a ser disputadas em divisões distintas, reunindo em média 20 equipes, e com duração aproximada a um semestre<sup>175</sup>, os contatos entre grupos organizados de cidades diferentes passaram a ser intensos e constantes, aumentando a necessidade de assistência durante as viagens e permanências em outras cidades. Ao receber os componentes de um grupo de outro Estado, no aeroporto ou na rodoviária, dando-lhes hospedagem e orientando-lhes na locomoção pela cidade - mesmo sendo torcedores do clube adversário durante o jogo -, a torcida “nativa” possibilita aos “estrangeiros” uma relação de confiança e companheirismo, possivelmente retribuída quando os papéis forem invertidos.

As alianças são estabelecidas consensualmente entre os líderes e integrantes que ocupam cargos de direção. A escolha leva em consideração as parcerias que podem ser mais importantes para a divulgação do grupo fora de sua cidade, maior capacidade de apoio logístico nas viagens, além das relações de afetividade construídas durante os encontros nos jogos.

A intensificação dos contatos entre os grupos de cidades distintas deu origem a novas “*amizades*” que passaram a ser compartilhadas por uma rede de amigos em comum, dando origem as relações de **alianças entre torcidas de cidades diferentes**<sup>176</sup>. As sedes sociais, ou a própria casa de integrantes, principalmente dos líderes, começaram a ser utilizadas para hospedagem dos grupos visitantes. Em jogos importantes (decisões de campeonatos) ou datas comemorativas (aniversários de fundação) são organizadas festas com a presença de grupos aliados de várias partes do

---

<sup>175</sup> Até 1986, o campeonato brasileiro era realizado por mais de 60 clubes (em algumas edições da década de setenta chegou a superar 100 participantes). Assim, era comum alguns clubes jogarem apenas as fases iniciais da competição, sendo eliminados em, no máximo, 10 (dez) partidas. A partir de 1988 o campeonato nacional passou a ser disputado em divisões, tendo em média 20 clubes, por cada série (A, B, C, D). Com este formato, os campeonatos passaram a ser mais longos, durando quase um semestre, com os clubes jogando contra todos os participantes da respectiva divisão, aumentando assim o número de viagens e, conseqüentemente, a possibilidade de contatos entre seus torcedores.

<sup>176</sup> Este processo de formação e expansão das alianças entre grupos organizados de todas as regiões do Brasil, intensificado entre a segunda metade da década de 1990 e início dos anos 2000, correspondeu e caracteriza os grupos organizados de torcedores que incluem naquela que considero a **quarta geração**, dentro da proposta de interpretação da historicidade desses grupos, ao que espero, seja uma das novidades e contribuições trazidas por esta Tese. O capítulo quinto foi dedicado ao detalhamento das características dos grupos que passaram a fazer parte da chamada “quarta geração”, bem como das estratégias de aproximação, e modificações introduzidas no modus operandi dos grupos a partir das alianças.

país, encontros que são regados com churrascos e bebidas alcoólicas, além da troca símbolos que representam a identificação entre os grupos.

Essa troca de “gentilezas” e favores entre os grupos aliados - materializada no momento da troca de camisas, bandeiras e faixas -, fundamenta o “sistema de prestações” (MAUSS, 1974) que se institui numa cadeia de reciprocidades entre os grupos, espécie de representação simbólicas da fidelidade, camaradagem e amizade entre os grupos, e que posteriormente serão usadas e exibidas nas arquibancadas dos estádios de todo Brasil para ratificar a aproximação. Uma discussão de cunho mais conceitual será retomada nesse capítulo, espaço onde procedo um maior detalhamento das relações de sociabilidade entre os grupos aliados, moldadas a partir das lógicas da teoria da reciprocidade.

As primeiras grandes alianças nacionais, que se têm registro, integraram grupos de torcedores das regiões Sudeste, Sul, e Nordeste, posteriormente agregando grupos de outras regiões do país. Com o passar dos anos, várias outras alianças foram estabelecidas, como também desfeitas, bem como alguns grupos estabeleceram “*amizades*” independentemente de suas alianças principais.

Desta forma foram criadas ainda na década de 1990 as três principais redes de alianças entre grupos organizados de torcedores do Brasil, que ainda hoje são consideradas as mais bem organizadas – em termos de sociabilidades entre grupos “irmãos” -, como também as que preservam maiores rivalidades entre si<sup>177</sup>, sendo elas:

---

<sup>177</sup> Importante esclarecer que as informações sobre os grupos de torcedores que deram origem a cada uma das três primeiras alianças nacionais são ratificadas pelos integrantes dos próprios grupos, muitas delas divulgadas em redes sociais, ou mesmo nos sítios eletrônicos daqueles grupos.

[a] “*punho cruzado*”, formada pelas Torcida Jovem (Flamengo/RJ), Independente (São Paulo/SP), Camisa 12 (Inter/RS), Máfia Azul (Cruzeiro/MG) e Torcida Jovem (Sport/PE); [b] “*dedo pro alto*”, formada pela Mancha Verde (Palmeiras/SP, atualmente Mancha Alviverde), Galoucura (Atlético/MG), Força Jovem (Vasco da Gama/RJ); [c] “*punho colado*”, agregando a Young-Flu (Fluminense/RJ), Fúria Independente (Paraná/PR) e Fúria Independente (Guarani/SP).



Imagem - Representações de alianças e "amizades" entre grupos organizados no Brasil, com circulação em redes sociais. Fonte: acervo CONATORG. Acesso em 15.Out.15.



**Imagem - Momentos de confraternização e encontro de grupos organizados aliados. Fonte: <<http://organizadasbrasil.com.br>>. Acesso em 15. Nov.15.**

Dentro da espetacularização característica da década de 1990, os maiores grupos organizados mudaram suas performances e estéticas dentro dos estádios - conforme dito anteriormente (3.1.4) -, agregando um grande número de simpatizantes atraídos pelas cores, musicalidade e demonstrações de força e coesão grupal. Cresceram em tamanho e importância no contexto do futebol de espetáculo, passando a ter visibilidade e protagonismo. Ao mesmo tempo esse crescimento numérico não ocorreu de forma equilibrada, possibilitando a inserção de vários torcedores reconhecidos, em termos nativos, como “*infiltrados*” que não atendiam aos princípios do pacto associativo de cada um dos grupos e as orientações dos líderes grupais. Essa “invasão” favoreceu o surgimento de grupos dissidentes no interior das maiores torcidas organizadas/uniformizadas brasileiras, sendo uma consideração importante a ser feita e retomada mais adiante, principalmente quando for discutida a questão da espetacularização da violência e suas repercussões na formação das grandes alianças nacionais. Na visão dos meus interlocutores, portanto, são estes *infiltrados* que

maculariam, com o passar do tempo, a imagem e a relação simpática entre os grupos organizados e os demais torcedores comuns, como atestam as observações abaixo,

A gente trabalha anos e anos para chegar até aqui. Aí, vêm alguns que não querem pagar mensalidade, não querem participar de reunião, não querem nada com a torcida [...]. Querem apenas usar a camisa, tirar onda, bancar uma de valente, e depois a rebordosa fica com agente.

**[Interlocutor, componente da *Torcida Inferno Coral* (Santa Cruz/PE), antes de jogo na cidade de Recife, em 28fev15].**

Quer saber de quem é a culpa, quem é culpado pela violência que falam que somos nós que fazemos, quer saber? [...]. Vá lá na sede da torcida, você vai ver quem tá e quem não tá. Quem não tá é que faz essa bagunça toda! Mas o jornal, a polícia, todo mundo acha que é tudo uma coisa só, é não! Queremos a paz, torcer com alegria, os que perturbam não são da Fanático não!

**[Interlocutor, componente da *Torcida Jovem Fanático* (Náutico/PE), no intervalo de jogo em Recife/PE, em 16jun15].**

Este conjunto de fatores também criou um cenário favorável e apropriado a uma maior aproximação entre dirigentes de clubes e líderes de grupos organizados de torcedores, onde cada um dos lados, visando seus interesses mais imediatos, utilizaram a identificação clubística como argumento preponderante para o estabelecimento dessa interdependência, relações que, diferentemente das primeiras “*amizades*” entre torcidas, podem ser consideradas as primeiras *alianças* promovidas a partir de grupos de torcedores brasileiros<sup>178</sup>.

Na perspectiva dos clubes, os grupos organizados que possuíssem maior número de membros associados representavam possibilidade de apoio a gestão administrativa, e mesmo em momentos de maus resultados nos gramados (desempenho do time), existiria apoio nas arquibancadas e, conseqüentemente maiores arrecadações com a venda de

---

<sup>178</sup> Quando utilizo a expressão “maior aproximação”, o faço por entender que todos os clubes de futebol, através de suas diretorias, esforçam-se em manter boas relações com seus torcedores, sejam integrantes de grupos organizados, sócios do clube, ou “torcedores comuns”. Entretanto, a partir do crescimento numérico desses grupos, os clubes estabeleceram sistematicamente uma maior aproximação com as torcidas organizadas e/ou uniformizadas que conseguiram arregimentar maior número de integrantes, o que pode ser considerada uma escolha utilitarista – aspecto que aprofundarei mais adiante.

ingressos, e possibilidade de votos nas futuras eleições internas do clube. Por outro lado, as lideranças dos grupos organizados esperavam receber das diretorias dos clubes, vantagens e tratamentos diferenciados (em relação a outros grupos de torcedores do clube). Assim, barganhavam a cessão de espaços no interior do clube<sup>179</sup>, auxílio financeiro para viagens e, principalmente, ingressos para jogos.

Os vínculos entre clubes e grupos organizados eram demonstradas publicamente em certas ocasiões importantes da vida dos clubes - como em apresentações de jogadores contratados, entrevistas coletivas, conquistas de títulos, etc. -, momentos onde presidentes e diretores de importantes clubes brasileiros permaneciam acompanhados de líderes de grupos organizados, ou mesmo vestindo camisetas e bonés daqueles grupos. Assim, as primeiras *alianças* entre clubes e grupos organizados foram estabelecidas na esperança de crescimento mútuo e vantagens recíprocas.



**Imagem – Ex-Presidentes dos três principais clubes de Recife (anos 2000), vestindo camisetas e bonés dos maiores grupos organizados dos respectivos clubes. Imagem disponível em <<http://www.jc.online.com.br>>. Acesso em 20.Dez.15.**

Por outro lado, como em todas as relações estabelecidas em nome de interesses e vantagens numéricas - visibilidade e aumento de membros, para as torcidas; poder,

---

<sup>179</sup> Até o ano de 2011 os três principais clubes de Recife (Sport Recife, Santa Cruz e Náutico) cediam salas e espaços no interior dos estádios, muitos abaixo das arquibancadas, que eram utilizados por grupos organizados como locais para reuniões e para a guarda dos materiais utilizados em dias de jogos, como bandeiras, faixas, etc. A prática deixou de existir a partir da interferência do poder público – Ministério Público Estadual – após constatar através de operações policiais que algumas salas eram também utilizadas para esconder armamentos e entorpecentes. Retornarei a este assunto no capítulo terceiro.

arrecadação, e lucros financeiros, para os clubes – essas aproximações revelaram uma relações tensas e ambíguas entre dirigentes de futebol e grupos de torcedores, cujos interesses nem sempre teve os clubes como maiores beneficiados. Os maiores grupos organizados de Recife, por exemplo, chegaram a possuir, entre o final da década de 1990 e meados dos anos 2000, mais associados que os próprios clubes de futebol, principalmente entre os seguidores da faixa etária dos 12 aos 35 anos. A venda de produtos oficiais dos clubes (camisas dos uniformes dos jogadores, bandeiras, insígnias), também passou a enfrentar a concorrência dos produtos comercializados pelos grupos organizados, geralmente vendidos informalmente e por valores mais baixos (em média 20% dos valores cobrados por produtos oficiais)<sup>180</sup>, e nestes aspectos, clubes e torcidas eram aliados e concorrentes, ao mesmo tempo. A ambiguidade e o aspecto **utilitarista** destas relações serão retomados no capítulo 6 da Tese.

Depois de um sobrevoo sobre os modos de como se deram as primeiras “amizades” e alianças estabelecidas por grupos organizados de torcedores, cabe agora uma melhor compreensão sobre o processo que desencadeou e viabilizou a formação das grandes alianças nacionais, principalmente a partir do momento em que o discurso midiático passou a atribuir a maior parte da responsabilidade pela violência no futebol brasileiro as ações dos integrantes destes grupos. Assim, as duas próximas seções serão dedicadas ao detalhamento deste processo, e pelo que penso, serão fundamentais para o entendimento dos argumentos utilizados na discussão proposta. Torna-se imprescindível uma análise sobre o caráter de “espetáculo” dado aos incidentes violentos registrados pelos veículos de comunicação (sobretudo os que se dedicam aos esportes), tratado aqui como “espetacularização da violência”; como também uma interpretação das outras formas de violências existentes no contexto do futebol brasileiro (e seus responsáveis), que por muitas vezes são relegadas a uma condição secundária, em detrimento da estigmatização que recai sobre os grupos organizados de torcedores.

---

<sup>180</sup> No início de 2015, uma camisa oficial de um dos três clubes de Recife custava, em média, R\$ 150,00; enquanto uma camiseta, de qualquer uma das maiores torcidas organizadas locais, algo próximo a R\$ 20,00.

### 5.1.2 Os diversos interesses entre as alianças e o “futebol de espetáculo”

Evento de natureza particular, desde sua popularização e profissionalização (década de 1930), o futebol brasileiro recebeu atenção e subsídios cada vez maiores do poder público. Conforme detalhamento feito no capítulo primeiro, o futebol elevado à categoria de “símbolo da identidade nacional” esteve sempre aos olhos de autoridades públicas, e seus principais acontecimentos receberam requintes de “megaeventos”. Ainda em 10 de abril de 1927, a inauguração do Estádio de São Januário (Rio de Janeiro) mereceu a presença do Presidente da República, Washington Luís, diante de um público estimado em 50 mil pessoas (CALDAS, 1990: p. 88); cena que seria repetida incontáveis vezes, por autoridades diferentes, em momentos oportunos. É neste contexto, destacou Toledo (2000), que os jornais brasileiros começaram a noticiar com mais ênfase os jogos de futebol e os esquemas de segurança nos estádios, em virtude do aumento de tumultos e brigas entre os torcedores (p.61)<sup>181</sup>. Destaca-se ainda, ao longo deste processo, a construção de grandes estádios com recursos públicos (Mineirão/MG, Fonte Nova/BA, Castelão/CE, Maracanã/RJ, Rei Pelé/AL, entre outros), além da constante e cultural presença de agentes públicos (militares e civis) em jogos de futebol por todo o país, ponto que retomarei mais adiante.

De qualquer forma, o que é posto em questão nessa discussão são os interesses produzidos no percurso do futebol brasileiro – *esporte de massas, esporte nacional, espetáculo midiático* -, e a reconfiguração dos papéis entre seus *segmentos de agentes*<sup>182</sup>, quer tenham sido assumidos ou impostos, uma vez que, além da distinção objetiva e precisa de quem pratica e de quem assiste. Segundo Arlei Damo (2012) existe nesse meio uma expressiva rede de “outras especialidades” (grifo meu) em torno das quais se produzem as mobilizações em relação às competências, aos interesses e as reciprocidades (p.39). Dentre essas “outras especialidades” destacam-se empresários de vários ramos relacionados indiretamente ao futebol – companhias aéreas, hotelaria, publicidade, transporte, turismo, saúde, etc. -, que encontraram no futebol de espetáculo uma grande oportunidade de negócio. Nesse entendimento, cabe destacar o papel

---

<sup>181</sup> Por oportuno, o primeiro registro da presença de policiamento em estádios brasileiros remonta ao Estádio do Pacaembu (São Paulo), em 1944, durante uma partida entre Palmeiras e São Paulo (TOLEDO, 2000: p. 61).

<sup>182</sup> No interior da divisão social do trabalho existente no campo do futebol de espetáculo, Damo pontuou os *profissionais, os especialistas, os dirigentes, e os torcedores* (2012: p. 39).

fundamental dos meios de comunicação na transformação do futebol em “espetáculo” midiático, e como veículos de atração de novos investidores e patrocinadores.

O sucesso do futebol, enquanto produto, pode ser percebido através dos números relacionados a Copa do Mundo da FIFA. Das 19 edições anteriores ao campeonato de 2014, no Brasil, apenas 06 tiveram público total inferior a um milhão de pessoas. A Copa de 1950 foi a primeira a superar essa marca (1.337.000 pessoas). Em 1994, nos Estados Unidos, a entidade máxima do futebol mundial registrou a maior média histórica de público presente nos estádios (68.413 pessoas), e o maior público total (3.557.500 pessoas). A partir da Copa da Alemanha (1974) os patrocinadores estamparam suas marcas nos uniformes de todas as seleções, e a competição passou a ter um período mínimo de 25 dias<sup>183</sup>,

A experiência do futebol tornou-se cada vez mais sinônimo de placas de publicidade, patrocínio de camisas, comerciais de televisão, patrocínio de ligas e copas e a comercialização da parafernália do clube. (...) No final da década de 1980, os clubes mais profissionais do Reino Unido objetivavam ganhar mais dinheiro com suas atividades fora do campo do que com a renda da bilheteria paga pelo torcedor médio (GIULIANOTTI, 2010: p. 118).

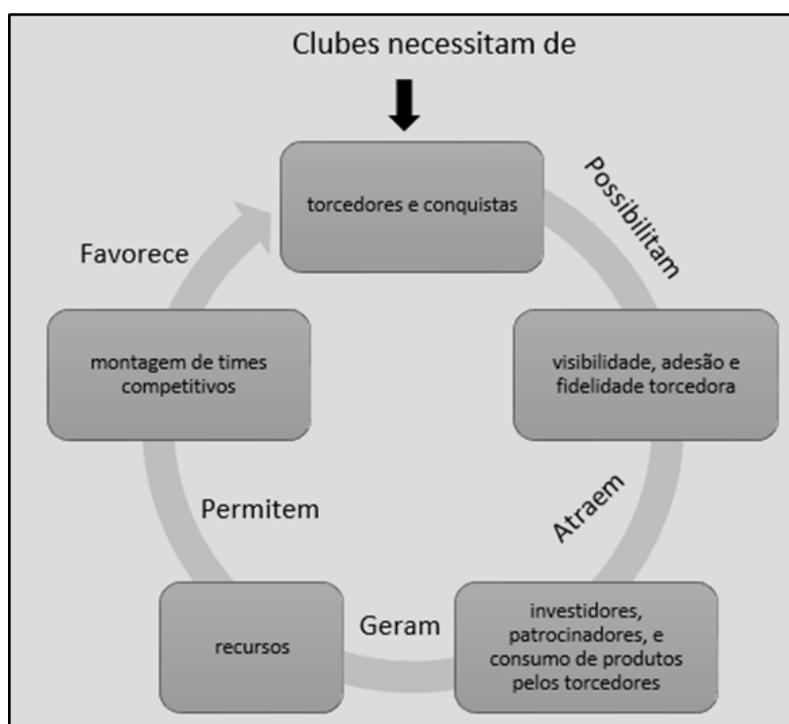
Assim, é necessário considerar que na perspectiva instrumental do futebol espetacularizado existem diversos interesses em questão (entre seus agentes), sendo possível, mesmo que preliminarmente, pontuar alguns que se tornam explícitos a partir de suas práticas e discursos: [1] os clubes (incluídos seus dirigentes); [2] veículos de comunicação; [3] investidores (patrocinadores e demais investidores); [4] organizadores do espetáculo (federações e entidades desportivas); [5] torcedores comuns; [6] grupos organizados de torcedores; [7] representantes públicos. Com as ressalvas necessárias, tomo a liberdade de fazer breves e sucintas considerações sobre esses diversos interesses.

---

<sup>183</sup> De acordo com Paula & Bartelt (2014), somente a Rede Globo, maior canal de TV brasileiro e detentor dos direitos de exibição dos jogos ao lado da TV Bandeirantes, vai faturar em 2014 algo em torno de R\$ 1,438 bilhão com a comercialização de cotas de patrocínio da transmissão da Copa do Mundo FIFA, além de outros 1,113 bilhões em cotas de transmissão dos jogos do campeonato nacional e estaduais (p.21).

Um **clube de futebol**, na interpretação de Damo (2012), é uma instituição político-administrativa e, ao mesmo tempo, uma representação. Em sua dimensão institucional tem como atribuição, dentre outras, a organização do time que representa o clube. Enquanto dimensão simbólica reflete a história e as conquistas<sup>184</sup>. O clube é movido por um fluxo aparentemente contínuo e cíclico, tendo como necessidades principais a manutenção do sentimento do pertencimento clubístico, entre seus torcedores, e conquistas desportivas, que repercutem os principais caminhos para a obtenção de recursos e crescimento. Os dirigentes e órgãos de representação legal do clube (Conselho deliberativo, fiscal, etc.) serão os mediadores deste processo. Assim, através destes dois capitais simbólicos (torcida e conquistas), o clube desenvolve todas as suas atividades de forma que lhe permitam a continuidade do fluxo de crescimento.

**Figura 4 - Fluxo de necessidades dos clubes de futebol**



<sup>184</sup> Para Arlei Damo, neste contexto o clube é o mediador entre uma dada equipe de 11 atletas e um dado torcedor. (...) é tomado como o mediador entre um significante (time, camiseta, bandeira, escudo, etc.) e um significado (amor/ódio, paixão, entrega, fidelidade e pertencimento) [Ibidem: p.71].

Os **veículos de comunicação** necessitam de notícias que lhes rendam visibilidade e repercussão no campo jornalístico esportivo - incluído o midiático<sup>185</sup>. A *espetacularização* é sua face mais perceptível, e no caso específico do futebol, tudo aquilo que puder “dar notícia” será explorado, inclusive a violência. Sobre esse último aspecto destaco as várias considerações feitas em discussões anteriores (*espetacularização da violência* - 4.2). Em compasso com os veículos de comunicação estão os **investidores e patrocinadores** do futebol, oriundos de diversos ramos de negócios que, direta ou indiretamente, são beneficiados pelas necessidades criadas pelo futebol de espetáculo. O retorno que se espera dos investimentos realizados no negócio do futebol (venda de produtos, prestação de serviços, etc.) passa pela visibilidade adquirida junto aos meios de comunicação, que por sua vez, têm como principal fonte de receita os investimentos em propaganda e marketing, provenientes dos contratos.

Os **organizadores e promotores** do espetáculo do futebol – federações estaduais, confederações nacionais ou continentais – são responsáveis pela realização dos jogos, segurança dos eventos relacionados, divulgação e atração de investidores (comercialização), gestão técnica e disciplinar (regras e regulamentos), entre outras atribuições. Uma competição bem organizada e divulgada atrai grandes investidores e patrocinadores, grande visibilidade entre os meios de comunicação, como também boas premiações para os clubes participantes. O **poder público**, como dito no início desta seção, historicamente tem se mantido presente na Questão do Desporto Nacional - através do Ministério e Secretarias dos Esportes (nos três níveis estatais) – seja na regulamentação (Leis e Decretos), no incentivo (repasse financeiros), ou mesmo subsidiando a construção de arenas, estádios, ginásios, complexos esportivos, etc. O futebol, na condição de esporte mais praticado no país, e especificamente em sua *matriz espetacularizada* (DAMO, 2012), supera todas as demais modalidades desportivas, no quesito *utilização de recursos públicos*, com destaque para a questão da segurança (ponto que será enfatizado na seção seguinte).

Entre esses “interesses” pontuados nas linhas antecedentes, os **torcedores**, em geral, estão situados enquanto protagonistas e coadjuvantes, ao mesmo tempo. Estão em

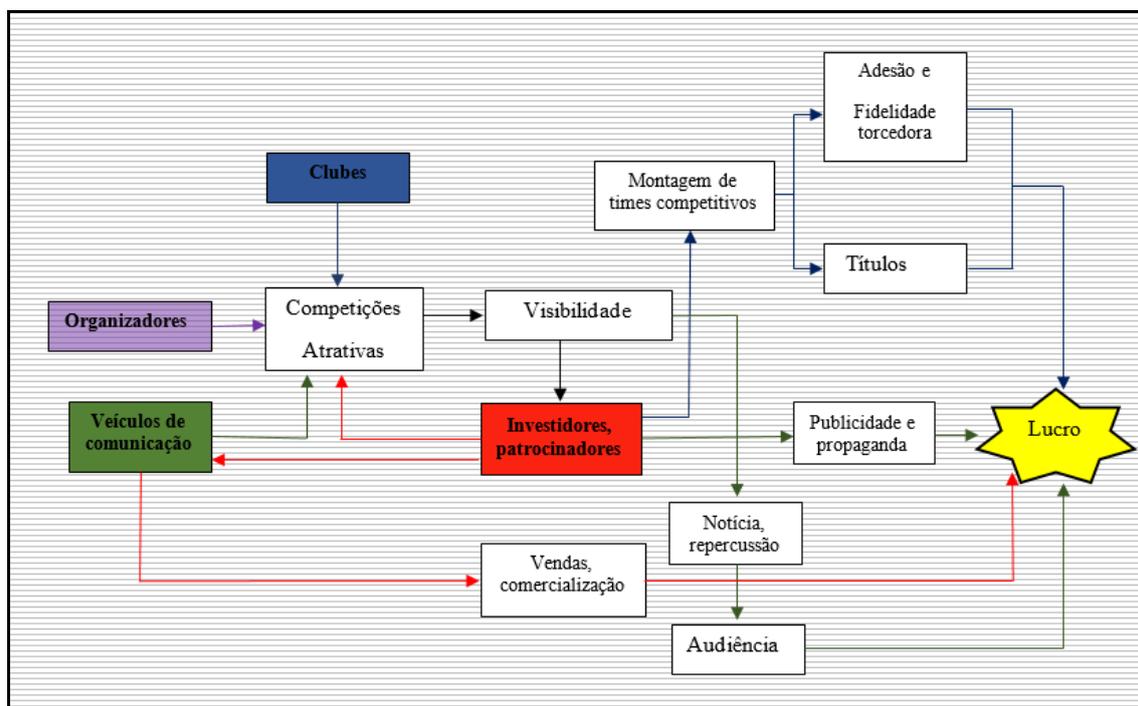
---

<sup>185</sup> Adotarei o termo mídia para fazer referência aos meios de comunicação eletrônicos que se encontram sujeitos as ingerências do campo jornalístico (BOURDIEU, 1996, *apud* RIAL, 2008: p. 23).

evidência, no momento em que são postos enquanto “clientes” e consumidores dos produtos oferecidos pelo negócio do futebol – ingressos para jogos, compra de pacotes televisivos (PPV), camisetas e demais objetos representativos dos clubes, mensalidades de programas tipo “sócio torcedor”, etc. -, mas tornam-se coadjuvantes no que se refere aos benefícios advindos do retorno financeiro proporcionado aos clubes e investidores. Isso fica nítido nas diversas formas de tratamento, muitas vezes inadequadas, dispensadas aos torcedores nos estádios (limpeza, alimentos, falta de conforto, longas filas para compra de ingressos, insegurança das instalações físicas, horários tardios das partidas, etc.). Ao que me parece, a visão que os demais *segmentos de agentes* do futebol de espetáculo tem sobre as necessidades dos torcedores (comuns ou de grupos organizados) são bastante restritas; basicamente restringidas a formação de bons times e a conquistas de competições, como se o “espetáculo do circo” fosse o suficiente, independentemente das condições do “circo” onde o espetáculo é realizado. Aos torcedores, integrantes de grupos organizados, além das mesmas considerações até aqui feitas, sobrepõem-se os estigmas, as acusações e as privações, que vêm sendo analisadas ao longo da tese.

Na **figura 5** – abaixo -, sugiro existir uma perfeita harmonia entre os interesses dos organizadores, investidores, e veículos de comunicação, e ao mesmo tempo, uma sobreposição aos interesses dos clubes, conforme demonstrei na **figura 4** (anterior). Do poder público, entretanto, esperam-se todas as garantias necessárias a realização exitosa dos eventos esportivos, mesmo quando os interesses privados são priorizados, em detrimento do interesse público:

**Figura 5 - Fluxo de necessidades geradas pelo futebol de espetáculo no Brasil**



A partir do esboço sugerido na figura 5, percebe-se que todos os *segmentos de agentes* que compõem o futebol de espetáculo, e que constam no fluxo apresentado, possuem como necessidade comum a realização de **competições atrativas** possíveis de gerar **visibilidade**. Esta visibilidade, desejada por todos, será a “mola propulsora” suficiente para atrair os **investidores**, segmento fundamental na lógica do negócio do futebol. Através destes, todos os passos seguintes apresentados no *fluxo de necessidades* – montagem de times competitivos, comercialização, audiência, adesão e comprometimento do torcedor, etc. – serão desenvolvidos em direção ao objetivo maior dos *segmentos de agentes*: **o lucro**.

Por sinal, destaque, o desejo e a necessidade de *visibilidade* a qual me referi como sendo a “mola propulsora” do processo, também faz parte das aspirações dos outros dois segmentos que não foram incluídos no fluxo apresentado – **torcedores** e **poder público**. Mesmo não tendo o lucro como uma necessidade imperativa de suas atribuições – no contexto de sua participação no futebol de espetáculo -, o reconhecimento social pela prestação de um bom serviço faz parte do discurso utilizado pelos responsáveis pela gestão pública - uma maneira de legitimar uma participação

que, por muitas vezes, parece inverter a ética das prioridades entre os interesses público e privado -, à exemplo do que ocorreu na Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil. Neste sentido, sublinhou Mascarenhas (2009),

Sem dúvida, organizar megaeventos esportivos tornou-se, neste início de século, uma meta explícita de política pública no Brasil. Cumpre refletir sobre esta decisão governamental, seus custos, seus formatos organizativos e seus efeitos na sociedade e no território.

Entre os torcedores, a necessidade de visibilidade precisa ser relativizada a partir da lógica atribuída por seus diversos segmentos. Entre os chamados torcedores comuns (incluídos os sócios), o sentimento de pertencimento clubístico é reforçado a cada conquista, ou performance satisfatória do time, e assim, a *visibilidade* ganha sentido através das maneiras como socializa esse pertencimento, e neste sentido, o clube é o mediador entre uma dada equipe de 11 atletas e um dado torcedor, e o time é tomado como o mediador entre um significante (time, camiseta, bandeira, escudo, etc.) e um significado (amor/ódio, paixão, entrega, fidelidade e pertencimento) [DAMO, 2012: p.71]. Entre os grupos organizados de torcedores, ao contrário, a necessidade de visibilidade assume a mesma dimensão dos outros *segmentos de agentes* do futebol espetacularizado. Os grupos necessitam de visibilidade para atrair mais adeptos, vender produtos, e com isso, crescerem em tamanho e importância política na vida dos clubes. Entretanto, com o processo gradativo de estigmatização e *invisibilidade* dos grupos, as alianças têm sido o recurso estratégico utilizado na tentativa de reconquistar de um protagonismo desfrutado anteriormente.

A visibilidade, no entanto, é ambivalente, segundo Mione Sales (2005), porque é ela produto de relações de poder, logo, atingi-la não significa a ultrapassagem da questão das discriminações, nem necessariamente um maior reconhecimento. Pode-se saltar assim de uma condição de invisibilidade justamente para a de uma *visibilidade perversa* (p. 105). Exatamente o que ocorreu com os grupos organizados de torcedores, que a partir de uma condição de visibilidade e protagonismo (até a metade da década de noventa), passou, paradoxalmente, para uma condição de invisibilidade no contexto do futebol espetacularizado. A relevância da discussão em torno do processo social de visibilidade/invisibilidade, sobretudo da maneira como se processou entre os grupos organizados de torcedores, faz com que esta categoria seja retomada mais adiante

[5.3.5], posicionada ainda como uma questão central para a compreensão dos motivos que tornam as alianças entre os grupos organizados de torcedores do Brasil, uma escolha determinante entre a permanência na invisibilidade ou a reconquista do protagonismo no conjunto da matriz espetacularizada do futebol.

### 5.1.3 O caráter utilitarista da relação entre clubes e grupos organizados

O histórico das relações entre clubes de futebol e grupos organizados de torcedores, no Brasil, foi sempre marcado pela ambiguidade e por um caráter utilitário. Argumentei anteriormente (seção 4.1) que os grupos organizados vivenciavam uma atmosfera de protagonismo e visibilidade no contexto do espetáculo futebolístico, até a segunda metade da década de 1990, uma verdadeira euforia possibilitada pelo crescimento numérico, simpatia da opinião pública (por serem os responsáveis pela alegria e irreverência das arquibancadas), além de instrumentos de divulgação e atrativo para estádios lotados,

Todos queriam ficar perto das “torcidas organizadas”, era uma certeza de passar na televisão e nos “melhores momentos” do jogo, aparecer no “show do intervalo. [Ex-integrante da torcida Inferno Coral (Santa Cruz/PE), membro até 2001, segundo ele, afastou-se devido à “invasão de galeras” nos grupos].

Desejosos por maiores arrecadações (com a venda de ingressos) e apoio nas eleições internas (votos), os clubes negociaram por muito tempo a cessão de ingressos e ajudas financeiras para os grupos que mais se destacavam nas arquibancadas, enquanto os grupos organizados disputavam, entre si, a simpatia e o direito de receber maiores assistências dos clubes – o que motivou várias rivalidades entre grupos organizados de um mesmo clube, em vigor ainda hoje. Alguns grupos organizados tornaram-se tão influentes nas decisões administrativas de grandes clubes brasileiros que chegaram a opinar na contratação de jogadores, demissão de treinadores, ou mesmo renúncia de dirigentes, caso da *Gaviões da Fiel* (Corinthians/SP), *Mancha Verde* (atual Mancha alviverde, Palmeiras/SP) e *Independente* (São Paulo/SP). A *Gaviões da Fiel*, considerada a maior e mais bem estruturada do Brasil, alcançou um nível de representatividade que possibilitou, recentemente, uma parceria com uma importante rede internacional de administração de crédito (“cartão de crédito”), oferecendo várias

vantagens aos sócios e torcedores comuns que optem pela parceria. Dentre os grupos de Pernambuco, o sucesso obtido pela torcida *Jovem do Sport*, na segunda metade da década de 1990 e primeiros anos da década de 2000, levou o clube a lançar um uniforme oficial com as mesmas cores da camisa do grupo organizado, uma vez que a cor amarela (não faz parte das cores tradicionais do clube) passou a ser utilizada com frequência por torcedores de todos os segmentos, como reflexo do sucesso que o grupo alcançou naquele período<sup>186</sup>.



**Imagem - Divulgação do cartão de crédito alusivo a *Gaviões da Fiel* (esq.); semelhança entre a camisa lançada pelo Sport Recife (destaque) com as camisas da *Torcida Jovem*. Fonte: CONATORG (esq.); foto do autor (dir.). Acesso em 22.Dez.15.**

A etnografia procedida entre os grupos organizados, sobretudo os de Pernambuco, revelou que existe uma objetiva escolha, por parte dos dirigentes de clubes, sobre quais grupos serão beneficiados com o fornecimento de ingressos para jogos, liberação de espaços físicos nas dependências dos clubes, ou mesmo participação em reuniões decisórias. Até 2012, de um total aproximado a 12 (doze) grupos organizados, vinculados ao Sport Recife, por exemplo, apenas 03 (três) – na época os que possuíam mais integrantes-, podiam utilizar salas localizadas sob as arquibancadas

---

<sup>186</sup> De acordo com um dos fundadores da Torcida Jovem do Sport (que deixou o grupo), no final de 1996 o grupo chegou a assinar um contrato de fornecimento de camisetas com a empresa FINTA, que fabrica ainda hoje vários uniformes para clubes profissionais do Brasil, demonstrando a capacidade de vendas que o grupo alcançou naquela década.

do estádios do clube, para guardar materiais e/ou fazê-las de sedes das torcidas<sup>187</sup>, enquanto nos clubes Náutico, Santa Cruz, e Central (Caruaru); a “*Fanático*”, “*Inferno Coral*”, e “*Comando Alvinegro*”, respectivamente, sempre estiveram mais próximos das diretorias e gozaram de maiores benefícios que os demais grupos dos clubes. Nestes casos, percebe-se as relações exemplificadas são acima de tudo uma troca, e a noção de racionalidade é vinculada, então, à ideia de consumidor da teoria econômica, sendo referida geralmente à conduta que busca a riqueza, o prestígio e o poder (BOUDON, 2003b, p. 70).

Essas relações, portanto, atenderam a lógica do *individualismo metodológico* (CAILLÉ, 2002)<sup>188</sup>, onde o vínculo esteve subordinado aos interesses utilitários, ao cálculo, ao “dar” como prioridade. No momento em que os grupos organizados de torcedores passaram a representar obstáculos aos interesses do futebol de espetáculo – em virtude dos episódios violentos e do discurso produzido pelos promotores do futebol e espetacularização midiática –, os clubes passaram a adotar uma posição ambígua: publicamente alinharam-se ao discurso que pregava a moralização do futebol brasileiro e banimento dos responsáveis pela violência nos estádios, ao mesmo tempo em que mantiveram-se próximos dos principais grupos organizados, numa política de bastidores, sem que essa proximidade ganhasse visibilidade. Criou-se um cenário no futebol brasileiro, por volta dos primeiros anos da década de 2000, onde o clube que declarasse apoio explícito a qualquer grupo organizado passou a sofrer represálias de patrocinadores, veículos de comunicação e do público em geral, acusado de incentivar grupos “marginais” e promotores de violência.

Entretanto, essas relações/negociações, não deixaram de existir nos bastidores do campo futebolístico, contudo, tornaram-se menos explícitas e passaram a compor uma nova forma de negociação entre clubes e grupos organizados. Alguns clubes tiveram que aceitar lideranças de grupos organizados como parte dos seus quadros de dirigentes, ou mesmo dos conselhos deliberativos, como forma de garantir a proximidade com as

---

<sup>187</sup> Eram beneficiadas com esses espaços, as torcidas *Jovem do Sport*, *Bafo do Leão*, e *Gang da Ilha*.

<sup>188</sup> Para Allain Caillé (2002), o *individualismo metodológico* pressupõe que todas as ações, regras ou instituições derivam dos cálculos, mais ou menos conscientes e racionais, efetuados pelos indivíduos, considerados como a única realidade.



### Quadro 8 - Destaque do jornal Folha de Pernambuco (PE)

#### Destaque 02

#### “Onde terminam os vínculos entre torcidas e diretoria?”

#### Por trás das aparências, relações são sempre mais estreitas

Muitas vezes, a relação que envolve clubes e torcidas organizadas é marcada por cessão de ingressos e ajuda financeira para viagens em jogos do time. No caso do Santa Cruz, ela passa disto, embora o presidente Antônio Luiz Neto negue qualquer tipo e regalia, inclusive as citadas acima. Dois presidentes de torcidas organizadas têm cadeiras no atual Conselho do clube (...).

Além dos exemplos apresentados nos destaques anteriores, um dos episódios recentes registrados no futebol brasileiro que, em meu entendimento, mais representam o caráter utilitário das relações entre clubes de futebol e grupos organizados de torcedores, faz referência ao Paraná Clube/PR e o grupo organizado “*Fúria Independente*”. Em 14 de setembro de 2012, segundo publicou um periódico do Estado do Paraná, após o pedido de demissão do técnico Ricardinho, no empate por 1 a 1 com o Barueri/SP, membros do grupo organizado tentaram invadir o vestiário do estádio, para agredir jogadores e comissão técnica, sendo contidos pela Polícia Militar. Esse não seria o primeiro incidente envolvendo integrantes do grupo organizado e clube. Segundo o mesmo periódico, as relações entre as partes eram tensas desde 11 de agosto de 2006, quando o então presidente do clube teria prestado queixa na Polícia contra um diretor do grupo organizado, por ameaça de morte<sup>190</sup>. O fato mais relevante, para a discussão proposta, ocorreu em agosto de 2013. O grupo organizado pagou 75 mil Reais ao clube para ser o patrocinador principal das camisas do time profissional durante três partidas do Campeonato Brasileiro da Série B, daquele ano. O fato que teve repercussão em todo o país, através dos veículos de comunicação, foi confirmado em nota oficial publicada no site oficial do clube, conforme transcrição,

---

<sup>190</sup> Informações obtidas em pesquisa realizada no endereço <<http://www.gazetadopovo.com.br>>. Acesso em 15.fev.15.

### Quadro 9 – Destaque de Nota Oficial do Paraná Clube

#### Transcrição - Nota oficial do Paraná Clube

Entendemos o momento como muito propício para esta quebra de paradigmas, pois esta parceria sintetiza a **união ora fortalecida entre torcida, diretoria, sócios, conselheiros, funcionários, comissão técnica e atletas**, num esforço ímpar para o fortalecimento do Paraná Clube. Assim seguimos com força na busca pelo acesso à primeira divisão, conquistando nosso espaço no futebol brasileiro.

[Nota publicada no site oficial do clube, e reproduzida pelo portal [globoesporte.globo.com](http://globoesporte.globo.com) (dia 22/08/13). Os destaques são meus].



Imagem - "patrocínio" da Torcida Fúria Independente (TFI), destacada no uniforme do Paraná Clube/PR. Fonte: Portal globo.com. Acesso em 18.Out.15.

Diferentemente da Europa, onde os clubes são organizações de propriedade privada (pequeno número de acionistas controla e administra), no Brasil, assim como na maioria dos países da América Latina e Península Ibérica, os clubes são considerados associações esportivas e os sócios (mediante pagamento de mensalidades) são os verdadeiros “donos” dos clubes, elegendo as diretorias e os presidentes. No Brasil, especificamente, diante dos interesses do “negócio do futebol”, gradativamente os “donos” (torcedores) foram transformados em consumidores e seu papel reajustado as exigências do espetáculo. Desta maneira, conforme discussão procedida alhures [4.2], os grupos organizados de torcedores foram aliçados dentre os segmentos desejados pelos futebol de espetáculo, passando a desenvolver estratégias próprias de sobrevivência e/ou sujeitando-se a uma relação ambígua com os clubes, conforme discutido na seção anterior.

Em várias situações, por oportunismo, dirigentes utilizam seus “feitos clubísticos” para arvorarem-se a cargos de representação política convencionais (vereadores, deputados, etc.), e nestes casos, o apoio de alguns dos principais grupos organizados brasileiros tem se tornado comum e decisivo. Ao mesmo tempo, vários integrantes de grupos organizados têm buscado caminho semelhante, e caso eleitos, tornam-se relevantes na política e vida administrativa dos clubes, o que traz à tona o caráter utilitário e ambíguo dessa relação. Em 2008, por exemplo, o presidente do grupo “*Os fanáticos*”, do Atlético/PR foi eleito vereador em Curitiba, com mais de 4 mil votos, quase todos associados ao grupo organizado.



**Imagem - Grupos organizados em apoio a políticos. Imagens disponíveis nas redes sociais dos grupos organizados.**

Com efeito, se por um lado, no vínculo estabelecido entre grupos organizados de torcedores, nenhum dos “irmãos” se encontra, de modo algum, na posição do sujeito central das relações; por outro, as relações estabelecidas entre clubes e grupos organizados estão mais próximas daquilo que Godbout (1999) tratou por “perversões da dádiva”, ou seja, usos da dádiva para obter alguma vantagem, poder, dominação, etc., e desta maneira, os vínculos são sacrificados aos bens ou, mais precisamente, os vínculos afetivos são subordinados aos vínculos utilitários, as relações úteis para o futuro (p.41). Através do interesse utilitarista, dizem os *maussianos*,

Funda-se uma empresa comercial, mas não o vínculo social. E, no sentido contrário, pelo desinteresse espontâneo se fazem amigos, casamentos, etc., mas não a economia de mercado ou o Estado (MARTINS, 2002: p.12).

## **5.2 AS GRANDES ALIANÇAS NACIONAIS E A FORMAÇÃO DA QUARTA GERAÇÃO**

### **5.2.1 A expansão e reconfiguração dos grupos organizados a partir das alianças**

Enquanto a conjuntura de instalação do futebol de espetáculo no Brasil (primeira metade da década de 1990) lhes atribuiu um papel de relevância – representantes e símbolos da festa e da alegria nas arquibancadas -, os grupos organizados de torcedores experimentaram um relativo protagonismo que lhes rendeu visibilidade e, conseqüentemente, crescimento numérico e importância na vida política dos clubes. Por outro lado, mesmo com o propósito de modernização e inserção do futebol brasileiro no circuito dos grandes negócios esportivos globais, a gestão do esporte mais popularizado do país continuava no sentido contrário; consequência de um modelo que favorecia aos desmandos, com exemplos corriqueiros de “viradas de mesa”, campeonatos decididos nos tribunais, evasão de renda e público, estádios precários, regulamentos esdrúxulos; dentre outras permissividades que favorecem a desorganização e prejudicam a credibilidade da gestão<sup>191</sup>.

É neste contexto que os estádios de futebol, assim como vários outros espaços (públicos e privados) das grandes cidades brasileiras, tornaram-se o cenário perfeito para que as impunidades, injustiças e desigualdades sociais fossem reproduzidas e denunciadas através de práticas violentas e com ampla repercussão midiática – espetacularização da violência -, também interpretado como mais uma, dentre várias expressões da “máquina e a revolta” (ZALUAR, 2000), processo analisado anteriormente.

Promessas e ações incipientes foram realizadas na busca pela reorganização e moralização do futebol nacional, com destaque para a identificação e responsabilização dos culpados pela violência no futebol brasileiro. É neste contexto que os grupos organizados de torcedores passaram a ser identificados como os principais agentes nocivos ao futebol de espetáculo e, como consequência, viram-se obrigados a

---

<sup>191</sup> O termo “virada de mesa” tornou-se comum ao futebol brasileiro ao fazer referência a vários episódios de mudanças de resultados de jogos, ou mesmo de classificações de competições, por meio de decisões que objetivaram os interesses dos maiores clubes do país – em muitos casos com a interferência de políticos e grandes patrocinadores -, sem que as regras e regulamentos definidos antes das disputas fossem levados em consideração.

renegociar seu papel nesse campo de interesses. As “*amizades*”, anteriormente convenientes para alguns grupos tornaram-se necessárias, intensificadas e ampliadas, através de grandes relações de alianças com grupos de cidades distintas, incluindo a extensão daquelas que foram citadas no início deste capítulo, sendo essa, portanto, a principal característica dos grupos surgidos entre o final da década de 1990 e início dos anos 2000, interpretados nesta tese como a *quarta geração* dos grupos organizados de torcedores do Brasil.

Neste sentido, os critérios utilizados para a definição sobre quem seriam “*amigos*” e “*irmãos*” também foram repensados. Não se tratava mais de conveniência (como nas primeiras amizades), contudo, estabelecer vínculos sociais capazes de proporcionar, na base das trocas – reciprocidade –, todos os recursos e apoios necessários a manutenção e crescimento dos grupos. Essas relações tornaram-se vitais, sobretudo a partir da ruptura definitiva com os clubes aos quais estavam vinculados anteriormente – o que de fato viria a ocorrer com os maiores e principais grupos organizados do país<sup>192</sup>.

Assim, independentemente das similaridades dos sinais diacríticos e de identificação (cores dos uniformes, mascotes comuns, origem étnica, etc.) existentes entre os clubes que estabeleceram as primeiras relações de amizades e alianças, ainda durante a década de 1990, destacadas anteriormente [4.1]; a partir dos anos 2000 os grupos que foram convidados e passaram a fazer parte daquelas alianças – tratados pelos meus informantes como “*agregados*” –, tiveram como “referenciais” favoráveis ao vínculo, entre outros: [1] **número de membros associados**, [2] **capacidade de venda de produtos** (nos estádios, nas sedes dos grupos, e/ou em lojas virtuais), [3] **capacidade de apoio aos “irmãos” ou “amigos”**, [4] **capacidade de mobilização em dias de jogos**. Em termos nativos esses “referenciais” rendiam-lhes, no campo simbólico dos grupos, algumas adjetivações que denotavam prestígio e admiração, como: “*grandes*”, “*importantes*”, e “*de moral*”<sup>193</sup>.

---

<sup>192</sup> Ratifico que as teorias da Reciprocidade serão a base da discussão, onde desenvolvo com mais especificidades as relações de alianças como imprescindíveis a existência dos grupos organizados, no atual cenário do futebol brasileiro.

<sup>193</sup> O que tratei por “referenciais” corresponde ao esforço de organização dos termos mais utilizados por interlocutores ligados aos grupos *Inferno Coral*, *Fanáutico* e *Torcida Jovem do Sport* (um de cada grupo),

Desta maneira, ao lado da aliança “**punho cruzado**”, formada inicialmente pelos grupos *Independente* (São Paulo/SP), *Jovem do Flamengo* (Flamengo/RJ), *Jovem do Sport* (Sport Recife/PE) e *Camisa 12* (Inter/RS), foram agregados, a *Máfia Azul* (Cruzeiro/MG) e a *Dragões Atleticanos* (Atlético/GO). Na aliança denominada “**União dedo pro alto**”, foram agregados, as torcidas *Jovem do Grêmio* (Grêmio/RS), *Inferno Coral* (Santa Cruz/PE), *Bamor* (Bahia/BA), *Império Alviverde* (Coritiba/PR), *Mancha azul* (Avaí/SC) e *Terror Bicolor* (Paysandu/PA). Também foi criada a aliança “**União punho cerrado**”, entre os grupos organizados, *Raça rubro-negra* (Flamengo/RJ) e *Os imbatíveis* (Vitória/BA).

É destacável o caráter estratégico/utilitarista destas escolhas, considerando a expansão nacional que os novos “agregados” trouxeram aquelas primeiras alianças, fato que também poderá ser constatado a partir das várias amizades que foram estabelecidas entre grupos que integram alianças distintas. Percebe-se uma nítida tentativa de estabelecer vínculos em cidades diferentes em todas as regiões do país, principalmente por parte dos grupos vinculados a clubes que participam regularmente das principais competições nacionais, ao longo do ano. Por outro lado, grupos organizados de torcedores cujos clubes estão restritos, preponderantemente, as disputas de competições regionais buscaram aproximações com grupos geograficamente mais próximos<sup>194</sup>, o que fica bastante perceptível através das duas grandes alianças criadas entre clubes do Nordeste, conforme quadro abaixo:

---

quando tentaram responder ao meu questionamento: *O que é necessário para que um grupo passe a fazer parte da aliança, ou se torne um amigo?* [As interlocuções foram realizadas em momentos distintos do trabalho de campo].

<sup>194</sup> Devido ao modelo de organização implantado no calendário anual do futebol brasileiro, a maior parte das equipes das regiões Nordeste, Norte e Centro-Oeste, ficaram restritas a participação nos campeonatos estaduais e regionais (no primeiro semestre), e algumas (em média, duas por estado), mediante a classificação no estadual, conseguem disputar as divisões inferiores do campeonato brasileiro (séries C e D), e a Copa do Brasil (no segundo semestre). Assim, existem muitos clubes que disputam ao longo do ano apenas uma competição (em média com 3 meses de duração) ficando paralisados durante a maior parte do tempo. As duas grandes alianças criadas entre clubes do Nordeste são bastante sintomáticas desta realidade excludente do futebol brasileiro.

**Quadro 10 – Alianças entre clubes nordestinos**

<b>ESTADO</b>	<b>UNIÃO LADO A</b>	<b>UNIÃO LADO B</b>
<b>ALAGOAS</b>	“ <i>Torcida Mancha Azul</i> ” (CSA).	“Comando Vermelho” (CRB).
<b>BAHIA</b>	“ <i>Bamor</i> ” (Bahia).	
<b>CEARÁ</b>	“ <i>Leões da TUF</i> ”; “ <i>Jovem Garra Tricolor</i> ” (ligados ao Fortaleza); “ <i>Força Jovem do Guarany</i> ” (Guarany de Sobral).	“ <i>Cearamor</i> ”; “ <i>Movimento Organizado Força Independente</i> ” (ligados ao Ceará).
<b>MARANHÃO</b>	“ <i>Torcida Motofolia</i> ” (Moto Clube).	“ <i>Tubarões da Fiel</i> ” (Sampaio Corrêa).
<b>PARAÍBA</b>	“ <i>Torcida Jovem do Galo</i> ” (Treze).	
<b>PERNAMBUCO</b>	“ <i>Inferno Coral</i> ” (Santa Cruz).	“ <i>Jovem Fanático</i> ” (Náutico).
<b>RIO GRANDE DO NORTE</b>	“ <i>Torcida Máfia Vermelha</i> ” (América); “ <i>Fúria Jovem do Baraúnas</i> ” (Baraúnas).	“ <i>Torcida Garra Alvinegra</i> ” (ABC).
<b>SERGIPE</b>	“ <i>Trovão Azul</i> ” (Confiança).	

Percebe-se claramente, através das “*Uniões do Nordeste*”, que a lógica da rivalidade entre os *grupos organizados* não segue a lógica clubística, sendo possível identificar clubes rivais (em seus estados) com grupos aliados. Ao mesmo tempo, existem vários grupos organizados que são vinculados a um mesmo clube, entretanto, por fazerem parte de alianças ou amizades contrárias, tornam-lhes rivais - caso exemplificado nas rivalidades entre “*Jovem do Sport*” e “*Gang da Ilha*” (Sport Recife), e “*Raça Rubro-Negra*” e “*Jovem Fla*” (Flamengo/RJ).



Imagem - Representações das "União do Nordeste". Fonte: <<http://www.organizadasbrasil.com.br>>. Acesso em 20.Nov.15.

Em grande medida, as novas alianças e amizades foram favorecidas pelo surgimento e propagação das **redes sociais** de relacionamento, que, por sua vez, enquanto lugar de cooperação, supostamente eliminariam fronteiras sociais - como as de raça, gênero e etnicidade-, promovendo a justiça, a equidade econômica, e a democratização dos diversos estilos de comportamento e expressões, ao mesmo tempo (por outro lado) podem favorecer a violência e discriminação de todo tipo (HOFFNAGEL, 2010: p.140)<sup>195</sup>. As redes sociais também foram fundamentais no reforço dos vínculos entre os grupos, e também um espaço importante para a divulgação das principais relações de sociabilidades praticadas por eles (festas, viagens, campanhas assistenciais, organização de caravanas, exposição de “*troféus de guerra*” e

---

<sup>195</sup> E neste caso, repercussões associadas a tensões e violências, próprias da **sociabilidade de conflito**, que aparecem com mais intensidade como uma alternativa ao isolamento, a inexistência de comunicação (SIMMEL, 2010: p.52). Entre as principais redes sociais criadas e utilizadas pelos grupos organizados de torcedores na Internet estão: o *Face book*, basicamente utilizado para postagem de fotos e vídeos, muito acessado por torcedores organizados e uniformizados, principalmente na exposição de confrontos e demonstrações de poder dos grupos; e o *Whatsapp*, possibilitando trocas de imagens e informações rapidamente entre os participantes da rede. O *Orkut*, não mais praticado pelos atuais grupos, seria uma rede de relacionamentos onde os usuários criavam comunidades de interesses comuns, por muito tempo utilizado pelos grupos da terceira geração, sobretudo na segunda metade da década de 1990.

“invasões”<sup>196</sup>), sobretudo após todas as repercussões associadas ao processo de espetacularização da violência, exposto neste capítulo,

(...) esse sistema permite a interação em tempo real entre os indivíduos participantes da rede mundial e lhes dá autonomia de busca de conhecimento, informação e imagens, conforme seus interesses. Rompe assim com a rígida estrutura comunicacional de *um para muitos*, típica das mídias de massa (rádio, jornal e televisão), e permite o contato de *um para um* e de *muitos para muitos*, segundo o formato de uma rede em que todos os pontos se equivalem e não há um comando central. (SALES, 2007:p.103).

Conforme destaquei [3.2.2], uma das consequências do futebol de espetáculo foi sua transformação em produto globalizado, onde o aumento de visibilidade e exploração midiática correspondem às suas facetas mais perceptíveis. Independentemente da expressão nacional e do número de seguidores de um clube, possuir uma torcida organizada/uniformizada passou a ser interpretado como sinal de inserção no circuito do futebol mediatizado - uma espécie de senha de entrada do torcedor a este circuito -, que no entendimento de Arlei Damo (2005) foi tratado por “capital futebolístico”, uma modalidade de capital que combinada aos capitais convencionais (simbólico e social, principalmente) é requerida para a inserção legítima no campo do profissionalismo (p.105).

Esse aumento considerável do número de grupos organizados de torcedores, vinculados a clubes que [atualmente] gozam de uma menor expressão futebolística nacional<sup>197</sup> - consideradas as modificações impostas pela gestão do futebol brasileiro, em resposta e ajustes às demandas dos interesses do capital -, não pode ser interpretado sem que se considere o fenômeno da “elitização” do futebol brasileiro, que dentre as suas consequências principais proporcionou o aumento das disparidades financeira e técnica entre os clubes “intermediários” e “pequenos”, em relação aos chamados “clubes grandes”. Através desta interpretação, defendo existir um grupo organizado de

---

<sup>196</sup> Em termos nativos, “invasão” representa a grande presença de membros de um grupo no estádio adversário, em um determinado jogo, ou mesmo a ocupação de locais reconhecidos simbolicamente como *território* do oponente, como sedes de torcidas, praças, ruas, etc. (SOUZA, 2012: p.118).

<sup>197</sup> Na pesquisa que realizei e detalhei no item 3.2.2, esclareci que dentre os 354 grupos organizados de torcedores, vinculados a clubes de menor expressão midiática, em atividade no Brasil, **254** (duzentos e cinquenta e quatro) foram criados entre 2000 e 2015.

torcedores pode ser considerada uma tentativa de superação da invisibilidade produzida pelo processo de “elitização” do futebol brasileiro, intensificado pela mídia esportiva e pelos investidores do negócio futebolístico; como também, em alguns aspectos, uma das poucas possibilidades de possuir semelhanças com os principais e maiores grupos organizados de torcedores do país, conforme reproduzido na fala de um interlocutor,

Meu time tá na D (série), mas não abrimos pra ninguém da A (série), eles é que correm” **[Relato de um integrante da torcida organizada do Botafogo/PB, em jogo realizado em Recife, contra o Sport Recife, pela Copa do Nordeste de 2014].**

É desta maneira que, através das novas amizades e alianças, possibilitadas pelo crescimento e expansão do número de grupos organizados em cidades de todos os estados do país (principalmente no início dos anos 2000), foram percebidas identificações e semelhanças cada vez maiores com as práticas performáticas e estéticas dos maiores grupos brasileiros, o que vinha ocorrendo em ritmo moderado desde a configuração da terceira geração (1990 – 2000). Essas aproximações abriram espaços ao surgimento de um “*estilo dos aliados*”, com repercussões diretas na organização interna e nos modos (performances e práticas) de torcer nos estádios brasileiros, entre os grupos situados na quarta geração, conforme desenvolvimento seguinte.

### **5.2.2 O “estilo” dos aliados: mudanças na organização dos grupos e na forma de torcer nos estádios brasileiros**

Anteriormente [vide 3.1.4], destaquei que os grupos que surgiram, ou mesmo que se mantiveram atuantes durante a chamada terceira geração (1990-2000) organizaram-se em busca de **visibilidade** e **projeção** nacional. Para tanto, as performances e estéticas (dentro dos estádios) foram desenvolvidas em conformidade com o espaço mediático que conquistaram. Bandeiras cada vez maiores, cânticos ininterruptos, novas musicalidades nas arquibancadas (Funk e Maracatu), e comportamentos semelhantes as principais torcidas sul-americanas (incluindo demonstrações de agressividade), estão entre as “inovações” introduzidas pelos grupos

organizados daquele período, em sintonia com o “espetáculo” das arquibancadas<sup>198</sup>. Esse “estilo” peculiar aos grandes grupos organizados do Brasil (vinculados aos clubes que disputavam as principais competições do país) foi sendo assimilado gradativamente por grupos de todas as cidades e regiões brasileiras, através de contatos mantidos em dias de jogos, pelo estabelecimento dos vínculos criados com as primeiras amizades e alianças.

Entretanto, é a partir da ampliação das relações entre os grupos aliados, e seus novos agregados – também mediados pela utilização sistemática das redes sociais -, que esse “estilo” passou a compor o estereótipo do integrante de um grupo organizado, independentemente da dimensão e projeção nacional do clube ou do grupo. Assim, como exemplo bastante significativo desse “estilo” comum aos “*bondes*” de torcedores, destaco as vestimentas utilizadas por maioria das torcidas das regiões Sudeste e Sul (apropriadas ao clima frio), e que devido a intensificação dos contatos possibilitados pelas alianças, passaram a fazer parte do vestuário comum aos grupos de outras regiões do país, mesmo que inapropriadas ao clima de algumas regiões (principalmente do Norte e Nordeste).

No que concerne à organização interna dos grupos da quarta geração, as principais modificações notadas têm relação com o modo de arrecadação, o sistema de controle dos associados (numérico e comportamental), e o crescimento numérico do número de mulheres. A busca pela *espetacularização* encontra na “diversidade” uma aliada forte, uma possibilidade real de romper com o padrão estético e culturalmente dominado pelos homens<sup>199</sup>. Como em todos os ramos sociais, também nos esportes a mulher teve de conquistar sua participação e ganhar seu reconhecimento (Reis, 1998:

---

<sup>198</sup> Se é verdade que as *performances* desenvolvidas pelos grupos organizados de torcedores da **terceira geração** são resultado direto do aumento gradativo de contatos culturais entre os torcedores de regiões distintas do Brasil (em decorrência das competições nacionais), deve-se afirmar igualmente que os clubes dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, principalmente, foram diretamente influenciados pelos torcedores de outros países da América do Sul (“barra bravas”), consequência de suas participações regulares na Taça Libertadores das Américas. A Copa do Brasil, neste sentido, e conforme já destaquei, representa a maior oportunidade para as trocas culturais entre torcedores de regiões distintas, já que reúne clubes representantes das 27 Unidades da Federação.

<sup>199</sup> Naquele trabalho também destaquei que após o início das competições de futebol feminino de clubes e seleções, promovidas pela CBF e FIFA, respectivamente, desde a década de 1990, percebe-se uma maior participação de mulheres em atividades próprias do campo do futebol, tradicionalmente ocupado por homens.

54). É desta maneira que se identifica, no interior de vários grupos organizados a presença da mulher com papéis cada vez mais relevantes – incluindo a liderança de subgrupos exclusivamente formados pelo público feminino. Entre os três principais grupos da cidade de Recife percebi vários subgrupos formados exclusivamente por mulheres, fato que também identifiquei durante os contatos que mantive com os dois principais grupos de Maceió/AL, e com um importante grupo de Florianópolis/SC.

A perda gradativa da simpatia por parte dos torcedores comuns e o estremecimento das relações com as diretorias dos clubes – pelos motivos discutidos -, repercutiram diretamente nas principais fontes de recursos dos grupos organizados, até então. Enquanto a ambiguidade nas relações com os clubes (interessados em dar respostas públicas de combate à violência nos estádios, e neste caso, em forma de retaliações aos grupos organizados) reduziu, ou mesmo encerrou, o fornecimento de ingressos e de ajudas para deslocamentos durante jogos fora da cidade sede; ao mesmo tempo, a imagem estigmatizada produzida através da vinculação de parcelas expressivas de integrantes dos grupos com incidentes violentos nos estádios (potencializada pelo discurso midiático em torno da espetacularização da violência), trouxe como consequência a diminuição das vendas de camisetas, bonés, agasalhos (dentre outros produtos), que ao lado do pagamento de mensalidades dos associados representaram sempre as maiores fontes de arrecadação dos grupos.

As alianças tornaram-se fundamentais também como possibilidade de minimizar os impactos causados pelos prejuízos financeiros, uma vez que a ampliação dos vínculos entre grupos de cidades distintas criou novas alternativas de arrecadação e cooperação. Passaram a vender mais produtos nas lojas de grupos “irmãos” ou “amigos”, ou mesmo através das lojas virtuais, criadas e mantidas pelos grupos com maior capacidade de organização interna, possibilitando uma extensa rede de consumo dos produtos característicos do “estilo” dos grupos organizados. Através das redes sociais foram intensificadas as organizações de festas e “caravanas” que também se constituíram em novas fontes de arrecadação (maiores detalhes no capítulo seguinte). Também é importante destacar – retomando a importância assumida pelas mulheres -, que os maiores e mais bem organizados grupos de torcedores vêm investindo cada vez mais na produção e venda de artigos direcionados as mulheres; como camisas, vestidos, diademas, biquínis, entre outros produtos.



Imagem - [1] Venda de produtos específicos para grupos de mulheres - loja da "Máfia Zul", Maceió/AL; [2] Divulgação de produtos em loja virtual da "torcida jovem do Sport"; [3] Divulgação de caravana pela torcida "Fanático", em redes sociais. Fontes: [1] foto do autor; [2 e 3] redes sociais dos grupos.

No que se refere as mudanças de comportamento nos estádios, durante a realização da pesquisa de campo percebi que várias práticas gestuais, ou mesmo performáticas, próprias dos integrantes de grupos organizados, foram assimiladas por torcedores que frequentam outros setores dos estádios pernambucanos (torcedores comuns), incluindo muitos dos códigos de identificação internos aos grupos – como exemplo, os gestos de saudação -, que passaram a ser utilizados por outros torcedores como se fossem representativos dos próprios clubes. Entretanto, também é percebido que existe uma nítida tendência de afastamento dessas formas de linguagem gestual, principalmente após uma série de vetos impostos pelo poder público contra a presença dos grupos organizados de torcedores nos estádios de Recife/PE<sup>200</sup>. Entretanto, nota-se que as mudanças mais sentidas têm relação com a espetacularização da violência, que abriu espaço no interior dos grupos para a uma sociabilidade de conflito, conforme

<sup>200</sup> A saudação típica dos integrantes da torcida *Jovem do Sport* (consiste em “cruzar os punhos”), ou a letra “T” feita com os antebraços, pelos integrantes da *Inferno Coral* (que faz referência ao “tricolor” do Santa Cruz), puderam ser percebidos por muito tempo entre os chamados torcedores comuns. Após a primeira proibição de entrada nos estádios, aos três maiores grupos organizados de Recife, em abril de 2011, iniciou-se um processo gradual de comprometimento da imagem dos integrantes daqueles grupos. Durante minhas observações de campo, entre 2014 e 2015, percebi que o nível de animosidade dos torcedores comuns, em relação aos grupos organizados, fez com que até mesmo as canções de apoio aos clubes, entoadas pelos organizados, fossem rechaçadas pelos demais.

antecipei [3.1.4.1], e que no contexto dos grupos da quarta geração, através das alianças, terá repercussão direta naquilo que identifico por “reconfiguração das rivalidades”, conforme discussão seguinte.

### **5.3. AMIGOS, AMIGOS, ALIANÇAS À PARTE. A “RECONFIGURAÇÃO DAS RIVALIDADES” A PARTIR DAS ALIANÇAS**

Ao lado do protagonismo e da relevância política na vida dos clubes experimentadas pelos grupos organizados de torcedores brasileiros durante a conjuntura que lhes beneficiou (até o início da segunda metade da década de 1990), há de considerar-se as repercussões e consequências que o aumento de visibilidade trouxe à estabilidade interna dos grupos, sobretudo, no momento em que o crescimento descontrolado de membros passou a coexistir com uma série de incidentes violentos nos estádios de futebol do país. A perda de controle interno por parte das lideranças dos maiores grupos de torcedores possibilitou o surgimento de disputas cada vez mais acirradas pelo poder— incluindo manifestações explícitas de confrontos violentos entre componentes de um mesmo grupo organizado -, ocasionando, muitas vezes, divisões e rupturas que se tornariam nocivas à imagem conquistada junto aos demais torcedores e admiradores do futebol<sup>201</sup>. Estas disputas tornaram-se comuns e sintomáticas da nova realidade que o futebol passara a representar para os grandes grupos organizados de torcedores do Brasil, devidamente inseridos e ajustados aos interesses proporcionados pelos negócios futebolísticos.

É neste contexto que percebo e interpreto, através da categoria “**reconfiguração das rivalidades**”, o cultivo persistente de animosidades com práticas violentas entre parcelas dos grupos organizados de torcedores que passaram a fazer parte das principais alianças nacionais. Importante esclarecer que, embora defendam a unidade dos grupos e se reconheçam enquanto tal, as lideranças - presidentes e diretores- justificam que coube

---

<sup>201</sup> A etnografia realizada com os grupos organizados de Recife revelou-me um desses exemplos. Em 1995 a torcida organizada Gang da Ilha, um dos principais grupos vinculados ao Sport Recife, realizou uma eleição interna para a escolha de um novo presidente. Os membros que defendiam a chapa que perdeu a eleição resolveu criar um novo grupo, dando origem a Torcida Jovem do Sport, atualmente o grupo mais expressivo dentre os que se vinculam a imagem daquele clube. Como resultado, os dois grupos permaneceram rivais “ferrenhos” e protagonizaram diversos confrontos violentos nas arquibancadas dos estádios (mesmo em jogos fora de Recife), e nas ruas da cidade.

aos subgrupos (divisões) criados no interior dos maiores grupos organizados do país, [vide seção 3.1.4.3], a utilização de estratégias variadas para obtenção de visibilidade e poder, incluindo práticas antissociais e violentas.

Na lógica dos torcedores comuns a rivalidade predominante está alicerçada na construção do sentido de pertencimento clubístico, construída ao longo do tempo, perpassada por vitórias e derrotas, pela identificação e defesa dos símbolos e cores dos, ou mesmo por uma afronta as tradições do clube do coração. Entre os torcedores recifenses, por exemplo, a rivalidade permanecerá sempre na disputa entre seus adversários mais tradicionais (Náutico, Santa Cruz e Sport Recife), podendo ainda ser ampliada para outros clubes de cidades distintas, mediante situações pontuais e particulares (o Grêmio de Porto Alegre passou a ser antipático aos torcedores do Náutico após a “batalha dos aflitos”; igualmente, torcedores do Sport Recife e Flamengo-RJ passaram a se hostilizar após o campeonato nacional de 1987)<sup>202</sup>.

Entre os grupos organizados, diferentemente, a escolha (e redefinição) de seus afetos e “inimigos” é procedida mediante critérios próprios, desprezando e contrariando muitos dos valores instituídos e considerados fundamentais para a história dos próprios clubes. Construíram, pouco a pouco, uma rivalidade própria, desproporcional e bem diferente daquela cultivada e valorizada pelos torcedores comuns. As rivalidades estaduais (locais) entre os clubes brasileiros - Santa Cruz x Náutico [PE]; Bahia x Vitória [BA]; Corinthians x Palmeiras [SP], Flamengo x Fluminense [RJ], entre outras -, foram gradativamente ampliadas (e mesmo alteradas) pelos grupos organizados, a depender da constituição das alianças que façam parte.

Através desta reconfiguração, por exemplo, a rivalidade que os integrantes do grupo organizado *Fanáutico* (Náutico/PE) direcionam aos integrantes da torcida *Jovem do Sport* (Sport Recife/PE), como também da torcida *Inferno Coral* (Santa Cruz/PE), é estendida aos aliados destes dois grupos. Igualmente, a relação de aliança entre a torcida *Jovem do Sport* e a torcida *Independente* do São Paulo/SP é bastante criticada pelos

---

<sup>202</sup> Em jogo disputado pela Série B do Campeonato Nacional de 2005, no estádio dos Aflitos, em Recife, as equipes do Náutico/PE e Grêmio/RS disputaram, na última rodada, uma vaga para a Série A do ano seguinte. Naquela ocasião, a equipe gaúcha terminou o jogo com apenas sete jogadores em campo (quatro foram expulsos, e o Náutico desperdiçou duas cobranças de pênaltis. Por tudo isso, e diante do resultado final (1 x 0 a favor do Grêmio), o jogo ficou conhecido nacionalmente como “A batalha dos Aflitos”. Sobre a rivalidade entre Sport Recife e Flamengo/RJ, vide seção 2.2.2. e nota correspondente.

torcedores comuns do Sport Recife, uma vez que a camisa do grupo organizado do São Paulo é idêntica ao uniforme padrão do Santa Cruz/PE, um dos maiores rivais do clube pernambucano. Assim, enquanto as cores do uniforme são fundamentais enquanto sinal de identificação do pertencimento clubístico - na lógica dos torcedores comuns -, por outro lado, não representa qualquer obstáculo a formação do vínculo criado através das alianças, na lógica dos grupos organizados.

Percebe-se que a incondicionalidade do compromisso entre os grupos aliados requer, caso necessário, até mesmo a participação em confrontos violentos, em nome e defesa das alianças, condição que justifica (na lógica do pacto) o envolvimento de grupos organizados em episódios de violência mesmo em dias sem jogos dos seus clubes. Como ponto extremo desse processo, destaco a possibilidade de grupos organizados de um mesmo clube tornarem-se rivais, e por mais estranho que pareça, essa talvez seja a maior prova de fidelidade entre os aliados. Alguns exemplos recentes, ocorridos no percurso desta pesquisa, são importantes para a compreensão da dimensão e interpretação dos significados agregados a reconfiguração das rivalidades, proporcionados através das alianças entre grupos organizados de torcedores. Por oportuno, esclareço que selecionei dois eventos, ocorridos com grupos vinculados a clubes de Recife, em momentos distintos, e cujas informações foram pesquisadas e extraídas a partir de jornais de circulação nos estados de Pernambuco e Paraná, disponibilizadas em mídias impressas e eletrônicas<sup>203</sup>, organizadas nos destaques seguintes:

---

<sup>203</sup> Sobre isto, cf. Jornal O Paraná, disponível em: <<http://www.parana-online.com.br>> Acesso em 12.abr.15; Gazeta do Povo, disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br>> Acesso em 14.abr.15; (Impressos): Diário de Pernambuco, edição 02.jul.12, caderno de esportes (p.22A); Jornal do Comércio, edição 03.mai.14, caderno de esportes (pp. 2-4); Jornal Folha de Pernambuco, edição 03.mai.14, caderno de esportes (pp. 1-2); Diário de Pernambuco, edição 03mai14, capa/caderno de esportes (pp. 1-3).

**Quadro 11: Entendendo as rivalidades entre aliados a partir do jogo Coritiba/PR x Sport Recife/PE**

No dia **01 de julho de 2012**, em Curitiba-PR, um torcedor do Paraná Clube, de 16 anos de idade, foi morto quando se preparava para ir ao Estádio Couto Pereira assistir ao jogo entre as equipes do **Coritiba/PR** e **Sport Recife/PE**. O crime ocorreu em frente à sede da torcida organizada *Fúria Independente (Paraná Clube/PR)*, que recepcionava integrantes “irmãos” da *Torcida Jovem do Sport* (Sport Recife). As investigações policiais indicaram que os responsáveis pelos disparos da arma de fogo foram feitos por membros da torcida *Os Fanáticos (Atlético/PR)*, rivais da *Fúria Independente* do Paraná Clube e aliada da torcida organizada *Gang da Ilha* do Sport Recife, que mesmo identificando-se com o clube pernambucano é rival da *Jovem do Sport*. Neste mesmo jogo havia tensão entre integrantes da *Jovem do Sport* e da torcida Império Alviverde (**Coritiba/PR**), que é aliada da torcida *Inferno Coral (Santa Cruz/PE)*, rival da *Jovem do Sport*.

**Fonte: Ver nota 203.**

**Quadro 12: Entendendo as rivalidades entre aliados a partir do jogo Santa Cruz/PE x Paraná Clube/PR**

No dia 04 de maio de 2014, em um jogo válido pela série B do campeonato brasileiro, entre as equipes do **Santa Cruz/PE** e **Paraná Clube**, na cidade de Recife-PE, o torcedor do **Sport Recife/PE**, Paulo Ricardo Gomes da Silva, de 26 anos, **morreu atingido por um vaso sanitário** arremessado do interior do estádio por um integrante da torcida organizada *Inferno Coral* (Santa Cruz), num confronto ocorrido após o jogo. O torcedor do Sport Recife, time que não jogava naquela data e não disputava aquela competição, era integrante da *Torcida Jovem do Sport*, que em nome da aliança com a *Fúria Independente* (Paraná Clube/PR) estava no estádio com os “irmãos” da *Jovem*, e acabou se envolvendo no confronto daquela noite contra a *Inferno Coral*. Cabe lembrar a aliança entre a *Inferno Coral* com a *Império Alviverde (Coritiba/PR)*, rival da organizada do Paraná Clube.

**Fonte: Ver nota 203.**

**Quadro 13 - Representação das rivalidades presentes nos dois destaques, entre grupos aliados de clubes e cidades diferentes**



Os dois destaques fazem referência a jogos entre equipes de Estados diferentes, realizados por competições nacionais. O destaque [1] chama atenção para o fato de que, através de uma partida de futebol (Coritiba/PR e Sport Recife/PE) houve um confronto entre grupos organizados vinculados a **dois outros clubes** que **não jogavam** naquela cidade, no dia do evento (Paraná Clube/PR e Atlético/PR), como também, somente através da interpretação da lógica das rivalidades criadas em torno das alianças é possível compreender o envolvimento de 06 (seis) grupos organizados distintos em torno dessa mesma partida de futebol. Importante destacar que dois grupos rivais, indiretamente envolvidos no confronto, são vinculados a um mesmo clube (*Gang da Ilha* e *Jovem do Sport* – Sport Recife/PE), ratificando os argumentos que utilizei anteriormente para enfatizar o grau de fidelidade desejado entre os grupos aliados.



**Imagem - No destaque, grupos organizados (mesmo clube) rivais, integrados em alianças distintas: Jovem do Sport e Fúria Independente do Paraná Clube/PR (Esq.); Gang da Ilha e Os Fanáticos - Atlético/PR (dir.). Fonte: jc.online.com. Consulta em 22.Nov.15.**

O destaque [2] – relacionado a um evento que teve repercussões mundiais -, ficou marcado pela morte de um torcedor de **um clube** que também **não jogava** naquela noite (Sport Recife/PE), entretanto, o grupo organizado do qual fazia parte (*Jovem do Sport*) entrou em confronto com um grupo rival (*Inferno Coral* – Santa Cruz/PE) em apoio a um grupo “amigo” (*Fúria independente* – Paraná Clube/PR). A análise dos exemplos destacados, além de denunciar a complexidade e gravidade das rivalidades criadas em função das relações de alianças, revela que o fenômeno têm transformado jogos aparentemente tranquilos em potencialmente perigosos, sobretudo por representarem a possibilidade real de “dar o troco”, ou seja, novos incidentes com os mesmos personagens em cenários diferentes, em outras datas, mas com o mesmo enredo. Na lógica das rivalidades um episódio nunca é considerado isolado, sempre haverá a retribuição,

(...) atualmente é mais fácil ter confronto em jogo de “aliada” do que em clássico. Até porque a polícia está mais preparada para este tipo de jogo (referência aos clássicos).

**[Entrevista concedida ao jornal Gazeta do Povo, de Curitiba, no dia 10 de maio de 2014, por um ex-presidente da torcida *Fúria Independente*, do Paraná Clube/PR, após a morte do colega no “episódio do vaso sanitário”, em Recife - narrado no destaque 2].**

Esse pensamento também é sugestivo de uma falta de habilidade, ou mesmo preparo específico, do poder público (neste caso representado pelas forças policiais), bem como de um maior envolvimento dos maiores interessados na lucratividade

proporcionada pelos negócios do futebol, diante do crescimento de grupos violentos (subgrupos) no interior dos maiores grupos organizados de torcedores do país<sup>204</sup>. A geopolítica dos subgrupos violentos entre os grupos organizados de torcedores – multiplicados e fortalecidos após o crescimento numérico descontrolado dos grupos –, é um aspecto que parece distante de receber uma maior atenção por parte dos organizadores do futebol brasileiro, o que potencializa o sentimento de impunidade e incentiva novos episódios.

Diante da complexidade e importância social do tema, a ausência de estudos específicos e técnicos no interior das instituições de segurança é algo muito prejudicial ao conjunto das tentativas de controle e redução da violência, já que as novas dinâmicas e práticas desta sociabilidade (dentre elas a reconfiguração das rivalidades entre torcedores) devem ser interpretadas também como denúncias e reflexos de um contexto social mais amplo. Através de interlocuções realizadas com representantes das Polícias Militares de alguns Estados do país – ao longo do trabalho de campo<sup>205</sup> –, percebi que, de maneira geral as instituições de segurança interpretam as alianças entre grupos organizados como meras associações para a prática criminosa; e neste sentido, algo que necessita ser combatido com o reforço de políticas públicas de segurança e aplicação de leis mais rigorosas, uma visão reducionista do fenômeno.

Não existe um setor ou mesmo pesquisadores, no interior das instituições de segurança, destinados especificamente a conhecer e entender a dinâmica dos grupos organizados e suas redes de alianças, suas representações ou organização em cada Estado, entretanto, através das equipes de *inteligência*<sup>206</sup> algumas informações são

---

<sup>204</sup> Estes subgrupos, ou divisões, passaram a ser indesejados pelas próprias lideranças dos maiores grupos organizados de torcedores do Brasil, uma vez que, através de uma sociabilidade alicerçada no conflito e na demonstração de poder e organização para práticas antissociais, contribuíram decisivamente na construção da espetacularização da violência e, conseqüentemente, no isolamento e prejuízos que os grupos passaram a enfrentar.

<sup>205</sup> Entre 2012 e 2015 participei de alguns cursos e encontros sobre segurança para grandes eventos, ocasiões em que pude ouvir e registrar várias opiniões de profissionais ligados à segurança pública, interpelando-os, especialmente, sobre suas percepções quanto ao fenômeno das alianças entre torcidas de estados diferentes. Dentre estes eventos destaco as participações nos cursos de **Gestão de Segurança em Instalações Complexas** (Rio de Janeiro/RJ, Fundação Getúlio Vargas, 2013), e **Major Events Security Management Course** (Brasília/DF, Departamento de Segurança contra Terrorismo da Embaixada dos EUA, 2012); como também no **Encontro Estadual de Segurança em Eventos Desportivos** (Recife/PE, PMPE, 2013).

<sup>206</sup> Em 21 de dezembro de 2000 foi criado o Subsistema de Inteligência de Segurança Pública Nacional, através do Decreto Federal 3.695, que tem por finalidade identificar, acompanhar e avaliar ameaças reais

reunidas para assessorar o planejamento em dias de jogos, como conflitos anteriores e quantitativo aproximado de torcedores de outros Estados que estarão em deslocamento. Em jogos que envolvem equipes de cidades diferentes é dada uma atenção aos integrantes de grupos organizados visitantes similar aos grupos nativos, em alguns casos havendo como diferencial apenas o aumento no rigor das abordagens policiais. A maior preocupação dos policiais está na possível presença de entorpecentes e armamentos, tanto nos ônibus fretados para as viagens como também na entrada aos estádios.

As interlocuções (basicamente conversas informais em corredores e momentos de intervalos entre atividades) com profissionais de segurança pública, em geral, ratificaram a visão estereotipada sobre os grupos, percebidos através de categorias que remetem a construções sociais marginalizadas, inferiores e subalternas - “delinquentes”, “vândalos”, “elementos do mal”, “desordeiros”, etc. Esse é o entendimento reproduzido nas falas dos interlocutores, sobretudo quando tentaram expressar suas interpretações sobre as alianças, conforme transcrições abaixo,

**Transcrição 01:**

Trata-se apenas de mais uma, dentre várias faces do crime organizado. (...) Isso é resolvido com aplicação de leis mais rigorosas, e o cadastramento dos torcedores inibiria a participação de “marginais” nas torcidas.

**[Delegado de Polícia do estado da Bahia. Interlocução realizada durante encontro na Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, em 2013].**

**Transcrição 02:**

Essas alianças são pactos firmados entre torcidas de Estados diferentes com o objetivo de aumentar a capacidade de conflitos contra torcidas adversárias.

**[Oficial do Batalhão de Choque da Polícia Militar de Pernambuco. Interlocução realizada durante encontro estadual de segurança em eventos, Recife, 2013].**

---

ou potenciais de segurança pública e produzir conhecimentos e informações que subsidiem ações para neutralizar, coibir e reprimir atos criminosos de qualquer natureza. Este serviço preventivo existente nas Polícias Militares do Brasil, além de outras instituições de segurança pública dos estados, destinado a coleta de informações que auxiliem na antecipação e combate ao crime. Entretanto, a inclusão do acompanhamento das práticas dos grupos organizados de torcedores no rol das atividades das equipes de inteligência policial, acaba expondo que o fenômeno tem sido tratado ainda como mero “caso de polícia”.

**Transcrição 03:**

Os torcedores antigos brigavam pelos times. Agora, esses marginais brigam pelos grupos, (...) não são torcedores, são vândalos. Lutamos pela extinção dos grupos.

[Representante do juizado do torcedor de Pernambuco.  
Interlocução realizada durante espaço entre duas audiências, na sala do juizado, estádio do Arruda, Recife, 2014].

O fenômeno das alianças, desde as primeiras aproximações até a dimensão atual, não pode ser compreendido sem que as considerações até aqui pontuadas e analisadas sejam consideradas partes de um processo que - em atendimento as exigências e interesses do futebol de espetáculo, sobretudo a partir dos anos 2000 -, conduziu gradativamente vários clubes brasileiros, e seus respectivos torcedores (principalmente aqueles considerados não atrativos aos interesses do capital), a uma condição de coadjuvância e/ou invisibilidade no atual contexto do futebol nacional.



**Imagem - Torcedor da "jovem do Sport" com blusão da "torcida independente" do São Paulo, em jogo entre Sport Recife x São Paulo, em Recife (esq.); Bandeira da "Bamor" (Bahia) entre a "Inferno Coral" do Santa Cruz, em jogo Sport Recife x Santa Cruz (dir.). Fotos do autor.**

A compreensão deste processo, portanto, passa pela interpretação da dinâmica e das condições sociais que viabilizaram a aproximação e a formação dos vínculos entre torcedores de diferentes regiões do país, representados nas grandes alianças entre grupos organizados, o que para a maioria deles, simboliza a estratégia última de preservação de uma sociabilidade fundamentada na exacerbação da identificação com um clube de futebol, e ao mesmo tempo, enfrentamento e denúncia das condições desiguais que se

instalaram sobre o futebol brasileiro nas últimas três décadas, e para muitos, metáfora perfeita do retrato social de um país desigual como o Brasil.

À medida que novos grupos foram criados e novas relações estabelecidas, o fenômeno atingiu proporções e significados que se tornam necessários ao conhecimento de todos aqueles que se dispõem ao exercício de interpretação das relações e manifestações de sociabilidades entre grupos organizados de torcedores. Os argumentos apresentados e defendidos neste capítulo possibilitam a compreensão do processo e da maneira como essas alianças se firmaram, contudo, a discussão não se encerra aqui. No próximo capítulo - o último da Tese – dedico-me a discussão de como esse vínculo é estabelecido entre os grupos organizados de torcedores - alicerçado nas teorias da reciprocidade-, e de que maneira as alianças entre grupos organizados de torcedores desafiam a lógica utilitarista, e ao mesmo tempo, constituíram-se como a principal estratégia de negociação pela manutenção do protagonismo, e resistência contra a invisibilidade, no contexto do futebol de espetáculo.

## CAPÍTULO SEXTO

### ***ALIANÇAS: ESTRATÉGIA DETERMINANTE DE RESISTÊNCIA E SUPERAÇÃO DA INVISIBILIDADE NO FUTEBOL BRASILEIRO***

Os argumentos reunidos até este ponto, no conjunto do trabalho, convergem para a discussão foco deste capítulo, o último da tese, que está orientado a partir do objeto principal da tese, a saber: a interpretação das alianças entre grupos organizados de torcedores de cidades diferentes como uma escolha determinante entre, recuperar o *protagonismo* ou manter-se na *invisibilidade*, no contexto do futebol de espetáculo.

Por muito tempo considerados importantes e úteis na construção do futebol enquanto produto atrativo e rentável, do ponto de vista economicista, os grupos organizados deram visibilidade às arquibancadas - através de seus cânticos, performances e cores -, e contribuíram com o estabelecimento definitivo do Brasil no contexto do futebol espetacularizado, e ao mesmo tempo, devidamente ajustado as exigências do capital globalizado.

A partir da segunda metade da década de 1990, entretanto, assim como ocorrera em várias partes da Europa e da América Latina, parcelas destes grupos de torcedores - envolvidos sistematicamente com práticas violentas - deram espaço para a construção de um discurso comprometido com o “fim da violência no futebol brasileiro”, discurso este mediado pela *espetacularização da violência* promovida pelos veículos de comunicação, pelos interesses dos promotores e investidores do “negócio do futebol”, como também em encobrir outras tantas formas de violências existentes no futebol do

Brasil, sobretudo, as que são provocadas pela falta de compromisso com a segurança nos estádios; falta de responsabilidade e/ou pela corrupção de dirigentes e entidades responsáveis pela organização das competições (nacionais e estaduais); ou mesmo pela inoperância e falta de compromisso do poder público em fazer cumprir os dispositivos legais existentes sobre a matéria, gerando omissão e/ou impunidade de todos os verdadeiros responsáveis por práticas violentas no futebol brasileiro (incluídos os maus torcedores).

Desde 1995 – após o “episódio do Pacaembu [vide 4.2.1], vários procedimentos jurídicos e governamentais foram ventilados no país plantando a semente da *extinção* dos grupos organizados de torcedores, como solução para os “males do futebol brasileiro”; a exemplo da extinção das torcidas “*Mancha Verde*” (Palmeiras-SP) e “*Independente*” (São Paulo-SP) na década de 90, que anos depois reabriram com outros nomes e transformaram-se, além de grupos de torcedores, em escolas de samba do estado de São Paulo; caminho que também foi seguido pela “*Gaviões da Fiel*”, do Corinthians Paulista. Em Pernambuco, as tentativas de controle e combate à violência nos estádios locais também têm sido marcadas por uma série de atos proibitivos – contra a manifestação dos três maiores grupos organizados de torcedores do Estado -, desde as finais do campeonato estadual de 2011. Em 26 de outubro daquele ano, a Federação Pernambucana de Futebol anunciou que faria um cadastramento de todos os integrantes de grupos organizados de torcedores do estado, e assim como a maioria das propostas anunciadas, não se concretizou até a finalização desta tese.

Diante de um cenário de estigmatização social, restrições impostas pelo poder público, e comprometimento da capacidade de arrecadação de recursos e crescimento numérico, os grupos organizados brasileiros passaram a buscar estratégias de manutenção e de fortalecimento grupal, diante dos riscos latentes de inanição, *invisibilidade* e desaparecimento. Neste contexto, marcado por sociabilidades caracterizadas por profundas contradições regidas pelo modo de produção capitalista, com predomínio da mídia e da indústria cultural, segundo Hannah Arendt (2014: p. 317), todos aqueles submetidos a este modelo de sociabilidade - incluídos os jovens - são sujeitos destituídos da *condição humana*, a vivenciar formas novas de escravidão, porque se acham, na prática, privados da liberdade e da visibilidade, excluídos, obscurecidos e condenados a não deixar vestígios de que tenham existido,

Por isso, alguns jovens, premidos pela cultura fetichista e pela alienação do desejo a que são obrigados a se submeter na sociedade do capital, resolvem, muitas vezes, esse tipo de impasse no cotidiano de maneira individualista e violenta, o que gera a associação indiscriminada dos adolescentes infratores como metáforas da violência (SALES, 2007:p.106).

Este capítulo, portanto, foi dividido em três partes. A **primeira** constitui uma retomada dos argumentos que ratificam o entendimento do processo de exclusão dos grupos organizados de torcedores do contexto do futebol de espetáculo, no Brasil, tendo nas categorias *invisibilidade* e *exclusão* os referenciais necessários ao desenvolvimento da discussão sobre os efeitos causados a clubes e torcedores, bem como sobre o fenômeno de formação de novos grupos organizados como resposta àquele processo. A **segunda** parte, propõe uma discussão sobre as estratégias utilizadas pelos grupos organizados, como tentativa de recuperação do protagonismo e superação da invisibilidade.

Assim, chega-se a **terceira parte**, onde os argumentos reunidos no conjunto da tese convergem para a interpretação defendida, que atribui ao processo de formação das alianças entre grupos organizados de torcedores do Brasil um caráter estratégico, uma escolha determinante que, através de negociações e resistências, representa o caminho para a recuperação do protagonismo e da visibilidade no conjunto do futebol de espetáculo. Nesta parte, proponho interpretar o uso nativo da categoria *aliança*, a partir da lógica das práticas de sociabilidade dos grupos organizados de torcedores – percebidas no trabalho de campo –, adotando como lastro teórico as teorias da *reciprocidade*. Desta maneira, proponho compreender de que maneira os grupos organizados estabelecem seus vínculos sociais, no interior das alianças, e até que ponto (alcance) a tripla obrigação do DOM – dar, receber e retribuir (MAUSS, 1974) – é percebida na formação do vínculo. Esta é a base estrutural do vínculo que assegura a escolha por fazer alianças com grupos de cidades distintas como estratégia principal de superação da *invisibilidade perversa* a que foram submetidos, no conjunto do futebol brasileiro.

## **6.1 A INVISIBILIDADE, E SUAS REPERCUSSÕES ENTRE CLUBES E GRUPOS ORGANIZADOS**

### 6.1.1 Exclusão e *invisibilidade* social reproduzidas no futebol brasileiro

A exclusão social é, portanto, um processo e não uma condição; e quem é, ou não, excluído pode variar no tempo, dependendo do grau de educação, das características demográficas, dos preconceitos sociais e das políticas públicas.

(CASTELLS, 1998)

A sociedade brasileira, ainda hoje, convive com sérios problemas relacionados a uma história marcada pela injustiça social. Ao lado do desemprego, estrutura urbana insuficiente, educação e saúde precárias, a violência destaca-se como reflexo de uma *cidadania escassa*, nos termos utilizados por Mione Sales (2007), traduzido por ela como uma modalidade subalternizada de vários grupos e segmentos sociais na divisão social e repartição das riquezas do país, comprometendo substancialmente a juventude pertencente às classes trabalhadoras (p. 48).

Na América Latina os estudos sobre juventude e movimentos juvenis ganharam impulso na segunda metade da década de 80, e de acordo com Carles Feixa - um dos pioneiros nessa temática -, até 1985 as produções privilegiavam basicamente duas vertentes teóricas: o estrutural-funcionalismo norte americano, cujas abordagens produziram uma visão estigmatizada dos jovens (vistos como problema), inseridos nos processos de industrialização, urbanização e migração (rural-urbana); e o marxismo europeu, com ênfase na conscientização de classe e erupção dos movimentos juvenis estudantis. Segundo aquele autor, as chamadas “tribos urbanas” sempre foram interpretadas pelas classes dominantes como sintoma de desorganização e anomia moral, e assim reproduzidas pela mídia: “*Los medios masivos de comunicación le dieron voz y rostro, com frecuencia deformado y satanizado*” (FEIXA, 2013)<sup>207</sup>.

Os estudos socioculturais ignoravam ainda a dimensão geracional dos movimentos, criando grandes lacunas interpretativas sobre as categorias *infância* e

---

<sup>207</sup> Autor de diversas obras sobre a temática, Carles Feixa destacou-se a partir da publicação de *Cultures juvenils, hegemonia i transició social. Una història oral de la joventut a Lheida, 1936-1989*. Barcelona: Universitat de Barcelona. Tesis Doctoral; e de *De jóvenes, bandas y tribos*. Barcelona: Ariel, 1998. O texto em destaque foi transcrito da seção Entrevista com Carles Feixa, publicada na **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales**, Niñez y Juventud. Manizales, Colombia – Vol. 11, nº 2, Julio – Diciembre de 2013.

*adolescência*, justificadas pelos pesquisadores como resultado direto da entrada prematura daquelas populações na vida adulta, já que a maior parcela compreendia as classes subalternas – em consonância com aquilo que defende Mione Sales (2007). Apenas na segunda metade da década de 80, coube aos acadêmicos darem um papel de relevância ao objeto “juventude”, momento em que essas omissões começaram a ser superadas, sobretudo com o início de trabalhos etnográficos sistemáticos,

De este modo, los estudios sobre la juventude pasaron de ocupar un lugar marginal a un lugar central en los debates de las ciencias sociales, convergiendo (a veces de manera espontánea) con las teorías europeas en boga durante la misma época, analizadas con anterioridad, como los estudios subculturales de la escuela de Birmingham, la teoría de la distinción de Bourdieu y el tribalismo de Maffesoli (FEIXA, 2006)<sup>208</sup>.

Paralelamente, a empregabilidade da categoria *invisibilidade* nas ciências sociais têm encontrado espaço cada vez maior, sobretudo, nas interpretações dos processos que lhe permitem assumir a expressão institucional da *exclusão social*. Pensada assim, a *invisibilidade* é condição e fenômeno, ao mesmo tempo, proporcionada por um processo de fragilidade institucional, entendida como a falta ou insuficiência da incorporação de parte da população à comunidade política e social, sendo-lhe negada, impedida ou dificultada, formal ou informalmente, os direitos de cidadania e acesso às oportunidades sociais - de estudo, de profissionalização, de trabalho, de cultura, de lazer, de expressão, etc. - (ABRAMOVAY *et al*, 2002: p.18). No mesmo sentido, Mione Sales (2007) considera essa exclusão social - sobretudo quando analisa suas repercussões sobre adolescentes e jovens -, uma manifestação daquilo que chamou *cidadania escassa* – já definido em linhas anteriores -, que se expressa nesses segmentos através do manto da *invisibilidade perversa* (p.63).

As parcelas excluídas da cidadania, e sem quaisquer perspectivas de serem incorporadas, afastam-se da possibilidade de desenvolver qualquer forma de solidariedade, tornando-se com isso “antissociais”. Por outro lado, os grupos que não

---

<sup>208</sup> FEIXA, C. **Generación XX. Teorías sobre la juventude en la era contemporânea**. In: Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud. Vol. 4, Nº 2, 2006.

experimentam a *cidadania perversa* (os incluídos) criam mecanismos de defesa ou de resistência contra aqueles outros que assumem códigos de valores e comportamentos próprios, cada vez mais distantes do que se espera pela sociedade maior,

Os autores chamam isso de “modalidades de pertencimento” levam a uma “integração perversa”, que consiste num processo de incorporação ao trabalho baseado em atividades criminais. É possível que essa seja a explicação para o fenômeno da violência e da formação de gangues juvenis no espaço urbano brasileiro (SALES, 2007: p.22).

Aquilo pois, que sucede aos integrantes das *Gangues*, *Galeras* ou grupos de *Rappers*, analisados tanto na periferia de Brasília-DF (ABRAMOVAY *et al*, 2002), como em qualquer outra grande cidade do país, entendo ocorrer também aos integrantes de grupos organizados de torcedores - por todo o processo de estigmatização já comentado neste trabalho -, sendo excluídos não apenas de sua condição de torcedor (nos estádios), outrossim, na própria sociedade que os cerca, seja por morarem nas periferias (em sua maioria), ou mesmo por sua aparência e o seu vestuário. Sentem-se excluídos, desrespeitados e maltratados, parecendo sempre suspeitos, e sentindo-se sempre vigiados,

O modo de vestir - composto pela bermuda e pela camiseta folgadas, boné, óculos escuro, sandália e/ou tênis, os gestos, a maneira de falar, a cor, a forma de interação com o grupo de amigos. O mal trajar e a maneira de andar são, ao mesmo tempo, fatores de identificação, de distinção e de discriminação desses jovens (ibidem, p. 43).

A vida na periferia, nos bairros, impõe limitações e restrições aos jovens excluídos. A precariedade dos equipamentos públicos (praças, campos de futebol, quadras esportivas, etc.), ou mesmo das escolas, não permitem atividades de lazer. Em 18 de março de 2014, o SINTEPE - Sindicato dos Trabalhadores de Educação de Pernambuco -, divulgou resultados de uma pesquisa realizada com 152 escolas de ensino médio da RMR. Dentre os itens avaliados, 112 escolas (73,68%) apresentavam problemas que comprometem ou inviabilizam práticas de atividades esportivas nas quadras<sup>209</sup>. Assim, o encontro nas esquinas, nos bares, na *lan house*, nas festas e bailes

---

<sup>209</sup> Dados disponíveis em <<http://www.g1.globo.com>>. Consulta feita em 15 de março de 2016.

funk, além dos estádios de futebol são as alternativas de sociabilidade por eles vivenciadas.

Entre as considerações feitas sobre as possíveis causas do crescente envolvimento de adolescentes e jovens, nos grandes centros urbanos do Brasil, nas últimas três décadas, Mione Sales (2007: pp. 29-30) destaca a tentativa de fuga desses excluídos da chamada *invisibilidade perversa*, e para tanto, a prática de atos violentos se configura uma forma de se organizarem e marcarem sua presença no espaço social, e assim, ganharem visibilidade. Para ela, basicamente isso se dá, porque:

[1] Adolescentes gostam de ser vistos – numa atitude cultural bastante em sintonia com a geração da indústria cultural, isto é, a geração midiática; [2] Adolescentes querem ser vistos associados à beleza, à irreverência e ao reconhecimento e prestígio social que ícones do mundo da cultura (música, teatro, cinema, etc.) e do esporte desfrutam; [3] Na impossibilidade de gratificação imediata em termos de consumo, prazer, lazer, reconhecimento social (estimulados pela cultura de massas), devido às dificuldades de acesso a oportunidades sociais (escola, trabalho, remuneração digna, etc.), muitos jovens aderem aos apelos da criminalidade em seus diversos matizes: furtos, assaltos, tráfico, etc.; [4] Adolescentes compreendem o poder e a força da imagem que os associa à rebeldia, a comportamentos transgressores e à violência, e tiram partido dela.

Dessa forma, complementa, a violência parece ter se tornado uma dimensão rotineira das suas existências. Estão acostumados a ela, está presente em todos os lugares, está relacionada com a própria vida e também com a morte (ibidem, p.60). Durante as interlocuções com integrantes de grupos organizados de torcedores, relataram-me alguns, que já estão acostumados com a truculência e agressividade dos policiais, principalmente nos arredores dos estádios,

Basta usar uma camisa ou boné da torcida que os “home” já chega abafando! Tem “boisinho” metido a “bacana” que usa a camisa mas eles tratam diferente.

**[Interlocução com integrante da torcida *Gang da Ilha* (Sport Recife), antes do jogo Sport x Figueirense/SC, em 10.mai.15].**

Quando um jogador ou cantor aparece de boné e tatuagem não é bandido, mas quando é um torcedor é marginal. Isso é moda, a moda é de todos, não é só de bacana não, é também de pobre!

**[Interlocução com torcedor da *Fanáutico*, antes de partida realizada em Recife/PE, em 23.mar.14].**

Uma outra consequência, como tentativa de fuga da *invisibilidade*, é fala dos excluídos através de manifestações populares, quebra de ônibus e trens, saques, motins e rebeliões em estabelecimentos prisionais (conforme adiantei na seção 4.2); expressões que diante da negação de direitos ou da espoliação sistemática pelas elites e governantes perturbam a crença burguesa no conformismo da pobreza nacional, e “estilhaços da questão social, que falam por si mesmos” (SALES, 2007: p.237). Estão quebrando vidros de ônibus em dias de jogos, assim como outros estão queimando colchoes em rebeliões nos presídios. Tanto os torcedores, quanto os presidiários, estão apenas em locais distintos, mas poderiam, qualquer um deles, estar em lados contrários, buscando aquilo que para Hannah Arendt (2014: p. 235) chama-se de *visibilidade política*.

Conscientes ou não de tudo isto, vimos com as rebeliões da Febem de 1999 e com o sequestro do ônibus 174, o quanto a cobertura pela mídia destas ações movidas pela *revolta* conferiu um estatuto de *visibilidade política* aos sujeitos que dela participaram; e, de formas distintas, procederam com seus corpos e gestos violentos à inclusão na representação e no discurso. (...) Foi justamente no momento em que transcenderam o lugar comum das suas vidas e imprimiram um sentido coletivo (deliberado ou inconsciente) para a sua ação, que ajudaram a escrever um novo capítulo da história da *visibilidade* dos adolescentes infratores, das suas necessidades, desejos e direitos. (SALES, 2007: p. 325).

Ao que me parece, infelizmente, a morte do torcedor no estádio do Arruda (em Recife, 2014) atingido por um vaso sanitário, continua a ser considerado como mais um caso de *visibilidade perversa*, e não uma *visibilidade política*, já que nada, ou quase nada mudou. Os vasos foram concretados, o clube deixou de arrecadar alguns milhares de reais, mas outros acidentes de igual, ou pior proporção poderão ocorrer nos estádios brasileiros. Não houve uma *politização da ação*, apenas estatística cruel.

No campo futebolístico brasileiro, conforme discorrido amplamente no capítulo quarto desta tese, os grupos organizados de torcedores foram gradativamente excluídos

e *invisibilizados* no contexto do futebol espetacularizado – visibilidade que é a “mola propulsora” do futebol de espetáculo, e sua antítese, a *invisibilidade*, pode ser considerada a ruína, o fracasso. Sem visibilidade, portanto, não há crescimento, não há atração de investidores e arrecadações satisfatórias. Para os grupos organizados significa redução de receita com venda de produtos, diminuição, ou não atração de novos membros, perda de importância na vida dos clubes. Dentre aqueles vinculados a clubes de menor projeção, coube-lhes um desafio ainda maior: além de lutar contra a desconfiança e o estigma, superar a invisibilidade imposta aos seus clubes, decorrência do processo de “elitização do futebol nacional”, que além de aumentar as desigualdades entre os clubes, polarizou o poder futebolístico nacional no chamado “G-12”.

Entre os grandes clubes brasileiros o aumento do número de grupos organizados (analisado detalhadamente na seção 3.3), pode ser facilmente interpretado como consequência do sucesso desportivo, representado por conquistas, jogadores convocados para a seleção brasileira, construção de grandes estádios, participação nos principais torneios (nacionais e continentais); ou mesmo, resultado da maior cobertura mediada pelos veículos de comunicação<sup>210</sup>. Paradoxalmente, este crescimento também foi registrado entre clubes que possuem menor expressão/visibilidade midiática, chamados no campo futebolístico de “intermediários” ou “pequenos”<sup>211</sup>, ratificando a hipótese de que, independentemente da expressão nacional das equipes, possuir um grupo organizado de torcedores passou a representar a inserção do clube no contexto do futebol espetacularizado, aspecto que merece ser um pouco mais refletido no espaço seguinte.

---

<sup>210</sup> Os clubes considerados grandes, no futebol brasileiro, são aqueles que participam regularmente das duas principais divisões do campeonato nacional (séries A e B), bem como possuem grande quantidade de seguidores, além de alto potencial para investimentos, como venda de pacotes de TV por assinatura, exposição midiática, participação em competições internacionais, possibilidade de conquistas, etc. Esses clubes têm uma quantidade maior de jogos transmitidos pelas emissoras televisivas, o que lhes permite maior visibilidade e atração de novos torcedores.

<sup>211</sup> Termo recorrente utilizado no jargão da crônica esportiva e futebolistas (jogadores e torcedores) do país, ao fazerem referência aos clubes que disputam as séries C e D, ou mesmo que não disputam qualquer série do campeonato nacional, neste caso, fazendo alusão ao número de conquistas nacionais e tamanho da torcida de cada clube. Assim, uma equipe pode continuar sendo considerada “grande” mesmo disputando a série B, e outra considerada “intermediária” disputando a série A. Entretanto, é mais recorrente o uso dos termos aos clubes sem conquistas nacionais e que disputam regularmente as divisões de menor prestígio.

### 6.1.2 Crescimento dos grupos organizados da *quarta geração*: efeitos da *invisibilidade* midiática sobre os clubes, resposta dos torcedores

Entre os anos de 1971 a 1979, o campeonato nacional de futebol apresentou uma variação quanto ao número de clubes participantes - entre 20 a 94 -, dentro de uma política nacional que transformava a distribuição de vagas para os Estados da Federação em “**moeda de troca**” por apoio político ao regime ditatorial, ao ponto que, uma das frases mais famosas sobre a organização do futebol brasileiro durante o período ditatorial era: “Onde a Arena vai mal, outro time no nacional. Onde a Arena vai bem, também”,

O lema popular ditava o ritmo da expansão do Campeonato Brasileiro nos anos 70 para atender a interesses da Aliança Renovadora Nacional – Arena -, partido político que dava sustentação ao governo militar (ROSSI & MENDES JR., 2014: p.139).

Até 1986, as federações estaduais indicavam seus representantes, para o campeonato nacional, de acordo com a classificação dos campeonatos estaduais, não existindo sistema de acesso e rebaixamento. A partir de 1987, com a criação do “Clube dos treze” e a organização da Copa União, paulatinamente o campeonato teve o número de participantes reduzido, até chegar, em 2005, a configuração atual com 20 clubes, reunindo ainda outros 20 clubes na série B (segunda divisão)<sup>212</sup>. Se por um lado está correto afirmar que o modelo adotado proporcionou maiores investimentos e novos patrocinadores, e uma melhor competitividade entre os participantes - em nome da modernização e inserção do futebol brasileiro no contexto do mercado europeu -, está igualmente correto afirmar que se produziu uma “elitização” deste futebol, perfeitamente ajustada aos interesses do “futebol de espetáculo”, aumentando o abismo entre clubes de regiões diferentes do país, potencializando a concentração do poder econômico nas mãos dos chamados “**grandes clubes**” do Rio de Janeiro, São Paulo,

---

<sup>212</sup> As séries A e B do campeonato nacional são as únicas a terem transmissões televisivas através da venda de pacotes comerciais executados por canais pagos. Estes contratos rendem boas quantias de dinheiro aos clubes participantes, mesmo com grandes discrepâncias entre eles. Os clubes que participam das séries C (32 clubes), e D (64 clubes), recebem apenas passagens aéreas pagas pela CBF, repercutindo em vários casos de desistências entre os clubes de menor estrutura financeira. Informações consultadas em <<http://www.cbf.com.br/>>.

Minas Gerais e Rio Grande do Sul, reconhecidos como G-12, no meio futebolístico nacional<sup>213</sup>.

Como repercussão, dentre os 230 (duzentos e trinta) clubes profissionais listados e classificados no ranking nacional da CBF, mais da metade permanece a maior parte do ano sem participar de qualquer uma das “divisões” do campeonato “nacional” de futebol – que somadas reúnem 100 clubes -, repercutindo diretamente na condição econômica dos clubes, jogadores e na atração de novos torcedores<sup>214</sup>. Neste cenário, excluídos os participantes das duas principais divisões do futebol nacional (40 clubes), restou à grande maioria dos clubes brasileiros a participação nas divisões de acesso (séries C e D) e a Copa do Brasil, sendo esta última a única oportunidade, ao longo de um ano, de disputar jogos contra os chamados “times da elite”, e conquistar uma vaga para a principal competição das Américas – Taça Libertadores<sup>215</sup>. Criou-se entre os seguidores do futebol brasileiro o que identifiquei como “**torcedor parabólica**”, ou seja, aquele que sem a participação de clubes da sua região, ou do estado, nas principais competições do país, dificilmente acompanhará jogos do seu clube através das emissoras de televisão, “convertendo-se” a condição de fã dos clubes de maior visibilidade mediática<sup>216</sup>.

---

<sup>213</sup> Segundo especialistas, o G-12 é composto pelos doze clubes que mais recebem cotas pela transmissão de jogos em veículos de comunicação, principalmente na TV fechada. Consequentemente são os clubes com maior potencial de investimentos, estrutura e contratação de jogadores, alternando-se nas conquistas das principais competições nacionais, o que lhes garante vagas nas competições sul-americanas. Compõem este grupo: Corinthians, Palmeiras, São Paulo e Santos, Flamengo, Fluminense, Vasco da Gama, Botafogo, Atlético-MG, Cruzeiro, Grêmio e Internacional. Das 57 competições reconhecidas pela CBF como campeonato nacional, realizadas entre 1959 a 2014, apenas 06 (seis) equipes que não fazem parte do G-12 foram campeãs: Bahia-BA (1959 e 1988); Guarani-SP (1978); Coritiba-PR (1986); Sport Recife-PE (1987); e Atlético-PR (2001).

<sup>214</sup> Há registros de equipes que, até a década de 1980 competiam regularmente com os principais clubes do futebol brasileiro, além de possuírem grandes torcidas em seus estados, mas que após a reconfiguração – necessária, do ponto de vista técnico – do campeonato nacional passaram anos sem disputar qualquer uma das quatro divisões nacionais, a exemplo do Clube do Remo (PA).

<sup>215</sup> A Copa do Brasil, ao incluir clubes de todos os estados e regiões, apresenta-se como a única oportunidade, para a maioria dos clubes brasileiros, de jogar contra adversários com maior projeção, onde cada partida significa uma vitrine para possíveis negociação de jogadores e recebimento de premiações, em caso de sucesso.

<sup>216</sup> Pesquisas realizadas entre os anos de 2001 e 2014, por vários institutos estaduais e nacionais, revelaram que o Flamengo-RJ possui o maior número absoluto de torcedores na Região Nordeste, possuindo entre 11 e 20 milhões de torcedores. O clube é seguido ainda por Corinthians-SP, Vasco-RJ, e São Paulo-SP, nesta ordem, em número de fãs. O primeiro clube da região que aparece em números absolutos é o Sport Recife, com aproximadamente 2,5 milhões de fãs, seguido pelo Bahia, com 2,2 milhões. As pesquisas revelam ainda que em todos os estados da região o Flamengo lidera o percentual



**Imagem - Torcedores de Salvador/BA e Aracaju/SE (esq.), e de Natal/RN (dir.), em jogos do Corinthians/SP e do Flamengo/RJ, respectivamente, realizados na Arena PE. Fotos do autor.**

Apesar dos poucos contatos mantidos com torcidas de outros estados – pelos motivos apresentados -, vários grupos organizados foram criados por torcedores de todas as regiões do país como uma tentativa de reproduzir, em seus próprios grupos, as características e comportamentos dos maiores grupos organizados do Brasil. As *performances* e estéticas (canções, uso de bandeiras, virilidade, etc.) são aqui interpretadas como uma etapa preliminar de várias estratégias que seriam utilizadas pelos grupos numa tentativa de diminuição das diferenças criadas pela reconfiguração assumida pelo futebol nacional, conforme discussão já proposta no capítulo quinto da tese. Em busca de visibilidade tudo passa a ser válido e justificado na lógica dos grupos organizados.

Através de pesquisas aos dados disponibilizados pela ANATORG - e que na sequência foram listados, organizados e analisados qualitativamente -, constatei que em **197 (cento e noventa e sete) municípios**, de todas as regiões do país, existe ao menos um grupo organizado de torcedores cadastrado naquela Associação – registrados sob o título de “torcida organizada” ou “uniformizada” -, havendo ainda a possibilidade de vários outros grupos existirem sem o devido registro. A análise revelou ainda que,

---

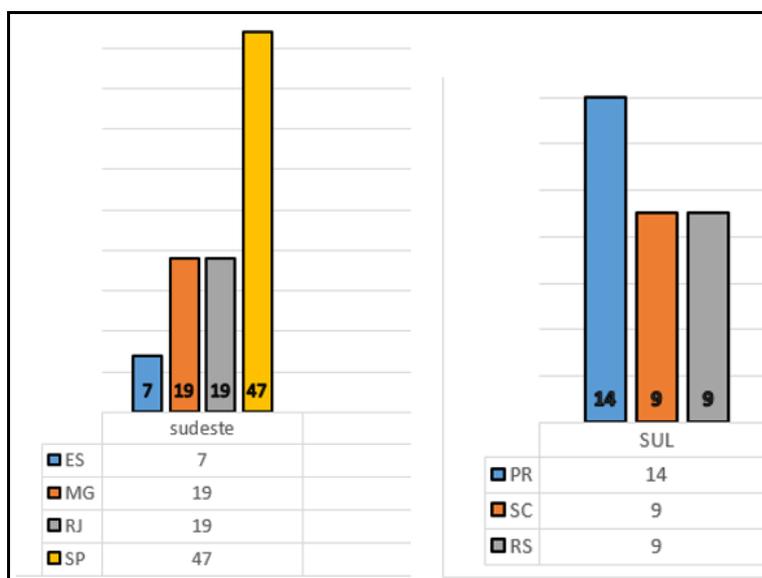
do número de fãs, exceto o estado de Pernambuco, onde o Sport Recife apresenta 26% dos torcedores do Estado, seguido pelo Santa Cruz, com 16%. Pesquisa divulgada e disponível em <<http://sinopsedofutebol.blogspot.com.br/>>.

apenas no Estado de São Paulo, que possui vários times vencedores no futebol brasileiro, há torcidas organizadas em 46 (quarenta e seis) municípios diferentes, enquanto no Espírito Santo - estado onde os primeiros grupos surgiram apenas na década de 1990, e com pouca tradição futebolística - há grupos em 07 (sete) municípios diferentes, número próximo ao de estados com maior tradição futebolística, como Bahia e Pernambuco (8 grupos, cada). Os dados analisados foram reproduzidos no Quadro, a seguir, e nos gráficos, adiante:

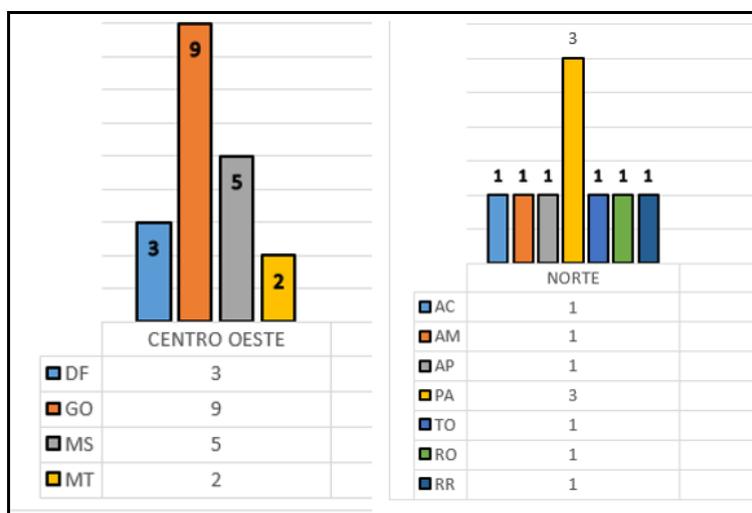
**Quadro 14 – Distribuição de grupos por Regiões e Estados do Brasil, nas quatro gerações**

REGIÃO	U.F	1ª Geração (Até 1968)	2ª Geração (1968-1989)	3ª Geração (1990-1999)	4ª Geração (a partir de 2000)	Total UF
SUDESTE	ES	0	0	3	7	10
	MG	0	10	10	30	50
	RJ	2	16	4	43	65
	SP	2	28	26	55	111
Sudeste/total		4	54	43	135	236
SUL	PR	0	4	6	13	23
	SC	0	1	8	15	24
	RS	0	5	9	11	25
Sul/total		0	10	23	39	72
NORDESTE	AL	0	1	2	12	15
	BA	0	4	5	11	20
	CE	0	2	7	40	49
	MA	0	1	1	7	9
	PB	0	2	2	12	16
	PE	0	4	4	24	32
	PI	0	0	0	6	6
	RN	0	2	2	9	13
	SE	0	1	1	5	7
Nordeste/total		0	17	24	126	167
NORTE	AC	0	0	0	1	1
	AM	0	0	3	7	10
	AP	0	0	1	0	1
	PA	0	6	2	12	20
	TO	0	0	0	4	4
	RO	0	0	1	1	2
	RR	0	0	1	0	1
Norte/total		0	6	8	25	39
CENTRO OESTE	DF	0	1	0	5	6
	GO	0	1	3	14	18
	MS	0	0	0	4	4
	MT	0	0	1	6	7
Centro Oeste/total		0	2	4	29	35
Total por geração		4	89	102	354	549

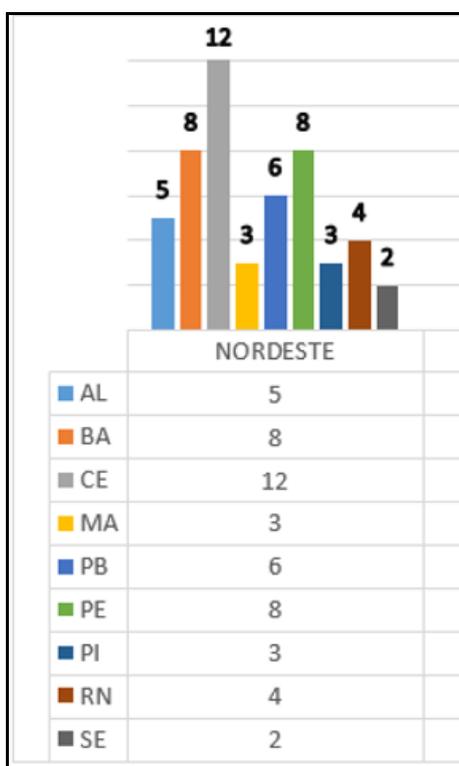
**Gráfico 5 - Quantidade de municípios nas Regiões SUDESTE e SUL, com grupos de torcedores cadastrados na ANATORG**



**Gráfico 6 - Quantidade de municípios nas Regiões CENTRO OESTE e NORTE, com grupos organizados cadastrados na ANATORG**



**Gráfico 7 - Quantidade de municípios da Região NORDESTE, com grupos organizados cadastrados na ANATORG**



A partir destes dados, passei a questionar-me sobre, *como interpretar o número expressivo de torcidas organizadas/uniformizadas surgidas entre torcedores de clubes que se tornaram inexpressivos no cenário nacional, a partir dos anos 1990, e qual a real motivação diante de um cenário contrário, onde cada vez menos estes clubes disputam competições relevantes, no contexto da visibilidade midiática e do investimento financeiro por parte de investidores?*

Para tanto, em um segundo momento da análise, reservei atenção especial aos grupos de torcedores – cadastrados na ANATORG -, que são vinculados a **clubes que não participaram das séries A e B do campeonato nacional dos últimos três anos (2015, 2014 e 2013)**, e que possivelmente, por esta condição, recebem menor atenção dos veículos de comunicação, menores arrecadações com patrocínios e com cotas de televisionamento. Meu objetivo, com este recorte, foi identificar o alcance do fenômeno - criação de grupos organizados de torcedores -, em clubes de menor visibilidade no cenário futebolístico nacional, a partir da década de 1990, período em que as modificações no formato do futebol brasileiro foram mais significativas e sentidas por

essas agremiações. Para o procedimento foi estabelecido como **perfil de análise** – tipo ideal -, a relação entre o **grupo organizado/ clube de vínculo/ município onde o grupo está sediado/ data de criação do grupo**.

Assim, de um total de **549** (quinhentos e quarenta e nove) grupos de torcedores cadastrados na ANATORG, **até 31 de julho de 2015**, observei que existem **354** (trezentos e cinquenta e quatro) torcidas “organizadas/uniformizadas”, dentro do perfil estabelecido, vinculados a **clubes de menor visibilidade mediática** e projeção nacional (excluídos das séries A e B, entre 2015 e 2013), correspondendo a **64,9%**, do total de grupos organizados em atividade. Portanto, a partir desta análise, algumas interpretações podem ser feitas:

- 37 (trinta e sete) grupos organizados de torcedores foram criados até o ano de 1989, incluídos, portanto, na **segunda geração**;
- 63 (sessenta e três) grupos organizados surgiram entre 1990 e 1999 (**terceira geração**);
- 254 (duzentos e cinquenta e quatro) grupos foram criados entre 2000 e 2015 (**quarta geração**), momento de consolidação do futebol de espetáculo no Brasil.

Conforme destaquei, os fatores que potencializaram as diferenças, entre os chamados “clubes grandes” e “clubes intermediários/pequenos” do futebol brasileiro tiveram origem ainda na década de 1980, mais precisamente em 1987, tornando-se mais perceptíveis no percurso da década de 1990, na instalação da chamada “fase do futebol de espetáculo”, principalmente após a Copa do Mundo de 1994, realizada nos Estados Unidos.

Neste sentido, a análise revelou que dos **354** (trezentos e cinquenta e quatro) grupos de torcedores organizados que possuem vínculo com clubes considerados “**intermediários**” ou “**pequenos**”<sup>217</sup> do futebol nacional, **254** (duzentos e cinquenta e

---

<sup>217</sup> Termo recorrente utilizado no jargão da crônica esportiva e futebolistas (jogadores e torcedores) do país, ao fazerem referência aos clubes que disputam as séries C e D, ou mesmo que não disputam

quatro), ou (71,8 %), foram criados a partir dos anos 2000, década em que o campeonato nacional estabilizou-se com 20 (vinte) clubes em cada uma das séries principais (A e B), considerada a “**elite do futebol nacional**”. Neste período as desigualdades relativas a projeção mediática e/ou técnica aumentaram significativamente, já que os clubes das outras divisões (C e D) passaram a receber recursos cada vez mais desproporcionais, comparados aos clubes da “elite”.

Desta maneira, e a partir das considerações até aqui pontuadas, e com base nos resultados obtidos através da pesquisa realizada com os dados da ANATORG, defendo a viabilidade de propor algumas interpretações sobre o fenômeno do crescimento significativo de grupos organizados (no recorte temporal considerado) – mesmo preliminarmente -, sem desconsiderar a possibilidade de outras interpretações, igualmente plausíveis. Antes, torna-se necessário esclarecer que a formulação das interpretações que se seguem (adiante) não deixaram de considerar que o fenômeno de surgimento de grupos juvenis (à exemplo dos grupos organizados) não pode ser entendido sem a devida consideração do contexto social que possibilita a formação de uma *cidadania perversa*, que por consequência resulta em *exclusão social e invisibilidade*, conforme narrado na primeira seção do capítulo. Seguem-se, portanto, as interpretações:

[1] O surgimento expressivo de grupos organizados de torcedores vinculados a clubes de menor visibilidade mediática, também chamados “*intermediários*” ou “*pequenos*”, é uma **consequência direta do fenômeno da “elitização” do futebol brasileiro**, uma espécie de **resposta dada pelos torcedores** destes clubes, principalmente jovens, como **estratégia de retirar seus clubes do anonimato e da invisibilidade**;

[2] A formação de grupos organizados de torcedores, mesmo entre clubes de menor projeção e visibilidade nacional, também representa uma oportunidade de, em alguns aspectos, criar semelhanças com os principais e maiores grupos organizados de torcedores do país;

---

qualquer série do campeonato nacional, neste caso, fazendo alusão ao número de conquistas nacionais e tamanho da torcida de cada clube. Assim, uma equipe pode continuar sendo considerada “grande” mesmo disputando a série B, e outra considerada “intermediária” disputando a série A. Entretanto, é mais recorrente o uso dos termos aos clubes sem conquistas nacionais e que disputam regularmente as divisões de menor prestígio.

[3] A partir da iniciativa exclusiva destes torcedores, a maioria sem qualquer apoio dos clubes de vínculo, percebe-se que **65% de todos os grupos de torcedores atualmente identificados no Brasil** (cadastrados na ANATORG) foram criados a partir da **primeira década dos anos 2000**, período que identifico como a **quarta geração** dos grupos organizados de torcedores, e que tem como **característica principal a formação das alianças entre grupos de estados diferentes**.

Além destas interpretações, quando considero que o fenômeno do crescimento expressivo do número de grupos organizados de torcedores, em todas as regiões do país, tem relação direta com o processo social de exclusão e desigualdades entre classes, – e neste sentido, suas formações constituem laços de solidariedade e sociabilidades caracterizadas por códigos de valores compartilhados, a partir dos quais os sujeitos individuais constroem identidades coletivas mediante a negação/rejeição das desigualdades do contexto social mais amplo no qual estão inseridos (ABRAMOVAY *et al*, 2002: p.109) -, entendo, ao mesmo tempo, que o crescimento numérico e a expansão nacional dos grupos não foram suficientes para superar os estigmas e as barreiras impostas às suas práticas. Entretanto, enquanto estratégia de superação da invisibilidade foi o primeiro, dentre vários outros passos, a que se propuseram os grupos organizados, até o momento em que muitos passaram a reconhecer que - apesar de muitos -, não conseguiriam seus propósitos sem a formação de vínculos efetivos.

## **6.2 OS GRUPOS ORGANIZADOS E SUAS ESTRATÉGIAS DE SUPERAÇÃO DA INVISIBILIDADE**

### **6.2.1 Novas modalidades torcedoras: As “barras” e os “ultras” brasileiros**

Uma repercussão bastante percebida, nos últimos 15 anos, nos estádios brasileiros é o surgimento de vários grupos organizados com características estéticas e de organização grupal diferenciados, algo que pode ser também interpretado como uma tentativa de afastamento, desses novos grupos, da visão estereotipada, uma “visão do mal”, que os grupos organizados já atuantes possuem. Assim, identifico por “nova modalidades torcedoras” o surgimento de grupos organizados inspirados em alguns aspectos de torcidas de outros países, especificamente europeus e sul americanos. Esses grupos constroem e propõem novos padrões de comportamentos nos estádios

brasileiros. São torcidas de livre adesão, o que significa que não cobram mensalidades, não possuem uniformes e nem controle de quem participa, e contam com as mais variadas formas de identificação - faixas (“barras”), bandeiras e trapos (panos pendurados que exaltam o time e seus ídolos), e que são confeccionados pelos próprios torcedores.

Na Europa, a partir da Inglaterra, o fenômeno *hooligan*<sup>218</sup> deu visibilidade aos grupos de torcedores através de suas práticas violentas, registradas desde a última década do século XIX, e intensificadas ao longo da década de 1960, momento em que exposições de violência nos estádios e desrespeito às regras estabelecidas passaram a acontecer com mais frequência (PIMENTA, 1997: p.72)<sup>219</sup>. Marivoet (1992) defende que os jovens, vítimas da vulnerabilidade social, foram atraídos para o hooliganismo em busca do prestígio alcançado através do enfrentamento do aparato policial em dias de jogos e pelas desordens criadas na cidade, por isso, muitos sequer entravam nos estádios e concentravam suas ações nas vias públicas do entorno<sup>220</sup>. Somado a tudo isso, as condições dos estádios ingleses, antes da tragédia de 1985, eram as piores possíveis, um tempero a mais nas condições já existentes para a prática da violência,

Que princípio governava os eventos esportivos britânicos? A impressão era de que, em troca de algumas libras, você obtinha uma

---

<sup>218</sup> Além da explicação para a origem do termo, já apresentada neste trabalho, há relatos que remetem a um homem violento, chamado Edward Hooligan, morador do Sudeste de Londres, e seus escândalos relacionados a bebida ficaram tão famosos em Londres que todos os que praticavam atos violentos na cidade eram chamados “Hooligans” (CUNHA, 2006: p.52). O dicionário de inglês da Universidade de Oxford define o vocábulo *hooligan* como um termo proveniente do nome de uma família irlandesa, chamada Houlihan, que viveu em Londres, na Era Vitoriana, e tornou-se célebre por ser violenta e baderneira (Murad, 2010: p.56). Posteriormente passou a identificar os torcedores violentos do Reino Unido devido as semelhanças entre suas práticas e as da família irlandesa que deu nome ao termo. Sobre o fenômeno, merece destaque o trabalho de Norbert Elias e Eric Dunning, intitulado “*The Quest Of Excitement*”, que foi publicada em português, pela Difel, em 1986, sob o título “*A busca da excitação*”. Recomendo ainda a leitura de Dunning (2003), *El fenómeno deportivo: estudios sociológicos en torno al deporte, la violencia y la civilización*. Barcelona: Paidotribo, 2003.

<sup>219</sup> Destaca ainda este autor que os hooligans utilizam vestimentas que os relacionam diretamente com o processo de identificação torcedor/clube, porém, não se identificam, como no Brasil, como um “Mancha” ou um “Gavião”. Não há uma identificação institucionalizada do indivíduo com o grupo, ou seja, são simplesmente torcedores do Manchester, do Junventus, do Ajax, do Liverpool, etc (PIMENTA, 1997: p.75-76).

<sup>220</sup> De acordo com Pimenta, diferentemente dos grupos organizados brasileiros, os hooligans não buscam uma identificação a partir do grupo, mas através dos discursos e das práticas. Não há uso de camisetas que diferenciem os hooligans dos outros torcedores de um mesmo clube, já que não constituem pessoas jurídicas, como no Brasil (1997: p.75).

hora e 45 minutos caracterizados pela máxima exposição às piores condições climáticas possíveis, o maior número de pessoas no menor espaço possível e o maior número de obstáculos – transporte precário, ausência de estacionamento, um aglomerado progressivamente perigoso na única saída existente, um tanque repelente e infecto para urinar, mudanças de última hora quanto ao horário de início da partida – a desencorajá-lo de alguma vez tornar a comparecer a um jogo (BUFORD, 2010: p.17).

O movimento denominado “*Ultra*”, por outro lado, surgiu entre torcedores que possuem envolvimento político-ideológico com partidos de extrema direita, com apelo a movimentos nacionalistas como o nazismo. Há registros de que o surgimento das primeiras torcidas organizadas criadas na **França**, na década de 1980 – “*Commando Ultra de Marseille*” [1984], e “*Ultras Bordeaux*” [1985] -, são decorrentes de um contexto social conturbado, com greves, falta de inserção dos jovens, inflação alta, entre outras (CUNHA, 2006: p.52). Na **Itália**, dentre os *tiffosi*<sup>221</sup> – como são chamados os torcedores de futebol –, há grupos que se declaram dispostos a fazer qualquer coisa ou sacrifício pelos clubes, e que justificam suas atitudes antissociais e violentas como expressão da fidelidade e amor ao time, e por isso então chamados de “*Ultras*”. São divididos entre os grupos ligados a partidos de direita – envolvidos ideologicamente com políticos neofascistas, movimentos racistas e xenófobos -, notadamente mais agressivos e transgressores<sup>222</sup>; e os *Ultras* de esquerda, que tentam ser um contraponto pacífico e consciente aos torcedores violentos (MURAD, 2012: p. 168). É neste ponto que os *hooligans* são diferentes, já que há uma unificação ideológica entre eles, enquanto os *Ultras* estão divididos. Estes últimos foram grupos de torcedores criados para incentivar seus clubes nos estádios, incondicionalmente, entretanto, com o tempo, e com as influências do *hooliganismo* inglês, passaram a ter um viés político com associação para práticas criminosas.

---

<sup>221</sup> Aqueles que sentem no próprio corpo os tremores da febre por seu time, que vibram quase doentamente pela equipe. É como se estivessem doentes, como se houvessem contraído tifo (MURAD, 2012: p.36).

<sup>222</sup> Ainda Murad, em outra produção, destaca que no Brasil esse movimento chegou no interior das organizadas no início dos 1990. Algumas bandeiras passaram a apresentar imagens de líderes de esquerda, como Che Guevara, e mensagens políticas. Houve grupos que procuraram atuar na política dos clubes, buscando maior democratização nos seus processos decisórios (2007:p.59).

Neste contexto, merece destaque um grupo de torcedores muito violento, criado em 1987, identificado com o clube da Lazio, da Itália, autodenominada os “*Irriducibili*” (imbatíveis), que possui estreita ligação com a ideologia de extrema direita – fazem uso de suásticas e outros símbolos nazistas e fascistas -, sendo um exemplo importante da capacidade de crescimento numérico, organização interna e poder, junto a clubes e ao futebol local. Em pesquisas a jornais eletrônicos dedicados ao futebol europeu, é possível perceber que os “*Irreducibili*” possuem, apenas na cidade de Roma, 15 lojas para venda de roupas e acessórios, uma rádio própria, e uma marca (grife) exclusiva, chegando a concorrer com a venda de produtos oficiais do clube<sup>223</sup>. Líderes *Ultras* têm nas mãos um negócio que movimenta dinheiro e poder, especialmente junto a dirigentes e jogadores. Eles se tornaram temidos e respeitados.

Na América Latina, as primeiras repercussões de incidentes violentos entre as “hinchadas”, como são chamadas as torcidas, deu-se entre as décadas de 1970 e 1980, ou seja, em tempos mais recentes que na Europa e Brasil. Autodenominados “*Barras Bravas*”, apresentam práticas semelhantes ao *hooliganismo* inglês, promovendo uma história de anarquia e mortes, principalmente, na Argentina, Uruguai e Chile. Entre esses grupos a sociabilidade é desenvolvida em torno da categoria “aguante” (ALABARCES; ZUCAL; MOREIRA, 2008)<sup>224</sup>, ou seja, disposição para o enfrentamento,

Los participantes que afrontan el desafío de la lucha corporal demostrando bravura, valentía y coraje son reconocidos y respetados por sus pares como hinchas aguantadores. Así, la hinchada es el colectivo que congrega a los que tienen aguante, a los aguantadores o “picantes”. Para estos hinchas, las acciones violentas, lejos de ser rechazadas y penalizadas, son acciones legítimas, deseadas y buscadas que funcionan como signos de reconocimiento y distinción, hacia dentro y fuera del grupo de pertenencia, en la definición de los estatus internos y en relación con las posiciones que ocupan el resto de los espectadores del mismo equipo (Ibidem, 2008: p.115).

---

<sup>223</sup> Informações disponíveis em < <http://espn.uol.com.br>>; <<http://www.futebolmagazine.com>>; <<http://www.lancenet.com.br>>.

<sup>224</sup> ALABARCES, ZUCAL; MOREIRA. *El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta*. 2008.

Os grupos argentinos, por exemplo, escrevem em suas bandeias, ou “trapos” (faixas), o nome do bairro de origem e frases que exprimem o sentimento de apoio incondicional ao clube, além de fazer alusão a confrontos com a polícia ou integrantes mortos em confrontos, adorados como mártires. Têm representantes ligados diretamente às diretorias dos clubes, participando ativamente das reuniões decisórias, vinculados a política provincial (municipal). Têm muito poder na vida clubística e da comunidade a qual o clube está vinculado (província). A prática da violência é sinal de distinção entre os demais torcedores nos estádios, e as *hinchadas* competem entre si por um ranking imaginário, de quem mais bate e tem mais poder (ALABARCES; ZUCAL; MOREIRA, 2008: p.127).

Em estudo revelador sobre as “*Barra Bravas*” argentinas, Gustavo Grabia (2012)<sup>225</sup> defende que essas torcidas surgiram na década de 1960, como grupos ligados a dirigentes dos respectivos clubes. Com esse apoio, poder e capacidade de agir, aumentaram rapidamente, crescendo junto com o número de incidentes violentos nos estádios de futebol, que, após o seu profissionalismo, apareceram como uma “nova onda” de incidentes violentos. Em 1939, as primeiras mortes em um estádio argentino foram registradas, no campo do time Lanús. O estabelecimento de relações tensas e violentas entre líderes das *hinchadas*, dirigentes e jogadores é mediado através do fornecimento de ingressos para jogos, dinheiro (pagamento mensal de uma quantia combinada entre os clubes as Barras), e concessões para controlar o comércio em dias de jogos – uma espécie de pedágio para que ambulantes possam vender produtos no entorno do *La Bombonera* (estádio do clube Boca Juniores) e outros estádios, tudo com a convivência das diretorias dos clubes,

El Abuelo (líder de La Doce) recebia trezentos ingressos para as arquibancadas populares e cinquenta para as plateias. Com a revenda das entradas, a porcentagem que cobravam dos ambulantes para deixá-los em paz, o que eles recebiam do clube e o financiamento do

---

<sup>225</sup> **LA DOCE, GRABIA.** Nesta pesquisa o autor destaca que *La Doce* é a torcida que mais tem contatos políticos, que trabalhou tanto para o justicialismo como para o radicalismo, e chegou a participar de operações políticas montadas pela Side, antiga Secretaria de Inteligência do Estado. É a única torcida do mundo que criou uma fundação legal para a lavagem de dinheiro proveniente da extorsão de políticos, empresários e desportistas, bem como o financiamento sem escrúpulos pela revenda de bilhetes, a gestão de ônibus para levar os torcedores ao interior, o estacionamento nas ruas de La Boca cada vez que havia uma partida, e o *merchandising*. (p.13).

estacionamento nas ruas ao lado do estádio, a *barra* tinha um bom rendimento (GRABIA, 2012: p.39).

Ameaças a jogadores, como cobrança por vitórias e conquistas de títulos, também são comuns na relação entre as *Barras* e os clubes sul americanos<sup>226</sup>. Repetem-se os relatos de invasões a centros de treinamento, hotéis de concentração, e agressões após a conclusão de jogos, o que é reproduzido abaixo, na declaração de um líder de *La Doce* a jogadores do Boca Juniores, antes de um clássico com o River Plate,

Isto é uma empresa, aqui se fatura com os resultados. Por causa de vocês estamos deixando de lucrar. Terminem com a briga interna e ganhem dos Las Gallinas porque senão vamos voltar e as coisas vão piorar. Naquele domingo, 21 de março, o Boca ganhou por 2 x 0. (GRABIA, 2008: p.181).



Imagem - Fenômeno *Ultra* na Itália (esq.) e *Barra Brava* na Argentina (dir.) Fonte: <<http://www.lancenet.com.br>>.

A torcida “*Geral do Grêmio*”, um dos maiores grupos organizados vinculados ao Grêmio/RS, é considerada a pioneira neste estilo “*barra brava*”, comum aos clubes sul americanos. Criada em 2001, utiliza “trapos”, bandeiras do clube, instrumentos de percussão característicos da Argentina e Uruguai, e ganhou visibilidade nacional pela prática da “*avalanche*” - comemoração onde todos os torcedores descem os degraus do

<sup>226</sup> Essas práticas foram gradativamente introduzidas nas “*alas radicais*” dos grupos organizados do Brasil, que inspirados nas práticas violentas das torcidas sul-americanas e nos grupos extremistas europeus, optaram por uma sociabilidade de conflito como estratégia principal de superação da *invisibilidade*.

estádios juntos, ao mesmo tempo<sup>227</sup>. Atualmente há vários grupos, em locais distintos do Brasil, que promovem suas sociabilidades nos estádios, e fora deles, inspirados no modelo “barra”, sem contudo, aderirem as suas expressões violentas.

Ainda em menor proporção no Brasil, grupos sob a inspiração “*ultra*” têm sido criados em algumas partes do país, e utilizado as arquibancadas como espaço para contestação da exclusão, desigualdade social, práticas etnocêntricas, como também em protesto ao processo de estigmatização dos grupos organizados de torcedores. Dentre eles destaca-se a “*Torcida Ultra Resistência Coral*”, grupo vinculado ao clube de origem operária - Ferroviário/CE – e que tem declarado publicamente sua condição anti-capitalismo. Este grupo ganhou visibilidade pelo uso de frases que expõem sua ideologia: “*Nem guerra entre torcidas, nem paz entre classes*”; “*Nada diminui nossa paixão incendiária. Ferroviário, orgulho da classe operária*”.



Imagem - Grupos “*Geral do Grêmio*” (esq.) e “*Ultra Resistência Coral*” (dir.). Fonte: <<http://www.lancenet.com.br>>.

### 6.2.2 Militância e negociações políticas

A expansão e crescimento do número de grupos organizados de torcedores para todas as regiões brasileiras, a partir dos anos 2000, não representou a superação das barreiras construídas durante a década anterior. Os incidentes registrados no futebol brasileiro, bem como todos os demais problemas relacionados à segurança dos estádios, continuaram a ser debitados na conta dos grupos. Poucas ações foram postas em prática

<sup>227</sup> Informações obtidas em pesquisa ao endereço <<http://gremiov83.blogspot.com.br>>. Acesso em 18.jan.2016.

no sentido de afastar os maus torcedores dos estádios, solucionar outras formas de violências, como também viabilizar que os grupos “verdadeiramente organizados” para as boas práticas pudessem retomar o caminho do protagonismo nas arquibancadas.

O que se viu, entretanto, foram sucessivas medidas legais restritivas aos grupos organizados, principalmente no acesso aos estádios, em várias partes do país. Estados como São Paulo, Minas Gerais, Ceará, Paraíba, Alagoas, Paraná, e Pernambuco (entre outros), passaram a impedir a entrada de grupos organizados - considerados violentos -, como também de quaisquer objetos que os caracterize (camisetas, bandeiras, faixas, etc.). Em Pernambuco, cujas proibições foram iniciadas em 2011, proíbe-se ainda cânticos ou performances que sejam relacionadas aos grupos, no interior dos estádios. A aplicação dessas medidas, entretanto, é caracterizada por contradições, falta de controle rigoroso (o que favorece ao descumprimento), e dotadas de grande caráter discriminatório, argumento que será retomado mais adiante.

Uma das situações que denunciam as contradições e a falta de controle adequado por parte do poder público - em relação a proibição do acesso desses grupos aos estádios -, foi presenciada durante o trabalho de campo. Antes de uma partida entre as equipes do Náutico e Sport Recife, pelo campeonato pernambucano de 2011, todos os torcedores do Sport Recife que tentaram entrar no estádio vestindo camiseta na cor amarela foram impedidos – mesmo com ingresso nas mãos. A proibição, conduzida pelo comando do policiamento do estádio, foi justificada em nome do impedimento legal contra a torcida “*Jovem do Sport*” (de acesso ao estádio), considerando que a cor da camisa daquele grupo é amarela. Importante esclarecer que, neste mesmo dia, acontecia uma partida da seleção brasileira em outro estado do país (partida amistosa), e vários torcedores que vestiam a camisa amarela da seleção foram “barrados” na entrada do estádio. Entretanto, contra a restrição, entretanto, o grupo organizado ratificou sua presença através de vários balões amarelos (bolas de aniversário) distribuídos entre seus integrantes, uma forma de “burlar” a proibição de uso das camisas e/ou outros sinais característicos do grupo.

Este posicionamento, além de contraditório, demonstra um grave desrespeito ao direito individual de locomoção, reconhecido pelo senso comum como “direito de ir e vir”, previsto no Artigo 5º, Inciso XV, da Constituição Federal, de 1988. Além de grande repercussão popular e midiática, o fato sinaliza uma grande falta de

entendimento e sincronia por parte daqueles que têm o dever de primar pela segurança, ordem pública e bem estar social<sup>228</sup>.



**Imagem - Fiscalização "contra as camisas amarelas", na entrada do estádio (esq.); balões amarelos resignificando a presença da "torcida jovem" no estádio (dir.). Fotos do autor.**

Através de dados coletados durante a realização da pesquisa – ver seção 4.2.1 (Quadro 4.1) – demonstrei que os veículos de comunicação repercutem a questão da violência no futebol brasileiro como algo diretamente relacionado as práticas dos grupos organizados. Há uma nítida espetacularização da violência, com pouca preocupação em problematizar ou tentar compreender o fenômeno. Desenvolveu-se, de forma sistemática e abusiva, uma sociabilidade com ênfase no conflito, praticada por uma parcela significativa dos integrantes dos grupos organizados de torcedores, que passaram a identificar essas práticas como uma possibilidade real de romper com o anonimato e a invisibilidade. Contraditoriamente, essa *visibilidade perversa* lhes rendeu mais estigmatização e exclusão,

A criminalização pela polícia dessas práticas posteriormente vai atrair a mídia, consumando-se um ciclo de culpabilização *a priori* dos adolescentes, de um lado; e de provocação por parte deles como forma de chamar atenção e conquistar visibilidade (SALES, 2007: p.128).

---

<sup>228</sup> O texto constitucional citado encontra-se no Artigo 5<sup>a</sup>, Inciso XV, e reza que, “é livre a locomoção no território nacional em tempo de paz, podendo qualquer pessoa, nos termos da lei, nele entrar, permanecer ou dele sair **com seus bens** (o grifo é meu).

Objetivando reconquistar a simpatia da sociedade e, conseqüentemente, demonstrar que houve uma construção intencional e gradativa do estigma que lhes é imposto, diversas práticas assistenciais e tentativas de aproximação com a sociedade foram desenvolvidas por vários grupos de todo o Brasil: intensificaram campanhas de doação de sangue, passaram a recolher alimentos e roupas usadas para doações, ofereceram aulas de percussão nas periferias de várias cidades, além de campanhas pela paz nos estádios divulgadas em redes sociais. Entretanto, apesar de todos os esforços de parte dos integrantes que defendem a não violência como prática dos grupos, continuam colhendo os “frutos negativos” de suas alas mais radicais e agressivas - já apresentadas nessa tese como “divisões” ou subgrupos (vide, 3.2.3.3).



**Imagem - Divulgações contra brigas entre subgrupos (acima); campanhas de distribuição de alimentos e brinquedos. Divulgação de imagens em redes sociais, disponíveis em <<http://www.organizadasbrasil.com.br>>.**

A partir de 2010, grupos de estados distintos organizaram-se através de algumas estratégias que privilegiassem uma aproximação com sindicatos e/ou movimentos de representação social, além de partidos políticos e autoridades públicas, buscando apoio contra a publicação da Lei 12.299, em 27 de julho de 2010, que instituiu várias

alterações no Estatuto de Defesa do Torcedor – cujo teor de alguns artigos passou a ser muito mais rigoroso com os grupos organizados de torcedores<sup>229</sup>. Além disso, Nos bastidores do campo futebolístico, vários grupos preservaram, em certa medida, relações políticas – mesmo que ambíguas – com as principais lideranças dos clubes de futebol, o que acaba sendo sempre mais favorável aos dirigentes. Há uma vasta relação de ex-dirigentes de clubes que se tornaram políticos, contando, para isto, com os votos dos principais grupos organizados de torcedores do país, em troca de promessas de apoio aos grupos; ou que passaram a ocupar cargos importantes na vida dos clubes, conforme alguns exemplos seguintes<sup>230</sup>:

No **Corinthians/SP**, por exemplo, Andrés Sanchez (um dos fundadores da torcida “*Pavilhão 9*”) foi presidente do clube (entre 2007 e 2012) com o apoio da “*Gaviões da Fiel*”, e atualmente é Deputado Federal pelo Partido dos Trabalhadores (PT), também eleito com o apoio do grupo; No **Flamengo/RJ**, um ex-presidente da “*Torcida Jovem*” foi presidente do Conselho Fiscal do clube durante vários anos da primeira década dos anos 2000; No **Santos/SP**, o fundador da torcida organizada “*Sangue Santista*”, ocupou por quase dez anos vários cargos importantes no clube, como a direção cultural e a função de assessor especial da presidência; No **Santa Cruz/PE**, um dos fundadores da torcida “*Inferno Coral*”, ocupa atualmente a vice-presidência do futebol do clube.

Em outubro de 2010 vários representantes de grupos organizados de todo país realizaram um protesto na Esplanada dos Ministérios, em Brasília/DF, e protocolaram uma petição no STF - Supremo Tribunal Federal, de *ação direta de inconstitucionalidade* do Artigo 39 do Estatuto de Defesa do Torcedor, a qual foi entregue pelo Deputado Tony Rodriguez, então Vice-Presidente Nacional do PT do B<sup>231</sup>. Após o protocolo da petição, os grupos deram a maior Contudo, a maior

---

<sup>229</sup> O Artigo 39, da citada Lei, por exemplo, prevê que: “A torcida organizada que, em evento esportivo, promover tumulto, praticar ou incitar a violência, ou invadir local restrito aos competidores, árbitros, fiscais, dirigentes, organizadores ou jornalistas será impedida, assim como seus associados ou membros, de comparecer a eventos esportivos pelo prazo de até 3 (três) anos [GOMES et al, 2011: p. 102].

<sup>230</sup> As informações foram obtidas em consultas feitas a Revista Placar, edição 209, de 15.nov.2010; <<http://www.uol.com/esportes>>; acesso realizado em 14.jan.2016.

<sup>231</sup> As informações foram consultadas em <<http://www.organizadasbrasil.com>>. Consulta realizada em (10.jan.14).

demonstração de capacidade de superação das rivalidades “campais” e ainda no dia 13 de outubro de 2010, em Brasília/DF, fundaram a FENATORG – Federação Nacional das Torcidas Organizadas – assunto que será detalhado na seção seguinte.



**Imagem - Encontro de grupos organizados de torcedores em Brasília/DF, em 2010. Fonte: CONATORG.**

### **6.2.3 A CONATORG e a política nacional de fortalecimento dos grupos organizados**

Com apoio da CUT – Central Única dos Trabalhadores -, que lhes cedeu o auditório, em Brasília/DF, os grupos organizados de torcedores de todo o Brasil, que basicamente enfrentaram (ainda enfrentam) os mesmos problemas e obstáculos, decidiram organizar uma instituição de caráter representativo e com abrangência nacional. Criaram assim a FENATORG - Federação Nacional das Torcidas Organizadas<sup>232</sup> -, com o propósito de ajudar os grupos a atuarem de maneira integrada e conjunta, em situações como: [a] prevenção da violência no futebol; [b] alteração dos horários dos jogos noturnos (22h), que atendem exclusivamente aos interesses comerciais; [c] a não extinção dos setores populares dos estádios; [d] melhores

---

<sup>232</sup> O primeiro presidente eleito da FENATORG foi Eduardo Fontes, até então, presidente dos “Gaviões da Fiel”.

condições de tratamento ao torcedor; [e] a busca por uma maior transparência nas transações e negócios dos clubes, entre outras pautas<sup>233</sup>.

Nas palavras do secretário de finanças da CUT, à época, a participação da Central no apoio às torcidas se dá pelo fato da CUT acreditar na importância da luta contra a criminalização dos movimentos sociais. Nos dois relatos abaixo, percebe-se seu discurso,

A torcida organizada, assim como o MST e a própria CUT, sofre um processo constante de criminalização, pois, entre outras coisas, consegue organizar a massa de torcedores para lutar pelos seus direitos. (...) Torcidas organizadas e movimentos sociais são parte do mesmo projeto maior de transformação social e que, portanto, precisam caminhar juntos. Por isso, a CUT Nacional se solidariza com a Confederação Nacional das Torcidas Organizadas.

**[Palavras de Vagner Freitas, secretário de finanças da CUT]**<sup>234</sup>.

Apesar de formalmente criada em 13 de outubro de 2010, os grupos reuniram-se novamente no dia 16, às 13h30min, no auditório da CUT, e segundo o relatório da Assembleia Geral, estiveram presentes 67 (sessenta e sete) pessoas, entre presidentes, vice-presidentes e diretores de grupos organizados de todas as regiões do Brasil, assim representadas: **Nordeste** (*Cearamor, Inferno Coral, Jovem do Sport*); **Sudeste** (Dragões da Real, Força Jovem do Vasco, Estopim da Fiel, Fiel Força Tricolor do Botafogo-SP, Garra Tricolor Fluminense, Gaviões da Fiel, Independente, Máfia Azul, Mancha Verde, Pavilhão 9, Young Flu, Máfia Azul, Mancha Verde); **Centro-Oeste** (dragões Atleticanos/GO, Facção Brasiliense, Febre Amarela, Força Jovem do Goiás, Ira Jovem do Gama); **Sul** (Os Fanáticos). Também estiveram presentes, advogados, observadores do Ministério do Esporte e da Central Única dos Trabalhadores.

Na assembleia foram colocados em pauta, e aprovados os seguintes assuntos: [1] escolha da Diretoria Executiva; [2] tempo de mandato; [3] cidade-sede e subsede; [4]

---

<sup>233</sup> Consultas feitas aos sites da ANATORG e da CUT. Disponíveis em <<http://www.anatorg.com.br>>; <<http://www.cut.com>>. Acessos em 11.fev.15; 18.fev.15; respectivamente.

<sup>234</sup> Ibidem.

moção de apoio à candidatura da Dilma Rousseff para presidente da República; [5] sugestão de mudança do nome da Federação para Confederação nacional, o que foi prontamente atendido pela mesa. Destaco a importância e força da CONATORG, através da oferta de ajuda do Presidente do **Sindicato dos Bancários**, do Distrito Federal, que se comprometeu, por um período de um ano, com o pagamento de aluguel e taxas do condomínio, de uma sala para servir de subsede, em Brasília. A sede principal, em São Paulo, ficou sob a responsabilidade da Confederação<sup>235</sup>.

Em 21 de junho de 2011, durante um seminário sobre o Estatuto do Torcedor, em Brasília/DF, realizado no auditório do Sindicato dos Bancários, representantes de 27 (vinte e sete) grupos organizados de torcedores manifestaram apoio a Copa do Mundo de 2014, ao mesmo tempo em que protestaram contra o então presidente da CBF, Ricardo Teixeira. Na ocasião, cobraram a redução dos preços dos ingressos nos estádios brasileiros e a existência de setores populares nas arenas que estariam sendo construídas para o campeonato mundial. O movimento, que teve apoio de sindicalistas, teve pouca repercussão entre os veículos de comunicação, à exemplo da Assembleia de criação da CONATORG,

O alto valor dos ingressos está afastando os torcedores dos estádios. É inconcebível permitir que isso aconteça. Ao lado dos jogadores, eles são a grande vitrine do futebol”, observou. Infelizmente, a grande paixão nacional tornou-se um grande negócio, onde poucos ganham às custas dos milhares de torcedores. Com a força que têm nas arquibancadas, vocês conseguem mudar qualquer lei no Congresso Nacional.

**[Rodrigo Britto, presidente do Sindicato dos Bancários, em discurso proferido no seminário].**

---

<sup>235</sup> A cópia na íntegra, da Ata da primeira reunião da CONATORG, está disponível em: <<http://www.organizadasbrasil.com.br>>. Consulta feita em 20.Mar.2016.



**Imagem - Assembleia de criação da Confederação Nacional (Dir.); Protesto contra CBF (Esq.).  
Fonte: CONATORG.**

Este conjunto de estratégias adotadas pela maioria dos grupos organizados brasileiros, entretanto, não foram suficientes para evitar uma “enxurrada” de medidas restritivas, em vários estados do país, conforme destaquei em linhas anteriores, sobretudo após julho de 2010, momento em que houve a publicação da Lei de atualização do Estatuto de Defesa do Torcedor, mais rigoroso no tocante a ação dos grupos organizados. Através dessas evidências, e como maneira de facilitar a compreensão da opção dos grupos pelas alianças - como estratégia principal de superação da exclusão e invisibilidade -, procedi a um levantamento dos principais recursos legais aplicados contra os grupos, nos últimos 5 anos, a partir da experiência do estado de Pernambuco, destacando a origem e as repercussões de cada procedimento sobre as práticas dos grupos. Esclareço ainda que alguns dos procedimentos ocorridos em outros estados da Federação, que mereceram grande repercussão nacional, também foram incluídos neste levantamento:

**Quadro 25 - Lista de Atos e procedimentos legais, e suas repercussões nas práticas dos grupos organizados de torcedores brasileiros<sup>236</sup>**

<i>Período</i>	<i>Ato ou procedimento</i>	<i>Repercussão sobre os grupos</i>
2011	Abril Ato Administrativo do JETEPE - Juizado Especial do Torcedor de Pernambuco – contra “ <i>Torcida Jovem</i> ” (Sport Recife) e “ <i>Fanáutico</i> ” (Náutico). <b>Motivo:</b> violência, quebra de ônibus, confrontos marcados pela internet, vandalismo nos estádios.	Grupos proibidos de entrar nos estádios com qualquer material que as identificassem, nas duas partidas da final do campeonato pernambucano de 2011.
	Outubro Ato Administrativo da FPF contra a <i>Torcida Jovem do Sport</i> . <b>Motivo:</b> tumulto após jogo Sport X Goiás (série B).	Torcida Jovem do Sport proibida de entrar nos estádios da capital até dezembro de 2011.
2012	Abril Prisão de um torcedor, integrante da “ <i>Torcida Jovem</i> ” (Sport Recife). <b>Motivo:</b> Envolvido em confusão contra torcedores do Paraná, em 2010, crime de arruaça, tumulto e provocação de pânico, enquadrado no Artigo 39 do Estatuto e 29 da lei das contravenções penais. Não teria comparecido à audiência marcada pelo JETEP, após a confusão.	Primeiro torcedor preso em Pernambuco por este tipo de crime.
	Outubro Ministério Público de Pernambuco pediu a extinção da <i>Torcida Jovem do Sport</i> , <i>Inferno Coral</i> e <i>Fanáutico</i> , como pessoas jurídicas. <b>Motivo:</b> 800 delitos cometidos, fora as subnotificações, em 5 anos (furtos, roubos, agressões, lesões corporais).	Grupos prometem assumir a responsabilidade pelo cadastramento, já que alegam que a violência é praticada pelos “infiltrados”.
2013	Fevereiro Ato administrativo do presidente da Federação Alagoana de Futebol. <b>Motivo:</b> confusão entre integrantes da Inferno Coral e torcedores do CRB, em jogo ocorrido no dia 06fev13, pela copa do Nordeste.	Torcida Inferno Coral proibida de entrar em Alagoas.
	Fevereiro Ato da FPF, proibindo entrada das <i>Torcida Jovem do Sport</i> , <i>Inferno Coral</i> e <i>Fanáutico</i> , nos estádios pernambucanos, por 1 ano. <b>Motivo:</b> torcedor baleado na cabeça antes do jogo Náutico x Central, pelo	Grande repercussão pública e comprometimento da imagem dos grupos.

<sup>236</sup> As informações utilizadas na elaboração do Quadro 6.1, foram pesquisadas nas edições impressas dos jornais *Diário de Pernambuco*, *Jornal do Comércio* e *Folha de Pernambuco*, através do acervo disponibilizado pelo Arquivo Público do Estado de Pernambuco.

		pernambucano, em frente ao estádio dos Aflitos.	
	Setembro	Clubes de São Paulo fazem acordo para não financiar organizadas. <b>Motivo:</b> A medida visa que o fim da ajuda faça com que as torcidas comprem ingressos e tenham que se cadastrar. Esse registro facilita a identificação em casos de confusão e violência.	Fim da ajuda explícita, em forma de doação de ingressos e fretamento de ônibus para viagens.
	Março	O juiz Edvaldo José Palmeira (Pernambuco), determinou um prazo de 30 dias para que os grupos organizados apresentassem cadastro a FPF. Caso não cumpram, a multa poderia chegar a R\$ 5mil, por dia, e a decisão de proibição de acesso aos estádios foi mantida.	Grupos alegam não possuir recursos para o cadastramento.
		Santa Cruz tem estádio do Arruda interditado, e posteriormente perdeu 10 mandos de campo em competições nacionais, e multa de R\$ 100 mil. <b>Motivo:</b> Morte de um torcedor do Sport Recife, atingido por vaso sanitário em briga de torcidas, no jogo entre Santa Cruz e Paraná Clube.	<i>Visibilidade perversa</i> sobre as alianças. Meios de comunicação e autoridades se voltam contra os grupos aliados, em dias de jogos.
2014	Maió	Ato administrativo 14/14, da FPF, impede acesso de torcedores ao setor reservado para o clube Bahia, em jogo contra o Sport Recife, na Ilha do Retiro. <b>Motivo:</b> possível presença da torcida <i>Bamor</i> (Bahia), aliada a <i>Inferno Coral</i> (Santa Cruz). Justificativa: evitar novos confrontos entre grupos aliados.	Torcedores do Bahia só poderiam entrar na área destinada à torcida visitante ao comprovar serem baianos de nascimento ou sócios do Bahia. Objetos que identifiquem grupos não puderam entrar no estádio.
		Denúncia do Ministério Público de PE, contra dois acusados no “episódio do vaso sanitário”.	Prisão preventiva de dois integrantes da “ <i>Inferno Coral</i> ”.
	Setembro	Nota ao público divulga que o Sport Recife expulsou 20 pessoas do seu quadro de sócios (integrantes da torcida jovem) e que passaria a adotar medidas para evitar que membros da <i>torcida jovem</i> entrem na sede social do clube. <b>Motivo:</b> briga entre integrantes das <i>Torcida Jovem</i> e <i>Gang da Ilha</i> , em Florianópolis, fez com que o clube fosse punido com a perda de 1 mando de campo no campeonato brasileiro.	Torcida Jovem promoveu uma campanha em redes sociais, incentivando seus membros a se associarem ao clube. Assim, não poderiam ser impedidos de entrar na sede social do clube.

Depois desse breve sobrevoo, entende-se que as várias estratégias adotadas pelos grupos organizados brasileiros, como tentativas de superação da exclusão social e invisibilidade que lhes foram impostas a partir da segunda metade da década de 1990 – viabilizadas por um conjunto de fatores que foram discutidos no conjunto da tese -, não foram suficientes para a recuperação do protagonismo e importância experimentados anteriormente, até o momento em que passaram a ser interpretados como agentes prejudiciais e indesejáveis aos interesses do futebol de espetáculo.

Parece-me igualmente possível interpretar que o fenômeno, ao longo dos últimos 15 anos, foi dividido entre aqueles que, por um lado têm se esforçado em superar seus principais obstáculos através de recursos democráticos e organização coletiva; e de outro, uma minoria – entretanto, numericamente expressiva -, de “subgrupos” ou “divisões” que constroem uma visibilidade perversa através de uma sociabilidade conflituosa, com práticas violentas e aproximações reais com outras modalidades criminosas. Os grupos incluídos nesta segunda modalidade têm sido os principais responsáveis pela manutenção do estigma e ratificação do discurso espetacularizado da violência no futebol nacional.

Principalmente após a publicação do novo texto (revisão) do Estatuto de Defesa do Torcedor, em 2010, percebe-se com mais clareza um nexos consistente entre o aumento das medidas restritivas aos grupos em todo o país - que potencializaram a exclusão e a invisibilidade dos grupos -; e uma maior adesão dos grupos as alianças nacionais. Já consideradas naquele espaço temporal um importante recurso de formação de vínculos, sobretudo, como possibilidade de atenuar as dificuldades de arrecadação e manutenção grupal, as alianças entre grupos organizados de cidades distintas passaram a ser consideradas a estratégia adequada e viável para reconquistar o espaço perdido, independentemente das outras que foram, e continuariam a ser desenvolvidas pelos grupos.

Torna-se, portanto, fundamental entender de que maneira a formação das alianças (regionais e nacionais) passou a ser interpretada e adotada como a principal estratégia dos grupos organizados - enquanto recurso de preservação grupal e resistência contra a invisibilidade imposta pelo atual contexto do futebol nacional -; cabendo ainda considerar de que modo o vínculo social, a partir das alianças, está estruturado entre os grupos aliados. Um bom caminho para o entendimento dessas questões, acredito, passa

pela identificação e compreensão das práticas de sociabilidades desenvolvidas no contexto das alianças, cuja essência está ancorada num circuito de reciprocidades entre os grupos.

### **6.3 DÁDIVA E RECIPROCIDADE: A AMÁLGAMA DAS ALIANÇAS COMO A ESCOLHA DETERMINANTE**

#### **6.3.1 A formação do vínculo e a sociabilidade nas alianças entre grupos organizados de torcedores: *O valor das coisas, pelo valor da relação!***

O dom nessas sociedades não é apenas um mecanismo que faz circular os bens e as pessoas, assegurando assim sua repartição, sua distribuição entre os grupos que compõem a sociedade. É também, mais profundamente, a condição da produção e reprodução das relações sociais que constituem o arcabouço específico de uma sociedade e caracterizam os laços que se tecem entre os indivíduos e os grupos.

(GODELIER, 2001: p.76)

A proposta de compreender a maneira como se estabelecem as relações de alianças e amizades entre os grupos organizados de torcedores brasileiros passa pela interpretação da forma como o vínculo social é construído no interior dessas relações. A pesquisa empírica, alicerçada num trabalho de campo intensivo e, ao mesmo tempo, sensível as peculiaridades da organização social do grupos, suscita questões bastante reveladoras, contudo, pouco refletidas até mesmo entre pesquisadores já familiarizados com o objeto em questão. A interpretação do uso nativo da categoria *aliança*, os compromissos e limites implícitos no vínculo assumido, a importância do pacto associativo, são algumas das questões que se constroem e necessitam de respostas.

Nesse esforço de entendimento, optei por uma interpretação que seja conduzida através da obrigação mútua gerada entre os integrantes dos grupos a partir dos movimentos da dádiva, ou seja, o “paradigma do dom”, interpretado como condição necessária a formação do vínculo social. Assim, mesmo considerando a existência de

elementos econômicos, políticos e sociais – inclusive mediante interesses –, o entendimento aqui defendido segue em direção a uma compreensão primordialmente *não utilitarista* da dádiva.

A maneira de interpretação das categorias nativas utilizadas no *Essai sur le don* (1924), por Marcel Mauss, pressupõe que as coisas e pessoas circulam através de uma “*tripla obrigação*” (dar, receber e retribuir), posicionando como questão fundamental de sua teoria, *o que faz com que o objeto dado seja retribuído?* Desta maneira, o fundamento da teoria da reciprocidade seria *o porquê sentir-se obrigado a retribuir algo que fora recebido*. Quando o objeto, ou gentileza é retribuído - no caso a manifestação da *contra dádiva* -, o vínculo é então estabelecido, através da troca. Percebe-se que é no momento da dádiva que o social se manifesta na totalidade de seus aspectos, não é apenas um repasse de algo para outra pessoa, é essencialmente uma reciprocidade, ou seja, espera-se receber do outro,

Ademais, o que trocam não são exclusivamente bens e riquezas, móveis e imóveis, coisas economicamente úteis. Trata-se, antes de tudo, de gentilezas, festas, banquetes, ritos, (...). Enfim, essas prestações e contraprestações são feitas de uma forma sobretudo voluntária, por presentes, regalos, embora sejam, no fundo, rigorosamente obrigatórias (...). Propusemo-nos chamar a tudo isso de sistema de prestações totais (MAUSS, 1974: 45).

Acompanhando a interpretação nativa, Mauss sinaliza que o dever da retribuição estaria no *espírito da coisa dada*, o “*hau*” (1974: p. 53), e assim, a força da reciprocidade (troca) se justifica pelo seu retorno ao local de origem. Para ele, então, a solução para o enigma encontra-se no que chamou de *mecanismos espirituais*, com razões morais e religiosas, o que significa existir na “coisa dada” uma “alma” que a faz voltar a quem primeiro a possuiu e a deu. Dentre os três status da *tripla obrigação*, destaca Godelier (2001: p. 72) que a terceira situação, *restituir o presente recebido*, aparece na teoria maussiana como a mais importante na prática, e a mais difícil de compreender na teoria. Assim, diante da necessidade de explicar a presença de uma “força” nas coisas dadas, a análise de Mauss abriu espaço à crítica de Lévi-Strauss.

Criticando a posição de Mauss acerca do significado do “*hau*”, Lévi-Strauss (1974) defende que a troca não é o fator secundário, antes, é o que constitui o fenômeno

primitivo. O vínculo social é estabelecido na troca, e aquilo que Mauss denomina “espírito da coisa” consiste numa representação simbólica deste fundamento. Em Lévi-Strauss a vida social é composta por sistemas simbólicos - regras matrimoniais, relações econômicas, arte, ciência, a religião, etc. - dirigidos por estruturas mentais inconscientes (GODELIER, 2001: p. 31). A troca é uma necessidade inconsciente da dinâmica social, estruturalmente constituída na mente,

O único meio de escapar ao dilema foi o de perceber que é a troca que constitui o fenômeno primitivo, e não as operações discretas nas quais a vida social se decompõe. (...). Não nos encontramos aqui diante de um desses casos (que não são tão raros) em que o etnólogo deixa mistificar-se pelo indígena? (...). O *hau* não é a última razão da troca: é a forma consciente pela qual os homens de uma sociedade determinada, onde o problema tinha particular importância, aprenderam uma necessidade inconsciente cuja razão está alhures (LÉVI-STRAUSS, 1974: p.25-26)<sup>237</sup>.

O ato de dar instaura, desta forma, simultaneamente uma relação dupla entre aquele que dá e aquele que recebe. Uma relação de *solidariedade*, pois quem dá partilha o que tem, quiçá o que é, com aquele a quem dá, instalando-se (para o que recebe) uma dívida (GODELIER, 2001:p.23). O vínculo social é estabelecido a partir da aceitação da dádiva - como uma demonstração explícita de aceitação da aproximação -, que será logo quanto possível retribuída,

Hoje, portanto, no seio mesmo das imensas sociedades industriais e estatais que compõem o coração do mundo, o dom não perdeu nem seu caráter pessoal, nem seu caráter voluntário. (...) o ato de dar, para ser realmente um dom, deve ser um ato voluntário e pessoal, senão ele se transforma imediatamente em outra coisa, em imposto, por exemplo, ou em dom forçado (ibidem, p.26).

Por sinal, este é um entendimento que desafia o paradigma dominante que se tornou hegemônico na interpretação das relações humanas, e reconhecido como *teoria*

---

<sup>237</sup> Lévi-Strauss. *Introdução a obra de Marcel Mauss*. In: MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Edusp, 1947.

da *escolha racional* ou *individualismo metodológico*<sup>238</sup>. Por essa interpretação hegemônica os vínculos são estabelecidos atendendo a ordem do interesse individual, sobretudo na sua vertente capitalista - utilitarista. Para os economistas o móbil essencial das relações sociais entre os homens seria o desejo de maximizar seus prazeres, seu conforto e suas posses materiais (lucros) - em poucas palavras, sua “utilidade” - e assim, por consequência, toda interação humana significativa poderia ser analisada em termos de relações mercantis (CAILLÈ, 2002: p.22)<sup>239</sup>.

Contra essa perspectiva dominante surgiu, em 1981, uma corrente de intelectuais auto interpretados como uma alternativa anti-utilitarista<sup>240</sup> da teoria da dádiva, com o propósito de demonstrar que o social tem regras próprias, não redutíveis às dimensões estatal e mercantil. Insistem no fato de que a obrigação mútua gerada pelos movimentos da dádiva (*dar, receber e retribuir*) constitui não apenas um fenômeno sociológico das sociedades tradicionais, mas também das sociedades modernas, e que esta é a condição primeira da existência do vínculo social (MARTINS, 2002: p.12). A principal proposta do *movimento anti-utilitarista* é interpretar a dádiva como figura sociológica central para a realização de uma crítica profunda ao utilitarismo em geral, e ao neoliberalismo, em particular,

---

<sup>238</sup> Dentre as perspectivas utilitaristas contemporâneas que têm ganhado destaque, a teoria da **escolha racional** destaca-se como a mais evidente. Para os seus defensores, a ação social normal deve ser tida como resultado do raciocínio pessoal que relaciona de modo eficiente meios escassos e fins construídos autonomamente. Os indivíduos percebem seus pares como meios para a obtenção de seus fins pessoais. A noção de racionalidade é vinculada, então, à ideia de consumidor da teoria econômica, sendo referida geralmente à conduta que busca três elementos básicos: riqueza, prestígio e poder (MARTINS, 2002: p.25).

<sup>239</sup> CAILLÈ, A. *Introdução ao movimento Anti-Utilitarista*. In: MARTINS, P. H. *A dádiva entre os modernos. Discussão sobre os fundamentos e regras do social*. Petrópolis: Vozes, 2002.

<sup>240</sup> O chamado Movimento Anti-Utilitarista nas Ciências Sociais, tem inspiração na teoria da dádiva de Marcel Mauss, sendo conduzido por Allain Caillé e outros colaboradores da Revista do M.A.U.S.S.(1981). Faz uma crítica sistemática e articulada do utilitarismo econômico, num momento em que a humanidade não vislumbrava ainda que o pensamento neoliberal tornar-se-ia hegemônico nos anos vindouros (MOTA, 2002: p. 110). A fundação do M.A.U.S.S deveu-se a constatação de que a imagem do *homo oeconomicus* começava a triunfar em todos os setores das ciências sociais. A ciência econômica que até a década de 70 havia se contentado em pretender explicar o comportamento do homem no mercado, passou a manifestar a pretensão de dar conta do conjunto das atividades sociais, como se em todas as áreas da vida social o homem funcionasse como na situação do mercado. (CAILLÈ, 2002: p.30). Para mais informações sobre o movimento consultar <<http://www.revuedumauss.com>>.

A dádiva propõe uma alternativa criativa que nos desloca para além do totalitarismo e do individualismo, da dialética do senhor-escravo. Trata-se de uma abordagem privilegiada para a interpretação de diversos fenômenos que hoje se multiplicam no seio da sociedade civil como a economia solidária, o voluntariado, a filantropia, os grupos de ajuda mútua, entre outros (MOTA, 2002: p. 110)<sup>241</sup>.

Também adotando a perspectiva anti-utilitarista, Allain Caillé (2002) defende que o paradigma da dádiva corresponde a toda ação ou prestação efetuada sem expectativa, garantia ou certeza de retorno; por esse fato, comporta uma dimensão de “gratuidade”. O paradigma da dádiva insiste sobre a importância, positiva e normativa, sociológica, econômica, ética, política e filosófica desse tipo de ação e de prestação, e assim, na relação de dádiva, o vínculo é mais importante do que o bem, e o valor de vínculo tem mais importância do que o valor de uso, e do que o valor de troca (CAILLÈ: p. 192), e por isso, também reside no *Ensaio sobre o Dom* a “descoberta” da universalidade, nas sociedades arcaicas, daquilo que Mauss chamou de “*tripla obrigação*”,

Na medida em que esta tripla obrigação constitui a lei sociológica e antropológica primeira – a lei mais geral da ordem social arcaica, a dádiva apresenta-se, neste aspecto, como um fenômeno social total. A dádiva, assim, corresponde ao conjunto de todas as dimensões da ação exercendo profunda repercussão em toda a sociedade (CAILLÈ, 2002: p.192).

O atalho interpretativo, portanto, aqui utilizado para compreender a maneira como o vínculo social foi instituído entre *grupos organizados de torcedores aliados*, portanto, reside justamente nesta perspectiva teórica anti-utilitarista. Através dela é possível compreender que as primeiras “*amizades*” e *alianças* foram gestadas após uma sequência de dádivas e *contra dádivas*, posteriormente impulsionando uma circulação de reciprocidades entre os grupos. Possivelmente, as primeiras demonstrações de dádivas percebidas de um grupo organizado para com outro deram-se nas ofertas de assistência (solidariedade) ao grupo visitante - mesmo que na ocasião fosse representante de uma equipe adversária no campo de jogo. Os vínculos são ratificados

---

<sup>241</sup> Mota, L. A. *Dádiva e sociabilidade no Brasil*. In: Revista Antropológicas, ano 6, volume 13 (2): pp. 107-123 (2002).

durante os momentos de recepção em rodoviárias, acolhimento para dormida, oferta de refeições; expressões de prestações de dádivas que certamente serão retribuídas em ocasião oportunas<sup>242</sup>.

Apensar da tendência moderna em negar a dádiva, as práticas de sociabilidades observadas entre os grupos aliados são estabelecidas através da instalação de um circuito de reciprocidades - redes de solidariedade que contrariam os argumentos utilitaristas da troca motivada pela vantagem -, ratificando aquilo que já fora destacado anteriormente – “o valor de vínculo tem mais importância do que o valor de uso” (CAILLÈ, 2000). Enquanto na sociedade moderna é possível utilizar a relação quase mercantil para interromper uma cadeia de dádivas (relações) – como o uso de presentes caros -, no sistema da dádiva, *as coisas valem o que vale a relação* (GODBOUT, 1999:p.19). Nas palavras de Hannah Arendt, nem tudo se resume ao interesse, mas o interesse também existe, ou seja, também é verdade que nem tudo se resume a dádiva.

Outrossim, a composição estável do grupo e a falta de segurança social de seus membros contribuem para produzir uma taxa muito alta de interação social dentro do grupo (WHYTE, 2005). A estrutura grupal é um produto dessas interações, e a partir delas surge um sistema de obrigações mútuas fundamental para a coesão do grupo (p.262). Assim, não se tem interesse em aceitar uma dádiva de uma pessoa de quem se quer permanecer independente (GODBOUT, 1999: p.238).

Por outro lado, conforme visto anteriormente, torna-se claro que a ambiguidade e o caráter utilitarista presentes nas relações entre clubes de futebol e grupos organizados de torcedores (cuja discussão foi iniciada na seção 5.1.2) comprometeram seriamente a capacidade de crescimento e de manutenção dos grupos. Somado a isto, a construção gradual do processo de exclusão social e de isolamento, proporcionado pelo discurso da *espetacularização da violência* [vide 4.2] e pelos interesses dos demais

---

<sup>242</sup> No conjunto das reciprocidades o uso do espaço das sedes sociais para atividades de socialização dos grupos aliados é frequente. Além de representarem os “quartéis gerais” dos grupos – locais onde a vida administrativa e financeira é gerida -, as sedes são destinadas as recepções dos integrantes de grupos aliados visitantes (reuniões ou festas), e em muitas oportunidades como ponto de hospedagem. Os três maiores grupos organizados de Recife possuem sedes próprias, adquiridas com recursos obtidos através doações dos associados, e da venda de produtos.

*segmentos de agentes* do futebol de espetáculo, rebaixaram o grau de importância dos grupos a um nível de *invisibilidade* no contexto do futebol de espetáculo.

Estigmatizados e reduzidos a poucas práticas, principalmente nos estados que restringiram suas atuações por meio de medidas judiciais, fazer alianças com grupos de cidades diferentes tornou-se a principal estratégia adotada pelos grupos organizados brasileiros, como recurso de preservação grupal e resistência contra a exclusão e invisibilidade impostas pelo contexto atual do futebol de espetáculo, adequado e comprometido com os interesses do capital.

### **6.3.2 Fazer alianças: escolha determinante na superação da invisibilidade e recuperação do protagonismo**

Ao defender uma interpretação *não utilitarista* das sociabilidades entre os grupos organizados de torcedores aliados, não pretendo pôr em dúvida (e nem se pode negar) o caráter da escolha, ou “do interesse”, entre os grupos com quem se faz aliança. Entretanto, a partir da interpretação nativa da categoria *aliança*, percebo que há entre os grupos que se consideram “irmãos”, uma nítida intensão em estabelecer o vínculo e mantê-lo distante da lógica da *equivalência*. A interpretação do vínculo construído entre grupos organizados aliados, alicerçado nas teorias da reciprocidade – demonstrada na seção anterior -, permite-me defender, como já foi dito, que as expectativas de equivalência (prestígio, número de membros, capacidade interna de organização, visibilidade do clube) e ganhos mercadológicos não estão entre as regras que definem a escolha dos “irmãos”; antes, a capacidade de ajuda mútua com base em experiências de contatos preliminares que se mostraram vantajosos e solidários entre os grupos.

Os próprios “atributos” - elencados em várias interlocuções com integrantes de grupos diferentes - necessários a formação de uma aliança, criam margem para essa interpretação, conforme sugerem e atestam os *termos nativos* mais recorrentes, que foram utilizados quando lhes foi perguntado sobre, *o que representam as alianças*, cujos termos catalogados nas respostas organizei no quadro abaixo:

**Quadro 16 - Termos recorrentes para a interpretação nativa de Aliança**

<i>QUESTÃO</i>	<i>TERMOS</i>	
	<i>NATIVOS/RECORRÊNCIA</i>	<i>GRUPOS ORGANIZADOS</i>
<i>SIGNIFICADO DE ALIANÇA PARA O GRUPO</i>	<i>Ajuda; suporte; solidariedade; apoio. [9]</i>	<i>Jovem do Sport, Comando Alvirrubro, Fanático, Mancha Azul, Inferno coral, Bamor, Comando Alvinegro, Independente, Cearamor.</i>
	<i>Confiança. [5]</i>	<i>Jovem do Sport, Fanático, Mancha Azul, Bamor, Comando Alvinegro.</i>
	<i>Família. [3]</i>	<i>Jovem do Sport, Comando Alvirrubro, Independente.</i>
	<i>Irmandade. [2]</i>	<i>Inferno coral, Mancha azul.</i>
	<i>União. [3]</i>	<i>Os imbatíveis, Fanático, Cearamor.</i>
	<i>Troca cultural. [1]</i>	<i>Jovem do Sport, Inferno coral.</i>
	<i>Extensão do grupo. [1]</i>	<i>Jovem do Sport.</i>

**Observação:** Os grupos representados nas interlocuções foram: *Fanático* (Náutico-PE), *Inferno Coral* (Santa Cruz-PE), *Jovem do Sport* (Sport-PE), *Comando Alvinegro* (Central-PE), *Comando Alvirrubro* (CRB-AL), *Mancha Azul* (CSA-AL), *Bamor* (Bahia-BA), *Os Imbatíveis* (Vitória-BA), *Cearamor* (Ceará-CE), e *Independente* (São Paulo-SP).

Percebe-se, dentre os grupos organizados contemplados no **Quadro 16**, que a interpretação nativa para a categoria *aliança* está associada, prioritariamente, as ideias que fazem de *ajuda, suporte, apoio, e solidariedade* (**nove** dentre **dez** grupos); tendo ainda o aspecto da *confiança* (cinco recorrências) bastante relevância nesta interpretação.

O que pretendo - oportunizando as interpretações que são possíveis através das falas dos nativos-, é contrastar a **base do vínculo**, a qual está posta a relação de aliança entre grupos organizados de torcedores – através do circuito de reciprocidades -; com a insuficiência do caráter utilitarista existente no vínculo que, inicialmente, foi estabelecido entre grupos organizados e clubes de futebol, ao longo da década de 1990 e início dos 2000, conforme apresentado na seção 4.1.; também pretendo, ao fim e ao cabo, ratificar que após várias experiências e tentativas de superação da exclusão social

e da invisibilidade a eles impostos, os grupos passaram a depositar na formação das alianças, com grupos de cidades diferentes, todas as suas expectativas na reconquista do protagonismo que lhes foi retirado.

Isso também pode ser percebido através da maneira como várias alianças são “costuradas” entre grupos vinculados a clubes de repercussões midiáticas (visibilidade) e capacidade de investimentos antagônicos, o que ratifica, por um lado, a existência e a legitimidade da dádiva – enquanto elemento primordial na formação do vínculo -, e por outro, a inobservância da *equivalência utilitária* como condição para essa aproximação. Trata-se de uma realidade que vai de encontro a lógica moderna, a partir da qual, a dádiva é ilegítima, inexistente, ou ilusória; e que para ser “verdadeira” só poderia ser gratuita (GODBOUT,1999: p. 33),

O gesto não se explica nem pelo *status*, nem pelo poder, nem pelo mercado, mas pela história da relação, pelo seu passado. Eis o que significa “retribuir”: vincular o gesto a outrem num passado próximo ou longínquo (Ibidem: p.117).

Mesmo submetidos a sérias restrições em suas práticas de sociabilidades - ao menos no tocante àquelas mais explícitas, que requerem a utilização de materiais e instrumentos de identificação grupal (bandeiras, faixas, camisetas, etc.) -, percebe-se que através das alianças grupos organizados de várias partes do Brasil têm-se mantido em evidência, recuperando parte da visibilidade que haviam perdido, quando optavam por manifestações isoladas, e neste aspecto, não posso deixar de situar os grupos que se utilizam de recursos agressivos e violentos para produzir uma *visibilidade perversa*. Também entre eles, as alianças têm sido evocadas para dar sentido as suas ações, justificadas em nome de uma “reconfiguração das rivalidades”, conforme discutido alhures.

As várias interlocuções e observações realizadas no trabalho de campo foram importantes também para entender que, através das alianças, os grupos têm conseguido superar alguns importantes obstáculos, sobretudo, as dificuldades relacionadas a captação de recursos necessários a manutenção e crescimento dos grupos. A diminuição da venda de produtos (camisetas, principalmente) para *torcedores comuns*, por exemplo, tem sido contornada através da divulgação e permuta entre os aliados. Na última década

criou-se uma rede de comercialização de produtos - sob encomenda ou com vendas diretas pela internet -, viabilizada pelas alianças. A organização de *caravanas* também transformou-se numa importante fonte de arrecadação, sobretudo, em jogos envolvendo grupos “irmãos”. Nestas ocasiões os grupos aproveitam a oportunidade para compartilhar informações de apoio na cidade de destino, e parte da arrecadação é dividida entre eles, conforme exemplifico no relato [3], mais adiante.



**Imagem - Produtos comercializados pela torcida “Força Jovem” - Vasco-RJ - (Esq.); Venda na sede da torcida “Mancha Azul” - CSA –AL - (Dir.). Fonte: Acervo do autor, obtidas em pesquisa de campo no estádio “Engenhão” (Rio de Janeiro, 2013) e Sede da torcida Máfia Azul (Maceió, 2015).**

Sem o fornecimento de ingressos ou ajuda financeira para a compra de passagens (terrestres ou aéreas), por parte dos clubes, houve uma redução perceptível do número de membros dos grupos organizados que viajam para acompanhar seus clubes em jogos fora de suas cidades de origem, e, em algumas situações (dependendo da distância do local da partida), o grupo fica mesmo impossibilitado de comparecer aos jogos. Nestes casos, as alianças também tornaram-se fundamentais. No relato abaixo, percebe-se o caráter solidário entre os grupos aliados,

[1]

No jogo do CRB contra o Oeste/SP, na semana passada [**pela série B, do campeonato brasileiro**], não mandamos ninguém, mas a “*Jovem da Ponte*” [**referência a Torcida Jovem da Ponte Preta – Campinas/SP**] representou agente. Levaram faixa e bandeira. Então o “*comando*” tava lá, né!

**[Integrante da torcida “Comando Alvirrubro”, do CRB/AL. Interlocução realizada durante pesquisa de campo, na cidade de Maceió/AL, no dia 08.out.15].**

[2]

As passagens para São Paulo são muito caras, por isso os “irmãos” da “Independente” dão uma força quando não podemos ir lá. Basta tá um de nós, os outros são eles, com bandeiras e faixas. No fim, fica tudo junto, e o punho cruzado tá lá!

**[Integrante da “torcida jovem do Sport”, referindo-se a aliança “punho cruzado” com a torcida “Independente” do São Paulo. Interlocução em 15/03/14, Recife/PE].**

[3]

Aproveitamos para fazer presença e para vender nossos produtos. Os aliados são irmãos, são uma família. Sem os aliados estamos “fudidos”, porque os ‘time’ só querem nossos “grito”, nossa alma.

**[Diretor da torcida *Inferno Coral*, antes do jogo Santa Cruz x Bahia. Interlocução em 28/07/15].**

O primeiro relato, revela ainda que integrantes de um grupo organizado, cujo clube não jogou aquela partida (Ponte Preta/SP), compareceram ao estádio como prova do compromisso e da fidelidade existentes em torno da relação de aliança com o grupo de outra cidade (Maceió-AL)<sup>243</sup>. Certamente, em ocasião oportuna, a reciprocidade será procedida pelo grupo alagoano, seja em forma de apoio material (em caso de viagem do grupo de São Paulo), ou simbólico (representação nas arquibancadas). O exemplo também ajuda a entender os motivos que levam um grupo organizado de torcedores vinculado a um clube que possui maior repercussão nacional (no caso, a Ponte Preta/SP), a estabelecer relações/vínculos com grupos ligados a clubes de menor

---

<sup>243</sup> O “episódio do vaso sanitário”, ocorrido em Recife [vide 4.3.3] também pode ser inserido no rol das retribuições que fundamentam o vínculo entre grupos aliados, ao mesmo tempo que destaca os caracteres irrestrito e incondicional do compromisso.

projeção mediática (CRB/AL)<sup>244</sup>. Ratifica-se, portanto, a inobservância da equivalência como requisito necessário a formação do vínculo, conforme dito anteriormente.

Fazer-se presente em todos os jogos do clube, em qualquer local do país, além de simbolizar apoio ao clube (pertencimento clubístico), garante visibilidade e projeção nacional ao grupo organizado, fato exemplificado no segundo relato apresentado anteriormente. Essa estratégia, bastante comum entre os grupos argentinos, passou a ganhar espaço no futebol brasileiro a partir das alianças<sup>245</sup>,

Conforme sublinhava Mauss, o domínio do “doável” ultrapassa largamente o material e diremos que é constituído por tudo aquilo cuja partilha é possível, faz sentido e pode criar, no outro, obrigações, dívidas. (...) Sua natureza testemunha imediatamente tanto as intenções daqueles que o dão quanto o contexto no qual o dão: guerra ou paz, aliança de casamento ou perpetuidade de uma descendência, etc. (...) Pois aquilo que se produz ou se reproduz através do estabelecimento desses laços pessoais é o conjunto ou uma parte essencial das relações sociais que constituem a base de sua sociedade e que lhe imprimem uma certa lógica global que é, ao mesmo tempo, fonte da identidade social dos indivíduos e grupos membros (GODELIER, p.156-157).

---

<sup>244</sup> No conjunto da tese foram feitas outras observações mais pormenorizadas sobre as consequências que a “elitização” e reorganização do futebol brasileiro trouxeram a clubes das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, no item 3.2.2.

<sup>245</sup> Na história do futebol argentino os maiores grupos de torcedores (“*barras brava*”) rivalizam e disputam a possibilidade de representar um clube, em uma competição internacional, ou mesmo a seleção argentina em Copas do Mundo. Para isso, várias “*barras*” aproximam-se de políticos, empresários e dirigentes de clubes, a fim de arrecadarem recursos (passagens e ingressos), além do privilégio de “oficialmente” representar o clube ou seleção. Sobre o assunto, recomendo a leitura de GRABIA, G. *La Doce, a explosiva história da torcida organizada mais temida do mundo*. São Paulo: Panda Books, 2012.



**Imagem - Representações de grupos por aliados de cidades diferentes. À esquerda, grupo vinculado ao Vitória/BA homenageado pela “Jovem do Sport”, em jogo no Recife (foto do autor). À direita, bandeira da “Jovem do Sport” entre grupo do Internacional/RS, em jogo realizado em Porto Alegre (acervo da “Jovem do Sport”).**



**Imagem - [Esq.] Torcedores da *Terror Bicolor* (Paysandu/PA), recepcionados na Sede do Náutico pela aliada *Fanáutico* (Imagem obtida em redes sociais). [Dir.] Venda de produtos da *Inferno Coral*, em loja da *Mancha Azul* (CSA/AL) - Foto do autor.**

As alianças passaram a fazer parte até mesmo da realidade dos grupos que surgem como “novas modalidades torcedoras”, inspirados em torcidas sul americanas ou europeias, cujas práticas e performances são desenvolvidas no propósito de criar uma distância, ou mesmo descaracterização, da imagem que passou a ser vinculada aos segmentos violentos de grupos organizados. O grupo “*Torcida Geral do Grêmio*”, citado anteriormente como um dos primeiros no Brasil que adotou o padrão “barra brava”, mantém alianças com a “*Torcida Uniformizada do Palmeiras*” (Palmeiras/SP), e com a “*Galoucura*” (Atlético/MG); além de “*amizades*” com outros grupos de

estados diferentes, como a “*Império Alviverde*” (Coritiba/PR), e com a “*Fanático*” (Náutico/PE)<sup>246</sup>.

Na visão nativa, as alianças “ganham vida” através da exposição de bandeiras, faixas, ou mesmo nas camisas que identificam os grupos “irmãos”, símbolos que, segundo Clifford Geertz (1989: p. 64), incorporam suas culturas próprias, e através dos quais seus membros comunicam sua visão de pertencimento, e orientações de valor. O tempo e espaço das alianças permite que os vários quilômetros que separam fisicamente os seus integrantes deixem de representar obstáculos a manifestação de suas práticas. Possibilitaram uma ampliação daquilo que identifica e representa socialmente cada grupo individualmente.

Os sinais diacríticos, que antes determinavam um grupo organizado (individual), passaram a criar uma extensão do “nós” – resignificado e expandido através dos aliados. Uma bandeira, em forma de camiseta, que fora presenteada pela torcida “*Os imbatíveis*” (Vitória/BA) aos integrantes da “*Torcida Jovem do Sport*” (Sport Recife) deu visibilidade ao vínculo entre os grupos. O gesto é interpretado, entre os aliados como demonstração de fidelidade e prestígio, tanto do grupo que recebeu a deferência, quanto daquele que a prestou. A manutenção do vínculo será ratificada publicamente quando a gentileza for retribuída. O exemplo revela que, entre os aliados, a troca não está abalizada no valor utilitário da dádiva (bandeira), ou pela dimensão do trabalho que o grupo teve para que a prestação do *dom* fosse realizada (fazer chegar a bandeira até o estádio). *O gesto vale, o que vale a relação,*

Existe na sociedade moderna, assim como na antiga ou tradicional, uma forma de circulação de bens que difere intrinsecamente da forma analisada pelos economistas. (...) na dádiva, o bem circula a serviço dos vínculos, e assim, qualifiquemos de dádiva qualquer prestação de bem ou de serviço, sem garantia de retorno, com vistas a criar, alimentar ou recriar os vínculos sociais entre as pessoas (GODBOUT, 1999: p.29).

---

<sup>246</sup> A “*Geral do Grêmio*” tem uma grande “*amizade*” com a torcida “*La Banda del Parque*”, do Clube Nacional do Uruguai, que se põe em prática durante as partidas que os clubes realizam pelas competições sul americanas, como a Taça Libertadores das Américas. As informações foram pesquisadas no endereço <<http://www.organizadasbrasil.com>>. Acesso em 21.jan.16.

Tentei traduzi aqui, ao longo dos argumentos elencados no conjunto da tese, que sem reflexões ou respostas claras, sem uma análise relacional para os graves problemas da exclusão e invisibilidade na sociedade, a população é levada a acreditar que, no caso do futebol, os integrantes de grupos organizados de torcedores são os maiores responsáveis – por serem bandidos, vândalos, marginais e sanguinários – por toda violência nos estádios e no futebol brasileiro. Isto contribui para a propagação do discurso que defende a extinção dos grupos organizados de torcedores como a “solução final” para o mal do futebol no Brasil.

Apesar de válidas e significativas, outras maneiras (tentativas) de recuperação da condição de protagonismo no conjunto do futebol de espetáculo (à exemplo da criação da CONATORG), não foram suficientemente exitosas para que a estigmatização e a exclusão social – favorecidas pela espetacularização da violência e pela prevalência dos interesses do capital – fossem neutralizadas e superados. Assim, a formação das grandes alianças nacionais tornou-se imprescindível a manutenção e existência dos grupos organizados de torcedores do Brasil, enquanto estratégia de negociação, resistência e superação das principais dificuldades e obstáculos vivenciados pelos grupos, situados em um contexto marcado pela adversidade e intolerância as suas sociabilidades. *Fazer alianças*, portanto, constitui-se a escolha determinante para que, recuperem o protagonismo, tornem-se visíveis e, através do futebol, seus integrantes interpretem os grupos enquanto instrumento de participação coletiva e reivindicação política, no clube e na sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol no Brasil, conforme demonstrado, popularizou-se nas duas primeiras décadas do século XX, alcançando *status* de esporte de massas no decorrer da década de 1930. Apesar da estigmatização e do preconceito, os avanços foram ocorrendo e as camadas populares foram ganhando os campos e os estádios. Assim, “tornou-se impossível, num esporte com as características do futebol, conter a aproximação das camadas populares” (SANTOS, 2009: p.210). O “**torcedor**”, fator preponderante no processo que culminou na profissionalização do futebol, em 1933, ao perceber que sua voz passara a ser ouvida por dirigentes e políticos, afastou-se por completo da passividade das assistências e assumiu o protagonismo que lhe cabia. Os estádios não deixaram de ter seus “espaços reservados” – numa espécie de *discurso politicamente correto* para a época, chamados de *setores* -, entretanto, as arquibancadas e as gerais já não estavam tão distantes e, assim como o gramado - na figura do jogador -, passou a ser uma realidade para as classes populares. Neste contexto, os primeiros movimentos em direção a formação de “*grupos de torcedores*” surgiram, inicialmente, nas capitais econômica e política do país, São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente, ajustadas ao modelo de sociedade urbana que se criava nas principais cidades brasileiras da época.

Politicamente, a sociedade experimentava demonstrações da capacidade centralizadora do Estado, como a Lei da sindicalização, de 1939, exigia que os sindicatos fossem transformados em agências do aparelho do Estado, rigorosamente subordinadas ao controle do Ministério do Trabalho, recém criado. Instâncias formadoras da opinião pública foram estabelecidas em torno no Estado Novo, a exemplo do DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda -, cujas funções incluíam a centralização da propaganda nacional, censura às manifestações artísticas, e controle

dos meios de comunicação (MENDONÇA, 1990: p.340)<sup>247</sup>. O Autoritarismo do governo Vargas foi estimulado pela repressão ao movimento comunista, com apoio do exército e das classes dominantes, e inspirado no fascismo italiano e nazismo alemão. A Conjuntura internacional era favorável a uma postura autoritária, em detrimento de uma conduta democrática, que não conseguiu solucionar os principais problemas do povo. As principais cidades enfrentavam problemas sérios de saneamento, falta de controle urbano, moradias insalubres e insuficientes, além do desemprego, dentre outras mazelas sociais.

A resposta à exclusão social e política por parte das classes trabalhadoras e dos grupos dominados é dada no associativismo, expresso em uma diversa rede de *associações*, como sociedades carnavalescas, culturais, educativas, profissionais, políticas, dentre os quais se encontram os grupos de torcedores formados na década de 1930. Estas associações permitiam uma sociabilidade e participação política independentes das normas que regiam a política formal, considerando que a capacidade destas sociedades, de buscarem espaços na política formal, eram limitadas. Por este contexto, entende-se que o futebol foi apropriado enquanto instrumento político-ideológico, inserido no projeto nacionalista de Getúlio Vargas, inaugurado em 1930 – na condição e símbolo de identidade nacional -, o que permite buscar uma compreensão da organização dos primeiros grupos de torcedores como parte deste conjunto.

Ao futebol, conforme assinala Simoni Guedes (1977), é atribuído frequentemente o caráter de “esporte nacional” e, ao lado de outros fenômenos culturais - como o samba, o carnaval, a feijoada - é apropriado na condição de *símbolo da identidade nacional* e, neste caso, um veículo que comporta as mais diferentes significações, dentre elas, a possibilidade de interpretação do povo brasileiro através do futebol (p.23)<sup>248</sup>. Na mesma direção, em obra clássica onde questiona “*o que que faz o*

---

<sup>247</sup> MENDONÇA, S. R. *As bases do desenvolvimento capitalista dependente: da industrialização restringida à internacionalização*. In: LINHARES, M. Y. (Org.). *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990.

<sup>248</sup> Analisa ainda essa autora, que apenas o futebol, diferentemente de outros esportes no Brasil, consegue produzir a identificação coletiva através das vitórias e das derrotas, as quais “contaminam” e são “contaminadas” pelas representações sobre o Brasil e os brasileiros, gerando incontáveis avaliações sobre sua *força e fraqueza, vigor e mazelas, riqueza e pobreza*. O desempenho da seleção brasileira, conforme destaca, permitem avaliar dimensões da positividade ou negatividade da identidade social do brasileiro (GUEDES, 1977:pp.43-44).

*Brasil ser Brasil*”, Roberto DaMatta (1981) sugere que essa apropriação e uso do futebol convergem para aquilo que denomina de “ritos sociais”, ou seja, itens culturais próprios produzidos inicialmente por grupos dominados, mas que, devido ao alcance e importância assumida na coletividade foram transformados e elevados a condição de “ritos nacionais”. Se para a sociedade tradicional, o *rito* é momento de individualizar, de forma controlada, na sociedade moderna, industrial e individualista, representa o momento coletivo, fazendo sucumbir o individual e o regional, no coletivo e nacional,

É no ritual, pois, sobretudo no ritual coletivo, que a sociedade pode ter (e efetivamente tem) uma visão alternativa de si mesma. Pois é aí que ela sai de si própria e ganha um terreno ambíguo, onde não fica, nem como poderia ser, já que o cerimonial é, por definição, um estado passageiro (DAMATTA, 1981: p.32).

Cabe destacar que a profissionalização do futebol no Brasil (1933) foi relevante para sua massificação e aquisição de importância junto as camadas dirigentes, principalmente a partir da chegada de Getúlio Vargas ao poder, em 1930, conforme destaquei anteriormente. Essa ideia é corroborada por Helal e Gordon (2001) quando defendem que sem o profissionalismo não haveria meios pelos quais os estratos socioeconômicos inferiores pudessem fornecer sistematicamente jogadores de futebol como o devido preparo atlético para competir em torneios oficiais, organizados pelas ligas (p.65), tampouco, conseguiriam se transformar em protagonistas deste esporte e, possivelmente, sua popularização tivesse ocorrido em um ritmo menos acelerado.

Consequência direta da profissionalização, a participação de jogadores “mestiços” na Copa do Mundo de 1938, na França, foi reproduzida no Brasil como o verdadeiro retrato de nossa “miscigenação positiva”<sup>249</sup>, o que servia de forma perfeita aos ideais do ufanismo nacional e harmonia social propagandeados pelo Estado Novo de Vargas (DRUMOND, 2009:p.230), o qual se fazia acompanhar por toda uma construção intelectual e acadêmica iniciada na década de 1930,

---

<sup>249</sup> Sempre presente no inteiro do pensamento social brasileiro, a questão do racismo, em especial a mistura racial – miscigenação – permeou os debates sobre a constituição da formação do povo brasileiro. Autores como Nina Rodrigues, Oliveira Vianna, Silvio Romero, Euclides da Cunha, inicialmente; e Gilberto Freyre, Darcy Ribeiro, Sérgio Buarque de Holanda, posteriormente (dentre outros); produziram trabalhos fundamentais para a compreensão da nossa formação.

No Estado Novo a questão da cultura popular, a busca das raízes da brasilidade, ganham uma outra dimensão. O Estado mostra-se mais preocupado em converter a cultura em instrumento de doutrinação do que propriamente de pesquisa e reflexão. Assim, a busca da brasilidade vai desembocar na consagração da tradição, dos símbolos e heróis nacionais. O projeto cultural estado-novista é o esforço ideológico no sentido de reconceituar o popular. Este passa a ser definido como a expressão mais autêntica da alma nacional (VELLOSO, 2003:p.173).

O futebol brasileiro, após a Copa da França, representava não apenas a inserção do país no rol das nações que detinham a prática e dominavam o estilo de jogo europeu, mais do que isto, representava um “estilo novo”, com habilidades não conhecidas até então e fruto da “mistura” e da viabilidade do povo brasileiro, reproduzidos no artigo de Gilberto Freyre, “*football mulato*”, publicado em 1938, apropriado pelo discurso político como um “estilo nacional brasileiro”. Assim, o campo de futebol, no Brasil, transformou-se também em campo de debates sobre o “povo Brasileiro”, as avaliações do potencial e dos limites da mestiçagem, o chamado “pensamento social brasileiro” (GUEDES, 2009:p.460). É desta maneira que o samba, saído das camadas populares, conquistou as elites; e o futebol, saído das elites, tornou-se o esporte predileto das camadas populares. Samba e futebol promovidos a símbolos maiores do projeto de construção da *identidade nacional* (DRUMOND, 2009: p.124), algo que Hobsbawm destacou ao comentar a importância do futebol enquanto instrumento eficaz de consolidação dos vínculos e símbolos existentes em torno da ideia de nacionalidade,

O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação. (...) Como único inglês presente, eu era Inglaterra, enquanto eles eram Áustria (1990: p.171).

Fundamental no processo que viabilizou a profissionalização dos atletas e, conseqüentemente, na importância assumida pelo futebol na sociedade brasileira, conforme visto, o torcedor ocupará um papel cada vez mais relevante no universo futebolístico, não apenas enquanto público apreciador (antiga assistência), mas, sobretudo, na condição de consumidor do espetáculo. Com o futebol erigido a condição de “esporte nacional” a festa não ficou restrita ao gramado, encontrou nas arquibancadas a versão popular do “futebol arte” e do povo miscigenado através da

heterogeneidade das torcidas uniformizadas que, compostas por indivíduos de todas as camadas sociais passaram a ser únicos através de uma camisa padronizada. Se através dos jogadores o futebol possibilitou o “relaxamento das tensões raciais”, é nas arquibancadas que essa possibilidade será potencializada. O futebol virou espetáculo, e os torcedores protagonistas.

O futebol como espetáculo, campo simbólico de emoções, metáfora da realidade social (DAMATTA, 2006), e/ou produto de entretenimento globalizado, torna-se a cada década um tema de importância crescente nas produções de sociólogos, antropólogos, economistas, advogados, administradores, entre outros. Os estádios passam a ser os locais propícios para a manifestação de atos reivindicatórios ou ufanistas - a exemplo das campanhas contra a ditadura militar ao longo das décadas de 1970 e 1980 -, ou mesmo como espaço para demonstração da capacidade de organização do Estado, crescimento e protagonismo no cenário econômico mundial, através da organização de grandes eventos globais, como as *Copa do Mundo FIFA* (1950 e 2014), e os *Jogos Olímpicos de verão*, de 2018.

Neste contexto, os *grupos organizados de torcedores* brasileiros - de forma geral formados por jovens entre 13 e 30 anos de idade, em busca da construção de identidades e práticas de sociabilidades que muitos não vivenciam em suas vidas cotidianas -, transformaram-se, ao longo de pouco menos de noventa anos, em associações com modelos de gestão e organização internas bastante eficientes, tornando-se independentes financeiramente dos clubes, através da venda de produtos, cobrança de mensalidades e, em alguns casos, com o desenvolvimento de outras atividades culturais e/ou sociais - como escolas de samba e grêmios recreativos. Tudo isso possibilitou a formação de grupos cada vez maiores e adaptados as demandas do futebol profissionalizado e midiático.

A experiência de campo possibilitou-me compreender que esses jovens são atraídos, inicialmente, pelas performances e pela estética dos grupos, e, posteriormente, pelas demonstrações de cooperação, solidariedade grupal, fidelidade, inclusão, acolhimento, afetividade, companheirismo, e pertencimento. Os grupos também lhes

proporcionam visibilidade e *prestígio social*<sup>250</sup>. Para a maioria deles, essa é a primeira e, muitas vezes, a única experiência organizativa vivenciada,

A transformação urbanística e arquitetônica das grandes cidades, com a privatização dos espaços públicos e a criação de templos de consumo nos quais é vedada a circulação de grupos específicos, é uma expressão institucional da exclusão. (...) Dessa forma, as gangues atraem adeptos na medida em que constituem laços de solidariedade e são caracterizadas por códigos de valores compartilhados, a partir dos quais os sujeitos individuais constroem identidades coletivas mediante a negação/rejeição das desigualdades do contexto social mais amplo no qual estão inseridos (ABRAMOVAY *et al*, 2002: p.109).

Na medida em que os grupos organizados de torcedores no Brasil cresceram em tamanho, visibilidade e importância (a maioria deles entre o final da década de 1980 e ao longo dos anos 1990), foram utilizados e apropriados como instrumentos de divulgação da viabilidade do futebol brasileiro - tanto por parte dos organizadores e promotores do futebol de espetáculo, quanto pelos veículos de comunicação - “garotos propaganda” -, até o momento em que entraram em um processo de profissionalização e assumiram uma condição dirigente, com a mesma racionalidade instrumental dos clubes. Portanto, tornaram-se capazes de competir pelos mesmos interesses e os mesmos espaços desejados pelos demais *segmentos de agentes* do futebol de espetáculo, e assim, tornaram-se “indesejáveis” e prejudiciais aos negócios do futebol.

O consumo de produtos característicos dos grupos (camisetas, bonés, chaveiros, agasalhos, etc.) passou a ser mais acessível e viável, aos torcedores comuns, que os produtos “oficiais” dos clubes e de seus fornecedores (fabricantes de materiais esportivos). Os maiores grupos organizados brasileiros tornaram-se, entre a segunda metade da década de 1990 e primeira metade dos anos 2000, os grandes concorrentes dos clubes, notadamente aqueles que são vinculados a clubes reconhecidos como populares – cujos torcedores pertencem às classes menos favorecidas -, e por isso chamados no campo futebolístico de “times do povo”, como Atlético/MG,

---

<sup>250</sup> Também entendido por Zaluar (2000), como consequência do fascínio pelo poder, e pela ideia de segurança que o grupo pode proporcionar – sobretudo entre os jovens -, diante de uma sociedade desigual, marcada pela concorrência e pela volatilidade das relações.

Flamengo/RJ, Corinthians/SP, Santa Cruz/PE, Bahia/BA. Entretanto, essa lógica, de uma maneira geral, foi percebida entre todos os clubes que passaram a ter um grupo organizado com grande visibilidade, independentemente da expressão nacional do clube. Assim, compreende-se que os vínculos estabelecidos entre esses dois *segmentos de agentes* do futebol de espetáculo foram sempre superficiais, ajustados e diretamente proporcionais ao aspecto utilitário da relação<sup>251</sup>.

Paradoxalmente, o crescimento vertiginoso de alguns grupos organizados trouxe-lhes os mesmos percalços vivenciados pelos clubes de futebol. A grande adesão de jovens e a grande capacidade de arrecadação produziram o surgimento de “divisões”, facções (no interior dos grupos) sedentas pelo poder e pela visibilidade conquistada no futebol nacional, passando a construir uma sociabilidade divergente daquela que possibilitou o sucesso alcançado ao longo das gerações dos grupos organizados – *torcidas carnavalizadas, uniformizadas, organizadas* – agora baseada na violência como recurso para uma *visibilidade perversa*. Essas “alas violentas” criaram o pretexto necessário a construção de um discurso de exclusão e “eliminação” dos males do futebol brasileiro, desenvolvida por uma coalizão formada pelos veículos de comunicação, investidores, organizadores, clubes e poder público, com forte repercussão social.

Diante de uma multiplicidade de fatores que podem ser considerados como “causas”, “fatores de risco” ou mesmo “determinantes” desta atual e descontrolada violência social instalada no mundo, nas últimas décadas (vide casos recorrentes e recentes de terrorismo, recrudescimento de movimentos xenofóbicos, preconceito racial e de gênero, etc.), no caso brasileiro, especificamente, a tentativa de explicação da violência, principalmente nos grandes centros urbanos, encontra lastro nas causas de ordem estrutural, e neste caso, delegando aos integrantes de classes excluídas das condições de civilidade apropriadas a parte mais cruel deste processo – a prática de atos antissociais e criminosos. No que se refere a violência experimentada no futebol

---

<sup>251</sup> Mesmo em relações que passaram a ter a ambiguidade como característica principal, os clubes continuam necessitando das “arquibancadas”, que além de denotar a capacidade de mobilização de multidões, atraídos e motivados pelo sentimento do *pertencimento clubístico*; os torcedores são interpretados - na lógica utilitarista -, enquanto consumidores (compradores de produtos, sócios pagadores de mensalidades, eleitores, etc.).

brasileiro, a hipótese não segue um caminho diferente, recaindo sobre a parcela menos privilegiada dos torcedores – os grupos organizados -, a responsabilização pelas práticas nocivas à boa convivência e aos interesses do *futebol de espetáculo*.

Exigiram-se todas as formas de rupturas com os grupos organizados, entre elas: o fim dos subsídios (ingressos e passagens para viagens) ofertados pelos clubes; um processo gradativo de *invisibilidade* das performances e sociabilidades consideradas “saudáveis”, com amplo predomínio da divulgação de incidentes violentos, pelos veículos de comunicação. Carregados de preconceito e do estigma de maiores responsáveis pela violência no futebol brasileiro, os grupos organizados tiveram que conviver, principalmente após o ano 2000, com um longo e sistemático processo de isolamento e invisibilidade. Cabe ainda destacar que, assim como ocorre aos clubes, investidores, organizadores (promotores das competições), e veículos de comunicação; os grupos organizados necessitam de *visibilidade* para ocupar um lugar de relevância no conjunto do futebol de espetáculo. Através dela, aumentam sua capacidade de crescimento (atração de novos membros), que por sua vez, repercute no aumento de arrecadação e poder de influência na política clubística.

Entretanto, a construção sistemática de um discurso favorável a “exclusão definitiva”<sup>252</sup> dos grupos organizados do futebol brasileiro fez com que diversas estratégias de superação fossem construídas, por eles. Entre elas, grupos de todas as regiões do país passaram a construir vínculos entre si, fundamentados num circuito de reciprocidades, como estratégias de superação e resistência dessa exclusão e invisibilidade, e assim, criaram-se *as alianças entre grupos organizados de torcedores* de cidades diferentes no Brasil. É importante deixar claro, uma vez mais, que para compreender a maneira como foram consolidados os vínculos sociais construídos entre os grupos organizados brasileiros – a partir das alianças -, ancorei-me nas teorias da aliança e da reciprocidade (LÉVI-STRAUSS, MAUSS; AUGÉ), a partir de uma

---

<sup>252</sup> Entre os fatores que contribuíram para esse “discurso de exclusão”, destaco o crescimento numérico dos grupos, com a perda de controle por seus líderes; surgimento de subgrupos atraídos pelo poder interno; busca de visibilidade a todo preço (incluindo práticas violentas); ambiguidade nas relações com os clubes; omissão/impunidade dos organizadores do futebol; sociabilidade de conflito movida pela espetacularização e banalização da violência; estigmatização das classes subalternas; enfrentamento das consequências negativas do fenômeno como “caso de polícia”.

interpretação não utilitarista da dádiva (MARTINS; GODELIER; CAILLÉ; GODBOUT).

No conjunto da tese, portanto, sobretudo quando foram discutidos os vários interesses existentes entre os principais agentes que compõem o chamado “futebol de espetáculo”<sup>253</sup>, penso que, mesmo não sendo a questão principal ou específica de investigação desta pesquisa, existem ainda outros caminhos interpretativos possíveis que podem ter sido abreviados nesta construção, contudo, que permitem pensar o futebol enquanto objeto apropriado a campos subdisciplinares como a *antropologia econômica* ou mesmo *antropologia do consumo*, não me parece algo incoerente, e certamente poderá suscitar novos desafios de investigação em etapas seguintes de minha jornada acadêmica.

Com as considerações anteriores, penso, a contribuição antropológica a qual me proponho - matizado pela experiência do trabalho de campo -, é situar e ratificar a análise das práticas de sociabilidades de grupos predominantemente juvenis, enquanto objeto de investigação revestido de significativa importância para as Ciências Sociais. Através do estudo específico do fenômeno dos **grupos organizados de torcedores de futebol**, acredito, os argumentos explicitados no conjunto dos capítulos foram importantes na compreensão do seu processo de formação (cujos estudos se intensificaram no Brasil a partir da década de 90); para a compreensão da maneira como constroem seus vínculos sociais, mesmo em contextos que produzem exclusão e alienação das condições sociais mais adequadas (educação, saúde, emprego, etc.), além de estigmatização, ódio de classe, e violência; como também no entendimento do processo que desencadeou, por necessidade, a intensificação das aproximações entre grupos organizados de diferentes localidades do país - fenômeno abordado nesta tese por *relações de alianças entre grupos organizados de torcedores*, objeto ainda pouco conhecido e explorado pelo subcampo da antropologia dos esportes.

---

<sup>253</sup> Por exemplo, quando foram pontuados aspectos importantes, no que se refere a disputa por espaços característicos e próprios da produção-consumo como meio para o estabelecimento e/ou comprometimento de relações (vínculos) sociais, o que foi exemplificado, na ocasião, na disputa pela venda de camisetas em um determinado recorte temporal entre um grupo organizados de torcedores e um clube de futebol.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M. *Gangues, Galeras, Chegados e Rappers: juventude, violência e cidadania da periferia de Brasília*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.
- ALCÂNTARA, C. S. *A cidade e a História*. Ilha de Itamaracá: Edição do autor, 2014.
- ANDRADE, L. R. *Violência: Psicanálise, direito e cultura*. Campinas, SP: Millennium editora, 2007.
- ANDRADE, M. C. *Pernambuco: Cinco Séculos de Colonização*. João Pessoa: Editora Grafset, 2004.
- ÁNGEL, B.; BARRIO, E. *Freud e Lévi-Strauss, influências, contribuições e insuficiências das antropologias dinâmica e estrutural*. Recife: Editora Massangana, 2008.
- ALMEIDA, R.; FALCÃO, J.; GUERRA, S. (orgs.). *Administração pública gerencial*. Rio de Janeiro: editora FGV, 2013.
- ALVES, G. *História do futebol em Pernambuco (1903/1950)*. Recife: Editora da Secretaria de Educação e Cultura, 1978.
- AQUINO, I. S. *Como escrever artigos científicos – sem “arrodeio” e sem medo da ABNT*. 5. ed. João Pessoa: Editora UFPB, 2008.
- ARENDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2014.
- ARRAIS, R. *O Pântano e o Riacho, a formação do espaço público no Recife do século XIX*. São Paulo: Hummanitas/FFLCH/USP, 2004.
- ATHIAS, R. *A noção de identidade étnica na antropologia brasileira: de Roquette Pinto à Roberto Cardoso de Oliveira*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

- AUGÉ, M. *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- BARTELT, D. D; de PAULA, M. (orgs.). *Copa para quem e para quê? Um olhar sobre os legados dos mundiais no Brasil, África do Sul e Alemanha*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Boll, 2014.
- BASBAUM, L. – *História Sincera da República: das origens a 1889*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1986.
- BAUMAN, Z. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BECKER, H. *Segredos e truques da pesquisa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BECKER, L. *Pioneirismos no futebol brasileiro*. Curitiba: Editora campeões do futebol, 2012.
- BORGES, D.; CANO, I. (orgs.). *Homicídios na adolescência no Brasil: iHA 2012*. Rio de Janeiro: Observatório das favelas, 2014.
- BOSCHI, R. R (org.). *Violência e cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- BOURDIEU, P. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas-SP: Papirus, 2006.
- \_\_\_\_\_. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- \_\_\_\_\_. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.
- BRASÍLIA-DF. Lei nº 10.671, de 15 mai. 2003. Dispõe sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor e dá outras providências. Disponível em: <[www.organizadasbrasil.com.br](http://www.organizadasbrasil.com.br)>. Consulta em 2011.
- BROMBERGER, C. *Le match de football: Ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin*. Paris: Maison des Sciences de l'home, 1995.
- BUARQUE, B. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.
- BUFORD, B. *Entre os vândalos: A multidão e a sedução da violência*. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

- CAILLÉ, A. *Dádiva e associação*. In: *A dádiva entre os modernos, Discussão sobre os fundamentos e as regras do social*. MARTINS, P. H. (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- CALDAS, W. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1894-1933)*. São Paulo: IBRASA, 1990.
- CANETTI, E. *Massa e poder*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- CARDOSO de OLIVEIRA, R. *Identidade, etnia e estrutura social*. Rio de Janeiro: Biblioteca pioneira de Ciências Sociais, 1976.
- \_\_\_\_\_. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: UNESP, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- CARNEIRO, F. *Passe de letra: futebol e literatura*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- CARVALHO, E. A. (Org.). *Godelier: Antropologia*. São Paulo: Ática, 1981.
- CARVALHO, J. M. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo, Companhia das letras, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Os bestializados*. São Paulo, Companhia das letras, 2002.
- CASTELLS, M. *A sociedade em Rede: a era da informação*. São Paulo: Paz e terra, 2007.
- CASTRO, C. *Textos básicos de Sociologia: de Karl Marx a Zygmunt Bauman*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- CASTRO, J. M. M. *Gigantes do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011.
- CAVIGNAC, J; CARVALHO, M. R.; REESINK, E. B. *Negros no mundo dos índios: Imagens, reflexos, alteridades*. Natal: EDUFRN, 2011.
- COELHO NETTO, P. *História do Fluminense: 1902-2002*. Rio de Janeiro: Pluri, 2002.
- COPANS, J; GODELIER, M.; TORNAY, S.; BACKES-CLEMENT, C. *Antropologia, ciência das sociedades primitivas?* São Paulo: Edições 70, 1971.

- CUNHA, F. A. *Torcidas de futebol: espetáculo ou vandalismo*. São Paulo: Scortecci, 2006.
- CUCHE, D. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- DA COSTA, L. (Org.) - *Atlas do Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.
- ALVES, G. *História do futebol pernambucano (1903/1950)*. Recife: Governo de Pernambuco, Secretaria de Educação e Cultura, 1978.
- DA MATTA, R. *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- \_\_\_\_\_. *A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Carnavais, malandros e heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- \_\_\_\_\_. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- DAOLIO, J. *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores associados, 2005.
- DEBORTOLI, J. A. O.; SILVA, S. R.; SILVA, T. F. (orgs.). *O futebol nas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- DORTIER, J-F. *Dicionário de Ciências Humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DUNNING, E. “**Figurando**” o esporte moderno: algumas reflexões sobre esporte, violência e civilização com referência especial ao futebol. Dossiê: Revista de Ciências Sociais da UFC. Fortaleza, v.42, n.1, p.11-26, 2011.
- \_\_\_\_\_. *El fenómeno deportivo: estudios sociológicos en torno al deporte, la violencia y la civilización*. Barcelona: Paidotribo, 2003.
- DURKHEM, E. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- ELIAS, N. *O processo civilizador, volume I: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. *O processo civilizador, volume II: Formação do Estado e Civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ELIAS, N; SCOTSON, J.L. *Os estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ERIKSEN, T. H.; NIELSEN, F. S. **História da Antropologia**. 2. e.d. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

**FEDERAÇÃO PERNAMBUCANA DE FUTEBOL**. Informações atualizadas sobre a FPF. Disponível em: <<http://www.fpf-pe.gov.br>>. Acesso em 2011.

FEIXA, C. *Entrevista com Carles Feixa*. In: Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud. Manizales, Colombia – Vol. 11, nº 2, Julio – Diciembre de 2013.

\_\_\_\_\_. *Generación XX. Teorías sobre la juventude en la era contemporânea*. In: Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud. Vol. 4, Nº 2, 2006.

FELDMAN, W. *São Paulo, Brasil: discutindo a relação*. São Paulo: Vox Gráfica e Editora, 2011.

FERRAZ DE SÁ, M. A. *Dos velhos aos novos coronéis*. Recife: Editora Pines, 1974.

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2009.

FERREIRA, J. M. *História dos campeonatos: memória do futebol pernambucano (1915 a 2007)*. Recife: CEPE, 2007.

FRANCO JÚNIOR, H. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

FLORENZANO, P. J. *Democracia Corinthiana: Práticas de liberdade no futebol brasileiro*. São Paulo: FAPESP, EDUC, 2010.

FOER, F. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FREYRE, G. *Casa Grande & Senzala*. 51ª ed. São Paulo: Global Editora, 2006.

FREUD, S. *Psicologia das massas e análise do eu*. Porto Alegre: L&PM, 2013.

FROST, E. L.; HOEBEL, E. A. *Antropologia Cultural e Social*. São Paulo: editora Cultrix, 1976.

FURTADO, C. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1997.

GAMEIRO, R. *O Movimento Manguebeat na mudança da realidade sociopolítica de Pernambuco*. In: VI Congresso português de sociologia. Lisboa, 2008.

GASPAR, L. *Futebol em Pernambuco*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 20.jun.2015.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1989.

GENNEP, A. *Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.* Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.

GIULIANOTTI, R. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GODBOUT, J. T. *O espírito da dádiva*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

GODELIER, M. *O enigma do Dom*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOMES, L. F. (et al.). *Estatuto do Torcedor Comentado*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2011.

GRABIA, G. *La Doce, a explosiva história da torcida organizada mais temida do mundo*. São Paulo: Panda Books, 2012.

GUEDES, S. L. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói, RJ: EDUFF, 1998.

GURGEL, A. *Futebol S/A: A economia em campo*. São Paulo: Editora Saraiva, 2006.

- GUSMÃO, L. *O fetichismo do conceito: limites do conhecimento teórico na investigação social*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2012.
- HABERMAS, J. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Biblioteca tempo universitário 84, 2003.
- HALL, S. *A identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. (orgs.). *A invenção do país do futebol: Mídia, Raça e Idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- HOBBSBAWM, E. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1984.
- HOFFNAGEL, J.C. *Temas em antropologia e linguística*. Recife: Bagaço, 2010.
- HOLLANDA, B. B. B. *O Clube Como Vontade e Representação: O Jornalismo Esportivo e a Formação das Torcidas Organizadas de Futebol do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2010.
- HORIZONTES ANTROPOLÓGICOS**. Porto Alegre: UFRGS. IFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Ano 14, n. 30 (2008). Porto Alegre: PPGAS, 2008.
- HUIZINGA, J. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- JÚNIOR, M. D. *Imigração, Urbanização, Industrialização*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1964.
- KAUFMAN, T. N. *A presença Judaica em Pernambuco-Brasil*. 4ª ed. Recife: Editora Bagaço, 2005.
- KAUFMANN, Y. *A religião de Israel*. São Paulo: editora perspectiva, 1989.
- KECK, F. *Introdução a Lévi-Strauss*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- KUPER, A. *A reinvenção da sociedade primitiva: transformações de um mito*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. *Sociologia Geral*. São Paulo: Atlas, 1999.
- LANZANA, A. E. T. *Economia brasileira: fundamentos e atualidade*. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

\_\_\_\_\_. *Fundamentos de metodologia científica*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LE BON, G. *Psicologia das Multidões*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LEAL, V. N. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. São Paulo: Editora Alfa-Ômega LTDA, 1949;

LEVER, J. A. *A loucura do futebol*. São Paulo: Record, 1983).

LEVINE, R. M. *A Velha Usina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

LÉVI-STRAUSS. C. *Antropologia Estrutural dois*. Rio de Janeiro: Tempo universitário, 1993.

\_\_\_\_\_. *O pensamento selvagem*. Campinas, SP: Papyrus editora, 1989.

\_\_\_\_\_. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis, RJ: Editora vozes, 1976.

LINHARES, M. Y. (Org.). *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2000.

LIPOVETSKY, G. *O império do efêmero*. Lisboa: Dom Quixote, 1989.

LUBAMBO, C. W. *Bairro do Recife: entre o corpo santo e o marco zero*. Recife: CEPE/Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1991.

LUNA, C. E. F. *A inserção das galeras de baile funk de corredor nas torcidas uniformizadas do Recife*. Recife, 2010. (Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais, UFPE, para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais).

MACHADO, R. P.; SCALCO, L. M. *Sobre bondes de marca: consumo e rituais entre jovens de baixa renda na cidade de Porto Alegre*. In. RIAL; SILVA; SOUZA (org.). *Consumo e cultura material: perspectivas etnográficas*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012.

MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2006.

MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. L (Org.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

- MAIR, L. *Introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1972.
- MALINOWSKI, B. *Crime e Costume na Sociedade Selvagem*. Brasília: Editora da UnB, 2008
- \_\_\_\_\_. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental. Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. 3.ed. São Paulo: Abril cultural, 1984.
- MARIVOET, S. *Uma perspectiva teórica do hooliganismo no futebol*. Horizonte, Lisboa: Livros horizonte, V.8, 1992.
- MARTINS, M. Z. *Democracia Corinthiana: sentidos e significados da participação dos jogadores*. Campinas, SP: 2012. Orientador: Heloisa Helena Baldy dos Reis. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.
- MARTINS, P. H. *A dádiva entre os modernos. Discussão sobre os fundamentos e regras do social*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.
- MENDES JÚNIOR, L.; ROSSI, J. *Guia politicamente incorreto do futebol*. São Paulo: Leya, 2014.
- MORRIS, D. *A tribo do futebol*. Milão: Publicações Europa-América, 1981.
- MOTA, L. A. *Dádiva e sociabilidade no Brasil*. In: Revista Antropológicas, ano 6, volume 13 (2): 107-123 (2002).
- MURAD, M. *A violência e o futebol. Dos estudos clássicos aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Para entender a violência no futebol*. São Paulo: Saraiva, 2012.
- OLIVEN, R. G. *Chame o ladrão: as vítimas da violência no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- ORTIZ, R. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- PEIRANO, M. *A favor da etnografia*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília-DF, 1992.

\_\_\_\_\_. *A teoria vivida: e outros ensaios de antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

\_\_\_\_\_. *Uma antropologia no plural*. Três experiências contemporâneas. Brasília-DF: Editora da Universidade de Brasília, 1992.

PERRUCCI, G. *A república das Usinas: um estudo de história social e econômica do Nordeste, 1889-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PILETTI, N. *História da Educação no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

PIMENTA, C. A. M. *Torcidas Organizadas de futebol, violência e auto afirmação. Aspectos da construção das novas relações sociais*. Taubaté, SP: Vogal Editora, 1997.

PIRES, A. *A pesquisa qualitativa, enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, pp.43-94.

PRADO JÚNIOR, C. *História Econômica do Brasil. 41ª ed.* São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

PRIORI, M. *História do esporte no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2009.

RABUSKE, E.A. *Antropologia filosófica*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1986.

RAMOS, R. *Futebol: Ideologia do poder*. Petrópolis: Vozes, 1984.

REIS, H. H.B. *Futebol e violência*. Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2006.

REIS, H. H.B; ESCHER, T. A. *Futebol e sociedade*. Brasília: Líber livros, 2006.

**REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS** – periódico do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade do Ceará – UFC. n. 1(1970) – Fortaleza, UFC, 2011.

REZENDE, C. B. COELHO, M. C. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RIAL, C. *Rodar: A circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior*. HORIZONTES ANTROPOLÓGICOS. Porto Alegre: UFRGS. IFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Porto Alegre, Ano 14, n. 30, p. 21-65, 2008.

RIAL, C.; SILVA, S. R.; SOUZA, A. M. (orgs.). *Consumo e Cultura material: perspectivas etnográficas*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012.

- RIBEIRO JÚNIOR, A. [et al]. *O lado sujo do futebol*. São Paulo: Planeta, 2014.
- RIBEIRO, R. *O caminho da bola: 100 anos de história da FPF*. São Paulo: CNB, 2000.
- RIVIÈRE, C. *Introdução à Antropologia*. Lisboa: Editora edições 70, 1995.
- RODRIGUES FILHO, M. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- RODRIGUES, N. *O berro impresso das manchetes*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.
- ROGNON, F. *Os primitivos, nossos contemporâneos*. Campinas-SP: Papyrus, 1991.
- ROSENFELD, A. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- ROUSSEAU, J. *O contrato social*. Porto Alegre: L&P, 2010.
- SALES JR. C. A. C. (Org.). *Gerenciamento de Riscos em Projetos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- SALES, M. A. *(In)visibilidade perversa: adolescentes infratores como metáfora da violência*. São Paulo: Cortez, 2007.
- SANTOS NETO, J. M. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- SANTOS, T. C. *Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol*. São Paulo: Annablume, 2004.
- SÃO PAULO, POLICIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO. MANUAL DE CONTROLE DE DISTÚRBIOS CIVIS DA POLICIA MILITAR, SETOR GRÁFICO DA CSM/M Int, 1997, publicado no Bol G PM 159/97**
- SCHULTZ, S. *A história de Israel no antigo testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- SILVA, P. H. N. V. *Violência e morte no trânsito: Associações ignoradas na prevenção dos acidentes com motociclistas*. Recife: Editora universitária da UFPE, 2013.

SILVA, T.T. (org.); HALL, S.; WOODWARD, K. *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. 10. ed. Petrópolis, RJ: Editora vozes, 2011.

SIMMEL, G. *A natureza sociológica do conflito*. São Paulo: Ática, 1993.

SOARES, L. E. *Futebol e teatro, notas para uma análise de estratégias simbólicas*. Rio de Janeiro: Boletim do Museu Nacional, nº 033, série Antropologia, 1979.

SOUZA, A. A. *Juizado do torcedor: penas, processo e inclusão social*. Recife: Edições bagaço, 2007.

SOUZA, E. A. P. *Outro olhar sobre a multidão: práticas de sociabilidades entre os torcedores organizados de Recife*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). PPGA, UFPE, 2012.

SPOSITO, M. P. *A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade*. Tempo Social: Revista de Sociologia da USP. São Paulo: 161-178, 1994.

STONER, J. A. F.; FREEMAN, R. E. *Administração*. 5.ed. Rio de Janeiro: PHB, 1995.

TEIXEIRA, R. C. *Os perigos da paixão: filosofia e prática das torcidas jovens cariocas*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). PPGSA, UFRJ, 1998.

TOLEDO, L. H. *No país do futebol*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2000.

\_\_\_\_\_. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas, Autores associados/ANPOCS, 1996. 176 páginas.

\_\_\_\_\_. *A cidade das torcidas: representações do espaço urbano entre os torcedores e torcidas de futebol na cidade de São Paulo*. In: MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. L (orgs.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

\_\_\_\_\_. *Transgressão e violência entre torcedores de futebol*. Revista da USP, n. 22, p. 92-101, 1994.

TRAJANO FILHO, W. (Org.). *Lugares, pessoas e grupos: as logicas do pertencimento em perspectiva internacional*. Brasília: Athalaia Gráfica e Editora, 2010.

\_\_\_\_\_. *Travessias antropológicas: estudos em contextos africanos*. Brasília: ABA publicações, 2012.

VANDENBERGHE, F. *As sociologias de Georg Zimmel*. Belém, EDUFPA, 2005.

VELHO, G (org.). *Antropologia Urbana. Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

\_\_\_\_\_. *Desvio e Divergência: uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

VELLOSO, M. P. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. A. N. (Orgs.). *O Brasil Republicano*. São Paulo: Civilização brasileira, 2003.

WHYTE, W. F. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2005.

ZALUAR, A. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. SÃO PAULO: BRASILIENSE, 2000.